



**REVISTA DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS**
Volume 01, nº 01 (2015)



Cáceres-MT
2015

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Presidente: Eduardo Mahon

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Direção/Organização: Elizabeth Madureira Siqueira
Agnaldo Rodrigues da Silva

Conselho Editorial: Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Elizabeth Madureira Siqueira
Fernando Tadeu de Miranda Borges
Agnaldo Rodrigues da Silva

Projeto Gráfico/Diagramação:

Capa: Ricelli Justino dos Reis
Ricelli Justino dos Reis

Revisão:

Sandra Raquel de Almeida Cabral Hyashida
Taisir Mahmudo Karim

Copyright © 2015 / Academia Mato-Grossense de Letras

Ficha Catalográfica elaborada pela UNEMAT Editora -

UNEMAT – Cáceres - MT

ISSN: 2447-021X

Revista da Academia Mato-Grossense de Letras.
Direção/organização de Elizabeth Madureira Siqueira; Agnaldo Rodrigues da Silva (Discursos Acadêmicos). Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2015.

277 p.

1. Cultura 2. História 3. Literatura

Volume 01, nº 01 (2015)



Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT EDITORA
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavahada - Cáceres MT - Brasil –
78200-000.
Tel: 65 3221 0023 – editora@unemat.br



Academia Mato-Grossense de Letras
Rua Barão de Melgaço,
nº 3869, Centro, Cuiába-MT
CEP: 78005-300
Tel: 65 3624-6564

ÍNDICE

Apresentação	05
Editorial	07
Cadeira 1 - Sessão solene de posse do Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro, e discurso de posse do Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves	09
Cadeira 2 - Sessão solene de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Nilza Queiroz Freire; discurso de recepção, pelo Acadêmico Benedito Pedro Dorileo; discurso de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite	23
Cadeira 3 - Sessão solene de posse do Acadêmico Rubens Mendes de Castro: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro, e discurso de posse do Acadêmico Rubens Mendes de Castro	43
Cadeira 4 - Sessão solene de posse do Acadêmico Firmo Pinto Duarte: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção, pelo Acadêmico Benedito Pedro Dorileo; discurso de posse do Acadêmico Firmo Pinto Duarte	63
Cadeira 4 - Sessão solene de posse da Lucinda Nogueira Persona: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção, pela Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf; discurso de posse da Acadêmica Lucinda Nogueira Persona	87
Cadeira 5 - Sessão solene de posse do Acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura	113
Cadeira 6 - Sessão solene de posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos: abertura da sessão pelo Vice-Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Satyro Benedicto de Oliveira; discurso de recepção, pelo Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos ...	123
Cadeira 7 - Sessão solene de posse do Acadêmico Yvens Cuiabano Scaff: discurso de recepção, pela Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite; discurso de posse do Acadêmico Yvens Cuiabano Scaff	141

Cadeira 9 - Sessão solene de posse do Acadêmico José Cidalino Carrara: discurso de posse do Acadêmico José Cidalino Carrara	161
Cadeira 10 - Sessão solene de posse do Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção, pelo Acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho; discurso de posse do Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva	173
Cadeira 11 - Sessão solene de posse do Acadêmico Eduardo Mahon: abertura da sessão pelo Presidente em exercício da Academia Mato-Grossense de Letras, José Cidalino Carrara; discurso de recepção, pelo Acadêmico Avelino Tavares; discurso de posse do Acadêmico Eduardo Mahon; <i>Posfácio</i> , pela Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf ..	201
Cadeira 13 - Sessão solene de posse do Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção, pelo Acadêmico Avelino Tavares; discurso de posse do Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo	235
Cadeira 15 - Sessão solene de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Lenine de Campos Póvoas; discurso de recepção, pelo Acadêmico Benedito Sant'Ana da Silva Freire; discurso de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes	255



APRESENTAÇÃO

O biênio que se encerra permanece em ebulição. Convergem para a Casa Barão de Melgaço vários movimentos culturais que pareciam estar descosturados no caleidoscópio mato-grossense. Se, de um lado há o renascimento do chorinho cuiabano com grupos musicais dedicados a resgatar a tradição de saraus e serestas, por outro, emerge a *street art* como legítima manifestação artística. Nossa Academia Mato-grossense de Letras albergou todas as formas desse incrível abecedário multilinguístico, plurisimbólico, poliestético. Os poetas prosseguem poetizando por aí – cada qual com um estilo, mas convergem para a nossa Casa: com grata satisfação, empossamos tão inspirados como inspiradores Ivens Cuiabano Scaff, Marta Cocco, Lucinda Persona e Luciene Carvalho, destacados na vanguarda lírica, satírica e mágica das letras mato-grossenses. Os colegas fizeram justiça aos eleitos: devo registrar que, nas dez eleições que conduzimos, houve sufrágio já em primeiro escrutínio, demonstrando o talento dos escolhidos e a harmonia entre os sócios da instituição.

Nosso bicentenário casarão mantém-se firme como um dos repositórios mais importantes para pesquisas no campo da história e da literatura. A curadora do acervo, atual vice-presidente da Academia, Elizabeth Madureira Siqueira, democratizou o acesso ao conhecimento armazenado na biblioteca com o lançamento do hiperlink no sítio da Academia que se virtualizou, enfim. São plataformas de comunicação essenciais para a guinada pretendida em direção à perpetuidade dos saberes acumulados nos quase 95 anos da AML. Além do site, fomos agraciados pelo genuíno interesse social por (re)descobrir nossa confraria. As portas da Academia de Letras continuaram abertas ao público por meio de documentários, reportagens e dezenas de eventos, marcadamente o curso oferecido pela instituição e certificado pela sempre parceira Unemat, sob a coordenação geral do acadêmico recém-empossado Agnaldo Rodrigues da Silva, outro acréscimo notável para nossa bancada literária. Para somar nas fileiras da pesquisa, com muita alegria empossamos também João Carlos Vicente Ferreira, Cristina Campos, Olga Castrillon Mendes, Sueli Batista, além da já citada Marta Cocco.

Outras formas de comunicação certamente ganharão relevo na Academia Mato-grossense de Letras. O recém-empossado Flávio Ferreira, consagrado teatrólogo, inaugura a esperança performática. São novos sinais que pulsam no cenário intelectual. Na esteira da

encenação da palavra, nosso grande palco abre-se para a futura presidente Marília Beatriz de Figueiredo Leite, professora, poeta, pesquisadora, teatróloga, agitadora de gente e de sonhos. Ela assume uma casa renovada por um novo estatuto forjado pelos confrades Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Benedito Pedro Dorileo e José Cidalino Carrara e aprovado por unanimidade. Marília Beatriz virá nos animar com o festejo centenário do imortal Gervásio Leite, ex-presidente de nossa Academia Mato-grossense de Letras e, por uma feliz coincidência do destino, ele mesmo pai da nossa próxima presidente. As sessões que realizamos em homenagem à produção de Rubens de Mendonça e, agora, as dedicadas a Gervásio Leite, revelam o compromisso das melhores famílias nativas com a cultura mato-grossense e inserem a Academia de Letras como protagonista da conservação da memória regional.

Nesses anos, tivemos um pouco de tudo: lançamentos de livros, shows de música, dez posses de acadêmicos, exposições públicas e itinerantes, visitas guiadas, audições com candidatos ao governo, recuperação dos anexos da Casa Barão, revitalização do patrimônio histórico, tantas e tão ricas atividades que nos renovaram o ânimo. É preciso dizer que essa intensa fervura transborda na presente produção. Com todo o carinho, nesta Revista fizemos uma compilação de discursos de posse que não haviam sido publicados e lançamos em conjunto com a 1ª edição da Antologia Poética Mato-grossense, gravada em áudio. Nossa missão repousa sobre a tripla responsabilidade: cuidar do passado, viver o presente e imaginar um futuro melhor.

O biênio que se encerra permanece em ebulição. Convergem para a Casa Barão de MA Revista da AML aqui está para rememorar, ensinar e inspirar. O leitor poderá usar do apanhado histórico-literário dos textos em prol de uma arqueologia das palavras: como eram usadas num passado recente e de que forma os discursos evoluíram com formas e temáticas diversas. Portanto, temos um documento de relevância plural – histórico e literário – saberes que podem ser analisados concomitantemente. As palavras dizem o que querem dizer, mas falam ainda mais o que escondem. Esse jogo de nuances entre luz e sombras que os literatos sabem tão bem retratar na composição de textos é o enfoque central desta publicação. Tudo será aproveitado: silêncio e palavra, oração e discurso, razão e emoção.

Quero agradecer à minha diretoria: querido padrinho Avelino Tavares (2º Vice-Presidente), os sempre elegantes, inteligentes e leais Fernando Tadeu de Miranda Borges (1º Secretário) e Agnaldo Rodrigues da Silva (1º Tesoureiro) e, para frisar, homenageio a acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira (1ª Vice-Presidente). Beth sublimou-se e mostrou a todos o talento em transitar com equilíbrio e vivacidade entre três tempos: o passado, o presente e o futuro. Agradeço a todos os acadêmicos que apoiaram esse jovem irrequeto, sobretudo os ex-presidentes que se mantiveram abertamente favoráveis aos projetos que realizamos. As contas do que fizemos e do que deixamos de fazer serão acertadas mais adiante. O futuro dirá. Encerro como, no meu discurso de posse, com a citação do 1º ocupante da Cadeira 11, Estevão de Mendonça: “outros fariam ou farão melhor, eu fiz o que pude”. Que venham outros, melhores e maiores. Estamos realizados e muito felizes.

Casa Barão de Melgaço

Em 27 de julho de 2015

EDUARDO MAHON
Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras

EDITORIAL

Desde a criação do Centro Mato-Grossense de Letras, em 1921, a Instituição vem dando conhecimento público dos discursos pronunciados pelos Acadêmicos, por ocasião de suas posses, muitos deles já publicados em sua Revista. O mesmo continuou a fazer a Academia Mato-Grossense de Letras, uma vez que a publicação dos Discursos acadêmicos constitui-se em mecanismo garantidor da imortalidade, visto oferecer aos futuros empossandos base segura de dados sobre o Patrono e os Ocupantes, mas, acima de tudo, se constitui numa forma de se preservar a memória do conjunto dos Acadêmicos.

Após exaustivo levantamento dos discursos já publicados nos periódicos institucionais, privilegiamos, no primeiro número, de 2015, dossiê *Discursos Acadêmicos*, a publicação as peças literárias ainda inéditas, a saber: **Cadeira 1** - Sessão solene de posse do Acadêmico Ubiratã Nascentes Alves; **Cadeira 2** - Sessão solene de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite; **Cadeira 3** - Sessão solene de posse do Acadêmico Rubens Mendes de Castro; **Cadeira 4** - Sessão solene de posse do Acadêmico Firmo Pinto Duarte; **Cadeira 4** - Sessão solene de posse da Lucinda Nogueira Persona; **Cadeira 5** - Sessão solene de posse do Acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura: discurso de posse do Acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura; **Cadeira 6** - Sessão solene de posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos; **Cadeira 7** - Sessão solene de posse do Acadêmico Yvens Cuiabano Scaff; **Cadeira 9** - Sessão solene de posse do Acadêmico José Cidalino Carrara; **Cadeira 10** - Sessão solene de posse do Acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva; **Cadeira 11** - Sessão solene de posse do Acadêmico Eduardo Mahon; **Cadeira 13** - Sessão solene de posse do Acadêmico José Eduardo do Espírito Santo; e **Cadeira 15** - Sessão solene de posse do Acadêmico Natalino Ferreira Mendes.

A Academia Mato-Grossense de Letras abre, com o dossiê *Discursos Acadêmicos 2015*, uma nova série que deverá prosseguir em edições subsequentes, visto o investimento que fará junto às Famílias dos Acadêmicos falecidos, assim como dos contemporâneos, para a obtenção de das peças literárias declamadas nas sessões solenes de posse, visando torná-los públicos e de acesso facilitado aos futuros ocupantes das Cadeiras. As próximas edições deverão incorporar, não só estes, mas também os dos Acadêmicos que tomarão posse nos anos subsequentes.

Frutífera leitura.

Conselho Editorial

CADEIRA 1

PATRONO

José Barbosa de Sá

OCUPANTES

Manoel Pais de Oliveira
Leônidas Antero de Mattos
Benjamin Duarte Monteiro
Ubiratã Nascentes Alves

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO UBIRATÃ NASCENTES ALVES

Cuiabá, 5 de novembro de 1998

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO UBIRATÃ NASCENTES ALVES, PELO
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE
LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UBIRATÃ
NASCENTES ALVES**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO UBIATÁ NASCENTES ALVES, PELO PRESIDENTE JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



Cinco de novembro - Dia Nacional da Cultura! Dia do nascimento do grande Rui Barbosa! No Capítulo 1, Artigo 1º dos seus estatutos, a Academia Mato-Grossense de Letras se apresenta como *uma associação exclusivamente literária e cultural*. Esta é, portanto, uma Casa de Cultura. Também é estabelecido, estatutariamente, - a exemplo de outras Academias de Letras, aqui incluída a Brasileira -, que suas Cadeiras devem ser ocupadas por quem tenha *publicado trabalhos de real valor literário ou científico*; o que abrange as mais diversas ciências como a médica, jurídica, social, etc. - todas com suas literaturas próprias.

Pela grande importância que tem - principalmente em um Estado, como o nosso, que vem ganhando enorme aumento populacional pela chegada de migrantes que trazem suas culturas regionais -, a Cultura em Mato Grosso tem que ser encarada como coisa muito séria.

Os chegantes têm que “casar” suas culturas com a nossa e formar uma nova cultura resultante deste “casamento”; só assim poderão ser felizes e amar a nova terra. Consideremos que hábitos são, em grande parte, determinados pelo meio-ambiente, principalmente pelas condições climáticas. O amor à terra - o patriotismo -, por sua vez, é condição básica para o respeito à sua Natureza. Vejam, pois, que o amor-patriotismo nascido na Cultura é essencial à própria preservação do meio em que se vive. Cuidemos para que seja ela - a Cultura - valorizada por todos.

Senhores, é com grande esperança que faço a abertura da Sessão Solene desta noite. Em meu compreender, como sempre tenho dito, o homem adulto é o resultado da sua carga genética e do comportamento desta, frente ao meio em que foi criado. Quanto ao primeiro fator - o genético -, o empossando de hoje, Ubiatá Nascentes Alves, como acadêmico, traz um espírito privilegiado por lhe ter sido destinado um corpo em cuja constituição encontram-se genes provindos do grande filólogo Antenor Nascentes, herdados de sua mãe, e da professora Amélia de Arruda Alves, transmitidos pelo seu pai. Sua formação se deu num lar muito bem conduzido por José Maria Alves Neto e D. Therezinha Nascentes Alves.

Para confirmar aquele meu conceito temos, aqui, o novel acadêmico - um homem bem formado. É com esta boa formação, com sua mocidade e seu amor ao trabalho que Ubiatá Nascentes Alves me dá grande esperança de auxílio na condução deste Silogeu, o qual, sendo uma instituição cujos associados portam um título vitalício, está sempre carente de colaboração, pela impossibilidade de muitos estarem, pela avançada idade e suas conseqüências, impedidos de nos oferecer um trabalho efetivo.

Porém, caro empossando, deveis considerar que outro aspecto exigirá que vossa atuação não se limite a atividades funcionais.

Nossa Academia, estatutariamente, admite sócios com produções de reconhecido valor nas áreas literária e científica; mas, há duas faces distintas, quando se analisa a imortalidade acadêmica naturalmente almejada por todos que se candidatam a uma de suas Cadeiras. Uma face é a imortalidade apenas estatutária, que faz lembrados patronos e titulares anteriores, sempre que uma vaga é preenchida. Outra, a mais efetiva e autêntica, é a imortalidade acadêmica plena - que se soma à gerada por aquela integração no encadeamento sucessório.

Esta, a imortalidade acadêmica plena, só poderá ser conseguida pela produção literária do acadêmico, gerada por inspiração própria. Assim indica o próprio dístico da Academia Mato-grossense de Letras - *Pulchritudinis studium habentes, cultores da beleza*. A cultura da beleza, aqui adotada, se refere à expressão do sentimento sob bela forma - ao “recado da alma” -, levado aos leitores em prosa ou verso. Jamais alguém, aqui, será lembrado pelo relato de técnicas cirúrgicas ou por pronunciamentos jurídicos, ainda que tenha notáveis contribuições na área da Medicina ou do Direito.

Para a plena imortalidade acadêmica, portanto, valerão as expressões da sensibilidade, tornadas públicas, e assim perpetuadas, pela escrita. E isto, obviamente, exige mais trabalho. A mais, se não trabalharmos para manter nossa Academia como instituição viva, será totalmente ilusória e inútil a busca de imortalidade em um ambiente morto. Assim, caro empossando, vossa vida acadêmica e o que advirá depois dela, dependerá unicamente da atuação que tiverdes; e, nesta atuação, tudo me leva a estar confiante.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UBIRATÁ NASCENTES ALVES

Imensa a satisfação em ser acolhido nesta Casa de reconhecidos e ilustrados integrantes. Esta incomum honra reveste-se no fato de encontrar neste Sodalício, onde se buscará beber a sabedoria que brota, desde a criação, na pessoa dos augustos membros, agora confrades, devo inicialmene esclarecer que minhas palavras serão voltadas para uma conotação própria, sem longos e cansativos eruditismos de linguagem, que a par de mostrar a sapiência do orador, leva a plateia a ingerir uma plêiade de autores internacionais que jamais pisaram em solo tropical, e toda a cultura do além-mar. Voltar-me-ei principalmente aos limites destes rincões, destacando a cultura autóctone que brota desta terra, onde nascem nossos filhos e possivelmente irão nos guardar na eternidade. destaque ainda, para os objetivos desta Academia de Letras e principais atividades.

O ser humano distingue-se dos outros animais pela capacidade de perpetuar suas ideias, não fora assim, continuaria a habitar cavernas, as selvas, ou talvez nem mais existisse.

Dois eventos foram fundamentais para que deixasse a barbárie.

O primeiro, foi a sua fixação ao solo, permitindo que não apenas os vegetais criassem raízes, passando, assim, de mero coletor, a produtor.

O segundo, foi a fixação em meios físicos, do fruto do conhecimento recém-adquirido, passando de mero transmissor oral de usos e costumes, a produtor, pela escrita.

Ao primeiro deu-se o nome de agricultura, ao segundo, de cultura.

Um como o outro, campos férteis, de onde com talento e trabalho, brotam generosos frutos.

Esta é uma Casa onde se cultua a palavra.

Platão, o grande filósofo grego e fundador da primeira academia, nada seria sem Sócrates, seu mestre e amigo, por outro lado, Sócrates nada seria sem Platão, posto que este foi o responsável por coligir, anotar e dar corpo aos pensamentos socráticos, já que este, em vida, jamais registrou, a não ser na alma de seus discípulos, qualquer dos seus ensinamentos.

Voltando agora nossos olhos para os céus, de onde recebemos tudo que nos impulsiona, vemos que o Filho em sua passagem terrena, jamais registrou, a não ser na alma de seus discípulos, qualquer dos seus ensinamentos.

O Pai, - detentor de todo o saber - , 1.200 anos antes do nascimento do filho, quando desejou que tivéssemos algo que pautasse nossas vidas, e que, portanto, por todos fosse conhecido, fez com que Moisés descesse do Monte Sinai portando algo escrito - as Tábuas da Lei, sendo este o primeiro registro que se tem notícia da expressa vontade de Deus.

“FIAT LUX!”

Seguindo o rito tradicional para encaminhamento de solenidades desta natureza, permita-se, antes, esclarecer a imortalidade.

Segundo a concepção acadêmica, refere-se à circunstância de conforme a melhor tradição haver sempre reverência ao patrono da cadeira, bem como aos anteriores ocupantes. Neste intuito, desejo reverenciar não apenas os marcantes irmãos que tiveram assento nesta cadeira, mas igualmente, o surgimento desta casa, seus objetivos na forma estatutária, de forma concisa, para explicar à distinta plateia.

Com o advento da navegação do Rio Paraguai, na segunda metade do século XIX, experimentou esta Província um surto desenvolvimentista, no aporte de capital, máquinas e sobretudo novas ideias. O ensino primário, de então, começava a frutificar através, mais tarde, da criação do Seminário da Conceição e do Liceu Cuiabano, sim, outro igualmente existira na antiga Grécia. surgia um grupo de pensadores, jovens que retornavam com desejo de fomentar conhecimento e se ocupar no estudo e valores da realidade local.

Em 1919, esta plêiade criou o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, visando preservar a documentação histórica regional. logo após, em 22 de maio de 1921, foi criado o Centro Matogrossense de Letras, nascido de um grupo formado por 12 intelectuais, entre eles desponta D. Francisco de Aquino Corrêa, e ainda o já reconhecido historiador Estevão de Mendonça, dentre outros significantes valores.

Em 5 de junho, estes sócios fundadores escolhem os Patronos para estas iniciais vagas. a Cadeira nº 1 tem como Patrono um exemplar paradigma, notável pessoa, José Barbosa de Sá.

Nasceu em Portugal, onde formou-se em Direito. vindo formado para as Minas do Cuiabá, aqui chegou quando o povoamento ganhava impulso. Sobressai em sua preciosa obra a crônica *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*, cujo valor leva a ser considerada fundamental no estudo da nossa historiografia.

Um parêntesis – segundo Aurélio Buarque, crônica é uma narração histórica, por ordem cronológica. Conforme Antenor Nascentes, é narração minuciosa, segundo a ordem cronológica, de fatos importantes, relativos a um soberano, a uma dinastia, a um país.

Em 1745, elaborou um relatório sobre as missões espanholas no vale do rio Guaporé, atento aos interesses de vigilância da fronteira oeste.

Brotou de sua pena os *Anais do Senado da Câmara*, até o ano de 1765.

Igualmente produziu *Diálogos Geográficos, Cronológicos, Políticos e Naturais*, elaborado no ano de 1769.

Leônidas Antero de Matos, segundo ocupante da Cadeira nº 1, estudioso da vida e obra do comum patrono, José Barbosa de Sá, fez registrar:

“Podemos afirmar com razão, que as letras ainda constituem o índice das atividades vitais de um povo, e que a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.”

Aí estão para comprovar o acerto de nossa afirmativa, a vida e a obra de um homem de letras, ligadas indissolavelmente à própria história da terra natal, ao esplendor ou ao infortúnio de seus fundadores, às provações ou as suas glórias, num ciclo

remoto, mas sobretudo épico, de sua existência, e no qual resplende em toda a sua plenitude a energia indômita da raça.

Quero referir-me a José Barbosa de Sá, mui justamente cognominado o primeiro cronista cuiabano e Patrono da Cadeira nº 1 do Centro Matogrossense de Letras, a qual hoje tenho a honra imerecida de ocupar.

Através da sua obra paciente é que podemos reconstituir todo um período da agitada fundação da terra cuiabana, recompondo os cenários rudes e por vezes avassalantes dentro dos quais se agitaram, sonharam e sofreram os nossos maiores.

Culmina a fase épica das conquistas.

Bruta pátria, no berço entre selvas dormida, no virginal pudor das primitivas eras, mal compreendendo o anseio do mundo por nascer que trazia no seio como cantava a musa harmoniosa de Bilac, oferecia as primícias de sua virgindade aos violadores de sertões, que iam à cata de ouro e dos índios.

Enquanto a raça audaz e forte fundava povoações, fazia germinar as colheitas e se entregava, quase que exclusivamente, à dura faina da mineração, aqui e ali raríssimos davam-se ao trabalho paciente de registrar os acontecimentos que se sucediam, legando à posteridade, com os seus manuscritos, um atestado, ligeiro sequer, da relativa cultura intelectual da época.”

Dentre estes o licenciado José Barbosa de Sá.

O primeiro ocupante da cadeira nº 1 – Manuel Paes de Oliveira, filho do coronel José Sabo Alves de Oliveira e de Francelina Paes de Oliveira, nasceu na cidade de Cáceres em 11 de julho de 1885. Concluiu os estudos iniciais em Mato Grosso, foi para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em Direito pela Faculdade Federal.

Fora de Mato Grosso, desempenhou várias funções públicas: escriturário da fazenda, administrador da mesa de rendas de Macaé, oficial de gabinete do Ministro da Fazenda, delegado fiscal no Paraná.

Em Mato Grosso, foi chefe de polícia, secretário do interior, justiça e fazenda e também deputado estadual.

Participou de várias associações: Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade Literária do Colégio Militar. Fundou, sendo ainda o primeiro presidente, o Grêmio Literário da Faculdade do Liceu de Ciências Jurídicas do RJ.

Ante as lides jornalísticas, foi redator e colaborador nos seguintes periódicos: “*A Aspiração*”, produzido pelo Colégio Militar, “*A Época*”, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, “*A Nova Época*” de Cuiabá, “*Correio da Manhã*”, “*O Paiz*”, “*Jornal do Comércio*”, “*Jornal do Brasil*”. No Estado, “*O Mato Grosso*” e “*A Cruz*”.

O segundo ocupante da cadeira foi Leônidas Antero de Matos, nascido em Cuiabá a 28 de fevereiro de 1894, filho do general Antero Aprígio Gualberto de Matos e de Francisca de Figueiredo Matos.

Terminou o curso ginásial e secundário no Liceu Salesiano de Cuiabá. Estudou música e, acompanhado de sua lira, elaborava peças literárias. as primeiras produ-

ções tiveram origem no Grêmio Literário “Álvares de Azevedo”, com reuniões familiares, de amigos, assembleias literárias; suas inesquecíveis tertúlias.

Concluída a formação inicial, deixou a terra natal, indo para o sul do país, concretizando o desejo de formar-se em Direito, colando grau na Faculdade de Porto Alegre.

Sobre suas incomuns qualidades, registrou Ulisses Cuiabano:

“Desde os bancos ginasiais do Liceu Salesiano desta cidade, onde completou o curso secundário, Leônidas de Matos dedilhava a lira, e cantava. Datam dessa época as harmoniosas estrofes de acentuado sabor lírico, publicadas pelos autos das saudosas tertúlias do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, formado por elementos dedicados dos dois liceus de Cuiabá, dos incipientes literatos contemporâneos.”

No governo Mário Corrêa, veio o poeta para sua terra natal, a fim de desempenhar o elevado cargo de chefe de polícia. Mais tarde, no governo interventorial de Antunes Maciel, foi Leônidas de Matos nomeado secretário geral do estado (1931-1932), sendo em 1932 designado para a suprema curul, ocupando a interventoria até 1934. Como chefe de governo estadual, assistiu, tomando parte ativa, a um dos mais agitados movimentos políticos de nossa terra, daqui se retirando para a capital da república (RJ), repleto de desilusões.

Ocupou a Cadeira 11 do precursor Centro Matogrossense de Letras, atual Cadeira 1 da Academia Mato-Grossense de Letras, cujo Patrono é o pioneiro, Barbosa de Sá.

Leônidas Antero de Matos era também associado ao Grêmio Literário Álvares de Azevedo.

Veio a falecer o poeta em 8 de abril de 1936 – saliente-se ser este dia o aniversário de Cuiabá.

Benjamim Duarte Monteiro foi o ilustre terceiro ocupante da Cadeira, nasceu nesta cidade em 31 de agosto de 1908, filho do Sr. João do Lago Monteiro e da Sra. Antonina Duarte Monteiro.

Fato comum, naquela época, os pais mandavam os filhos estudar, sobretudo na capital carioca, que exercia forte atração sobre a gente desta terra. Nessa cidade diplomou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1932.

Exerceu, depois, na sua vida profissional inúmeros cargos destacados, dentre os quais podemos salientar:

1. Promotor de Justiça da comarca de Cuiabá, assumindo o cargo em 11 de janeiro de 1933. Ainda em 1933

- Foi nomeado professor da Faculdade Estadual de Direito de Cuiabá.
- Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso.
- Membro do Conselho Penitenciário do Estado.

Em 1934

- Foi eleito Presidente da Associação de Imprensa Matogrossense.

- Professor da Faculdade Estadual de Direito, lecionando a disciplina Direito Penal.
- Eleito Deputado da Assembleia Legislativa do Estado.
Em 1935
- Membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Mato Grosso.
- Eleito Presidente do Conselho da Ordem dos Advogados.
- Eleito membro da comissão especial encarregada de elaborar o projeto de Constituição do Estado, sendo escolhido seu relator.
- Líder da bancada da maioria da Assembleia Legislativa Estadual.
Em 1937
- Posse na cadeira nº 1 da Academia Matogrossense de Letras, saudado pelo Desembargador José Barnabé de Mesquita, presidente da Casa.
Em 1942
- Eleito membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Mato Grosso.
- Em 1944
Assumiu o cargo de Chefe da 6ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios, atendendo honrosos e insistentes pedidos do indigenista marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.
- Em 1946
- Eleito novamente para o conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Mato Grosso.
- Em 1947
- Posse no cargo de Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral do Estado
Em 1948.
- Eleito Presidente de Honra da Associação de Imprensa Matogrossense.
Em 1949
- Eleito membro do Conselho Técnico de Assistência aos Menores.
Em 1950
- Nomeado Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.
Em 1954
- Assumiu o cargo de Inspetor de Ensino Junto ao Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá.
- Em 1956
- Assumiu o cargo de Procurador Geral de Justiça do Estado.
- Representante do governo junto à Legião Brasileira De Assistência – LBA
Em 1963.
- Professor da cadeira de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Cuiabá.
Em 1965
- Professor da cadeira de Direito Administrativo da Faculdade de Cuiabá.
Em 1966

- Nomeado Procurador Geral de Justiça.
- Nomeado Conselheiro do Tribunal De Contas.

Em 1968

- Eleito Vice-Presidente do Tribunal de Contas.

Em 1973

- Posse no cargo de Presidente do Tribunal de Contas do Estado, sendo este seu derradeiro cargo.

Seus trabalhos jurídicos, foram memoriais, e também pareceres publicados nos Anais Forenses de Mato Grosso, e ainda na Revista dos Tribunais de São Paulo. Escreveu também inúmeros artigos e crônicas em vários outros periódicos. Foi também, correspondente do periódico “O Jornal”, do Rio de Janeiro e da Agência Meridional.

Veio a falecer em 19 de julho de 1996, deixando viúva D. Ana Augusta Oliveira Monteiro.

A Academia Mato-Grossense de Letras, conforme os estatutos, é uma associação com finalidade exclusivamente literária e cultural, com personalidade jurídica e duração ilimitada. São objetivos da academia:

- O culto ao idioma nacional e das literaturas nacional e estadual;
- Estudo dos problemas de interesse cultural que preocupam o mundo contemporâneo;
- Congraçamento e a aproximação entre os representantes da cultura nacional e estadual.

Para melhor desempenho dos objetivos poderá:

- Estabelecer e manter relações de intercâmbio com entidades culturais do país e do exterior;
- Promover e participar de conferências, simpósios, seminários, congressos e palestras ligadas à sua finalidade;
- Editar boletins e uma revista;
- Incentivar e auxiliar a publicação de trabalhos e livros de autores mato-grossenses e fomentar o desenvolvimento das artes, em suas diversas manifestações.

Oportuno evidenciar-se que é filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, sendo composta de quarenta cadeiras, cujos Patronos foram escolhidos entre os que se notabilizaram por relevantes trabalhos intelectuais produzidos no Estado.

Neste espectro que hoje se abre, efetivamente sinto-me amparado e congraçado aos seus integrantes, verdadeiros confrades.

Como pude perceber, a cordialidade é uma tônica na Casa. Identifico-me com seus integrantes, e agora, após descortinar a história dos meus antecessores, maior a identidade para com este Sodalício.

Longe de me aproximar do Patrono, José Barbosa de Sá, pioneiro na historiografia regional, noto estar trilhando o caminho acertado. Tive a oportunidade de, no trabalho inicial, ser orientado por um historiador de renome, como Rubens de Mendonça, e pelo saudoso Padre Raimundo Pombo, que me incentivaram a escrever “Mato

Grosso em História”, monografia premiada em concurso levado a termo pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Segui, depois, motivado, na difícil e silenciosa tarefa de escrever, como é natural o que estava ao meu alcance. Assim, realizando um exercício seguindo o conselho dos que mencionei.

Desde cedo, pude e tive o privilégio de conviver frente a pessoas voltadas para as letras.

Pelo lado materno, a professora Amélia de Arruda Lobo, depois Alves, mato-grossense de boa lavra, formou com dedicação e carinho seguidas gerações de jovens. Ateve-se também em registrar a história de nossas raízes em seu livro, O Município de Cuiabá. Entre outros trabalhos literários, participou junto de suas irmãs da revista, marcante de época, “*A Violeta*”.

Pelo lado paterno, o professor Antenor Nascentes, etimologista e gramático, responsável pelo *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, adotado como léxico da Academia Brasileira de Letras, ante a falta de obra acadêmica sobre o idioma nacional.

Em seus saraus, no Rio de Janeiro, pontificavam grandes nomes da literatura nacional. Recordo, dentre outros nomes, o grande Manuel Bandeira.

Gostava de recitar para os pequenos o seu “Rondó de Cavalinhos”, mas fazia-se zangado quando pedíamos o “Vulgívaga”, que ele, dizia, “ainda não era para o nosso bico”.

Escrevi, inicialmente, artigos para o jornal “*O Pioneiro*” editado pela Assembleia Legislativa Estadual, durante o período dos governos pós-64.

Nesse jornal, promovido pelo professor Oswaldo Sobrinho, fui bordoando presidentes ilegítimos, tropeços de suas condutas e das instituições ligadas à máquina do poder. Assim foram artigos como o de uma visita presidencial à Cáceres, “O Ocaso do BNH”, e a “Trajetória dos Combustíveis”, com o pseudônimo “A Pena Maldita”.

Nessa época, tive a oportunidade de conhecer a pessoa do hoje confrade, vibrante orador, defensor e amante da natureza o ilustre poeta, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, “a voz que não se cala”.

Concluindo curso de pós-graduação na Escola Interamericana de Administração Pública, visitei inúmeros países da América Latina e tornei-me correspondente de institutos culturais no Peru, Equador, Colômbia e Costa Rica.

A exemplo dos antecessores na cadeira, trilhava inconsciente o caminho certo. Mais tarde, entendendo insuficiente o curso de administração, e acreditando que havia muito mais além desse primeiro horizonte, após analisar a formação de tantos familiares, engajei-me no curso de Direito, e após exame de Ordem, tornei-me advogado, tal como todos os demais ocupantes desta atraente cadeira.

Curiosamente cruzei caminho com Manuel Pais de Oliveira, primeiro ocupante, na Sociedade Literária do Colégio Militar do Rio De Janeiro, havendo participado de suas atividades e colocando no “1º Festival de Música Popular” do mesmo colégio, duas músicas “*O Poeta e a Poesia*” e “*Meu Rio Cantador*”, ambas classificadas.

Quanto ao segundo ocupante, além da formação acadêmica, de lira pouco entendo, mas considero-me grande apreciador das tertúlias e ainda hoje é possível que setenha uma outra, na versão atual, em forma de seresta.

Benjamin Duarte Monteiro, além de igualmente cuiabano de nascimento, professor universitário em matéria penal e administrativa, escreveu-se artigos para jornais.

Marcou distintamente o fato dele ser integrante do Conselho Técnico de Assistência aos Menores, vez que fui membro fundador do conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Havendo neste tópico publicado meu terceiro trabalho o “*Manual Prático para Adoção e Medidas de Proteção*”, com vendagem de nível nacional. Esgotada a primeira edição, a seguinte, revisada e ampliada, será publicada agora, na condição de Acadêmico.

Quanto a estas regimentais alusões aos nobres ocupantes da Cadeira em tempos de outrora, onde reside a imortalidade terrena, contrista-me o fato de já perceber que um dia aqui também serei lembrado.

Importante, contudo, é a imortalidade das ideias. É estar nas nuvens e ainda ficar vivo, não importa por quanto, na vida válido é sonhar. Registrou certo autor desconhecido “*transforme seus sonhos em realidade e depois sonhe mais, para ter sempre o que realizar.*”

Invertida a ordem, devido a pertinência, desejo lembrar a segunda publicação que realizei, serviu de escada para o patamar seguinte. Sistemática e mecânicamente elaborado sem a ferramenta do computador, impondo seguidas e cansativas alterações junto à gráfica, quase me levou a mudar de profissão. O “*Livro de Autoridades do Poder Judiciário*” foi elaborado conforme a emergente organização judiciária advinda com a nova Constituição Federal de 1988. Belo exercício de perseverança e dedicação através da qual procurei brindar o inesquecível Presidente do Tribunal de Justiça, a despojada pessoa do Des. Odiles Freitas Souza. Apresentou este trabalho ao mestre maior que me ensinou a grandeza do Direito, através da filosofia, na leitura de obras consagradas como “*A Luta pelo Direito*”, de Rudolf von Ihering.

O Acadêmico Leopoldino Marques do Amaral, em recente artigo sobre a “reeleição”, aproveitou para fomentar as ideias, vez que impera a falta de informação. É triste ver o nome de Pelé como candidato aceito ao papado, Godzilla como Ministro russo, D. Eutanásia candidata à Presidência da República, conforme divulga uma rádio em consulta ao povo. Obscurantismo fomentado, para domínio exploração, ensejando o surgimento do que denomino autocolonialismo. Uma minoria exercendo sobre todos os demais cidadãos, exploração de toda monta, são pacotes, aumentos e criação de impostos. sem nunca perceber-se efetivamente o resultado positivo de tais medidas.

Serve a palavra também para expressar nossa preocupação com os rumos que estão sendo delineados para as nossas políticas.

No Dia Nacional da Cultura, dia do nascimento de Ruy Barbosa, vemos o tanto que falta para tornar acessível a todos esse indicador de qualidade de vida.

Minha esperança reside na justiça e nos seus colaboradores, pois, diante dos oceanos de arbitrariedades que diuturnamente vivencia-se, apenas esta nos pode salvar. Acredito mais na força das leis, desempenhada por meio da tutela nascedoura dos jovens magistrados, que através de suas corajosas decisões hão de impor a justiça. Dentre estes, posso citar a pessoa de Rui Ramos Ribeiro, que seguramente há de em breve ocupar uma cadeira no egrégio Tribunal Estadual. Na Procuradoria de Justiça o nobre Dr. Nivaldo Fernandes de Moraes, e o verdadeiro promotor de justiça, Dr. Vivaldino Ferreira de Oliveira.

Arrematando, desejo agradecer aos que, nos dias iniciais, me trouxeram o apoio necessário para chegar a este ponto, a pessoa do Dr. Edgard Humberto Alves, Dr. Bento Machado Lobo, grande líder da alcateia, ainda ao professor Osvaldo de Oliveira Fortes, secretário de planejamento do Estado por inúmeras vezes.

Especiais agradecimentos por tudo, a meu pai, José Maria Alves Neto; minha mãe Therezinha Nascentes Alves, à minha esposa, Vera e aos meus filhos, Irapuã e Inajá. lembrando aos nossos, que sentado nesta Cadeira, a todos represento.

Melhor que não tenhamos na defesa de nosso ideário, como Sócrates, de provar a cicuta amarga, mas, e se este for a trilha do destino? Afinal, de nada vale a eternidade para a gélida rocha bruta, que, apesar de não experimentar a menor fração de tristeza, estará também condenada a desconhecer o doce sabor da vitória. Neste diapasão aporto aos umbrais desta Casa, vindo com humildade para somar, sob aos riscos inerentes da ousadia saudável, trazendo o firme propósito de seguir produzindo, doravante, sob a influência benéfica dos ares deste augusto templo e de seus fúlgidos integrantes. Sem peder de vista a perspectiva de trabalhar, no âmbito interno da Instituição, nas singulares formas que se apresentarem, com energia e determinação em prol desta notável Academia estadual de Letras, que hoje garbosa me acolhe.

Eis que vem soando em meus ouvidos, a legenda sagrada deste Sodalício, como diretriz a seguir.

Pulchritudinis Studium Habentes

- Os Estudiosos da Beleza

Muito obrigado.

CADEIRA 2

PATRONO

Joaquim da Costa Siqueira

OCUPANTES

Gervásio Leite

Satyro Benedicto de Oliveira

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

Cuiabá, 10 de setembro de 2013

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA
ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEREDO LEITE,
PELA PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS, NILZA QUEIROZ FREIRE**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARÍLIA
BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, PELO ACADÊMICO
BENEDITO PEDRO DORILEO**

**DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ
DE FIGUEREDO LEITE**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, PELA PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, NILZA QUEIROZ FREIRE



A presente Assembleia extraordinária solene da Academia Mato-Grossense de Letras está dedicada à posse de Marília Beatriz de Figueiredo Leite na Cadeira nº 2, patrocinada por Joaquim da Costa Siqueira e ocupada pelos Acadêmicos Gervásio Leite e Satyro Benedicto de Oliveira.

Marília é a **9ª mulher** a ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, e por isso a saudação de abertura desta sessão será de homenagem às mulheres de nossa Academia.

Quando a Academia Mato-Grossense de fundada, aos 7 de setembro de 1921, como Centro Mato-Grossense de Letras, o seu quadro já foi integrado pela **PRIMEIRA MULHER, Ana Luiza Prado Bastos** que ocupou, na diretoria, o cargo de Tesoureira. Nasceu em Cuiabá e seus estudos foram realizados na Capital, tornando-se professora pela Escola Normal Pedro Celestino. Era conhecida, na intimidade, como Professora Galega. Anos mais tarde, mudou sua residência para Campo Grande, hoje Mato Grosso do Sul, mas naquele tempo integrante do Mato Grosso uno. Detentora de cultura exemplar, colaborou em diversos periódicos de Mato Grosso, a exemplo da *Folha da Serra*, de Campo Grande, sob os pseudônimos de *Delorme Vaz* e também *Zilá Donato*. Foi uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes, ao lado de Maria Dimpina Lobo Duarte, Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e muitas outras, responsáveis não só pela administração da entidade, mas vanguardistas no espaço cultural, como a criação da Revista *A Violeta*, periódico de grande circulação nos meios intelectuais de Mato Grosso, por meio século. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, aos 82 anos, lúcida e produtiva intelectualmente.

A SEGUNDA mulher a ingressar na Instituição foi **Maria de Arruda Müller**, que nasceu em Cuiabá-MT e foi alfabetizada aos 5 anos de idade, no seio familiar.

Diplomada professora pela Escola Normal Pedro Celestino, onde já demonstrava pendor pela carreira do magistério, lecionou em diversos estabelecimentos de ensino da capital e, temporariamente, no município de Poconé.

Integrou o grupo feminino que fundou o Grêmio Literário “Júlia Lopes” e escreveu diversos artigos na Revista *A Violeta*. Ao lado de outras companheiras, deu início a um forte movimento, ainda nos primeiros anos da década de 1930, em prol do voto feminino a ser consignado na Constituição de 1934, ocasião em que conclamou as mulheres mato-grossenses a se inscreverem como eleitoras.

Quando Cuiabá completou 200 anos, em abril de 1919, casou-se com Júlio Strübing Müller, estadista nomeado Interventor de Mato Grosso durante o Estado Novo (1937-1945).

Fundou o Abrigo dos Velhos e das Crianças de Cuiabá e teve uma importante atuação junto ao Conselho Estadual da Legião Brasileira de Assistência (MT), fundando também a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá.

Publicou em 1972, *Família Arruda, Cuiabá ao Longo de 100 anos*, em parceria com Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues,) e, em seu centenário de vida, *Sons Longínquos*, obra poética de grande beleza estética. Colaborou em diversos jornais de Mato Grosso, assim como em revistas regionais e nacionais.

Maria de Arruda Müller foi sócia honorária do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e integrou também inúmeras Instituições internacionais. Seu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras ocorreu no dia 26 de janeiro de 1931, quando ocupou a Cadeira nº 7.

Faleceu em Cuiabá-MT, no dia 4 de dezembro de 2003, aos 105 anos incompletos, fazendo-se presente e viva na história e na cultura mato-grossense.

A TERCEIRA mulher a ingressar na Instituição foi **Vera Iolanda Randazzo**, nascida em Caxias do Sul-RS, aos 21 de setembro de 1927, Veio para Mato Grosso a partir de 1955, Estado que adotou como sua segunda terra natal e onde prestou relevantes serviços.

Implantou o atual Arquivo Público do Estado, organismo idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, e onde ela foi sua primeira Diretora.

Publicou diversos artigos nos jornais: *O Estado de Mato Grosso, A Tribuna Liberal, O Social Democrata, Diário de Cuiabá, Correio da Imprensa, Revistas do IHGMT* e da *AML*.

Escreveu os seguintes **livros**: *Pagmegeira, Pagmegeira!; As cartas do grande chefe à sua esposa; Quando morreu Pascoal Moreira Cabral?*; e diversos Catálogos de documentos históricos.

A Academia Mato-Grossense de Letras fez publicar, coleção *Obras Raras da Literatura Mato-Grossense, Vozes Femininas*, v. 6, onde Vera Randazzo participa.

Em reconhecimento ao seu trabalho e produção intelectual, é sócia da Sociedade Amigos de Rondon, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Paulistana de História, membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo.

Ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras aos 10 de março de 1982, empossada na Cadeira n. 19.

A QUARTA mulher a ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras foi a saudosa **Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)**. Nasceu em Cuiabá-MT, aos 15 de julho de 1908. Os primeiros estudos foram cursados junto ao tradicional Asilo Santa Rita, como aluna externa, e em seguida na Escola Modelo Barão de Melgaço. O ensino médio foi realizado no tradicional Liceu Cuiabano.

Diplomou-se em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos. Diplomou-se contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá.

Lecionou piano e francês em diversos estabelecimentos de ensino.

Pelos seus conhecimentos sobre a cultura e musicalidade regional, foi admitida como Agente Didático no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso.

Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Publicou as seguintes obras: *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), *Reminiscências de Cuiabá*, em comemoração aos 250 anos de Cuiabá, *Marphysa*, romance folclórico cuiabano, *Os Vizinhos*, *Cuiabá: roteiro de lendas*, *Memória Musical da Cuiabania* (em 4 volumes), *Lendas de Mato Grosso*, *Cuiabá ao longo de cem anos*, em coautoria com Maria de Arruda Müller, *Colcha de Retalhos* e *Movimento musical em Cuiabá*.

Ela foi empossada na AML, no dia 19 de setembro de 1984, ocupando a Cadeira nº 39, e recepcionada pelo Acadêmico Antônio de Arruda, cujo discurso foi intitulado *Dunga Plural*, visto seus múltiplos talentos .

Faleceu na cidade litorânea de Santos-SP, no dia 8 de janeiro de 2001.

A QUINTA Acadêmica a ingressar na Instituição, fui eu, **Nilza Queiroz Freire**. Nasci em Cuiabá-MT, no dia 1º de julho de 1932.

Iniciei os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço, capacitando-me para o Exame de Admissão na Escola Particular da Profª Amélia de Arruda Alves (Profª Amelinha). O ginásio foi cursado junto ao antigo Colégio Estadual de Mato Grosso e o médio na Escola Técnica de Comércio. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ocupei por muitos anos os cargos de Secretária e Tesoureira.

Dentre minhas publicações, destaco: artigos em periódicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, e em livro *Plano de Contas, A Escola que Vivi, Micro Empresas como Modelo, Crônicas da Cidade Verde* e, em coedição com Ivan Echeverria e Aecim Tocantins, *Professora Alina: uma educadora além do seu tempo*.

Meu ingresso na Academia se deu no dia 25 de novembro de 1993, ocupando a Cadeira nº 14.

A SEXTA a ingressar na AML foi **Yasmin Jamil Nadaf**, nascida em Cuiabá. Sua carreira intelectual é brilhante, visto que licenciada em Letras, Mestre em Letras na área de Literaturas de Língua Portuguesa, Doutora em Letras na área de Literaturas de Língua Portuguesa e Pós-Doutorado em Letras na área de Literatura Comparada.

Publicou os seguintes Livros *Sob o signo de uma flor*. Estudo de “A Violeta”, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - de 1916 a 1950.

Catálogo de títulos sobre a mulher.

Rodapé das miscelâneas: O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX).

Diálogo da escrita. Alagoanos na imprensa de Mato Grosso (primeira metade do século XX).

Presença de mulher. Ensaios.

Machado de Assis em Mato Grosso. Estudos literários em livros, jornais e revistas, além de muitos ensaios que integram coletâneas e periódicos.

Integra as seguintes instituições:

Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), do Grupo de Trabalho “Mulher e Literatura”

Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic)

União Brasileira de Escritores (UBE) – Seção Rio de Janeiro

Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso, como membro do Conselho Curador

Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira n.38)

Ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira n. 38), no dia 27 de outubro de 1995.

A SÉTIMA mulher a assumir uma Cadeira Acadêmica é **Elizabeth Madureira Siqueira**, paulista de Franca, é graduada e Mestre em História e Doutora em Educação.

Há quase duas décadas exerce o cargo de Curadora da Casa Barão de Melgaço, organizando, cuidando dos acervos bibliográficos e documentais e oferecendo orientações a bolsistas e pesquisadores.

Dedicada professora, hoje aposentada pela UFMT, Elizabeth publicou inúmeros livros, com destaque para:

- *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais,*

- *Luzes e Sombras: modernidade e educação pública de Mato Grosso.*

Durante os últimos 10 anos vem escrevendo e recuperando a história e a memória das seguintes instituições: Ordem dos Advogados do Brasil-MT, Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, Ministério Público de Mato Grosso, Tribunal Regional Eleitoral de MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Secretaria de Fazenda do Estado de Mato Grosso.

Vincula-se a diversas instituições: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Sociedade Amigos de Rondon, sendo que na Academia Mato-Grossense de Letras tomou posse no dia 22 de novembro de 1995, ocupando a Cadeira n. 29.

A OITAVA Acadêmica é **Amini Haddad Campos**, nascida em Cuiabá-MT, concluiu o curso fundamental na Escola de 1º Grau Notre Dame de Lourdes; o médio no Colégio São Gonçalo, em 1991.

Especialista em Direito Civil, Processo Civil, Direito Penal, Processo Penal, Direito Administrativo, Constitucional e Tributário – Universidade Cândido Mendes - RJ. Graduada. Mestre em Direito Constitucional e Doutoranda em Direitos Humanos.

Juíza de Direito do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso, atualmente íntegra o Pleno do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.

Professora e Orientadora de Cursos de Pós-Graduação.

Coordenadora de Direitos Humanos da Escola da Magistratura do Estado de Mato Grosso.

Filia-se às seguintes Instituições:

Membro da Comissão de Direitos Humanos da AMB, onde tem desenvolvido relevantes trabalhos.

Presidente da Academia Mato-Grossense de Magistrados (AMA).

Membro da Associação Internacional de Juízas e da Associação Nacional de Magistradas. Membro da Associação Juízes para a Democracia – AJD. Associada e Presidente do Conselho Administrativo da Associação Mato-Grossense de Magistrados – AMAM. Autora de Projetos Nacionais na temática de Gênero, tais como Condição da Mulher, Violência Doméstica e Lei Maria da Penha.

Autora de inúmeros artigos jurídicos nacionais e de vários livros, tais como:

O devido processo proporcional

Violência Doméstica

Transformações no Direito Constitucional

Direitos Humanos das Mulheres

Recentemente, escreveu o artigo *A Convenção da ONU sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a Mulher e sua repercussão no Direito Brasileiro*, que integra a obra *Manual dos Direitos da Mulher*

Ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras em 29 de setembro de 2006, onde ocupa a Cadeira nº 39.

Hoje, a Academia Mato-Grossense de Letras faz ingressar a **NONA** Acadêmica, **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, a quem damos as boas-vindas.

Trata-se de uma Advogada, com graduação em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e pós-graduada em Comunicação e Semiótica, na PUC-São Paulo.

Tem livros publicados de Literatura e Artes. Possui vasta experiência em teatro. Na UFMT exerceu o magistério superior nas Áreas do Direito e em Artes e onde Coordenou a Área de Cultura.

Na Casa Barão de Melgaço, certamente, desempenhará na vida acadêmica papel destacado na produção de Literatura e Artes, considerando sua capacidade intelectual, bem como a herança do seu pai, o Acadêmico e ex-Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Gervásio Leite, figura saudosa de escol da cultura mato-grossense.

Esta Academia enriquece-se progressivamente com os novos Acadêmicos empossados recentemente.

Tenho dito.

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE, PROFERIDO PELO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO



Prólogo

Vacilo em admitir o que mais é relevante nesta ocasião em que recepciono, em nome dos pares acadêmicos, uma brilhante advogada, lembrando-me do meu tempo de advocacia, principalmente dos embates do Tribunal do Júri, ou então se me restrinjo à percepção da vida literária neste solar, que não é Fórum, é Academia de Letras.

Na desacomodação da dúvida, quando decidir importa em excluir, prefiro a simpatia da soma, da coalizão, do encontro, princípios que inspiram e constroem – tendo-se à filosofia conciliadora desta AML –, que por sua natureza não departamentaliza, mas congrega áreas do saber originalmente díspares numa fusão de sentimentos, ideologias, escolas e inteligências.

Recepção

Esta assembleia de acadêmicos e de pessoas ilustres, presentes na antiga residência do Barão de Melgaço acolhe Marília Beatriz de Figueiredo Leite, em sua posse na cadeira nº 2 da AML. Este assento, cujo patrono é Joaquim da Costa Siqueira, e fundador, Gervásio Leite, o primeiro ocupante. Foi ele orador, jurista, literato, escritor e professor. Trata-se do seu pai, em benfazeja coincidência. Autor de obras no Direito Civil e outras na literatura, como *Terra Agarrativa e Linda*, lançada por ocasião dos 250 anos de Cuiabá. Admitido o bairrismo, sustentou “ninguém aprende a amar o Brasil senão no primeiro amor à terra em que nasceu”. - Encerrou o mistério telúrico.

A novel acadêmica, profissional do Direito, é Mestre em Comunicação e Semiótica. A sua cultura pode ser medida no magistério, através das disciplinas que lecionou na UFMT: Direito Civil e do Menor, Artes, Arte Popular Regional, Comunicação e Cultura, Cultura Popular Brasileira, Elementos de Cultura e Arte, Introdução à Filosofia, Literatura e Literatura Mato-Grossense, Metodologia Científica, Mitologia, Semiótica e Semiótica da Cultura.

Podemos sentir os transportes de alegria de Marília Beatriz, tal uma menina no viço dos seus primeiros anos de vida, quando se via aprovada nos primeiros passos da descoberta dos signos ao aprender escrever. Gáudio por certo semelhante quando se deparou com memórias preciosas de fruição linguística, nos primeiros ensaios do curso de excelência. De fato, o pesquisador é eterna criança que sorri extasiada ao descobrir, vez primeira, acionar uma máquina com sucesso ou imiscuir-se nas análises intrincadas da comunicação.

É de imaginar-se a satisfação de espírito ao deparar-se com os ensinamentos do mestre de Genebra, Ferdinand Saussure, quando das primeiras investidas na semiologia. Ou quando do passeio inaugural na semântica filosófica, a lógica do signo.

Direito e Letras

O DIREITO, cuja etimologia significa o regido “rectum”, o que dirige, deriva ainda do latim directum. De “rectum” vem “rectude”, caráter do que é direito.

No sentido subjuntivo significa a faculdade ou o poder moral de realizar, de fazer, de possuir, de exigir alguma coisa. Portanto é um poder moral e não físico. A força não pertence ao direito, mas subordinada a ele, garante a aplicação. Objetivamente, o conjunto de leis orienta o homem e lhe indica o que deve ou não ser feito.

É de todo conveniente entender o grau de desenvolvimento do Direito, decorrente da vontade do legislador e de quem promulga a lei, que existe certa positividade nessa teoria, pois realmente o grau de desenvolvimento histórico revela o grau do direito de um povo.

Este desenvolvimento tem consigo todo o evoluir social a partir do econômico, da cultura, da liberdade; bem como o status literário desse mesmo povo.

O Direito promana pela palavra, o seu fiel conduto. A palavra compõe a linguagem, como em linguística é a sistematização para comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais e outros.

Na Grécia antiga, quando um cidadão recebia uma visita de um hóspede como sinal de afeição, costumava entregar-lhe um objeto que servisse de SINAL de reconhecimento. Comum entre amigos era partirem uma moeda pelo meio, cabendo uma parte a cada um, que servia como sinal de amizade. Ou o costume para reconhecer pessoas depois de longa separação.

É a constituição do símbolo - E se o símbolo está em lugar de, é ele um sinal. Então, sinal é gênero e símbolo a espécie.

Chega-se à linguagem, que em linguística é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc.

Linguagem falada ou escrita. A falada é o verbo sonante. O verbo do balbuciar da criancinha ou do moribundo, da eloquência do orador ou do grito do oprimido, do canto do felizardo ou do choro do faminto, do esfuziar da alacridade juvenil ou da oração piedosa do convento. A linguagem falada é o ruído dividido num sistema de grunhidos, assobios etc.

A linguagem escrita consiste em signos representando esses vários ruídos. A linguagem conduz à comunicação humana.

- Então linguagem carregada de significado é a Literatura - Já se disse que “literatura é novidade que permanece novidade”.

A Literatura não existe no vazio. Os escritores têm uma função social definida exatamente proporcional à sua competência. O bom escritor sempre foi aquele que manteve a precisão e a clareza da linguagem eficiente. Tal como a linguagem das leis, dos códigos, do romance. Por consequência é fácil deduzir que: se a literatura de uma nação declina, a nação atrofia-se e deprecia.

O povo não pode instruir os seus representantes democráticos, o legislador não pode legislar para o bem público a não ser através da linguagem escorreita e limpa. A nebulosa cai bem para os trapaceiros com objetivos temporários.

O estadista não pode governar, o cientista não pode comunicar suas descobertas, os advogados não podem postular, o promotor não pode defender a lei, o juiz não pode aplicar a lei, o professor não pode defender a tese; enfim os homens não podem entender-se sobre a ação mais conveniente sem a linguagem. E todos os seus atos e condições são afetados pelos defeitos ou virtudes do idioma.

O estudioso sabe que povo aprisionado pela má literatura está destinado a perder o pulso do seu país. Essa é a patologia da frouxidão do tudo pode ser aceito, da condescendência do método pedagógico que não reprova, facultando à criança, ao jovem, avançar no tempo, acumulando ignorância. Ou o favorecimento do descomprometido: “pode ser aceito”. Não ter coragem para mudar é o grande perigo. O relaxamento é ademais reprovável como ocorre com o desprezo sintático – a sintaxe desordenada da incompetência, de nunca ter sabido, por exemplo, que a própria pontuação é sintaxe pura.

A inércia do pântano é extremamente comprometedora para a literatura. Por consequência a negação da nossa cultura.

Estudar permanentemente o idioma para bem comunicar é regra indispensável para todas as profissões. Na advocacia, lembro-me da advertência aos neófitos do mestre Roberto Lira: cuidado, enfiteuse não é nome de remédio. Há uma particularidade linguística como para as diversas classes, quando consentimento da mulher, faz-se uso de “outorga uxória”. E saber distinguir excussão e execução, aresto e arresto.

A literatura jurídica é tão rica, que temos hoje, como em São Luiz do Maranhão, Academia Jurídica de Letras.

O Direito e a Língua encontram-se e osculam-se na Literatura, excluindo a dúvida inicial.

No Tribunal do Júri, onde conhecemos luminares, como um dos maiores, o artista da palavra autorizada e culta, que foi Gervásio Leite. Testemunhamos a exaltação da palavra inserida nas mais belas construções frasais – onde podemos burilar o espírito profissional, principalmente no exercício da defesa.

Lira, entendendo que o Direito Penal é, em última análise, o instrumento heroico que condiciona a vida dos demais Direitos, ensina sempre:

“A informação, a flama e a visão que o Direito Penal oferece, aplicam-se a tudo, desde as cogitações filosóficas até a conversa mundana, excitando o espírito, povoando a fantasia, fecundando a atividade, escaldando o sentimento. É o despertador da alma, o elástico do coração”.

Quantas crônicas, quantas novelas ou romances abasteceram-se desta literatura? Abeberaram-se nesta fonte.

Há de ser dito que o bacharel em Direito no Brasil foi, desde os tempos do bacharelado em Coimbra até 1827, com a criação dos cursos jurídicos, o profissional do Direito, das Letras, da História, da Diplomacia, da Política e até da Economia. Necessariamente, passo a passo organizaram-se a compartimentalização do universo do saber, pela necessidade da evolução natural do conhecimento.

A busca do Direito não se resume em apresentar uma página com conteúdo fático, porém usando o adequado manejo da língua portuguesa, fazendo-se compreender no momento decisivo do: dá-me o fato e te darei o direito – “da mihi factum dabo tibi jus”.

Em todas as bibliotecas forenses, existe a constatação da aproximação estreita entre o Direito e a Literatura. A literatura anseia pela perfeição das formas através da beleza; o Direito reveste-se desta beleza como instrumento para a consecução da Justiça. É evidente que o meio não pode prejudicar o fim, mas é visível no cotidiano resplender no Fórum o apuro da linguagem.

A Casa Barão de Melgaço

Abrigo perene do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras. Neste casarão onde outrora o presidente da província Augusto João Manoel Leverger tinha o lar na sertaneja capital cuiabana, envolta no verde bravio, serena guardiã do Centro-Oeste, acreditando na posteridade que hoje se exalta no trepidante desenvolvimento das horas em que vivemos. Hosanas à Cuiabá, porque do “choro e ranger de dentes” da crônica das suas primeiras horas, está ela altaneira despontando economicamente na disputa com centros privilegiados e vingando do desprezo de outrora; sustenta que sabe garbosamente recuperar-se e vencer. Por este solar das letras passaram numes tutelares da cultura mato-grossense, os nossos maiores, perante os quais temos responsabilidade sem medida. Aqui, Francisco de Aquino Corrêa, presidente do Estado, e José Barnabé de Mesquita consolidaram os ideais da fundação do Centro Mato-Grossense de Letras em 1921, no Palácio da Instrução, oferecendo à sociedade o presente maior da sua cultura, instalando esta Academia de Letras.

O momento histórico da década de 30 era o de Zulmira Canavarros, equacionando o tempo entre o teatro e a música, oficializando com Gertrudes Machado o Instituto Mato-Grossense de Música, que já vinha de 1920. O clássico na Rua de Baixo era dedilhado intensamente ao piano pela mulher cuiabana. O violino e o piano animavam o cinema mudo. As bandas faziam a transposição do belo nas retretas do Jardim Alencastro. A Sociedade Dramática Amor à Arte vinha do século XIX, fundada pelo Comendador Henrique José Vieira, com grupos de teatro improvisados por muitas vezes no piso de chão batido até atingir 1942, quando Júlio Strübing Müller inaugura o Cineteatro Cuiabá – que nos dias de hoje pode estender o seu espaço à Academia Mato-Grossense de Letras, em combinação dos seus eventos, fazendo restabelecer tempos vividos, quando Luis-Philippe Pereira Leite e Balbina Garcia eram atores e Gervásio Leite crítico de teatro, dentre tantas figuras como registram as nossas crônicas. No tempo da grande empreitada da implantação da nossa Universidade Federal, exercendo o cargo de vice-reitor, que precedeu a minha eleição direta para reitor, no lançamento do meu livro Egéria Cuiabana, na UFMT, em 1976, uma jovem professora confidenciou-me: um dia eu vou levar ao palco, fazer encenar a saga de Zulmira Canavarros. Essa moça é Marília Beatriz de Figueiredo Leite.

A Academia e o Pensar livre

Francisco de Aquino Corrêa é o fundador do IHGMT e da AML. No governo do estado de Mato Grosso, a túnica do prelado no exercício da governança não o impedia de empreender tarefas de organização da arte e das letras em sua terra de berço. Pelo contrário, “a verdadeira arte é um sorriso de Deus” – acentuava o vate cuiabano.

Tenho repetido que a Academia não é uma Faculdade, mas Ateneu sem salas de aula; a casa do culto ao vernáculo, da literatura e do civismo; e é também enamorada da história. Nela o pensar é livre e a produção é assimilada pelo povo, única instância avaliadora em admitir a peculiaridade do seu existir. Não é um asilo, mas jardim cultivado de valores permanentes, rescendendo no seu acervo bibliográfico, enriquecido sempre.

Como escola diferenciada do cultivo da língua portuguesa, naturalmente necessita de parcerias com Faculdades e Instituições de Cultura para viabilizar seminários e cursos de extensão.

A constatação é de má aprendizagem da língua vernácula, mormente nesta era da Internet de alta valia, mas que acomoda o imediatismo. É possível o graduado em nível superior ser incapaz de discorrer com fluência, de juntar palavras coerentes de improviso. E ainda sofredor de pesadelo quando se lhe impõe redação de texto seletivo. Não se pretende obrigar como outrora o evangelho da gramática, porém é inadmissível o esfacelamento do maior bem cultural que é a Língua Portuguesa. A gramática estudada como fim é sinal de desvio do professor ao impor conhecimento, mas tê-la por importante na distinção das figuras de linguagem, quando o aprendiz é capaz de distinguir e de ideá-las.

Se Dom Aquino Corrêa é o presidente perpétuo, José de Mesquita há de ser o presidente de honra e Rubens de Mendonça o secretário perpétuo desta Academia Mato-Grossense de Letras.

Demos a palavra a José de Mesquita para repetir “dentro destes muros veneráveis, consagrados pela memória de um dos seus mais nobres servidores de Mato Grosso, o Barão de Melgaço, mourejamos. Aqui se ama e preiteia-se o Brasil uno e pacífico neste solar do pensamento, em cuja soleira deixamos ressentimentos e paixões para somente o culto da religião da beleza”.

O Curso e a Criatividade

Na defesa pública de Mestrado em Comunicação e Semiótica, limiar do seu doutoramento, Marília Beatriz, penetrou o universo modernista de Oswald de Andrade. O seu discurso Arquigrafia do Prazer adentra o romance Serafim Ponte Grande, liberando pensamento novo, colhido nas ideias revolucionárias na literatura, com rompimento do que havia de tradição no romance nacional, focando o simbolismo ou realismo. Importava ao líder do Modernismo de 22 sustar de vez com a marca exógena em nossa linguagem. Neste ponto, à época, a mestranda extraiu interpretação mais ampla e criativa da ligação com o lúdico, indicando sinal de rebeldia.

Evidencia-se no seu trabalho que a estilística é mais sentimento que encadeamento de regras, num voo livre de criação, em busca constante de signos virgens de conceituação.

- Partindo das poesias esparsas de Marília Beatriz até a sua obra *O Mágico e o Olho que Vê*, o leitor deleita-se no belo de um abstrato concreto de realismo.

- Ao ler *Entoar Canto* fui tomado de imagens do meu tempo de menino, quando em grupo aplaudíamos no bairro as lavadeiras bronzeadas ao sol, com o único instrumento, a banheira metálica, ritimando o canto demorado no esforçado movimento para clarear o terno de linho do doutor.

Através da janela desta poesia, vejo naquele cenário da ladeira à sombra do tamarindo: o partilhar, o cantar a solidão, o procurar lugar, o destemor de acertar o canto libertário, independente da métrica e da rima. Ficaram perenes na retina o deificar o outro e o dualizar o só – Então o só cedeu lugar ao cantar de multiplicar em meu espírito.

Na literatura, no teatro, no cinema ou na postura interpretativa de um óleo em tela, Marília Beatriz:

- ora decifra o recôndito, ou revela o escondido além da materialidade,

- ora descobre a linguagem metafísica das frutas, ou contrasta com o rimador escolástico e clássico para passear livre nos sentimentos luminosos da verdade.

Realizadora de símbolos, possui o dom imanente do transcendental, que permeia indistintamente o espírito humano.

Assim é: Marília Beatriz, no bom sentido é um perigo, conspira sempre.

Porém:

Conspira como fonte na água parada para provocar ondas bidimensionais na ondulatória da existência;

Conspira para mostrar que, por muitas vezes, o oblíquo supera o reto, ou que o oblíquo ganha em linearidade;

Conspira para indicar o interior como o lado verdadeiro, ou que a massa cinzenta tem outras cores.

Marília Beatriz chegou

- Entra Marília Beatriz, diria Augusto João Manoel Leverger: a casa é sua. Sente-se, acomode-se aqui na varanda ao meu lado. Conte-me das suas andanças, do seu cansaço, após percorrer tantas estradas poeirentas.

Sôfrega de emoção, ela, após receber o prêmio do ósculo e do abraço seria conduzida aos aposentos deste solar, respirando o cheiro do melado de rapadura no tacho de cobre e o perfume das roseiras até chegar ao quintal do Barão – o Barão de Melgaço.

Da minha parte, respiro agora a realidade, doce realidade pela graça concedida pela elegância da Providência em proporcionar a todos nós este feliz acontecimento.

Os confrades acadêmicos, que aprovaram esta minha incumbência, em companhia dos amigos e pessoas gradas presentes nesta luminosa tertúlia louvam a sua chegada.

Marília Beatriz tenha muita vida nesta Casa, não permita que a goteira do des-crédito ou do abandono prejudique a taipa socada da língua portuguesa, da literatura, e da história de Mato Grosso.

Tenho dito.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE



Comovida com as palavras proferidas pelo ilustre acadêmico professor Benedito Pedro Dorileo, sinto que minhas responsabilidades aumentam e prometo, desde já, que tudo farei para, respeitando os ditames estatutários, colaborar somando e multiplicando o legado desta Instituição. Estou pronta para a luta e com a certeza de vitórias!

Ressalto a importância do ritual que acabei de participar. Ritual é algo que faz parte de toda vida e não se pode fugir dele, sob pena de desgarrarmos do presente e do futuro. Creio que a humanidade inicia o entendimento de que o caminho cerimonialístico pertence à essência da vida imaterial. O ritual tanto emoldura as viagens espaciais, quanto se apresenta nos gestos simples do cotidiano. Mas o ritual que agora atravessei aponta para um futuro revelador para a minha geração. A minha geração em certa medida desprezou importantes rituais e agora tem que dar conta, tem que buscar testemunhos que rompam com os estranhamentos e abracem a valia do processo ritualístico. Preciso estar atenta a isso que a contemporaneidade clama **uma inversão hierárquica**, discussões algumas vezes inúteis sobre **particular/público ou individual/coletivo**. O que interessa no ritual é a possibilidade de produções prevalentes das atividades humanas, posto que, sem um único princípio global como é o ritual, nenhuma ordem pode ser estabelecida. Penso que é isso que vemos e vivemos aqui, agora e sempre!

A alegria de adentrar esta casa do Barão de Melgaço vem acompanhada pela importância da plêiade da cadeira nº 2 que, mais do que nunca, compõe a moldura da minha memória intelectual e afetiva.

O patrono Joaquim da Costa Siqueira, nascido em São Paulo, em 1740, fez parte do ciclo dos cronistas que marcaram os albores da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Coube continuar a obra importante do outro cronista José Barbosa de Sá. Conforme registram alguns dos escritos sobre ele, além de publicar *Compêndio Cronológico das Notícias de Cuiabá* e *Crônicas de Cuiabá* que continham apreciações político – administrativas, também teve trabalho de relevo anotando as festas, folguedos e as peças que ocorriam à época. Tais registros indicam o caráter cultural que sublinha a interferência que os portugueses exerceram sobre os moradores daqui e, que em certo sentido, permanece conforme é possível perceber nas danças folclóricas ou religiosas como a de São Gonçalo.

Sobre ele e sua pena escreveu o Juiz de Fora DR. Diogo de Toledo Lara Ordóñez: “É o mais capaz desta vila... pelas luzes, critério e conhecida probidade.”

Interessante registrar que, quando Barbosa de Sá morreu, Joaquim da Costa Siqueira fez questão de arrematar a biblioteca do falecido cronista e, certamente, expandiu os seus conhecimentos. Como político também granjeou respeitabilidade. Faleceu em Cuiabá em 1821.

Deixo aqui a voz do fundador da cadeira nº 2 GERVÁSIO LEITE que realça a personalidade do patrono: “Faiscante figura da nossa história, dono da mais sortida biblioteca do tempo, espírito de eleição, espécie de flor exótica perdida na lavra...”

Sem dúvida são homens como ele que forjaram o caráter da nossa gente: destemida, atenta aos fatos e cônica do compromisso histórico com a vida! Encerro a apresentação desta relevante personagem com outra apreciação de Gervásio Leite a propósito de um dos textos de Joaquim da Costa Siqueira: “Lá está, pormenorizada-mente, toda a história da cidade que Sutil plantou um dia, no sopé do Rosário, dos seus homens, de suas grandezas e misérias, de seus instantes heroicos e sombrios com detalhes de toda ordem”.

Vejam que responsabilidade tenho em ocupar esta cadeira cujo patrono é um homem que soube cuidar de seu tempo e plantou, no espaço mato-grossense, frutos que até hoje são colhidos pelos estudiosos.

Gervásio Leite, fundador da cadeira e que escolheu o patrono, é afetiva e intelectualmente responsável pelo meu desejo de estar aqui. E eis-me diante de todos para tratar de alguém que marcou a minha e a vida de muitos. Nascido aqui, em 1916, morre no Rio de Janeiro em 1990. Na verdade, falar do cidadão Gervásio Leite é recortar personalidade múltipla que com sua constante alegria, seu coração festivo e os fartos conhecimentos fomentadores de suas atividades, deixou um legado até hoje ainda pouco explorado.

Como escritor, Gervásio Leite mostrou, em seus diversos textos, aquilo que o Professor Haroldo de Campos denominou GESTO ESCRITURAL, que nada mais é que a revelação, a densidade de estilo. O estilo gervasiano retratava a sua inquietação, sua vontade de engolir tudo: saberes e sabores da vida. Tinha um jeito similar ao modernista Oswald de Andrade e isso surge quando lança aqui as bases do modernismo no Movimento Graça Aranha, juntamente com Rubens de Mendonça e João Batista Martins de Melo, fundando a revista Pindorama e que, em recente artigo, o Acadêmico Professor Benedito Pedro Dorileo chama a atenção que tal movimento precisa ser mais estudado. O modo crítico de Gervásio Leite é, antes do mais, o aprimoramento do olhar mágico sobre a literatura, da reinvenção da imaginação e da beleza em mirar o futuro. Tais características surgem em diversos de seus escritos e cito um parecer, redigido e assinado por ele, que tratou de reajuste para aposentadoria do ilustre Estevão de Mendonça. Com emoção passo a ler alguns tópicos: Gozando de alto conceito entre historiadores e geógrafos, membro de várias associações científicas nacionais e estrangeiras, entre as quais a Real Academia de Ciências da Suécia, de que é sócio correspondente, o professor Estevão de Mendonça dedicou sua longa vida ao magistério e às pesquisas de história e da geografia. O que pretende o Poder Executivo é de mais alta justiça. Trata-se de homenagear um nobre espírito, um desses homens que desambicionados dos proventos materiais, dedicou-se às ciências e ao magistério, dando de si o melhor num desinteresse que o torna merecedor do apreço e da estima do Poder Público”. Com essas e outras justificativas, o Deputado Gervásio Leite lutou pelo reajuste da aposentadoria, para que o venerado mestre pudesse gozar nas palavras do parlamentar do *otium cum dignitate*. E isso em 1947! Hoje, há toda uma teoria sobre a importância do ócio.

Face parlamentar que continua depois na sua vida como advogado. E sobre isso diz com elegância e conhecimento o Acadêmico DES. Benedito Pereira do Nascimento: “Com entusiasmo e energia encarnou as aspirações mais legítimas dos advogados e a defesa de suas prerrogativas” (Revista da Academia Mato-Grossense de Letras - Comemorativa dos 90 anos, p.53). No Boletim do BRASIL OESTE, o diretor Dr. Agrícola Paes de Barros, em março de 1954, escreve HONRA AO MÉRITO para Gervásio Leite e, entre outras características, afirma: “...luta sozinho e vai vencendo galhardamente. Fala o que sente, manifesta com altivez as suas ideias, pouco se preocupando com as consequências que possam surgir, por suas atitudes.”

Quando assumiu o cargo de Desembargador, continuou lutando pelo que acreditava. E lembro aqui a passagem em que um preso pediu *habeas corpus* num pedaço de papel de embrulho de pão e, para espanto de muitos, ele foi até a cadeia e, posteriormente, concedeu a liberdade solicitada.

Como jurista, escreveu *Parte Geral do Direito Civil*, edição do Governo do Estado de Mato Grosso, 1970, *Imposto territorial*, edição da Imprensa Oficial, 1946; *As imunidades dos vereadores e a Constituição do Estado*, Imprensa Oficial, 1948; entre outros. Na V Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, cuja temática foi o Advogado e os Direitos do Homem (1974), proferiu comunicação que levou o título *Limitações dos Direitos do Homem: Legitimidade e Alcance*. Ressalto trecho “As limitações das liberdades e dos direitos... devem ser acolhidas com extremado cuidado, entregando sempre ao Judiciário, o exame de cada caso que implique na violação dos Direitos do homem, assegurando aos juízes a plena liberdade de examinar os casos que lhes são submetidos, sem ter que obedecer qualquer lei de exceção...” esta é postura DE QUEM jamais acolheu qualquer ato restritivo à LIBERDADE em todos os planos. E isso recebi como tesouro e não pretendo me afastar.

Importante verificar que, em certo modo, desenha suas crônicas como a passagem não mais do tempo, mas do espaço vivenciado, diz ele no artigo “*Radiografia de Mato Grosso* “(...) o imenso complexo denominado Mato Grosso não é uma região subdesenvolvida, mas, verdadeiramente, uma região que ainda não começou a ser explorada e cuja exploração, ou aproveitamento de suas riquezas, algumas ainda não fixadas no seu valor econômico, depende da organização de uma infra-instrutora sobre a qual há de assentar os elementos dinamizadores dessas riquezas.” (Social Democrata, 25, VII, 1967)

No plano da literatura deixou *Terra Agarrativa e Linda - Roteiro de uma Personalidade* e poemas. Ouçamos um trecho de *Primeiro Poema para as Mulheres que Amei*:

*Mulheres que amei um dia
Mulheres de olhos esquisitos
Como tâmaras maduras,
.....”*

As variadas faces de Gervásio Leite demonstram o interesse maior pelo humano, pelo meio ambiente, pelo Direito e pela Justiça. Sua face como SER retrata, como

bem disse Professor Dorileo, a inquietação do fabricante das magias da vida. Para finalizar, devo destacar uma de suas reflexões sobre a educação em seu livro *Um Século de instrução pública*: “Os programas seriam organizados de tal modo que o ensino se tornaria um conjunto de experiências vitais, para ministrar ao educando todos os elementos, todas as técnicas que facilitassem a VIDA no seu ambiente” E prossegue para concluir “... fazendo do educando não só mais um alfabetizado, mas ainda, um elemento positivo dentro da economia de uma região.” A face voltada para a educação fez de GERVÁSIO LEITE um pioneiro em busca de soluções para o ensino e a aprendizagem. Amava a Universidade Federal de Mato Grosso, tendo sido Professor de Direito Civil e, posteriormente, Coordenador do Centro de Letras e Ciências Humanas.

E termino meu pequeno relato sobre o fundador da Cadeira, afirmando como já fiz aqui mesmo por ocasião dos 90 anos, que ele é uma ponte de afeto tanto no nível pessoal, quanto no campo do coletivo, pois tudo que tocou, que abraçou, que realizou, vinha com a chama do amor pelo ser e tudo que plantou, que regou e que colheu era permeado pelo afeto do estar. Ser e estar são condições centrais da mundividência apaixonada de Gervásio Leite.

O último ocupante da cadeira nº 2 - Satyro Benedicto de Oliveira, mineiro de Uberaba, nascido em 1931, era formado em Direito pela PUC do Rio de Janeiro. Desde cedo foi um militante nas hostes acadêmicas, tendo ocupado postos na área discente tanto na UME, quanto na UNE e por ali começou a surgir um dos mais importantes traços de sua personalidade e inteligência: a oratória - pois venceu um concurso nacional promovido pela UNE.

Ocupou diversos cargos como advogado. Advogou em Minas Gerais para importantes instituições, como a FEBEM, o BEMGE, entre outras. Foi vereador em Uberaba e presidiu a Câmara Municipal em 1960. Lá nas Minas exercitava seu dom tribúncio e sempre aplaudido por conta da excelência e pontuais orações.

Vindo para Mato Grosso, aqui prestou concurso para Promotor de Justiça e foi colocado em 1º lugar e começa, nesse momento, uma estrada vitoriosa. Como membro do Ministério Público foi promovido por merecimento. Também por merecimento alcança o status de Procurador da Justiça.

Professor na Universidade Federal de Mato Grosso.

Participa como conferencista em diversas agremiações e instituições entre as quais a UNIVAG e a UNIC.

Em dezembro de 1991 toma posse aqui na Academia e como vibrante orador é designado por vários presidentes, desta casa, para representá-la em diversas oportunidades. Foi orador oficial do TREM - Associação Tradições do Estado de Minas Gerais além de, com alegria, ter escrito no jornal oficial dessa associação. Assim é possível esboçar a figura ímpar de Satyro Benedicto de Oliveira, homem - como disse D. Luzia, esposa do referido acadêmico - chegado às falas para sempre ensinar o que, segundo a viúva, era o que ele mais gostava; e conforme declaração de alguns dos seus pares nesta casa, a sua competência para falar das tribunas era iluminada! O ilustre causídico Acadêmico falece em Cuiabá em 2005.

Gostaria de fazer uma consideração sobre a importância dos três Acadêmicos: o 1º foi um perfeito cronista do seu tempo e buscava registrar o espaço; o 2º, um cronista mais do espaço, do meio, atento às narrativas e às revoluções e, o último, Acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira fez com a fala, o discurso e a oratória, a beleza de uma outra classe de crônica. A crônica da fala conforme texto bíblico: “E o verbo se fez...”. No caso em tela há conjunção interessante da palavra como escrita e da letra como registro. Três exemplos de literariedade, exemplo da arte da palavra. Do estilo como estilete que corta e encarna a vida dos gêneros das letras!

Pois bem, aqui está o que a pelerine preparou: Devo e aceito a grande honra de ocupar o espaço desses grandes nomes que me antecederam. Não sei, porém, se terei as cores, o brilho e a competência dos meus precedentes luminares. Sou imortal! E o que é a imortalidade no meu entendimento? Ser imortal é comprometer-se com o finito, na tentativa de escrever infinitamente cada vez melhor, sem perder de vista o que é o agora e o que será o amanhã, com os olhos plenos de cordialidade no passado. Como bem disse Paulinho da Viola: “*Eu não sou o passado. O passado vive em mim!*” Dessarte imortal é marcar o corpo da letra com alma do saber. Transfigurar esta morada para elevar sempre mais as possibilidades intelectuais, artísticas e socioculturais junto com os ilustrados acadêmicos!

Passo por este fragmento de tempo para fazer a minha declaração de amor/saber, de gosto/sabor por todos os frutos desejosos disso que alguns chamam de pós-modernidade e que outros traduzem por contemporaneidade. É preciso aceitar os sonhos de todos criadores, tanto nas letras como na Arte porque tudo é expressão do eterno círculo que é a cultura: sempre trocando de roupa, mas reforçando celebrações. Ultimamente, muita gente anuncia que as Letras e a Arte estão mudando de vestes. Alguns concordam e outros não aceitam tal fato. Ora, o homem apresenta uma incompletude quer diante de si quanto do objeto artístico e, sendo assim, só lhe resta esperar pelo que vem se ajeitando na contemporaneidade. O meu sonho é quase de um Baudelaire ou de uma Cecília Meireles ou ainda de nosso poeta maior Manoel de Barros, acompanhado pela chancela poética de Silva Freire. Se Baudelaire passeava por Paris e extraía assim suas belezas, Cecília perguntava: “Em que espelho ficou perdida a minha face?”. Salva por Manoel de Barros que verseja era de profissão, encantador de palavras e com Silva Freire aprendi nas *Redes*:

- na lavrada
A varanda
É lança:
Espeta
O encanto
Do acalanto
Acalenta
O canto
E o pranto

Com todos eles e os senhores, agora meus pares, aguardo ansiosa todos os sonhos de arte/letra e assim recebo a Academia e estou acadêmica. Obrigada!

CADEIRA 3

PATRONO

Ricardo Franco de Almeida Serra

OCUPANTES

Miguel Carmo de Oliveira Melo
Lécio Gomes de Souza
Rubens Mendes de Castro
Antônio Soares Gomes

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO RUBENS MENDES DE CASTRO

Cuiabá, 26 de junho de 1997

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO RUBENS
MENDES DE CASTRO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS
GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO RUBENS MENDES
DE CASTRO**

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO RUBENS MENDES DE CASTRO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



Manda o protocolo que rege solenidades importantes como esta, que os oradores-participantes tragam seus discursos ESCRITOS, para o devido registro ou divulgação posterior. Não contesto a validade desta regra, porém afirmo que, para falar de poesia e para dizer algo na recepção a um poeta da categoria do empossando, não haveria a menor necessidade de trazer algo rascunhado ou pré-elaborado, pois bastaria que eu abrisse o peito e deixasse falar o coração - como origem, que é, de toda a inspiração poética - a sua fala de sentimento sincero e espontâneo.

Ilmo. Sr. Presidente, acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira. Exmas. Autoridades componentes da Mesa de Trabalhos. Minhas senhoras. Meus senhores. Carísimos confreres e confrades. Poeta Rubens Mendes de Castro.

Extremamente lisonjeado pela vossa escolha para dar-vos as boas-vindas a esta Academia - escolha, esta, feita muito antes de ter sido, eu, eleito seu presidente -, digo inicialmente que, pelo que temos em comum, sinto-me muito à vontade para falar sobre vós, Rubens de Castro: tendo, em minha ascendência, um ramo originário da Bahia, possuímos alguma semelhança de origem; como cuiabano, que sou, somos meio-contrerrâneos, pelo grande amor que dedicais a esta Terra; e, como corumbaenses de adoção, durante muitos anos, fomos contrerrâneos por inteiro.

Não bastassem estas coincidências, trazemos oculto desde o berço, o mesmo estigma da diabete que, se nos entopem as artérias também deve ter respingado algum açúcar em nossas próprias almas - tornando-as mais doces.

Curioso será observarmos que esta Cadeira de Nº 3, da Academia Mato-grossense de Letras, sempre esteve ocupada por alguém, de alguma forma, ligado a Corumbá. Vejamos, o seu patrono, Ricardo Franco de Almeida Serra, foi o heroico defensor do Forte de Coimbra localizado naquele município. O seu primeiro ocupante, Miguel Carmo de Oliveira Mello, filho do grande general Mello - O Bravo -, o qual, recusando a segura retirada de oficiais, em navios, foi, espontaneamente, o heroico comandante, a meu ver, do mais belo feito registrado pela história da guerra contra Lopes - quando conduziu desvalidas praças e civis, abandonados na cidade sob a ameaça de iminente invasão pelo poderoso inimigo, através de um pantanal bruto e alagado, até a chegada, maltrapilhos, mas são e salvos a Cuiabá. Além disto, Miguel Mello foi fiscal do Estado de Mato Grosso, nas Minas de Urucum e na construção do imponente prédio do antigo Grupo Escolar Luís de Albuquerque, em Corumbá. Antes, como empreiteiro, havia ali instalado o serviço de abastecimento de água à população. O segundo titular, Lécio Gomes de Souza: poeta, escritor e historiador, general-médico do Exército Brasileiro, optou por aquela cidade para exercer a Arte de curar, até que ali terminasse os seus dias e passasse a enriquecer, com o seu corpo físico, o próprio solo corumbaense. Agora, hoje aqui estamos - o empossando e o seu receptor nesta Casa - ambos com um passado de três décadas vividas na Cidade Branca.

Conheçamos o poeta:

*Da Diamantina chapada,
que tanto tesouro deu,
mais vale, que a gema achada,
poeta que lá nasceu.*

Nasceu, Rubens Mendes de Castro, que carinhosamente chamamos Baiano, em Lençóis - na bela região baiana da Chapada Diamantina - a 7 de julho de 1914, filho de Faustino Gomes de Castro e Guiomar Mendes de Castro. Até a sétima série estudou no Colégio Evangélico dos Americanos, em Fonte Nova - cidade próxima a Lençóis. Depois, foi para o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, de Irmãos Maristas, em Salvador, onde permaneceu até terminar o 5º ano ginasial. Completou seus estudos no Colégio Vieira, na Capital baiana, quando se diplomou em Ciências e Letras.

*Cuiabá, de encantamento
capaz de apreender um astro,
bem soube, em feliz momento,
conquistar Rubens de Castro.*

Em setembro de 1936 aportava, ele, em Cuiabá, para tentar a vida. Morou aqui perto, no Hotel Gama, que existia na Rua de Cima (Pedro Celestino), próximo ao Jardim (Praça Alencastro). Seu primeiro emprego, nesta cidade, foi no Tesouro do Estado. Mais tarde seria Agente de Minas, em Poxoréo. Logo após aqui ter chegado revelou-se um craque do futebol, o que lhe deu prestígio para conseguir sua primeira colocação. Jogou pelo Comércio Futebol Clube, do meu tio Manoel Soares Campos, com destacado brilho. E, como soube, também, usar as pernas!

*Poesia: é tormento, é calma,
poderá ser treva ou luz;
apenas estado d'alma
que o verso, tão bem, traduz.*

A alma de poeta-nato, de Rubens de Castro, logo se revelou nos versos que começou a compor - talvez influenciado por aqueles encantos da Cidade Verde.

Na década de quarenta, já estava ao lado de Otávio Cunha, Newton Alfredo, João Antônio Neto e Agenor Ferreira Leão. Com estes dois últimos, fundou o jornal literário "GANGA".

Em 1939 casou-se com Antônia Augusta de Arruda - de uma das mais tradicionais famílias cuiabanas - com quem teve os filhos: Ronaldo, Roberto, Rogério e Rosália; todos com os nomes iniciados com o mesmo R de RIMA, da qual sempre foi dedicado cultor.

Acompanhemos o poeta em suas andanças, cheguemos até a

A deusa do Xaraés

*Não há vivente que se faça alheio
ante os encantos da sutil planura,
que foi criada para ser o esteio,
de interno mar, insosso e d'água pura.*

*Quando na cheia há uma quietude morna,
neste oceano a parecer sem fim;
se na vazante ele, a cantar, se torna
vagas de vento a farfalhar capim.*

*No Xaraés vemos surgir em ilha,
qual uma Vênus, despertando amor,
das doces águas, a mais bela filha,
feita buquê, com os aguapés em flor.*

*Plantada, ativa na gentil barranca,
ali, por Deus, em primoroso altar :
eis Corumbá !... linda Cidade Branca,
que o Pantanal, devoto, vem beijar.*

Transcorria o ano de 1948, quando Rubens de Castro iniciou suas viagens de negócios a Corumbá, onde, mais tarde se estabeleceu. Lá prosseguiu com sua bela e farta produção poética. Conquistou inúmeros prêmios - muitos em primeiro lugar - em Jogos Florais por todo o Brasil. Como poeta e trovador teve, também, apreciada colaboração na Imprensa. Publicou dois apreciadíssimos livros de poesias: Alma cigana e Flor dos aguaçais; e, do mesmo gênero, tem várias outras obras a publicar, inclusive interessante coletânea de versos satíricos. É Membro-efetivo da Academia Sul Mato-grossense de Letras.

O que apresentei, até agora, foi a parte externa do laureado poeta. Conheçamos, a seguir, o seu interior, sua alma que, como veremos, aflora em inspirados versos.

Preparando-nos, pois, para este deleite, de visitarmos o íntimo do poeta, recordemos que todo o indivíduo dotado de grande sensibilidade é um inspirado; e, se ele consegue comunicar esta inspiração a outrem - seja sob a forma de poesia, prosa, música, pintura ou escultura - é um artista.

O artista - principalmente o poeta -, sendo um hipersensível, é de convivência difícil: ama mais, odeia mais, sofre mais, goza mais, ressent-se mais e, ao fim, perdoa mais e, por isto, espera, também, ser sempre perdoado.

Além disto, o artista, às vezes sente-se enganado pelos seus próprios sentidos, pois, sendo um cultor do belo em todas as suas manifestações, pode descobrir que beleza e bondade nem sempre caminham juntas.

A poesia está em todos - vivos ou ausentes -, em todo lugar e nos mais variados sentimentos, basta que impressionem a alma do poeta, transformando-se em musa inspiradora.

Assim, Bequerel, em belo poema, nos relatou um diálogo com sua amada que, em momento de enlevo, insistentemente, queria uma definição de poesia:

- *Que es poesia ?*
Dices, mientras clavas,
em mis pupilas, tu pupila azul.
 - *Que es poesia ?*
 - *Y tu me lo preguntas ?*
Poesia... eres tu !

Feitas estas considerações, visitemos a sensível alma do ilustre empossando.

Mas... cuidado! Não poderemos adentrar o íntimo de um poeta, sem nos fazermos anunciar... para que não cometamos qualquer incômodo ou indiscrição! Poderíamos desfazer uma bela imagem, destruir um sonho ou, mesmo, surpreender alguma musa - gerada pela imaginação do poeta - ainda descomposta ou em atitude não condizente com nossa inoportuna intromissão, como o próprio Rubens de Castro canta nestes versos do seu belo poema Amor pagão:

Cabeça solta, machucando a fronha...
Olhos cerrados de quem dorme e sonha
Aquilo que não vem!...
Para acordar-te, então, bastava um beijo,
E estremecendo as carnes de desejo,
Beijavas-me, também!
Do régio colo erguiam-se indiscretos,
Dois alvos pomos, trêmulos e eretos,
Manchados de carmim !
E até mesmo ao rigor de mil Sibéria,
O sangue ferveria nas artérias,
De quem te visse assim.

O mesmo Lécio Gomes de Souza, aquele nosso saudoso e inesquecível amigo-comum, hoje sucedido nesta Academia pelo poeta Rubens de Castro, há muitos anos, disse a respeito deste: “O Baiano foi um volúvel em seus amores da mocidade.”; diagnóstico bem acertado que, ele mesmo, nos confessa nesta trova :

Se até o rio tem direito
De deixar leito vazio,
Trocando sempre de leito
Eu sigo o exemplo do rio.

Mas, esta volubilidade, foi por certo consequência da necessidade de distribuir o tanto de amor acumulado em sua alma de artista. Assim, por estes amores, sofreu e, algumas vezes, sentiu-se abandonado, como conta nestes versos:

*De gota em gota pingando,
Sem ver que a chuva parou,
Goteira... é a casa chorando
Porque você não voltou.*

Por este abandono sentido, também chorou... e fez chorar até os insensíveis e inanimados!... e, trovando, cantou:

*Naquele quarto onde outrora
Nosso amor viveu... sonhou,
Sua boneca que chora
Me vendo triste chorou.*

Poeta não se arrepende porque vive o estado atual de sua alma, mas... sente saudade! E, foi com profunda saudade da família e da sua Cuiabá, nunca esquecidas, que escreveu, quando já morando em Corumbá:

*Em um passado repousa
A paz que agora não há:
Meus filhos e a terna esposa,
Dos tempos de Cuiabá.*

Como artista-sonhador e criatura humana de bons princípios, no seu poema Meu Sonho, revela-nos o sonho que acalenta:

*Um mundo bom, sem misérias,
Sem ter chagas deletérias,
Mais humano e mais igual...
Sonhei que havia surgido
Em lugar do corrompido,
Do horrendo mundo atual!*

*Das cinzas do mundo extinto,
Carente, podre, faminto,
Cheio de luto e de horror...
Outro irrompeu de repente,
Onde o povo era mais gente,
Tinha mais fé, mais amor!*

Vimos, então, que a vida do poeta é toda emoção, traduzida em versos maviosos!

A sensibilidade de Rubens de Castro, identificada como inspiração poética, é de tamanha grandeza que não poderia caber em uma só pessoa; e foi assim que, no mais completo dos atos de amor, transbordou-a, com seu próprio ser, resultando em outro vate, genial, já com assento nesta Academia.

Agradecemos, ao Baiano, as suas maravilhosas produções que a todos nós encanta. Agradecemos, também, pela clonagem poética que, com seu amor, conseguiu obter: o nosso confrade Ronaldo.

Mas, sobretudo, agradeçamos a Deus, que nos dotou da capacidade de apreciar a poesia de Rubens de Castro e toda a boa expressão artística.

Agradecemos mais, ao Criador, que foi tão misericordioso, quando a insuficiência circulatória condenou nosso poeta a sofrer mutilações, subestimou, Ele, a integridade física do seu dileto filho, mas, conservou-lhe intacta sua maior preciosidade: a capacidade de pensar, de sentir e de transmitir-nos, este sentimento, da mais sublime das formas: a boa poesia!

Baiano, vai aqui algo mais que temos em comum: o sentir as emoções das casas que nos abriga. Se outrora, como há pouco citei, sentistes uma casa chorando pela partida da amada de plantão em seu coração de poeta, sempre lotado de amor; nesta noite, eu, estou sentindo a vibração de felicidade destas grossas paredes da velha Casa Barão de Melgaço, certamente tangidas pelos aplausos prazerosos, por este evento, dos nossos grandes poetas que já se foram, mas, sendo a ela eternamente ligados, permanecem sempre vivos neste recinto, invocados, que são, pela nossa lembrança. Recordemos, pois, os fundadores da Academia Mato-grossense de Letras - Dom Francisco de Aquino Corrêa e José Barnabé de Mesquita, os patronos - Antônio Tolentino de Almeida e José Thomaz de Almeida Serra, e os confrades extintos - Gervásio Leite, Lécio Gomes de Souza, Rubens de Mendonça, Gabriel Vandoni de Barros, Franklin Cassiano da Silva, Carlos de Castro Brasil, Agenor Ferreira Leão, Otávio Cunha Cavalcanti, Luís Feitosa Rodrigues, Amarílio Novis, João Vilasboas, Jary Gomes, Rosário Congro, Newton Alfredo Aguiar, Silva Freire, Ulysses Cuiabano, Ciro Sodré, entre outros verdadeiros mestres da poesia, ligados a esta Casa. Certo estou de que, também vós, sabereis sentir estas presenças e, assim, podereis perceber, em sua plenitude, toda a grandeza da Casa que hoje vos acolhe.

E - vede!... - vossos novos-confrades que aqui ainda estão em corpo e alma, reconhecendo que vindes Rubens Mendes de Castro, para elevar o nome deste Silogeu - uma autêntica sede de cultura da beleza e da estética -, comigo são solidários quando, encerrando esta saudação, exclamo:

*Pela nossa Academia,
a vós, inspirado esteta,
eu digo, em grande alegria:
- Sede bem vindo, poeta!*

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO RUBENS MENDES DE CASTRO



Designados que fomos pela Assembleia Geral desta Academia para integrar o quadro efeito de seus componentes, ocupando a cadeira n.º 3, cujo patrono é Ricardo Franco da Almeida Serra, aqui estamos para dar cabal cumprimento à difícil, porém amorável tarefa que nos foi confiada de, obedecendo a praxe ditada pelos estatutos desta Casa do Saber, proferir nosso discurso de posse.

Sendo um homem simples por princípio e convicção, que temos sempre vivido entre algumas vitórias e os múltiplos desenganos deste mundo que tanto promete e dá tão pouco, achamos que até nem merecíamos a honrosa deferência da escolha de nosso modesto nome, para figurar junto a esta plêiade de intelectuais que abrilhantam este Sodalício.

Mas, sem avocar para nós qualidades de orador que não possuímos, firmados no enunciado desta célebre frase contida na Eneida de Virgílio, *Audaces fortuna juvat*, dentro de nossas limitações, procuraremos honrar a tradição e os foros de cultura deste Cenáculo das Letras, que sói ser, a Academia Mato-Grossense de Letras.

Outrossim, queremos adiantar que não somos escritor, conferencista, ou qualquer cousa que o valha.

Somos sim, um poeta menor, um sonhador inveterado e destarte, neste ensejo, nossas palavras serão simples e sinceras, como simples, sincero e verdadeiro, é tudo aquilo que brota diretamente do coração.

Somos sim, autodidatas da cultura geral e da poesia, cometimentos estes que não são privativos, isto é, não se constituem em privilégio de ninguém.

Aprendem ou adquirem cultura aqueles que, alheios ao comodismo estacionário, queimam as pestanas em cima de bons livros e, acima de tudo, assimilam o que leem como também, fazem poesias, aqueles que feliz ou infelizmente nasceram poetas.

Meus Senhores:

Tendo o Dr. Lécio Gomes de Souza, em seu expressivo discurso de posse à esta Agremiação de eruditos, discorrido sobejamente sobre as personalidades de Ricardo Franco e Miguel Melo, em leves pinceladas traçaremos as passagens de tão magnificantes vultos, pela história de Mato Grosso.

Ricardo Franco de Almeida Serra, o Patrono da Cadeira número 3, que ora temos a honra de ocupar, foi uma personalidade ímpar, possuidor de prejudicados que lhe ornaram o caráter puro, irreprochável, como a bonomia, a justiça, a caridade e a franqueza. Isto é demonstrado nas várias atividades exercidas ao longo de sua vida, como geógrafo, explorador, engenheiro, militar e literato.

Jamais vacilou entre o bem-estar próprio e os interesses da causa pública. Por 27 anos a fio prestou à Capitania de Mato Grosso os mais relevantes serviços nas múltiplas facetas de sua competência, com afinco, honestidade e critério. Excedeu-se a si mesmo e a tudo que de humano se pode produzir no tempo e no espaço. Foi um repositório de sabedoria e virtude, um exemplo dignificante de pundonor e moral.

Miguel Carmo de Oliveira Melo, que também tomou assento nesta poltrona histórica, pontificou-se como figura de relevo em Mato Grosso, tanto no campo ocupacional, como no político e literário. Teve educação esmerada e, graças à sua cultura e habilidade, granjeou elevados postos e indiscutível prestígio. Homem de Letras, salientou-se como jornalista sagaz, polemista versátil e sutil argumentador. Colaborou em diversos periódicos do Estado e tornou-se redator do *Correio Mato-grossense*.

O seu nome consta da relação dos fundadores da Associação Mato-grossense de Imprensa e, na qualidade de membro da agremiação, é que se elegeu deputado classista em 1936. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, prestigiosa entidade, guardiã de nossas caras tradições.

Na fundação deste Soligueu, a 7 de setembro de 1932, se bem possa tal acontecimento ser recuado para dez anos atrás, ao surgir o Centro Mato-Grossense de Letras, de que é real continuador, lá estava Miguel Carmo entre o seletivo grupo de intelectuais. Foi-lhe dada a preencher a cadeira nº 3, com um glorioso patrono, que é Ricardo Franco. Conservou-a dignamente até setembro de 1961, quando o arrebatou a morte. Cerca de sete anos permaneceu vazia, envolto o espaldar pelo crepe da saudade.

Sucedeu-lhe, com honradez, o meu antecessor e dileto amigo, Lécio Gomes de Souza, que, em seu memorável discurso de posse enfatizou:

Hoje cabe-nos a responsabilidade da substituição e sentimos que ela nos pesa desmesuradamente, Envaidece-nos deveras o manto da Imortalidade com que nos revestistes. Assumimos o solene compromisso de honrá-lo e não compuscar-lhe a pureza.

Assim o fez...

Dr. Lécio Gomes de Souza

A Estrela Refulgente

Corumbá, esta princesa encantada, eternamente debruçada sobre uma escarpa de morro, mirando-se vaidosa no espelho cristalino do Rio Paraguai, entre as demais cousas que a enriquecem, teve uma singular primazia.

Toda ela, com a ternura e respeito que lhe caracterizam, sente-se orgulhosa e honrada de ter abrigado em seu seio, por alguns decênios, a figura simpática, cavalheiresca e condigna de seu filho adotivo Dr. Lécio Gomes de Souza.

Abrindo espaço para enaltecer com o relevo de que se faz credor, foi ele um dos fundadores da Academia Corumbaense de Letras, membro efetivo desta Casa Barão de Melgaço, notável cultor da História e da poesia, e consagrado por diversas instituições literárias do País.

Posteriormente, escolhido por merecimento e convidado para fazer parte da galeria dos imortais da também Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nosso eminente intelectual tomou posse de sua cadeira naquela colenda Corte de Sapiência, em sessão solene realizada na capital do Estado.

De feitio contrário ao mister de incensar mediocridades empoleiradas no conceito de pessoas menos avisadas, quando necessário e oportuno, não regateamos aplausos nem elogios a homens de envergadura de um Lécio Gomes de Souza.

Não nos constituindo em preza fácil de qualquer espécie de complexo, principalmente no campo literário, nossas atitudes neste setor de atividades têm sido sempre pautadas pelo incorruptível ideal de justiça, espelhando deste modo, unicamente franqueza e espontaneidade.

Homem simples por excelência, ponderado o meticuloso, apanágio dos sábios, de esmerada educação e de espírito jovial, o Dr. Lécio, pelas suas excelsas virtudes de caráter, sabia cativar pela finura do trato e prender a todos que dele se acercavam pelas sutilezas de sua brilhante inteligência.

Vulto exponencial da cultura mato-grossense — quando instado — disputava-se a dar rédeas à sua polimorfa sapiência, constituía um prazer ouvi-lo discorrer sobre os mais variegados temas, com aquela autoridade e erudição somente próprias de cabeças privilegiadas.

Detentor de um sem número de títulos e comendas honoríficas, que atestam o brilho de seu intelecto e a extensão de seu inegável valor, Acadêmico e Historiador de renome, emérito professor de literatura da Universidade de Mato Grosso do Sul, possuía ainda ele um acentuado senso do Belo, senso sido poeta primoroso, trovador laureado em diversos torneios de jogos Florais e, patenteando sua multiforme vocação literária, soube destacar-se como ferrenho cultor da retórica em seus inspirados pronunciamentos.

Detendo-nos mais sobre o brilho de sua faceta poética à qual estamos mais ligados, Dr. Lécio foi vate inspirado que não fugia às regras da poesia que lhe era incrivelmente espontânea, versejando com naturalidade pasmosa, obedecendo rigorosamente aos cânones norteadores de menestrel escoreito e imaculado.

Foi bardo fecundo e de abrangência por bem dizer ilimitada.

Além de ter sido também pesquisador incansável dos cometimentos e dos fatos históricos da região onde mourejava, foi um profundo conhecedor dos assuntos atinentes à Bacia do Paraguai e do exuberante Pantanal, disto, havendo legado sobejas provas em sua soberba e alentada bibliografia.

Foi esse, o homem de gênio, a estrela maior que seu berço de origem o Espírito Santo, mandou para resplender nos céus de Corumbá, conseqüentemente, de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Meus Senhores — Releva transcrever, a propósito, alguns trechos significativos do artigo de autoria do atual Presidente desta Confraria de Literatos e eminente confrade, Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, publicado em 31 de agosto de 1992, no suplemento cultural do Diário Oficial deste Estado: *Médico, Oficial superior da reserva do Exército, Lécio Gomes de Souza, nasceu a 6 de janeiro de 1909, filho de Felisberto Gomes de Souza e Jovita de Castro Souza, na fazenda do Feliz Destino — distrito de São Pedro de Itabapoana, município de Mimoso do Sul, Estado do Espírito Santo.*

Foi criado na fazenda da União, na mesma região, onde fez seu curso primário no Colégio Santa Cecília. O curso secundário no Ginásio 28 de Setembro, no Rio de Janeiro, e no Liceu de Humanidade de Campos, ambos no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1932 terminou o seu curso médico na Faculdade Nacional de Medicina (Praia Vermelha). Quatro anos depois, 1936, terminava o seu período de estudos na Escola de Saúde do Exército e iniciava efetivamente a sua brilhante carreira de Médico militar na qual em 1963 se reformou como General de Divisão RI Médico. Além de inúmeros discursos e artigos em diversos jornais e revistas, publicou os seguintes livros: “História de uma Região: Pantanal e Corumbá, Bacia do Paraguai: Geografia e História e História de Corumbá”.

Encontra-se pronto para a publicação um livro de poesias de sua autoria, prefaciado pelo jornalista Ronaldo de Castro, membro titular da Academia Mato-Grossense de Letras. Apesar de eu ter de idade, o seu tempo de formado, liguei-me ao Lécio de uma maneira tão harmônica que ele, ao procurar-me em minha casa, pelo telefone, e não me encontrando, deixava sempre o recado: Diga que foi o Pai dele, quem telefonou. Tinha tiradas geniais que desconsertava qualquer um que viesse a merecê-las. Já, em outra ocasião, relatei em uma crônica que, certa vez, no fim de um plantão na Maternidade de Corumbá, deixei escrito no Livro de Ocorrências uns versos, despedindo-me, pois iria passar longo período fora.

O Lécio que me sucedia nos plantões, não perdoou a má qualidade da minha “obra” e escreveu abaixo:

*“Se se desse este poema,
A uma famélica ema,
Animal que tudo come
Sem que mate a sua fome
É certo que comeria,
Estrebuchava e morria”.*

Meu amigo, meu colega, meu confrade – Lécio, aqui estou para lhe fazer justiça: Apresentá-lo como GRANDE no desempenho de todas as suas atividades e, MAIOR ainda, como gente, como criatura humana.

Prezados Senhores:

Ao iniciar o conteúdo de alguns pensamentos ou conceitos pessoais, não alimentamos a pretensão de ser nenhum reformador improvisado em arauto de virtude, ou qualquer espécie de moral.

Não cometemos a veleidade de nos considerar uma exceção à regra geral, uma vez que, também fomos sorvidos pelo torvelinho de paixões que assoberbam a todos os povos do universo.

No mundo tumultuado de hoje em dia, quando as ideias contraditórias se entrecrocavam, a violência campeia às soltas atingindo extremos e as paixões ditas leis, as cousas relacionadas com o espírito ficam sempre relegadas a um segundo plano.

Que sejam!... por incompreensão, descaso ou interesses escusos e subalternos.

Então, os costumes se aviltam, a moral se corrompe, a sociedade se desintegra e as consciências se toldam, enquanto o vício, estendendo os seus tentáculos de perdição, prosseguem em sua tarefa demolidora, procurando envolver a tudo e a todos.

Tratando-se de uma cousa muito séria e complexa, a vida é movimento, transformação, lutas, crenças e paradoxo de vitórias e fracassos, das ilusões e realidades, das tristezas e alegrias.

Apesar de possuímos o livre arbítrio, ela nos foi dada para ser vivida intensa e dignamente, fazendo do bem a sua meta maior, pois, quando orientada dentro dos sadios postulados do amor e da moral cristã, tem suas grandes e justas compensações.

Ela nos proporciona a necessária paz que necessitamos, transmite-nos essa euforia que sentimos pelo dever cumprido, real e única cousa capaz de devolver à alma humana as secretas redensões do espírito e a conseqüente alegria de viver.

Na vida, devemos trilhar pelas veredas floridas da virtude, sentir o sol escaldante da fé, respirar o oxigênio da compreensão, beber na fonte da boa vontade, para que, com a contribuição de nosso esforço, possamos alcançar o milagre de amainar um pouco o terrível vendaval das paixões humanas, responsável direto pelo abismo em que a vida e o mundo de hoje se transformaram.

Porém, apesar dos pesares, o que não podemos é deixar de admirar os acontecimentos como este de agora, de conagraçamento e de intercâmbio cultural entre a mais experiente idade propecta e a culta sociedade Cuiabana, numa perfeita simbiose, à procura do alargamento de horizontes sociais e literários.

Sem nos determos a uma análise percuciente sobre os assuntos acima enfocados, traçados que foram em ligeiros bosqueios, os motivos e as razões que ensejaram esta festa da inteligência, pedimos vênica para algumas divagações poéticas.

Ainda hoje, ao adentrar este augusto recinto, fomos trazidos pelas benfazejas mãos da poesia.

Seja pois, nossa mensagem, um brado de otimismo e de fé.

Tem ela, como finalidade precípua, levar proposições do pensamento às pessoas de boa vontade que insensíveis à vulgaridade que muitos se obstinam a seguir, ainda creem e se enternecem quando em contato com essa flor imarcescível que nasce da alma vibrátil e criadora de alguns eleitos – a arte divina e eterna:

Divina, dizemos nós, porque o parnasianismo teve seu berço em Apolo, deus da música e da poesia.

E, como um jorro de luz sobre a penumbra deste mundo eivado de inconseqüências – a poesia – na sublimidade de sua trajetória, continua a derramar eflúvios de paz e de ternura, de que a humanidade tanto carece, na ânsia de suavizar as asperezas da jornada.

Para maior enlevo daquelas que realmente cultivam o Belo, vamos dar início a uma caminhada pelas alamedas floridas da poesia.

- Da poesia pensamento, imagem, síntese, observação e sublimidade.
- Da poesia arte, inspiração, fascínio, musicalidade e beleza.

É ela que ainda nos sensibiliza e que nos mostra, nas pequenas cousas da vida, a grande vantagem de viver e sentir!...

Por mais arredo que se julgue, ninguém alcança o milagre de viver divorciado da poesia, se ela está presente em tudo que nos cerca – da brisa que passa célere, gemendo nas ramadas em flor – ao sorriso da festa de mulher bonita!

A poesia vibra e canta baladas de amor no concerto universal da natureza.

Da corola que emurchece, se despetala e rola no abismo das sarjetas – ao inocente e alegre sorriso de uma criança – há intercalado um indescritível mundo de poesia!...

A poesia comove e nivela as massas com sua avalanche de ternura, cria emoções novas e irmana corações com seu refinamento e magia!...

Poesia, meus amigos, é esta constante festa em que a natureza se agita em bênçãos de luz e sombra, de flores e frutos, de frio e calor, de bonança e de tormenta!

É esta maravilhosa fusão de cores que se estende do branco da paz ao vermelho da guerra, do verde das colinas ao negrume da noite, do azul do céu ao dourado das manhãs de sol!...

Poesia – é a beleza agreste das matas, é o silêncio das cousas inanimadas, é o milagre da semente que se rebenta em flor, é o murmúrio da fonte que desliza entre as fragas e o mavioso canto dos pássaros!...

É o cochilo saudoso da brisa forasteira, é o serpear das correntes distantes, é a soalheira escaldante do deserto, é o profundo nihil do vácuo e o eterno marulhar das vagas castigando os recifes de coral!...

Poesia – é o aconchego de penas, é paz e amor, dentro da maciez do ninho!...

É esta musicalidade quase infinita, que vai do sonoro canto da cigarra saudando a primavera, ao medonho fragor das trovoadas!...

Poesia – é um raio de sol nascente, alegre e brincando de esconder, por entre as franças orvalhadas!...

É ideia e criação, sentimento de ternura, beleza e bondade, nobreza e perdão, ideal e amor!...

Enfim, poesia é Deus, o maestro Divino, a reger com a batuta de seu braço onipotente, o concerto universal de toda sua magnífica criação!

Sendo a poesia uma expressiva manifestação estética do Belo onde tudo vibra e se agita numa musicalidade engrandecedora, assim a definiu o romântico Gonçalves Dias: Poesia é casar a ideia com o sentimento, o coração com o entendimento, o pensamento com a paixão, colorir tudo isso com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a poesia grande e santa, a poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem poder traduzir.

Alguém sabiamente já qualificou a poesia como a suprema das artes, pois contém música e harmonia da métrica e das rimas, é pintura quando descreve uma

paisagem ou desenha um rosto mulher, e é escultura, quando dá mais forma de beleza e mais força de expressão à ideia ou sentimento nela contidos.

Baudelaire criou a poesia do mal, Antero de Quental, a da ideia, Edgar Allan Poe e Augusto dos Anjos criaram a poesia do desespero, Haíne, a da ironia, Emílio de Menezes, a da sátira e Casimiro de Abreu a da nostalgia e da saudade.

Porém, sendo divina, a poesia não poderá descer inteiramente à esfera do humano, e, muito menos, se colocar na estreiteza do indivíduo.

Como sentenciou nosso confrade Hélio Serejo, ela é o único caminho que conduz, verdadeiramente, do finito ao infinito, do efêmero à eternidade, do sofrimento a Deus.

Ao poeta cabe o desempenho da missão altamente nobre: observar, penetrar e traduzir com seus versos, tudo o que a natureza guarda avaramente em suas entranhas, fonte perenal de poesia.

E poeta, é aquele que vive mergulhado neste mundo maravilhoso, onde se respira o olor da excelsa beleza e o oxigênio da mais perfeita bondade.

Mas, em contraposição, pagam os poetas muito caro a glória de sua sobrevivência!...

Eles resistem diante da vida, mas caro pagam a resistência na vida torturada, incerta e incompreendida!

Porém, apesar de tudo, no apurado conceito de Carlyle, O poeta é uma figura heroica pertencente a todas as eras.

E, na abalizada conceituação de Dom Aquino Corrêa, extraordinário vulto das letras Mato-Grossenses, todo coração de poeta traz dentro de si a nostalgia do infinito, como a concha que arrebatada do mar, guarda para sempre em suas valvas, a ressonância das grandes águas distantes!...

Meus senhores: Referindo-nos aos dois Mato Grossos num sentido amplo, porque, residindo em Corumbá há muitos anos, também moramos em Cuiabá por longo lapso de tempo, onde constituímos família, confessamos guardar no âmago do coração, gratas recordações desta Capital hospitaleira e boa.

Posto que Baiano de nascimento, para aqui vimos desde nossa vigorosa mocidade.

Nesta terra abençoada despertamos para a poesia, aqui desenvolvemos as nossas atividades literárias, por conseguinte, somos um poeta menor de inteira formação Mato-grossense.

Em seguida, passamos a proceder à leitura de algumas produções de nossa modesta lavra.

Cuiabá

*Cuiabá, Cuiabá, padrão de glória,
Ergues bem alto o cetro da vitória
Com teu verde perfil...
E tua solitária majestade,
Do Bandeirante audaz – realidade,
No seio do Brasil!*

*Filha dileta de Paschoal Moreira,
Fruto do esforço e sede aventureira
Em busca do sertão...
Semente – transformada em farta messe,
Palavra santa – convertida em prece
De um justo coração!*

*Exemplo do mais puro amor encerras,
Agasalhando filhos de outras terras
Com maternal carinho...
Reserva do Brasil – real tesouro,
Tudo se funde e se transforma em ouro
No teu nobre cadinho!*

*Ao sonho do ouro debes tua origem...
Descerrastes depois a mata virgem,
Ó flor do meu sertão!
De perfume trescalas nuvem densa,
Do Brasil aromando a fonte imensa
Na mais terna oblação!*

*Resultado fecundo das bandeiras
Que cruzaram as terras brasileiras
Infladas de ilusão...
Desprezando os perigos traiçoeiros,
Serpentes, feras, setas de guerreiros
E a fúria do tufão!*

*Mimosa jóia de valor notável,
A beleza sutil do imponderável
Envolve o teu porvir!
Cravada nos rincões de Mato Grosso,
Na grandeza imortal deste colosso
Tens campo onde fulgir!*

*Sentinela avançada na fronteira,
Já repeliste a sanha aventureira
De louco Ditador!
De heróicas terras já seguiste os trilhos,
Em holocausto oferendando os filhos,
Da pátria – pelo amor!*

*No coração da América do Sul,
Acobertada sob o pátio azul
Do céu de meu país...
Embuçada no véu da tua glória,
Com teu nome ligado à nossa história,
Princesa... és bem feliz!*

*Do são patriotismo – um relicário,
Do culto ao Bom Jesus – um santuário,
É grande a tua fé!...
E para crer eu olho as tuas praças,
Tudo o que tens de belo, as tuas graças,
E escuto a velha Sé!*

*Berço de heróis de feitos grandiosos,
Se do passado – fatos gloriosos
Tua fronte vêm cingir...
Se no presente és gema que fulgura
Aos raios do progresso e da ventura,
Maior é o teu porvir!*

Mato Grosso

*Existe em meu país um grande Estado,
Quase ao sopé dos Andes encravado,
Qual jóia no alcantil...
E este florão de glória, este colosso,
Qual safira real, é Mato Grosso,
– Orgulho do Brasil!*

*Traz no seio a grandeza do Universo
E em cada vibração entoa um verso
De amor e de saudade!
E, no constante evoluir dos mundos,
Tem no passo a cadência dos segundos
Buscando a eternidade!*

*Seu solo recortado de montanhas,
Avaramente guarda nas entranhas
Tesouros colossais!
E a flora virgem que lhe dá roupagem,
– no verde exuberante da ramagem,
Mistérios perenais!*

*Pelas selvas bravias lá do norte
Onde o homem vagueia atrás da sorte,
Só consegue parar...
No tronco secular da seringueira,
Onde se aplaca sede aventureira
Do progresso a marchar!*

*No luxuriante inferno de verdura,
Onde a floresta é mais espessa, escura,
Mais calma e tentadora...
É que a ciência cheia de artimanha
Vai buscar na raiz da ipecacuanha
A droga salvadora!*

*Do planalto central – nas cabeceiras,
Como fitas de prata – sorrateiras,
Coleiam mil serpentes...
E o drama ingente dos primeiros passos,
Quando os arroios sulcam leves traços,
Fugindo das vertentes!*

*E Mato Grosso sem rancor nem mágoas,
Dos nascedouros – distribui as águas
Que brotam sem parar...
E as principais bacias brasileiras,
Alimentadas, correm, prazenteiras,
Em direção do mar!*

*Sob o rigor das fortes invernadas,
Quando as águas invadem pradarias
Num louco torvelinho...
Como as lagoas vão de arredondando,
E os patos cruzam pelos céus, grasnando,
Talvez buscando um ninho!*

*Quando as águas dos rios, nas enchentes,
Se avolumam e crescem, de repente,
Transbordam dos canais...
E ao cruzarem baixios e escavados
Se espraiam preguiçosas nos banhados
Se extensos pantanais!*

*E o pantanal se estende majestoso
Como um mar que aflorou do solo anoso
Num milagre sem par...
E então, sobre a planície viridente
Os rebanhos ondeiam livremente
No manso pastejar!*

*E por onde os olhares se destinam,
Os cenários sem fim se descortinam
E bela sucessão...
E enquanto a brisa passa num cochilo,
Além... a serpear segue o corixo,
Na luta de evasão!*

*Sobre o dorso relvoso das campinas
Desenrolam-se cenas campesinas
Que a palavra não diz!...
– os vaqueiros em plena cavalgada
Superando o turuno em disparada,
Na laçada feliz!*

*De terras férteis para a agricultura,
Um celeiro na espécie e na fartura
Em dias que virão!...
E além de um paraíso para a gente,
E o mais seguro abrigo pertencente
Ao índio, nosso irmão!*

*Berço de heróis, de generais, de bravos,
O seu roteiro não conhece entravos
No franco evoluir...*

*Se no passado – o seu fanal foi de glória,
Se no presente – o nome tem na história,
Maior é o seu porvir!*

*É assim o Mato Grosso que decanto,
Terra de promessa, refúgio santo
Que a sorte bafejou...
É assim meu Mato Grosso, este Eldorado,
Terra de sonhos mil, vale encantado
Que a mão de Deus forjou!*

Prosterinação

*Senhor, venho humilde, sem mágoas,
temente,
Render penitente meu culto de amor,
Teu manto sagrado que envolve a criança
É a doce esperança do vil pecador!*

*Recordo saudoso que alegre eu vivia,
Na eterna Bahia de glórias sem fim,
Se amava as virtudes de pais indulgentes,
Irmãos e parentes gostavam de mim!*

*A quadra de sonhos, das mil fantasias,
Marcava meus dias com róseo clarão,
E o tempo fluía no ardor da seresta,
Do clima de festa do meu coração!*

*Em eras passadas já fui Teu eleito,
Meu corpo perfeito, minh'alma a sorrir,
Contente eu vagava nas trilhas do mundo,
Sem ver bem no fundo meu triste porvir!*

*A fibra ajudou-me nas horas tristonhas,
Das dores medonhas que firme amarguei,*

*Buscando consolo do horrível tormento,
Na bênção do alento que em Ti sempre achei!*

*Bendigo a vitória da paz conseguida,
Na luta renhida de extenso confim,
No prêmio da ajuda dos filhos bondosos,
Que sempre zelosos cuidaram de mim!*

*O Deus poderoso de augusta clemência,
Que marca a existência daquele que errou,
Revoga o castigo, perdoa o pecado,
Tão logo o culpado sofrendo o pagou!*

*É Teu vulto amigo que afirma o cajado,
Do pobre aleijado que aqui vive ao léu...
Teu beijo divino refaz quem peleja,
É luz benfazeja que vem lá do céu!*

*Senhor, quero agora lançar-me aos Teus pés,
E após o revés que deixou cicatriz,
Seguir meu caminho, na fé, sublimado,
E assim mutilado ser mais que feliz!*

Nobres amigos: Oscar Wilde, honra e glória da literatura inglesa, em uma monumental obra, O retrato de Dorian Gray, houve por bem asseverar: a vida é uma questão de nervos, de fibra e de células lentamente elaboradas, onde o pensamento se acolhe e a paixão tem os seus sonhos.

Em face desta assertiva, existem momentos no decorrer de nossa vida, que dificilmente poderão ser explicados.

São eles decorrentes de alguma comoção forte que importa na exaltação de nossos sentidos, conseqüentemente, de nossos sentimentos.

São oriundos de fontes diversas, os dois grandes mananciais emotivos da humanidade – a alegria e a dor – e, refletem-se no céu de nossa existência como pontos negros quando partidos dos socavões da dor, e como estrelas aurifulgentes, quando provindos dos veeiros da alegria.

Mas, o que ora vivemos é um desses ramos momentos de alegria, em que nossa alma, como que num passe de magia se evola para o espaço, a fim de percorrer sozinha, as regiões imponderáveis da fantasia e do sonho!...

Enfim, soa o momento apazado que justifica nossa presença neste Cenáculo das Letras.

Sendo assim, o dia de hoje assinala com um marco reluzente e feliz a maior vitória conseguida em nossa vida.

E para externar a extensão de nosso agradecimento aos distintos pares deste solar, e o grau de nossa mais pura alegria ao transpormos os umbrais da Academia Mato-Grossense de Letras, vamos nos reportar a uma frase lapidar do insigne Coelho Neto, que assim reza: Se eu conseguisse dar a síntese do que me inspira o coração, realizaria prodígio igual ao de Deus, que encerra, em uma gota d'água, todas as maravilhas do oceano.

CADEIRA 4

PATRONO

Pe. Joaquim Manuel de Siqueira

OCUPANTES

D. Francisco de Aquino Corrêa

Padre Raimundo C. Pombo

Moreira da Cruz

Padre Firmo Pinto Duarte Filho

Lucinda Nogueira Persona

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO PE. FIRMO PINTO DUARTE FILHO

Cuiabá, 08 de dezembro de 1997

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO Pe. FIRMO PINTO DUARTE FILHO, PELO
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE
LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO Pe. FIRMO
PINTO DUARTE FILHO, PELO ACADÊMICO BENEDITO
PEDRO DORILEO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO Pe. FIRMO PINTO
DUARTE FILHO**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO PE. FIRMO PINTO DUARTE FILHO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



Por múltiplas razões a sessão solene desta noite, especialmente para mim, se reveste de especial significado.

Oito de dezembro!... Dia da Imaculada Conceição - padroeira de minha família, pela ascendência Novis, e a quem minha mãe entregou meu destino quando, ainda criança, estive em risco de vida.

A Cadeira, a ser hoje preenchida, teve, como fundador, D. Francisco de Aquino Corrêa - como eu, descendente de André Gaudie Ley pelas raízes maternas.

O acadêmico a ser empossado, Pe. Firmo Pinto Duarte Filho, teve relevante papel em momentos marcantes de minha vida.

Senhores, uma das mais belas expressões da sensibilidade humana é a que encontramos nos sermões de um bom sacerdote. Se fossem, todos eles, compilados e apresentados sob a forma de livros seriam, estes, de rara beleza por traduzirem o sentimento da própria alma de um autor inspirado no amor a Deus e ao próximo.

O acadêmico Pe. Pedro Cometti, autor de obras consagradas, no Brasil e no exterior, não poderia criar nada mais belo que o seu verdadeiro sermão, proferido, de improviso, por ocasião de sua posse nesta Casa.

Estamos então, ao acolhê-los, seguindo o preceito do dístico - *Pulchritudinis studium habentes*, cultores do belo - adotado por este Silogeu. Pois, senhores, o Pe. Firmo é um bom sacerdote e brilhante pregador.

Em muitos momentos, de grande alegria ou de profunda tristeza, nossa família contou com a solidariedade do Pe. Firmo, expressada não só pela sua presença física, mas, também, por palavras amigas, que sentimos saídas das profundezas do seu próprio espírito de pastor solidário, que se alegra ou se entristece, em uníssono, com os sentimentos de seu rebanho.

Assim foi, num dos mais tristes dias de minha vida, quando fui surpreendido pelo súbito falecimento de minha mãe, que se preparava para ir à sua comunhão dominical na Catedral Metropolitana. Na Missa de Corpo Presente o celebrante, Pe. Firmo, confortou-nos lembrando de que apenas o corpo físico, da querida morta, não tivera a oportunidade de, naquele dia, ir ao encontro do Senhor, mas sua alma, por certo, a Ele, teria imediatamente chegado. Como me confortaram, aquelas palavras!

No almoço comemorativo dos noventa anos de meu pai, convidado pela minha boa madrastra Ana Rosa, lá estava o padre Firmo que, solidário com o nosso júbilo, falou em comovente improviso.

Por ocasião do sepultamento de meu pai, outra vez, o Pe. Firmo se fez presente, confortando e aliviando nosso sofrimento com suas palavras sempre eficientes, em todas ocasiões, porque nunca deixaram de ser sinceras.

Todas estas manifestações, partidas do espírito, jamais poderiam ser retribuídas com palavras apenas formais ou por qualquer recompensa de cunho material.

Sei que na vida entre os homens, na sociedade humana, tudo se baseia em trocas - ou seja, é, mesmo, dando que se recebe -; apenas não devemos confundir trocas éticas com o indecente “toma-lá-dá-cá” ainda vigorando em alguns meios políticos para a compra de consciências e dignidades. Em relações afetivas, um antigo adágio diz que *amor, com amor se paga*.

Mas, então, como poderia, eu, retribuir ao Pe. Firmo aquelas manifestações públicas da solidariedade de sua própria alma, que se havia mostrado irmanada à minha, em momentos tão sensíveis ?

Deus, agora, me dá esta oportunidade: fez-me presidente da Academia Mato-grossense de Letras para poder, nesta hora, confessar de público a minha satisfação, identificando-a com igual felicidade que está sentindo o Pe. Firmo, ao ser empossado neste Sodalício.

Neste momento, aqui, no desempenho da minha função, sou eu o ministro a externar solidários sentimentos e a apontar rumos.

Pe. Firmo, eu vos trago minha alegria para irmanar com a vossa.

Certo estou que não considerareis esta Casa apenas como distribuidora de mais um título honorífico a jubilar vidas, como a vossa, plenas de méritos passados - vossa humildade cristã, jamais vos permitiria que assim pensásseis. Ao contrário, estais iniciando uma nova jornada - a vida acadêmica.

A vós abrimos nossas portas para que, além do prazer em fazê-lo - cumprindo as normas estatutárias desta Academia, tenhais, por obrigação, trazer à Sociedade toda vossa bela produção - do passado, de hoje e do futuro, fruto de rara sensibilidade e de uma inteligência privilegiada.

Está aberta a sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO FIRMO PINTO DUARTE FILHO, PELO ACADÊMICO BENEDITO PEDRO DORILEO



Apóstolo e Educador

Chega, hoje, à Academia Mato-Grossense de Letras, sob as galas festivas, para empossar-se na cadeira de nº 4, um novo acadêmico, o sacerdote Firmo Pinto Duarte Filho.

Chega num dia marcado pela religiosidade e pela história, trazendo o lírio da Imaculada Conceição de Maria:

“És lírio entre os espinhos, és pura sem igual,
brilhando nos caminhos da culpa original.
Estrela na procela, tu és nossa esperança:
o porto se revela e a nau segura avança”

Como lemos na Liturgia das Horas.

Instituindo o Dia da Justiça, a comunidade católica busca em Maria proteção, coincidentemente com um dos dogmas pilares da teologia cristã. Uma sociedade carente como a brasileira, qual barco à deriva caçando portos, um lugar seguro para arriar âncoras, navega *num mare magnum* de injustiças.

Guardadas as raríssimas exceções, podemos refletir com o pensador Juvenal em seu verso: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*, uma injustiça que encontra paralelo em Terêncio, ressaltando que os caçadores estendem redes para as mansas pombas e não para as aves de rapina, que podem machucá-las.

Uma sociedade justa e solidária, como tanto se clama, é a maior esperança do povo brasileiro.

Chega no dia do seu quadragésimo segundo aniversário de ordenação sacerdotal. Em dezembro de 1944, no Santuário de Maria Auxiliadora em Cuiabá, o Padre Nelson Pombo, seu professor e diretor, benzeu-lhe a batina, fazendo-lhe a vestidura clerical. Mais tarde, em 8 de dezembro de 1955, é ordenado sacerdote pelo arcebispo cuiabano Dom Francisco de Aquino Corrêa, em cerimônia na Catedral Metropolitana.

Foram-lhe impostas as mãos sobre a cabeça, com a invocação do Espírito Santo para que o consagre sacerdote para sempre. Momento depois, o padre Firmo começa a sua primeira missa.

Chega, ainda, como sacerdote salesiano, filho de Dom Bosco, no dia em que se lembra da criação do Oratório Festivo em 1841. O padre João Bosco, preparando-se para celebrar a Eucaristia, vê um menino sendo expulso pelo sacristão. Intervém e, após a celebração, ouve o órfão, dando-lhe a primeira aula de catecismo. Dessa forma, na sacristia da Igreja de São Francisco de Assis, em Turim, nasceu o oratório festivo, e Bartolomeu Garelli – o servente de pedreiro – foi o primeiro oratoriano. Inicia-se o grande zelo apostólico entre os jovens.

Chega, finalmente, o neoacadêmico no ano em que se registram: os Quatrocentos Anos do Beato José de Anchieta, em 9 de junho; o Primeiro Centenário, em 1º de outubro, de Santa Terezinha, a Teresa de Lisieux, agora declarada Doutora da Igreja; e a Terceira Visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II ao Brasil, no período e 2 a 5 de outubro, para o II Encontro Mundial com as famílias.

E mais, neste ano, as mortes: em 5 de março, de Dom Marcos Barbosa, membro da Academia Brasileira de Letras; e de Madre Teresa de Calcutá, em 5 de setembro, prêmio Nobel da Paz em 1979.

Está a recepcioná-lo, em nome desta Academia, um modesto membro da Casa, que celebra, neste 1997, o cinquentenário de ingresso, como aluno salesiano, em 1947, no Liceu Salesiano São Gonçalo, tendo por diretor, o padre Mário Blandino; Conselheiro, o padre Pedro Cometti; Catequista, o padre Firmo Burrini; e Confessor, que me preparou para a Primeira Eucaristia, o padre Ricardo Remetter, irmão espiritual do coadjutor Jorge Bomble.

Também, neste Educandário Salesiano, iniciei o meu magistério civil em 1960, tendo por diretor, Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz.

Tantas coincidências, ou elegâncias da Providência, como queria Dom Aquino Corrêa; ele que foi a pedra angular desta Casa de Barão de Melgaço.

Apóstolo e Educador

Está, portanto, entre nós, Firmo Pinto Duarte Filho. Os seus pais, o telegrafista Firmo Pinto Duarte e a Professora Maria Dimpina Lobo Duarte, de família genuinamente cuiabana; nasceu, no entanto, em Cáceres, em 16 de janeiro de 1928, quando lá o pai cumpria missão profissional. Logo, porém, aos três meses de idade já respirava o ar cuiabano, aqui residindo com a sua família.

Pouco tempo e se vê, ainda, com tenra idade, na Reserva Indígena dos Bororos, em Merure-Tachos, no período de 1930 a 1933, quando teve o primeiro contato com os salesianos. Seguiu com os seus pais. O pai no exercício da telegrafia e a senhora sua mãe em companhia. Ela, a literata vigorosa, cofundadora do Grêmio Júlia Lopes e da sua Revista A Violeta, polimática manifestação cultural feminina em Mato Grosso.

Em Cuiabá, realizou os seus estudos: o primário, no Asilo Santa Rita e o ginasial, no Liceu Salesiano São Gonçalo. O curso colegial, no Colégio São Joaquim, em Lorena.

Os cursos superiores, realizou-os: Filosofia, na Faculdade Salesiana de Lorena; Teologia, no Instituto Pio XI, em São Paulo. Mais tarde, já sacerdote, graduou-se em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso.

O Apóstolo

A vocação, uma pedra preciosa de que fala o Evangelho, deve ser guardada cuidadosamente para não a perder. Ingressando na Congregação Salesiana, aos dezoito anos em 1946, e recebendo, ao depois, o Sacramento da Ordem, torna-se missionário de São João Bosco.

Lembrando-se de Dom Bosco, no dia da sua ordenação em 5 de junho de 1841, Mamãe Margarida estava agradecida e exultante, dizendo ao filho: *Agora, tu és padre, estás mais perto de Jesus. Eu não li os teus livros, mas lembra-te que começar a dizer missa é começar a sofrer. De hoje em diante, pensa somente na salvação das almas, e não te preocupes absolutamente comigo.*

Por semelhança, o padre Néelson Pombo afirma que a senhora Maria Dimpina procurou-o no Seminário da Conceição para entregar o jovem filho Firmo para o caminho do sacerdócio. E grande foi o seu regozijo mais tarde, ao vê-lo sacerdote. Ao outros filhos ordenou: *já não o chamem de apelido íntimo, mas de padre, todos nós o chamaremos de padre Firmo.*

A criança vocacionada, que em casa brincava de celebrar a missa, agora era um ministro de Deus. São as palavras, que as ouvi do padre Firmo em 31 de agosto deste ano, em entrevista a uma emissora de televisão: *o meu sacerdócio é um prêmio de Deus a minha mãe, era muito religiosa, católica, era uma santa. E emocionado, completou: do céu ela intercede por mim.*

Possui um apostolado riquíssimo, guardando a humildade ínsita, e lembrando-se sempre das orações maternas diárias para que, ao filho seminarista e depois sacerdote, fossem derramados os dons da sabedoria, fortaleza e temor de Deus.

Exerceu as funções de: Vigário Geral da Arquidiocese de Cuiabá, no período de 1968 a 1978; Pároco da Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá; da Paróquia de Santo Antônio de Barra do Garças; da Paróquia de São Gonçalo, em Cuiabá; e Reitor do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Cuiabá, atualmente. No período de 1968 a 1973 contribuiu diretamente para a reconstrução da Catedral do Senhor Bom Jesus. Tantos foram os anos de trabalho; o advogado Luis-Philippe Pereira Leite, o oráculo cuiabano, coordenava a Comissão, ao lado do padre Firmo, acólitos de primeira grandeza do arcebispo Dom Orlando Chaves, que a inaugurou em 24 de maio de 1973, dia de Maria Auxiliadora, no ensejo do jubileu de prata de sagração episcopal.

No ano, que se prenuncia, de 1998, teremos a celebração histórica dos 25 anos da Basílica, assim elevada pelo Papa Paulo VI, em 15 de novembro de 1974.

O Educador

Instaurare omnia in Christo – Derivando este preceito da versão da Vulgata para a Epístola aos Efésios de São Paulo, deve o cristão fundamentar todas as suas ações em Cristo, verdadeiro ponto nodal da história da humanidade e guia, no qual todos se inspiram.

Do sacerdócio à educação, juntam-se as ações de um mesmo apostolado – educar, conduzir.

Padre Firmo, o apóstolo, vai à sala de aula – é o educador, o professor de Língua Portuguesa. E o seu magistério é exercido: no Colégio Dom Bosco de Campo Grande, no Colégio Santa Tereza de Corumbá, no Instituto Bom Jesus de Guiratinga, no Colégio Dom Luis de Lasagna de Araçatuba, no Colégio Dom Henrique de Lins, no Colégio São Domingos Sávio de Lucélia, no Colégio Dom Bosco de Barra do Garças, no Colégio Padre Pedro Carletti de Alto Araguaia.

Na docência, exerceu o cargo de diretor dos Colégios: Dom Bosco de Barra do Garças, Padre Carletti de Alto Araguaia, da Escola Paroquial Dom Bosco de Cuiabá. E ainda, na cidade verde, a diretoria do Liceu Cuiabano, sendo atualmente o diretor do Colégio Salesiano São Gonçalo.

Contam os biógrafos de Dom Bosco, como o padre Agostinho Auffray, sdb, que: *como base de toda a educação cristã, como fundamento sólido, embora insuficiente, colocava Dom Bosco uma vigilância ininterrupta...* O salesiano, dizia ele, deve colocar o menino na impossibilidade de pecar, acompanhando-o com olhar, mas, sobretudo com uma solicitude amorosa. Deve viver continuamente com os seus alunos, como o pai que jamais deixa os filhos sozinhos, enquanto a liberdade deles ainda não está educada. Este método preventivo, como ele o chamou em oposição ao outro – o método repressivo, feito na base de castigos – procura cortar o mal pela raiz, tirando a ocasião, neutralizando-a. Como a ciência moderna, *esse método confia mais na higiene do que na medicina*. Ou a ela antecipa.

O repressivo, o temor reverencial; o preventivo, a vigilância afetuosa.

E prossegue o biógrafo: *O Santo queria uma disciplina que estivesse a serviço da educação e não uma disciplina que desenvolvesse como fim em si mesma... Os corações das crianças devem expandir-se, devem revelar-se no livre exercício de suas atividades, porque o educador para levar avante o seu trabalho deve conhecer o fundo das almas... A natureza humana não é nem completamente pervertida, como pensam alguns; nem tampouco levada instintivamente a praticar o bem, como pretendem outros. Portanto, não podemos cair em nenhum dos dois excessos: nem refrear desapiadadamente a liberdade juvenil, nem tampouco desatar-lhe todos os freios. Excessivo rigor e extrema liberdade são os dois escolhos entre os quais deve passar o educador.*

Nem tirano, nem expectador passivo, mas colaborador indispensável, que deve orientar o jovem a agir um dia sem auxílio do professor. Pensava assim São João Bosco.

Este é o universo do nosso acadêmico Firmo Pinto Duarte Filho. A exemplo de Dom Bosco, sempre fez com que crianças e jovens gostem de Deus, através do ensino cristão.

Suave é a caminhada, em cujas veredas perfumam lado a lado as flores do apóstolo e do educador.

Neste ano, tomou corpo no Brasil, como na Universidade Estadual Paulista, UNESP, a reflexão proposta por educadores que buscam o meio-termo entre a palmatória e o “é proibido proibir.” Ou da palmatória ao liberalismo exacerbado.

Progressivamente, vemos, desde a década de 70, avançarem os debates pedagógicos com duas visões bem distintas de indisciplina. Numa, ela é tida como comportamento inadequado, sinal de rebeldia, intransigência, desacato, desrespeito social. Noutra, a indisciplina é vista como “virtude”. Todas as regras e normas existentes na escola devem ser subvertidas, abolidas ou ignoradas. Assim, a indisciplina pressupõe a “coragem de ousar”, de desafiar padrões vigentes.

Não trago, por inapropriado neste ensejo, nem doutrinas, nem autores, mas afirmo: atentem, pais e educadores, jovens abastados estão queimando e matando idoso, mendigo e índio, em nosso País. A proposta da UNESP deve sacudir pais, pedagogos, dirigentes, pensadores para aprofundarem a reflexão, buscando, sem paixões ideológicas, as origens do mal.

São ingredientes perniciosos dentre outros o descompromisso com Deus, a injustiça social, a desagregação da família, a corrupção generalizada e impune, os meios de comunicação que invadem o lar, incluindo a informática – o aceno da internet – podendo corromper a alma juvenil pelo lado negativo, de maneira incontrolável.

No século XIX, Dom Bosco já havia encontrado o meio-termo; naturalmente, em ambiência diferenciada dos nossos dias.

Multiplicam-se os oratórios festivos, cresce o número de meninos, com Dom Bosco aos pés da Virgem Auxiliadora.

As oficinas e escolas se improvisam em meio a intensos sacrifícios. Mas o Santo quer expandir a fé pela editoração e funda as Leituras Católicas, uma série de opúsculos leves e combativos. A família salesiana já é grande em 1877 e Dom Bosco cria o Boletim Salesiano, uma revista mensal ilustrada, que nos nossos dias circula no mundo todo, em quarenta e cinco edições nacionais e dezenove línguas diferentes, com tiragem anual de mais de dez milhões de exemplares. Quando já pisamos a soleira do ano 2000, este periódico, compondo com toda a convocação da Igreja, está exortando o povo brasileiro para o Projeto Rumo ao Terceiro Milênio.

Assim são os salesianos. O nosso novel acadêmico Firmo, sacerdote salesiano, também é um escritor.

Escreveu o livro FALCÃOZINHO, uma biografia romanceada de uma criança. Uma obra comovente e exemplar, resultado de um intenso trabalho apostólico. Na apresentação, o padre Joaquim Tébar exalta o autor, sustentando: *Nestas páginas descobrimos ainda o grande orador, que dialoga ou questiona, servindo-se do livro como de um púlpito, para repetir aquelas advertências de Jesus: Converti-vos.*

Inicia padre Firmo: *Falcãozinho escreveu poucas páginas. São elas perfumadas como os lírios. Um livrinho apenas, branco e dourado como aqueles em que as crianças rezam no dia da Primeira Eucaristia.*

O menino Francisco Augusto Falcão Filho descansou no Senhor em 1971, em aroma de santidade, com seis anos e meses de idade, após sofrimentos ingentes.

A natureza pantaneira eclode nas suas letras, diante do esplendor da biodiversidade. Johann Goethe dizia: *A natureza e a arte parecem repelir-se, mas se encontram mais frequentemente do que se supõe.* Uma prosa vivificada pela poesia, um ambiente em tintas do mais precioso óleo constituem-se em estilo atraente e belo, na concisão da história de uma criança cuiabana, vivendo no pantanal poconeano, “o jardim zoobotânico do Senhor Deus”, a pisar terras dos seus ancestrais.

Ora narra, ora descreve, ora interpreta sentimentos com suave fundamento evangélico.

Ora celebra e enaltece, ora verbera e denuncia.

Ressalta o educador-escritor: *Quando alguém quer gravar músicas, deseja um som perfeito e puro. Com muito maior cuidado deveriam os pais e educadores ver o que está sendo gravado na mente dos seus filhos e alunos.*

Cita o Nazareno: *Olhai os lírios do campo, contrastando a pureza e preservação com a maldade humana e destruição. Indaga e adverte: - Como será o terceiro milênio? É uma hora de esperança. Olhando as crianças e os jovens de hoje, ricos de conhecimento e oportunidades, antevemos as maravilhas do próximo milênio. Porém, o homem desta sociedade do bem-estar valoriza mais o que tem do que aquilo que é. É o homem degradado, não somente no sofrimento, mas até no prazer.*

Alerta com autoridade: *Nesse ambiente de soberba reina o terror e o medo. Vive-se num clima de injustiças, desigualdades, crescente distância entre ricos e pobres. Há uma falta de participação. Há uma crise de gerações. Muitos inventos dos homens são armas de destruição... há o terror nos recantos de quase todas as cidades.*

Defende, calorosamente, o pantanal mato-grossense: *Há milhões e milhões de anos que o pantanal nunca precisou de ninguém para cuidar de si e fazer os outros viverem... Deus queira que não seja tarde, tarde demais, para impedir que os depredadores acabem com tudo e deixem, de resto, uma região desértica, despovoada de seus ocupantes naturais, malsinada, desencantada e empobrecida. Não, tal não poderá acontecer!*

E com verve inflamada, reprova: *Essa conjuração de depredadores terá de ser combatida e sufocada pelo poder governamental e pelo destemido povo pantaneiro.* Após, lança um libelo contra os maus políticos e exploradores, contra a corrupção e a ganância.

Como em uma melodia, retoma os movimentos suaves da contemplação da beleza: *O colhereiro, de cor rósea, no seu voo ou no seu pouso, é uma das aves maravilhosas do pantanal; as araras multicores e gritantes; os bandos de marrecas, que esvoaçam à beira das lagoas; o piar dos nhambus e o tristonho gemido da jaó, à tardinha, anunciando que acabou o dia, são bonitos quadros.*

Retorna à imagem-núcleo, Falcãozinho: *As flores eram as melhores amigas do pequenino Francisco. Gostava de contemplar os aguapés desabrocharem suas pétalas alvas e violáceas... Mamãe estas flores são lindas... As flores de Deus são mais bonitas do que aquelas que a gente planta nos jardins. Deus sabe tratar da natureza melhor do que os homens.*

Logo o menino é acometido de grave doença. Padre Firmo o conhece, torna-se o seu melhor amigo, pelas mãos dos seus pais. Eloquentemente é ler a exaltação da família e comovente a da figura da mãe – a maternidade abençoada. *O botão não abriria suas pétalas para serem crestadas pelas canículas do meio-dia,* afirma o sacerdote assistente e depois biógrafo.

Sob licença especial. Falcãozinho recebe a Primeira Eucaristia, como desejava ardentemente. Se a dor o acometia, confortava-se com o Cordeiro de Deus, e sorria. O bolo da festa eucarística foi levado pelo menino para os órfãos do Abrigo das crianças. E grande foi a sua alegria!

Pouco foi o tempo e o anjo do Senhor o levou para sua morada. *Falcãozinho foi um garoto sinal. O seu sepultamento foi uma procissão eucarística,* finaliza o sacerdote escritor.

A creche Falcãozinho, fundada em 1986, em Cuiabá, pelo padre Firmo, homenageia o menino modelo.

Uma nova obra. Celebrando, em 1995, o quadragésimo ano de ordenação sacerdotal, lança MULHER – A INTERCESSORA. O autor mostra como se dá a influência do arquétipo feminino em nossa vida, sobremaneira no que diz respeito ao universo do sagrado.

A Edição Loyola acentua que o livro “focaliza essencialmente a vida humana, realçando a intervenção persistente e benéfica do criador na sua criação”. Lembrando a Mãe Santíssima, descreve *as histórias das principais intervenções em nosso século, evidenciando a finalidade, mencionando os segredos e o teor das mensagens, que traduzem as preocupações do Senhor, em face dos rumos seguidos pela humanidade.*

Com uma evocação inicial, o autor conclama a irmã intercessora, Templo do Espírito Santo pelo batismo, para uma conversão, oferecendo-lhe duas propostas: *ser uma mulher nova e viver mergulhada n'água viva.* E convida para a reflexão da vida de algumas mulheres da história bíblica.

A Conversão, as Três Colunas da Vida Interior da Intercessora, a Intercessora Maior, e A Verdadeira Adoração são capítulos que situam o feminino arquetípico, envolvido nas experiências religiosas. Mulheres expoentes que exprimiram mais diretamente suas potencialidades, dentre as quais a de serem profundamente sensíveis ao mistério divino. Joana deixa o convívio do trono de Herodes Antipas, aquela que teria presenciado a cabeça de João Batista numa bandeja, para converter-se e seguir o Nazareno. E um a um dos seis degraus da conversão são estudados, até chegar à Eucaristia: “Quem comer deste pão viverá eternamente” (Jo, 6,58).

Ana, a viúva sensata e casta, que assistiu à apresentação do Menino Jesus ao templo, exclamando: “Vivi bastante para alcançar a relação dos homens sobre as colinas de Jerusalém” (Lc 2, 36-38). O jejum e a oração foram as suas maneiras para servir ao Senhor. E um e outra são vistos à luz do Evangelho.

Seguem as páginas refletivas sobre a viúva que pouco ofereceu, porém tudo da sua miséria, e o Nazareno a destacou mais dos que deram muito da sua riqueza. O autor preleciona: *Aqui repousa a beleza do óbolo da viúva. A verdadeira piedade é uma total entrega a Deus. A doação começa no próprio lar, na família.* Cita o próprio exemplo materno, para exaltar a família: *Quem faz o papel da vela?... na minha casa era mamãe.*

Chega à Intercessora Maior, Maria de Nazaré, para cantar em palavras o “Fiat” e o “Magnificat”. Menciona, após, a mulher anônima e Isabel, que bem-aventuraram o ventre de Maria, a Virgem Mãe do Salvador.

Novamente, resplende a palavra enérgica do autor, apontando os males hodiernos do medo, da violência, da corrupção, como preocupações da Mãe Auxiliadora, em suas várias aparições, pedindo paz e conversão.

Vai finalizando, com as peregrinações de Jesus, seguido das piedosas mulheres: a Samaritana, Maria de Betânia e sua irmã Marta. E, por fim, evangeliza: *Jesus quer comunhão conosco, sente pelo povo deste mundo que se afasta do seu amor.*

Peroração

É o que pode um pobre escoliasta falar neste dia, contendo-se nas suas limitações.

Ainda que o pássaro caminhasse, pode alçar voo a seu sabor e tempo; tem asas. É o ideal acalentado que, em qualquer idade, pode exaltar-se. O recipiendário Firmo Pinto Duarte Filho, o apóstolo e educador, é um homem enobrecido por ideais. Vem para a Academia Mato-Grossense de Letras desenvolver mais um deles, doando-se.

Traz o ideal do magistério, o ideal da ciência, o ideal das letras, o ideal da beleza, o ideal da pátria, o ideal do Evangelho.

Cuiabá, 8 de dezembro de 1997

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO PE. FIRMO PINTO DUARTE FILHO



*Grande é este dia que o Senhor fez.
Alegremo-nos, e nele exultemos!*

Significativa para mim esta data d oito de dezembro. Significativa em extremo. Verdadeiramente, ela marcou minha vida. Neste instante, novamente num oito de dezembro, assistimos a esse coroamento magnífico, com o ingresso da minha incompetência no vosso sodalício.

Esta Casa de Melgaço é nosso ápice. *A radiosa acrópole da nossa arte literária, da qual vós, senhores acadêmicos, sois as colunas vivas e gloriosas.*

Desde pequeno, acostumei-me a entrar aqui pelo pórtico das Cariátides, ostentando as mulheres mato-grossenses; também elas, lindas colunas a embelezarem este templo com os encantos de seus carismas. Vinha fazer companhia à minha idolatrada mãe, nas tertúlias mensais do Grêmio Júlia Lopes. Era a *Violeta Falada*, que se realizava neste salão esmaltado de saudades. As preleções castiças de Dom Aquino, Barnabé de Mesquita, Filogônio Corrêa, Gervásio Leite e outros, entrelaçavam-se com a música e a poesia das nossas beletistas.

Em circunstância idêntica a esta, Paulo Setúbal, ligado às lavras de Sutil, pediria vênua para se retirar do seletorio e ir até à casa materna beijar as mãos octogenárias de sua mãe, ajoelhada diante do oratório, e dizer-lhe: *Mamãe, Deus lhe pague.*

De certa maneira, sou mais privilegiado que Setúbal, pois minha mãezinha já está na presença de Deus, na eternidade. Sorridente e tranquila, parece dizer-me: *Meu filho, é linda esta noite da sua imortalidade acadêmica; muito mais sublime, porém, será a entrada triunfante na glória do Pai.*

Firmum est cor meum

Quarenta e dois anos faz. Justamente neste dia da Imaculada Conceição da Virgem Maria, fui ordenado em sacerdócio pelo Exmo. Sr. Dom Francisco de Aquino Corrêa. Naquela oportunidade, o arcebispo, versadíssimo que era em línguas clássicas, inspirou-se no Salmo 107: *Firmum est cor meum, Domine.*

Fazendo alusão ao nome do novo presbítero, Dom Aquino deu uma nova interpretação ao versículo citado, alheia ao sentido literal e contextual do mesmo, bem apropriada, porém, para expressar seu carinho paterno.

Literalmente, a citação significa: *Ó Deus, o meu coração está firme.* Ou seja, tranquilo, sereno.

O salmista, o Santo Rei Davi, quis expressar seu sentimento de plena segurança e absoluta tranquilidade, proveniente da total confiança em Deus, o mais carinhoso dos pais.

Colocando em ordem direta, a frase estaria assim disposta:

Cor meum est firmum, Domine.

Cor meum (sujeito); est firmum (predicado nominal); Domine (vocativo). O que vale dizer: Meu coração está tranquilo, sossegado, Senhor.

Entretanto, Dom Aquino, num lampejo genial, inverte a estrutura sintática e a adapta maravilhosamente bem à circunstância: Firmum est cor meum. De predicativo que era, o termo *Firmum* passa a incorporar o papel de sujeito. Não é mais, à luz da gramática, um adjetivo, identificado a firme. Ele se substantiva, refere-se agora a um nome próprio: Firmo. Doutro lado, a expressão *cor meum*, que aos olhos do salmista era sujeito, decai desta para uma função predicativa.

Outra, portanto, a interpretação do poeta:

O Firmo é o meu coração, ou seja, objetivo de todo meu carinho, razão dos meus desvelos.

Firmo é o meu coração!

Firmo é o coração do Arcebispo.

Com este mesmo coração, fácil é atinar a figura do egrégio arcebispo, entrando agora neste salão, na elegância de seus gestos e na fascinação de seu sorriso, trazendo-nos a beleza resplandecente de sua poesia e oratória.

A figueira do adeus

A figueira do porto de desembarque era um dos sinais das tradições cuiabanas. O tempo, esse grande roedor das pessoas e das coisas, encarregou-se de levá-la consigo. Dom Aquino, no entanto, imortalizou-a com um soneto.

Longe dos grandes centros, sentinela avançada no Oeste brasileiro, Cuiabá possuía único acesso ao litoral: a via fluvial pela Bacia Platina até ao Oceano Atlântico.

Na praia do sonâmbulo rio, havia uma velha figueira, em cuja sombra aconteciam as despedidas. Era a *FIGUEIRA DO ADEUS*.

Lugar marcado pelas lágrimas dos jovens que buscavam as universidades das metrópoles, deixando chorosas suas enamoradas. Não de forma diferente, ocorria com políticos, funcionários, militares e religiosos transferidos para outros centros. A volta, quase sempre, era demorada.

Familiares, parentes, colegas e amigos participavam do triste bota-fora. As bandas militares aumentavam, e quanto, a dor da separação, com os rasqueados cuiabanos e a valsa de despedida.

Espaçadamente, o timoneiro acionava o apito do vapor, apressando a hora da separação. O lúgubre e lacônico aviso feria o íntimo dos corações. O barco descia mansamente o rio e desaparecia na curva distante. Em silêncio, todos se retiravam.

A velha figueira ficava lá, exposta aos ventos do Sul, desfolhada e retorcida.

Era voz corrente entre os pescadores: no silêncio da noite, a figueira cantava em surdina a valsa de despedida, imitava o buzinar dos barcos, bem assim o choro das mães e das donzelas. Emocionados, olhavam a árvore amiga, parecendo-lhes que os galhos agitavam os lenços brancos da saudade.

Tocado pela lenda, Dom Aquino dedicou à figueira este poema, perenizando-a.

*Descabelada, a sós, por sobre a imensa praia
Pende a velha figueira. Os galhos retorcidos
Olham o vento sul, que tristemente guaia,
E o rio que, em surdina, exala os seus gemidos.*

*Quem quer que para longe, em leve barco, saia,
Nesta sombra saudosa, abraça os seus queridos:
E aqui, fitando a curva, onde a água além desmaia,
Ó noivas! Mães! Irmãs! Ai! Quantos ais doloridos!
É a figueira do adeus a esta terra que adoro!
E dizem que ao luar, quando o éter é sonoro,
E a natureza, em paz, se ajoelha ao pé de Deus,*

*A árvore, na nudez tumular dos barrancos,
Entre palpitações sutis de lenços brancos,
Repete soluçando as músicas do adeus!*

A morte de Guia Lopes

Que poeta! Orador, não fora menos eletrizante. Ouçamo-lo.

Chegam, por fim, os expedicionários à beira das águas intumescidas e revoltas do Miranda. Lopes estava quase agonizante! Na outra margem, além, era a sua estância, era o “jardim”, o verdadeiro jardim em flor dos sonhos da sua mocidade e dos dias felizes ali passados, na companhia da sua esposa diletta, já então prisioneira dos paraguaios, e dos seus filhos, dos quais um, na plena floração dos anos acabava de perecer miseravelmente a seu lado. Lá estava o seu teto hospitaleiro, lá as flores cultivadas por D. Senhorinha, lá os currais desertos, lá o verde gramado, que o seu gado manso pastava outrora tranquilamente, à sombra matinal dos cerrados frescos.

E o velho guia agonizava!

O sol da manhã rebrilhava sobre os pomares viçosos, e as brisas alvissareiras do rio traziam-lhe inutilmente o perfume festival das velhas laranjeiras.

Ele ia morrer, como um novo Moisés, na visão distante da terra prometida. Lança um último olhar de moribundo àqueles sítios saudosos, outro olhar à Bandeira, outro ao céu, e cerra para sempre os olhos de águia, no sacrifício completo do coração e da vida por Deus, cujo nome sempre tivera nos lábios, e pela Pátria, cujos soldados, cujos canhões e cujas bandeiras salvara.

Bastam-nos essas linhas para aquilatar a riqueza de sentimentos de Dom Aquino.

Nesta mesma cadeira, assentou-se outro irmão salesiano. Também ele dignificou, em muito, este silogeu.

Elogio ao Padre Pombo

Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz. Nome quilométrico para uma vida longa, idêntica a essas viçosas árvores, cujos ramos estão vergados ao peso de seus frutos.

Nasceu aos 8 de dezembro de 1913. Corumbá, a catita e hospitaleira Cidade Branca, foi-lhe o berço.

Filho de Raimundo Rodrigues Pombo Moreira da Cruz e D^a Joana Pires Moreira da Cruz. Aos filhos, com desvelo cristão, o casal educou. Dois deles, Nelson e Raimundo, tornaram-se Sacerdotes Salesianos.

Professando na Congregação Salesiana em 1934, Raimundo foi ordenado sacerdote aos 6 de janeiro de 1943.

Sua vida de educador é entrecortada de pontos significantes. No nosso Estado, foi abalizado professor e diretor dos colégios da Província Salesiana.

- Delegado do Serviço de Assistência a Menores (SAM).
- Representante da Fundação Nacional do Menor (FUNABEM).
- Presidente do Conselho Estadual de Educação, de 1964 a 1982.
- Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Nesta casa, ocupou a cadeira de número 4, cujo patrono é o Padre José Manoel de Siqueira, substituindo a vaga deixada por Dom Aquino Corrêa. Tomou posse em 1958, sendo recepcionado pelo Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros.

Sua produção literária é muito complexa. As obras vão do conto ao romance, da poesia ao teatro, das conferências às homilias.

Padre Pombo Romancista

Dois romances apenas! O suficiente, entretanto, para revelar a mestria do Padre Pombo. *O Príncipe Operário* e *Tempestade na Casa do Vizinho* são narrados com tamanha perspicácia, que somente um perito exegeta e tenaz observador das relações humanas poderia, com pujante eloquência, escrevê-los.

O Príncipe Operário

Produto de uma fervorosa promessa feita a São José, em 1965, *O Príncipe Operário* é um romance caracterizado por incontáveis narrações históricas. O escritor, com descomedido sentimentalismo, leva o leitor a átimos de satisfação, à medida que se completa, tão vivamente, a suprema grandeza de São José, na suas atitudes junto a Maria e Jesus. Padre Pombo faz, entre muitas, estas afirmações: *Engana-se quem julga que a nobreza tem seu domicílio nos palácios ou vive entre sedas e pedras preciosas. A nobreza é flor, que medra em corações bem formados e prolifera em cabeças nem sempre coroadas.*

Sobre a morte: *Assim é a vida, já os latinos diziam, 'mors tua vita mea', tua morte é minha vida. Quantos que, como vampiros, vivem da morte de outros. Quantos homens urubus aguardando e desejando a carniça de parentes, mesmo dos próprios pais. É o caso onde se pode dizer: pobre do rico!* (pág. 12).

Sobre o tempo: *Os anos são contas do infundável rosário da eternidade. Vai ele passando indiferentemente, nos seus dedos frios, um após o outro. No desenrolar dessa prece sem fim, tranquilo, mudo, surdo, o tempo vai virando página por página da misteriosa história da humanidade. Cada vida rabisca nela sua passagem, muitas páginas foram destruídas, muitos capítulos já desapareceram, a maioria das histórias se perderam e belíssimas (...).*

Encontra-se, em todo romance, farto lirismo, principalmente nas considerações referentes à Virgem. Maria é, para Padre Pombo, *A mais bela das poesias e a maior de todas as poetisas*. O Magnificat é a mais linda poesia de lavra feminina, não pela extensão, mas pela sublimidade do assunto e pela multiplicidade dos poemas que inspirou. (p. 197.)

Observa-se, numa insistente constância, que a natureza é apresentada como cúmplice da trama em que se desenrola a vida das personagens, chegando mesmo a personificar-se: *Maria já ressonava com o menino abraçado no seio. Não demorou muito, surgia a lua olhando através das palhas da cabana. Uma brisa brincava com as folhas das palmeiras, e o regato, num contentamento sem igual, entoava a mais bela das serenatas desde a criação do mundo.* (p. 260.)

Tempestade na Casa do Vizinho

Alusão alguma se pode fazer a este romance, sem que se atente ao ano de sua publicação: 1969. O porquê é simples. As verdades dos ditos inseridos nesta obra dão a conhecer um escritor de elevado e múltiplo senso de observação, indivíduo atuante na sociedade. No enredo, o romancista versa assuntos que abarcam desde o matrimônio, e suas implicações, até os mais polêmicos: política e educação. Educação vista como responsável pela caracterização da sociedade, onde quer que se verifiquem quaisquer atividades humanas, principalmente políticas.

Padre Pombo se revela um escritor de destaque. Realista aqui, profético ali, sempre com os pés no futuro.

Há quase trinta anos, já preconizava e examinava, com toda proficiência, as quebras de valores tão presentes em nossos dias, em virtude do não-investimento na educação.

Assim dizia, num de seus ataques à Imprensa: *Destruída a moral, está destruída a família que é a base da sociedade e o sustentáculo da Pátria.* (p. 305.)

Portador de uma ironia inexorável e revelando-se grande humorista, preocupa-se em fazer análise crítica, porém construtiva, da nossa Pátria, que se arrasta desenfreadamente para o analfabetismo e para o subdesenvolvimento, consequência da má política, e esta, da falta de investimento na educação. Para tanto, cria Mariluz, a protagonista desta obra, visando a que esta desempenhasse, a um só tempo, o papel de mãe de família e o papel de atuante política. Através dela, configurar-se-ão, ao longo da narrativa, questionamentos como o controle de natalidade, o divórcio, a educação escolar, os vestibulares, o alistamento militar e outros tantos. Dignas de nota ainda, pela profundidade de que se revestem, as largas análises dos artigos da LDB, das ações dos deputados na Câmara, bem assim do sequioso e atilado trabalho da Imprensa.

Claro está, à luz da variedade dos temas acima arrolados, que as mais sucintas palavras que viéssemos a proferir, no tocante a alguns deles, tomariam grande parte desta memorável noite.

Ainda que assim, é nosso propósito trazer-lhes uma que outra citação. Revelam, à guisa dos acontecimentos, a atualidade da obra e a eminente preocupação do escritor com sua idolatrada Pátria.

Em 1969, observou:

Era a lei esperada, o Messias da Educação... e começaram os educandários a aplicá-la como enfermeiros, sem o curso, ou motoristas, com carteira comprada. Na medicina, teríamos mortos; no trânsito, desastres, de que os jornais falariam muito; na educação tivemos tudo isso e muito mais... e ninguém falou, porque ainda não nos capacitamos de que a coisa mais importante para o povo é a educação, de que a grandeza de uma nação depende da cultura de seus filhos. (p. 211.)

Mais adiante, acentua: *A sociedade elabora a educação, mas é a imprensa que a amolda. Não há na imprensa um programa bem orientado. Antes, pelo contrário, a imprensa era a primeira a desorientar a mocidade e o povo (...) a imprensa deveria ser o paladino da liberdade e da educação. Enquanto apresentarmos, com auréola de heróis, ladrões e assassinos, vamos tê-los em progressão geométrica, na juventude de nossa Pátria.*

Caminhando nesta mesma esteira, a uma conclusão chegamos: uma literatura desonesta e imoral levará nossa mocidade para a desonestidade e para a imoralidade. Com a mocidade desonesta e imoral, teremos famílias ainda um pouco piores. Liberdade de imprensa não é devassidão.

Brasileiros, mato-grossenses, cuiabanos. Escutemos as palavras deste excepcional educador. Sejam-nos um alerta para a atual situação em que nos encontramos.

O teatro de Padre Pombo

Como escritor teatral, Padre Pombo alcança o ponto culminante de sua vida de educador salesiano e escritor.

Como Dom Bosco

Para bem entender o filho, é preciso averiguar a pessoa do pai.

Dom Bosco, todos o sabemos, foi um exemplar catequista. Há precisos 156 anos, aconteceu a cena que lhes vou narrar:

A manhã de 8 de dezembro de 1841 é histórica nas crônicas salesianas. Nesse dia, em Turim, na sacristia da Igreja de São Francisco de Assis, Dom Bosco, com 26 anos de idade, preparava-se, como de costume, para celebrar a Santa Missa.

Nisto, ouve uma algazarra e volta-se. Era o sacristão que espancava um pobre menino do povo, expulsando-o do Templo.

Mas Dom Bosco faz chamar o rapaz, acolhe-o com carinho e convida-o a assistir à sua missa. Terminado o santo ofício, trava com ele o seguinte diálogo:

- *Meu bom amigo, como te chamas?*
- *Bartolomeu Garelli.*

- *Onde nasceste?*
- *Em Asti.*
- *Vive ainda teu pai?*
- *Não, já morreu.*
- *E tua mãe?*
- *Também.*
- *Que idade tens?*
- *16 anos.*
- *Sabes ler e escrever?*
- *Não sei nada.*
- *Fizeste já a tua primeira comunhão?*
- *Ainda não.*
- *Já te confessaste?*
- *Só quando era pequenino.*
- *Tens ido ao catecismo?*
- *Não tenho coragem.*
- *E por quê?*
- *Porque os meus companheiros, mais pequeninos do que eu, sabem o catecismo e eu, já tão grande, não sei nada e tenho vergonha.*
- *E se eu te desse lições à parte, aceitarias?*
- *De muito boa vontade.*
- *Estás disposto a vir aqui mesmo?*
- *Posso vir, basta que não me dêem bordoadas.*
- *Não tenhas receio. Ninguém te maltratará. És agora meu amigo e terás que tratar só comigo. Quando queres que principiemos o nosso catecismo?*
- *Quando o senhor quiser.*
- *Hoje à tarde?*
- *Pois, sim.*
- *Agora mesmo?*
- *Também, e com muito gosto.*

No mesmo instante, o jovem levita, transfigurado ainda ao contato eucarístico e misterioso da divindade, ajoelha-se ao lado do seu catecúmeno para começar, pela oração, as aulas de catecismo.

Paremos aqui, ao encanto desse inefável grupo, cena maviosa e puríssima, digna por certo do pincel místico do Frei Angélico.

O sacerdote descera do altar, mas achava-se ainda ali, ao pé do outro altar, não menos sagrado e belo.

Inclinava-se para ele com a mesma unção com que, havia pouco, se debruçara timidamente sobre a pedra d'ara, no êxtase da alma, para o tremendo mistério.

Assim como, no altar de mármore, o pão vulgar se transubstanciara na glória do Senhor, assim também no outro, altar vivo e palpitante de um coração adolescente,

era a alma de um filho do povo, desprezado e corrido, que ia transformar-se, a pouco e pouco, na beleza imortal de um anjo.

Pairava ali, naquele predestinado dia de sua festa, iluminando aquela primeira lição de catecismo, o sorriso da Virgem Imaculada, a mesma dama do sonho de outra, sonho que assim despontava na mais formosa realidade.

Estava inaugurada a escola salesiana.

A finalidade do teatro do Padre Pombo é ensinar o catecismo e o civismo para todos, notadamente adolescentes e jovens. Um belo binômio: fé e patriotismo.

Dom Bosco, criança ainda, praticava esportes, fazia mágicas e proezas de saltimbancos para atrair os colegas. Após os divertimentos, repetia-lhes a homilia que o velho pároco fazia na igreja.

Prendendo a barra no bolso da sotaina, Pombo jogava futebol com os meninos. Sempre foi aplaudido como um craque. Fez isso até os sessenta anos de idade. Em 1936, tirocinante no Liceu de São Gonçalo, com muita habilidade modelou um sem-número de máscaras e organizou um bloco carnavalesco, que desfilou, debaixo de aplausos, pelas ruas da pacata Cidade Verde.

Vocação perfeita de teatrólogo, ensaiava ele mesmo suas peças e pintava os cenários. Quando seminarista, também representava. Tornaram-se famosos muitos dos seus desempenhos. Tudo isso em função de catequizar o povo de Deus.

Heróis Hodiernos

Dentre os trabalhos de gênero dramático, os três atos de *Heróis Hodiernos* são os mais bem elaborados. Com essa peça, ele inaugurava sua arte teatral, em 1944. Contava 31 anos de idade.

O primeiro ato é intitulado pelo autor *como uma aula de catecismo*, a última do Padre Rodolfo.

Entre os alunos, encontra-se Roberto, doze anos, filho do General Alvares Dato.

Há um diálogo vivo entre o mestre e um discípulo. Oportuno trazer-lhes à consideração um trecho da arguição:

- Jacinto, por que se faz a primeira cruz na teta?
- Não sei Padre.
- Sim, você sabe. O que é que você tem na testa?
- Cabelos (risos dos colegas) uai, e não é?
- E debaixo do cabelo, dentro da cabeça, no fundo da cachola?
- Ahm! Miolo.
- Muito bem; e pra que serve o miolo?
- Para... pra pensar.
- Estamos chegando, meu amigo Jacinto, sempre pensa coisas boas. Não lhe vem, às vezes, vontade de falar o que não deve?
- Ah! Já sei.
- O que é que você sabe?
- Faz-se a cruz na testa, para não ter maus pensamentos. (...)

Concluído o diálogo, finda o primeiro ato. Os marxistas penetram de tropel no ambiente religioso e prendem o professor.

O segundo ato se passa numa sala nobre, onde se reúne o Conselho de Guerra Vermelho. Franco avança de vitória em vitória. A situação é crítica. Um mensageiro anuncia a queda de Málaga. As suspeitas afloram entre os comunistas. Roberto, filho do General Comunista Alvares Dato, é aluno do oratório salesiano. No auxiliar os católicos durante a fuga, Roberto é preso.

Entra em cena a inveja, o ódio, a desunião, a desconfiança e a vingança.

As sereias anunciam a aproximação dos aviões, dos comandados de Franco. Final do segundo ato.

A prisão é o palco onde se dá o terceiro ato. Entre os prisioneiros católicos, o Padre e o filho do General Dato.

Se o pai era comunista, o filho abraçava o catolicismo. No caso do General Dato, as funções de pai e general se confundiam. Pior ainda: chocavam-se. De um lado, o suposto dever. Doutro, o amor. Aqui, coração. Lá, ideal. Nesta luta, quem haveria de vencer?!?

Roberto é executado por ordem do pai. Morre apertando ao peito o catecismo e o terço.

Por força do testemunho de Roberto, o pai se converte. O mesmo sucede com Oscar Peres e a soldadesca. Franco entra vitorioso em Madri. A Espanha volta a ser católica.

O professor José de Sá Nunes, com a dupla autoridade de filólogo e pedagogo, classificou como uma jóia da literatura brasileira esses três atos de *Heróis Hodiernos*.

Educação Moderna

Educação Moderna é uma crítica quanto à maneira de educar os filhos, dando-lhes, em demasia, liberdade.

A cena ocorre no quintal de uma casa, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, em belíssima manhã de agosto.

Alguns alunos do Mestre Paulo -permitam-nos a gíria, à moda dos estudantes - resolvem “matar” as aulas para fazer um piquenique. Descobertos pelos pais, estes se vestem de bonecos e ficam assuntando os gazeteiros.

Pombo, no segundo ato da comédia, brinda-nos com uma criatividade sem limite. Com a fala dos filhos, apresenta-nos as maiores críticas contra o procedimento dos pais. Estes, transformados em bonecos no fundo do cenário, escutam calados e gesticulam, arrancando risos da plateia.

Ao final, desfazendo-se das máscaras, os bonecos se identificam.

Desnecessário dizer da dificuldade para que a comédia chegasse ao fim. Impossível conter o burburinho da plateia.

Padre Pombo consegue comover os espectadores até as lágrimas, dado que sabe o segredo de agitá-la em manifestação da mais contagiante e estrondosa hilaridade.

Contam-se por dezenas suas obras teatrais.

Peças teatrais encenadas:

- *O Preço do Perdão* – Drama feminino em 5 atos, Idade Média.

- *O Capitão Jaguar* – Drama em 3 atos – Início do século.
- *Hosana! Crucifigatur! Surrexit!* – Drama bíblico em 3 atos.
- *Crime em Noite de Amor* – Drama natalino em 3 atos.
- *Uké Wagu* – Drama Indígena (bororo), em 3 atos.
- *Política* – Comédia sobre campanha eleitoral, em 3 atos.
- *Escondidos no Alvo* – Comédia em 2 atos.
- *Pipoca* – Comédia em 2 atos.
- *A Casa Assombrada* – Comédia em 2 atos.
- *A Herança do Tio* – Comédia em 3 atos.
- *A Mulher Seca de Cai-cai* – Farsa em um ato.
- *Inauguração da Estátua de Zé Carrapeta* – Adaptação de comédia italiana em 2 atos.

Obras publicadas, no gênero teatral:

- *Heróis Hodiernos* – Drama em 3 atos sobre a Guerra Civil da Espanha, Livraria Salesiana Editora, São Paulo, 1944.
- *Caduquices de Avô* – comédia em 2 atos. Publicado pela Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1955.
- *A Múmia de Tibiriçá* – Comédia em 3 atos, sobre os 400 anos da fundação de São Paulo. Publicado pela Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1967.
- *O Sinal Misterioso* – Drama em 5 atos. Publicado pela Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1958.
- *Educação Moderna* – Comédia em 2 atos. Publicado pelas Escolas Profissionais Salesianas, Cuiabá, 1964.
- *O Último Pelotão* – drama em 5 atos. Publicado pelas Escolas Profissionais Salesianas, Cuiabá, 1964.

Bem que ao Padre Pombo se poderia aplicar aquilo do admirável Padre Rodolfo Cassanellos, uma das personagens centrais do entreccho de *Heróis Hodiernos: Nunca recusei nada ao meu País. A vida que tenho, sacrifiquei-a pela salvação da juventude. Pela mocidade, abandonei todas as esperanças e ilusões. Tudo para dar à Pátria homens de caráter que a governem no dia de amanhã, seguindo os traços predeterminados por Deus.*

Padre Pombo Político

Tanto amor pelo Brasil, tanto amor por Mato Grosso, que ele se insurgiu, decisiva e apaixonadamente, contra a divisão deste Estado.

Saiu pelos recantos mato-grossenses, debatendo a união de todos: *Vamos somar, não dividir. Unido, Mato Grosso será no futuro o maior Estado do Brasil.*

Isso o motivou para as lides políticas. Foi lançado candidato ao Senado Federal, nas eleições de 1979, pelo partido ao qual se filiou – o MDB. Então, concorria com outros candidatos de grande experiência política.

Muito embora não tivesse sido eleito, ocupou um dos primeiros lugares dentre os mais votados, com um notável desempenho na campanha eleitoral, ocasião em que se tornara conhecido pelos quatro quadrantes de Mato Grosso.

Nas eleições subsequentes, em 1982, pelo então PMDB, foi lançado candidato a Governador do Estado, com favoráveis perspectivas de sucesso, em uma campanha renhida e exaustiva, sem que, no entanto, se elegeesse.

Homem de paz e de respeito ao próximo, de honrados princípios morais e acendrado espírito religioso, pautou-se, em sua trajetória política, com dignidade, altruísmo e desprendimento, não se prestando a retaliações acusatórias, nem mesmo a ofensas aos seus adversários políticos.

Meteorica passagem pela vida política mato-grossense. Dela se retirou, sem embargos ou diferenças contra terceiros, retornando ao convívio da Congregação Salesiana que, com tanto carinho, abraçara. Nela terminou sua vida terrena, depois de uma longa doença, no dia 29 de julho de 1996, aos 83 anos de idade.

Peroração

A ninguém é dado ignorar: Deus favoreceu Dom Bosco com vários sonhos proféticos.

Em São Benigno Canavese, 1883, na noite que antecedia a festa de Santa Rosa de Lima, sonhou com as Missões Salesianas da América Latina. Numa viagem de trem, percorria a Cordilheira dos Andes. Servia-lhe de guia Toulon, falecido pouco antes. Numa parada, Toulon ofereceu-lhe um cesto de figos azedos.

- É-me impossível comê-los, observa Dom Bosco. Estão ainda verdes.

- Faze assim, respondeu o guia, e imergiu os frutos, sucessivamente, num cálice de sangue e noutro de água, acrescentando-lhe:

- Com suor e sangue teus filhos e filhas evangelizarão a América Latina.

A viagem continuou. Começaram a contemplar a imensa Bacia Amazônica com suas florestas e rios. Ao chegarem, entre os paralelos 15 e 20, Toulon disse ao santo:

- Contempla este vasto planalto. Quando descobrirem toda a riqueza que existe nos espaços que há entre estes montes, aparecerá aqui a Terra Prometida, onde correrá leite e mel.

Desta profecia muito se valeram os insignes patrícios Monteiro Lobato e Juscelino Kubitschek.

Permitam-me lembrar-vos: justamente no paralelo 16, os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora derramaram suor e sangue, na defesa e no engrandecimento dos povos bororo e xavante.

A vossa escolha, senhores acadêmicos, pinçou, mais uma vez, outro membro da Família Salesiana.

Unido ao Padre Pombo, meu antecessor, e a Dom Aquino, meu predecessor, quero agradecer a esses religiosos e religiosas que nos educaram sob a égide da Madona de Dom Bosco.

Uma palavra a Benedito Pedro Dorileo, a quem coube dar-me as boas vindas, e o fez com a proficiência de sempre, sobejamente conhecida.

Vós sois, ilustre acadêmico, acima de tudo, o Professor. Deus, quando homem se fez e entre nós habitou, quis ser rabi. Passou ensinando e fazendo o bem a todos.

Nos tempos da Rua Nova, na vossa casa paterna, crianças e adultos eram por vós alfabetizados, muitas vezes à luz de toscas lamparinas. Éreis ainda jovem. Dia a dia,

com perseverança beneditina, escalastes o Monte do Magistério até a culminância da Reitoria da nossa Universidade Federal.

Assim se cumpriram, na vossa pessoa, as palavras do Mestre dos mestres: *Quando se acende uma lâmpada, não é pô-la atrás do pilão, mas sobre o candelabro, e ela ilumina toda a casa.*

Posteriormente, vossa luz brilhou aos olhos de todos, notadamente da nossa mocidade, como uma cidade construída por sobre um monte, deslumbrantemente iluminada.

Agradeço-vos - de coração eu o digo - por terdes vindo recepcionar-me na Academia Mato-Grossense de Letras, da qual sois fino ornamento, destacado e primoroso membro. Não bastasse, fez-se, ainda, acompanhar de vossa amável e virtuosa esposa, Dona Marlene. Obrigado.

Meu coração é todo sorrisos: a mim me coube enaltecer a figura de dois irmãos salesianos. Doutra parte, um ex-aluno de Dom Bosco me brindou com tantos imerecidos elogios.

A minha felicidade atinge o ápice. Reporto-me à presença de minha irmã Lalita, dos meus sobrinhos, parentes, afilhados, amigos e membros da Família Salesiana.

A todos, agradeço de coração.

Senhores Acadêmicos, resta-me confessar-vos que esta cadeira, de número 4, está abençoada por Nossa Senhora Auxiliadora. Que ela vos abençoe. A Ela, minha oração.

Oração na Acrópole

Bendita és tu, entre todas as mulheres, porque acreditaste e o Senhor realizou em ti grandes coisas.

Bendito o fruto do teu ventre, Jesus.

Tu és a estrela da manhã no céu da minha vida, a torre de marfim dos sonhos mais puros da minha adolescência, a rosa mística dos meus cantares de moço, a casa de ouro das minhas esperanças. (Dom Aquino, ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras.)

Durante mais de cem anos, mãe e mestra do Liceu São Gonçalo, velaste maternalmente sobre as gerações de crianças, adolescentes e jovens, que estudam e brincam à sombra do teu Santuário.

Continua, Senhora, a proteger estes paralelos do sonho do teu dileto filho, para que aqui seja verdadeiramente a Terra Prometida, onde a semente, regada com o suor e o sangue dos agricultores, se multiplique, numa máxima porcentagem, como celeiro do Brasil e do mundo.

Do alto do teu Santuário, edificado em Cuiabá, coração da América Latina, cidade do Senhor Bom Jesus, teu divino Filho, abençoa todas as raças deste imenso continente americano, agora e para sempre.

CADEIRA 4

PATRONO

Pe. Joaquim Manuel de Siqueira

OCUPANTES

D. Francisco de Aquino Corrêa

Padre Raimundo C. Pombo

Moreira da Cruz

Padre Firmo Pinto Duarte

Lucinda Nogueira Persona

SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

Cuiabá, 30 de setembro de 2014

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA, PELO PRESIDENTE DA
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, EDUARDO
MAHON**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCINDA
NOGUEIRA PERSONA, PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL
NADAF**

**DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA
NOGUEIRA PERSONA**

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA
NOGUEIRA PERSONA, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS, EDUARDO MAHON**



A poesia é uma arte maravilhosamente insidiosa. Vai penetrando pelas frestas e soleiras das portas. Nas casas que não se abrem à poesia, sempre há poeira acumulada nos beirais. Ao contrário: quando arejamos nossa vida com versos, o vento circula pelos alpendres e limpa os corações da sujeira quotidiana do desamor. A assunção de Lucinda Persona à cadeira 04 da Academia Mato-Grossense de Letras é uma lufada de frescor na Casa Barão de Melgaço que a recebe de portas e janelas abertas, apanhando um pouco de todos os ventos que sopram pela cultura.

Estar fechado é resistir ao vento e, quando é assim, uma casa pode desabar. A cultura também se comporta como uma grande edificação: importa não resistir e sim incorporar tudo e todos, tragando para dentro, deixando o vento passar e trazer o futuro. A Academia Mato-Grossense de Letras é a nonagenária mais lúcida, vívida e lúdica do Estado, porque não quer se fechar em si mesma. A nossa rosa dos ventos aponta em todas as direções, desde o sopro inicial parnasiano e cívico de D. Aquino Correa até o contemporâneo de Lucinda Persona, ambos dividindo eternamente a mesma cadeira 04 desta Casa de Letras. Não acolhemos e nem acolheremos nichos culturais ou representativos porque acreditamos ser o talento intelectual o suficiente para distinguir os que tomam acento na bancada acadêmica. Portanto, ninguém aqui é representante de nada a não ser da própria obra, mérito que basta para o destaque nas letras.

A produção intimista da poeta Persona acaricia delicadamente o rosto retorcido do cerrado. Não é do caráter dela o desafio, mas o excesso de talento desconcerta por mera comparação. Tê-la conosco é um desafio que nos impulsiona produzir mais e melhor. A reflexão profunda da investigação da alma que ela nos propõe cria poesias para degustar aos poucos, com calma. Vejamos um trecho: *Episodicamente/a vida aparece./ Isto não quer dizer/que nos intervalos/ela não exista./O que há de notável/(ou mais do que isto)/é que a vida se manifesta/nas coisas que mortas pensamos:/no seio do amarelo/e algum conflito/no luto das sementes/que retornarão aos ramos.*

Lucinda Persona tem uma relação própria com o tempo. Na rica obra literária, além do corriqueiro, do quotidiano, do aparentemente simples, ela se debruça sobre o efêmero e o eterno. Mais uma razão para refletir sobre o significado do ser e estar e, muito adiante, do ser e não-estar numa instituição que propõe a memória perpétua da produção intelectual. Por enquanto, sintamos a dúvida da poeta que nem supunha o ingresso nesta Academia de Letras: *sinto o deslizar do tempo/pesado, soturno e lento/pelos meus ramos perpétuos./tenho as minhas raízes imersas/e as minhas seivas esparsas/em terras de eternidade/(e este oculto ordenamento/de fato – pético mistérios?.../ porque a flor, em mim, não medra?/misturei-me em terra estéril?*

Agora se vê que não. A poeta misturou-se na terra fértil que aguardava o despetar da semente. O futuro medrou intenso. E floresceu para sempre. Lucinda Persona

está madura para a Academia Mato-Grossense de Letras e estamos nós maduros para esse vento novo. Que por aqui vente cada vez mais forte; que nos desacomode dos cantos; que brinque conosco em rodamosinhos; que nos desarrume os cabelos e as ideias. Traga consigo tudo o que há lá fora e pouse aqui uma poesia madura e leve. Prestemos atenção nessa brisa. O prazer está em deixa-la livre. Daqui a pouco, já sai voando de novo. Mas volta. Por imenso gosto, senhoras e senhores, teremos eternamente esse vento chamado Lucinda Persona.

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA, PROFERIDO PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



LUCINDA PERSONA: LINGUAGEM DE POESIA

O escritor afegão, exilado nos Estados Unidos, Khaled Hosseini, em um dos seus belos e comoventes romances que correm o mundo em vários idiomas, na atualidade, diz que “se a cultura é uma casa, a linguagem é a chave da porta que conduz a todos os quartos interiores”. Sem isso, segue ele dizendo: “acabamos sem rumo, sem uma casa adequada, sem uma identidade legítima”.¹

Desse modo, Lucinda, você é um presente para esta Academia Mato-grossense de Letras, porque você é mais uma chave para abrir os quartos interiores deste Casarão. Você é linguagem. Linguagem literária.

Uma linguagem que eu tive o prazer de conhecer por intermédio do texto “Carta para Cuiabá”, uma crônica de sua autoria impressa no jornal “Diário de Cuiabá”, em abril de 1993, por ocasião do aniversário da cidade. Nessa crônica-carta, protagonizando uma das quatro estátuas plantadas na praça da República – o verão – você nos fotografava Cuiabá: uma cidade, no seu dizer, “transformada, transtornada, expandida em bairros e favelas”. Paralelamente, nesse texto, você gravava o seu profundo amor a esta terra, e a sua incessante luta para nela “reter o perfume das mangas e pequis”.²

Nas linhas conclusivas do relato sensível de sua estátua-verão me senti fisgada por sua estética intimista, muito próxima de uma canção melancólica; e, sob o meu olhar de crítica literária suas palavras metaforizadas eram o prenúncio de uma pena singular.

E o futuro próximo me mostrou o quanto o meu prenúncio era certo.

A tempo: quem mora em Cuiabá sabe que na praça da República existem quatro estátuas representando as quatro estações climáticas do ano: a primavera, o verão, o outono e o inverno. E Lucinda, sabiamente, escolheu a que ocupa a maior parte do ano esta terra, o verão, para fazer o seu relato.

Nos anos seguintes, novas crônicas desta escritora sobre Cuiabá surgiram em ocasião similar. Todas elas falavam do seu afeto pela cidade, e da sua inquietação com as transformações urbanísticas e socioculturais pelas quais a cidade se via enredada. A diferença é que quando essas crônicas foram publicadas, eu já conhecia Lucinda, a pessoa. A oportunidade de nos vermos frente a frente surgiu quando lancei o meu livro *Sob o signo de uma flor. Estudo da revista “A Violeta”*, em março de 1994. Na fila dos autógrafos, um nome no marcador do livro: Lucinda. Ergui a minha face surpresa, e ao mesmo tempo feliz, e indaguei: “Você é a autora do artigo “Carta para Cuiabá”? A resposta foi um delicado e tímido “Sim”.

¹ HOSSEINI, Khaled. *O silêncio das montanhas*. São Paulo: Globo, 2013. p.314.

² PERSONA, Lucinda. “Carta para Cuiabá”. Cuiabá: *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, 14 abr. 1993. p. 29. Caderno DC Ilustrado.

Daquela data em diante uma amizade selou-se entre nós; uma amizade que não se restringiu a diálogos literários, a troca de livros, e a visitas e participações em eventos de leitura e de literatura. Tornamo-nos, pode-se dizer, duas irmãs no sentido lato da vida, pois as afinidades mostravam-se superiores às nossas diferenças psíquicas.

Como muitos perceberam estou recorrendo aos vastos palácios da memória, de que nos ensinou Santo Agostinho em sua obra *Confissões*³, para convocar as lembranças do meu primeiro contato com a escrita e com a autora. Pondo em prática as lições do mestre filósofo, as lembranças me vieram de imediato, e outras, por certo vieram na sequência, muitas das quais me ocuparei a seguir para corresponder à tarefa de apresentar a vida e a obra da agora acadêmica Lucinda Persona.

Não foi sem razão que no citado livro, o Bispo de Hipona, dissertando ainda sobre a memória, falou:

“Viajam os homens para admirar as alturas dos montes, as grandes ondas do mar, as largas correntes dos rios, a imensidão do oceano, a órbita dos astros, e se esquecem de si mesmos”.⁴

Se depender desta Casa, Lucinda, a partir desta data você e sua obra não serão jamais esquecidas: ambas já elencam com justiça e mérito a galeria dos imortais. Aadeira n.4 fora a escolhida por você, referendada por seus pares. Antes de sua chegada ela foi ocupada pelos escritores Dom Francisco de Aquino Corrêa, Padre Raimundo Pombo, e Padre Firmo Pinto Duarte tendo como Patrono o Padre José Manuel de Siqueira. A respeito deles não me ocuparei neste ritual porque hoje o meu papel é de recebê-la, apresentá-la a esta Casa e a este público. Ocupação que me limito a obedecer.

Lucinda Persona⁵ nasceu em Arapongas, no Paraná, em 11 de março de 1947, e reside em Cuiabá, Mato Grosso, desde o ano de 1965. Nesta cidade, casou-se com Walter Persona em **30 de dezembro de 1970**. Ela é bióloga, mestre em Histologia e Embriologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e atuou como professora na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e na Universidade de Cuiabá (Unic).

No período de 1995 a 2009 publicou os livros de poesia *Por imenso gosto*, *Ser cotidiano*, *Sopa escaldante*, *Leito de acaso*, e *Tempo comum*. *Por imenso gosto* e *Sopa escal-*

3 SANTO AGOSTINHO. “O milagre da memória”. In: _____. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 218-220.

4 Idem, ibidem.

5 BIBLIOGRAFIA de Lucinda Persona: *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995; *Ele era de outro mundo*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997; *Ser cotidiano*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998; *A cidade sem sol*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2000; *Sopa escaldante*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001; *Leito de acaso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004; e *Tempo comum*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. Antologia: *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. Contos. São Paulo: Via Lettera, 2002; *Fragmentos da alma mato-grossense*. Poemas e Contos. Cuiabá: Entrelinhas, 2003; e *Cada canto tem um conto*. Contos. Rio de Janeiro: Sobreletras, 2004.

dante foram premiados em âmbito nacional, com o Prêmio Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores (UBE).

Lucinda também publicou crônicas, contos e resenhas literárias em jornais da capital de Mato Grosso, e enveredou pelo gênero infanto-juvenil assinando os títulos *Ele era de outro mundo*, em 1997, e *A cidade sem sol*, em 2000. De sua estreia nas letras à atualidade participou de várias antologias nacionais, contribuindo com escritos em prosa e poesia.

Na prosa, ela apresenta uma estética refinada. Como cronista, busca no *fait divers* o alimento para os seus textos, e como decorrência neles desfilam uma multiplicidade de assuntos que se estendem dos acontecimentos diários ou das suas impressões pessoais sobre algo observado a comentários de obras lidas, expostos ora num estilo mais seco e direto, como requer a crônica companheira do editorial, ora mais metafórico, como sugere a crônica amiga da literatura.

E, como contista, conhece os mistérios da arte do conto com presteza. A eles confere muita beleza de linguagem e verticalidade temática; uma leve melancolia, musicada, que rompe da narrativa para falar do ser e da vida: seus mistérios, sua simplicidade complexa, o silêncio (necessário, e prejudicial), enfim, o cotidiano. São relatos breves onde o inusitado se amplia à medida que a narrativa cresce, e quando ela se encerra deixa no leitor uma espécie de saudade do texto lido.

Diga-se, a propósito, que há muito eu tenho cobrado de Lucinda uma seleção de suas crônicas e de seus contos, em livro.

Por sua poesia estar impressa em cinco dos seus sete livros (citamos que dois deles situam-se na linha infanto-juvenil), é a poesia que acaba por torná-la visível como escritora deixando a cronista e a contista num lugar ainda tímido, mas, volto a insistir, que merecem a oportunidade de semelhante destaque.

E, por estar a sua poética em lugar de apogeu é à poeta que recorreremos para colaborar nesta recepção.

Em 1995, ao apresentar um panorama da *Literatura mato-grossense de autoria feminina*, em um evento da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, gravei sobre os seus versos as seguintes palavras:

Sua poética é simultaneamente intimista e existencialista, tanto na expressão de seu conteúdo, que é uma demonstração do mundo e do ser dentro dele, como na técnica de compor.

Sobre o seu fazer poético, chamamos atenção para a incessante busca dos elementos triviais, comuns ao cotidiano da autora, entre eles objetos, flores, legumes e animais (na maioria das vezes insetos e moluscos), para a exposição de sua complexa visão de um mundo também complexo. É através do “corriqueiro” que a autora fala e interroga sobre a vida vazia, a solidão, a ausência do ser, e o cotidiano monótono e reiterativo, sem transformações, ao mesmo tempo em que desperta a atenção do leitor

para a observação daquilo que está ao seu redor, completando ou esvaziando o seu dia a dia, e que ele, por vezes, julga sem importância.⁶

Todavia, é justo lembrarmos que foi a escritora e acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, quem primeiro teve o privilégio de ler a poesia de Lucinda e discorrer sobre ela na orelha do seu livro *Por imenso gosto*.

De sua análise profunda e bem apurada colhemos um fragmento:

Ao buscar no centro da simplicidade o coração da poesia, a pesquisadora-poeta [Lucinda] faz pulsar uma esquina, encontra as vozes do vento, percebe o encanto da formiga, estuda a forma vital de um calendário, saboreia poeticamente um pepino; construindo de um quase nada o arcabouço poético de tudo. Eis aí o encontro da vida com a arte. Presenciando a face descarnada do cotidiano ela vai apontando o extremo amor pela integralidade vital. Em Lucinda, é preciso dizer que a poesia é o tecido multifacetado da vida, ou que a vida só é autêntica se estiver centrada na poesia.⁷

Na oportunidade, a crítica de Marília Beatriz compartilhou de outro olhar crítico, da conceituada e muito lida escritora brasileira Olga Savary, que no prefácio do mesmo livro, com propriedade afirmou:

A criadora de *Por imenso gosto* tem como qualidades essenciais sensibilidade, sutileza e poder com as palavras. [...] Há mistério neste fazer poético. [...] Há também inquietude, mutabilidade e emoção represada, porém genuína, assim como o sentimento que a inspirou.⁸

Com as considerações críticas favoráveis de ambas – Marília Beatriz e Olga Savary – abria-se um caminho sem volta a favor da poesia de Persona. E, à medida que a poeta nos presenteava com novos livros, era ela igualmente presenteadada com comentários receptivos a respeito de sua produção.

Deles nos ocuparemos um pouco mais adiante, porque é chegada a hora de apresentarmos um “petisco” da excelência de sua poesia.

Do livro primogênito, *Por imenso gosto*, colhemos:

ESPALHO SAL

sobre as rodela de pepino
Um detalhe nada suntuoso
e
dentro do presumível
ponho uma pitada
na ponta da língua....

6 NADAF, Yasmin Jamil. Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX. In: *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, p.481. Este ensaio foi posteriormente ampliado e publicado no livro de nossa autoria *Presença de mulher. Ensaios*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004. p.91-129.

7 LEITE, Marília Beatriz de Figueiredo. Orelha do livro *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

8 SAVARY, Olga. Prefácio. *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

Nasce um rio
que se avoluma até o céu
Destes ensombros refunde
o que é inevitável
Tudo se passa como se fosse poesia. (p.47)

Do conhecimento sólido do cotidiano à transformação metafórica sensata de Lucinda, uma fruta como o figo, por exemplo, pode ocupar o lugar de protagonista em seu fazer poético.

Observem essa tese no poema **ESQUARTEJEI UM FIGO**, do livro *Leito do Acaso*.

Por volta das seis da tarde
tudo acontecendo por si
esquartejei um figo
(que até então estivera flutuando na calda)

É nítida a diferença
entre alguns sentimentos

As felicidades (dulcíssimas)
também flutuam
fazem o contrário
do que é comum às aflições
as aflições se arrastam

Muitas vezes me animo
à simples apresentação
das coisas simples
como quem (de repente)
acorda para a vida. (p. 59)

Do gesto trivial de esquartejar um figo e, nesse ato, refletir sobre as aflições individuais do ser e da vida, é visível o engajamento da autora a um dos mais gritantes problemas sociais: a fome, que, no citado livro, rompe de forma inteligente.

Para o manejo de um assunto deste destaque, a autora recorreu a uma estética de pseudossuavidade. Mas, vejam bem, eu disse “pseudo”, pois enganam-se aqueles que pensam que a sua poesia não se ocupa dos problemas sociais. O que ocorre, neste caso, é que o labor literário subverte a linguagem comumente ácida, contundente, ou de alarde a respeito das angústias sociais do nosso planeta.

Veja-se como esse fenômeno se dá no poema **REPARTIR O AÇÚCAR**

Não troco
o movimento organizado
das formigas
por qualquer outro de maior liberdade
A meta da procissão é bem clara

vai atrás do que precisa
a metros de distância

(lugar que em mim é um pouco mais longe)

Sem pensar em mais nada
acompanho com redobrada frequência
o fluxo de difícil contabilidade
lento como engarrafamento (ou funeral)

O que não se mede pela visão
deixo sem nome
mas espalho na terra e adoro
porque é o Senhor
que trabalha no meu destino
e me ensina a repartir o açúcar
com quem tem fome. (p.17)

Com estes versos, faço uma pequena pausa em seu tecido poético, para retornar ao volteio em torno da recepção à sua obra, lembrando que são poucos os escritores de/e em Mato Grosso contemplados com leituras rigorosas e vigorosas procedentes da crítica nacional.

Confesso a minha dificuldade na escolha desses ditos que brotam com fartura do acervo de sua fortuna crítica. Porém, como os cronogramas de ocasiões como esta não favorecem maiores incursões, tive que me contentar em selecionar dois deles, que seguem.

Marina Colasanti, autora nacional de talento irrefutável, em referência ao livro *Ser cotidiano* afirma-nos que:

É preciso uma mulher para saber que legumes são poesia. E que tudo se guarda em caixas, nem que sejam as da memória. No cotidiano as mulheres ouvem claro o gotejar da vida.

Ao fim do seu parecer, ela manifesta seu gosto em “caminhar nesses espaços domésticos da alma” personiana.⁹

Já o consagrado estudioso da literatura José Castello, em laborioso artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 2005, preferiu apostar nas filiações de Lucinda com seus pares.

De um lado, ele afirma que a poeta é

⁹ Marina Colasanti em carta para Lucinda Persona por ocasião da leitura de *Ser cotidiano*, em 15 de março de 1999.

[...] descendente direta da mineira Adélia Prado, com quem compartilha o gosto pela metafísica, o apego aos resíduos do cotidiano e, sobretudo, uma aposta na grandeza das pequenas coisas.

De outro, ele diz:

Também está nesse gosto pelas miudezas o traço que distingue a segunda filiação, agora a um mato-grossense, só que do sul, o poeta Manoel de Barros. Como ele, Lucinda prefere emprestar sua atenção aos murmúrios do ser, à fragilidade dos animais, aos grandes espaços em branco – o tédio, a introspecção, a preguiça – que parecem preencher intervalos, quando na verdade sustentam a existência humana.

Por fim, ainda aposta em uma terceira comparação

Na trilha de Clarice Lispector, outra referência inevitável, assim como Pessoa, Drummond e Baudelaire, Lucinda Persona se atém à força do instante. Instante que estará sempre cercado, estofado, pela monotonia e pela repetição, elementos que, assim, se revelam como a verdadeira matéria da vida.¹⁰

Aos comentários de natureza crítica procedentes de outras terras somamos a atenção recorrente a que vem merecendo a poesia de Persona no âmbito das universidades. Vamos a ela:

Dos inúmeros ensaios publicados em revistas acadêmicas analisando a sua escrita – tarefa neste ato impossível de enumeração –, eu pularei para as dissertações de Mestrado e Doutorado.

Para quem desconhece, a obra de Lucinda tem sido objeto central de estudos de natureza científica. Cito, para ilustrar, as dissertações “A metapoesia em Sophia Andresen e Lucinda Persona: aproximações literárias”, de Adalgisa Gonçalves Fortes, defendida em 2006; “Lucinda Persona: imaginário poético”, de Veranildes Silva, defendida em 2009; e “Poesia em tela: Lucinda Persona”, de Renato Cardoso de Moraes, defendida em 2011. Todas essas dissertações foram defendidas na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Mais recentemente, a sua poética foi assunto de duas teses de doutorado, um lugar de honra, a meu ver, consagrado à obra de um autor ou de uma autora.

A primeira delas é assinada pela escritora, professora de literatura e acadêmica eleita (que em outubro tomará posse) Marta Helena Cocco, e se intitulada “Poesia e mitocrítica: sob a tirania da finitude, a pulsão da vida na palavra poética de Lucinda Persona”. A citada tese foi defendida na Universidade Federal de Goiás (UFGO), em 2012, tendo como núcleo incandescente uma questão que ela considera crucial na poética da autora: “a finitude da matéria pela ação do tempo.”

¹⁰ CASTELLO, José. Um novo horizonte no gosto pelas miudezas. In: *O Estado de São Paulo*, de 27/02/2005.

Entre as novas e profundas possibilidades de leitura no *corpus* em questão, Marta nos ofereceu está assertiva:

A poesia de Lucinda Persona, cuja ação imaginante é movida, principalmente, pelo mitologema vida e morte, começa a ser engendrada pelos gestos de descida às intimidades e, depois, de sacralização e celebração do espaço-tempo.

E ao final de sua instigante análise, concluiu que:

[...] o próprio poema se constitui no abrigo, no lugar preferencial do eu lírico, onde as dores podem ser repartidas, bem como a alegria pelo diálogo, pelo convívio e pela perpetuação. A palavra, na poética de Lucinda, mesmo que expresse a morte, é o lugar da vida. É onde a vida sempre pode principiar.¹¹

No ano seguinte, em 2013, foi a vez da professora de literatura e também poeta Marli Terezinha Walker defender a tese “Entre vários amores: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso”, na Universidade de Brasília (UnB). Centrando seu olhar sobre o amor em suas várias vertentes, como sugere o título de sua tese, ela se ocupa de um conjunto de autoras mato-grossenses, para pensar os conceitos do amor e a mulher, no Brasil e, em especial, em Mato Grosso.

No minucioso capítulo destinado à obra de Persona, Marli selou, com propriedade e de modo definitivo, que na lírica da autora

A repetição dos temas manifesta a relação que o eu lírico estabelece com o ato criador, no sentido mesmo de criar, dar à luz. Para este sujeito-de-enunciação lírico, criar é o único modo pelo qual é possível recriar o universo circundante e nele, e com ele, o amor, vencendo a condição de finitude e incompletude, aquela angústia do futuro, à qual se refere [Octavio] Paz quando fala da lírica moderna e pós-moderna, porquanto os enunciados líricos de Lucinda Persona denunciam a “busca de um outro tempo, o tempo verdadeiro”.¹²

As reflexões ofertadas pelas jovens doutoras Marta Cocco e Marli Walker à poesia de Lucinda reafirmam o que tentamos anunciar ao longo do nosso Discurso: do quanto é múltipla e farta a matéria da qual são feitos os seus versos.

Uma poesia que pela fé como é exposta alçou e alça voos para além do literário e se converteu e se converte em generosa seara pronta a ser servida e sorvida porque a literatura, a boa literatura, costuma ser um presente aos que cercam a quem escreve, e mesmo aos que estão distantes e a compartilham conosco de um lugar comum. A boa literatura deve ser deleite e reflexão para a vida porque ela humaniza, abraça, aconche-

11 COCCO, Marta Helena. “Poesia e mitocrítica: sob a tirania da finitude, a pulsão da vida na palavra poética de Lucinda Persona”. Goiânia: Tese Doutorado/UFGO, 2012. Mimeo.

12 WALKER, Marli. “Entre vários amores: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso”. Brasília: Tese de Doutorado-UnB, 2013. Mimeo.

ga, sorri, como também faz chorar. A boa literatura precisa corresponder a tudo aquilo de que é feita ou de como deveria ser feita a vida de todos nós. No oposto, que serventia teria a palavra estética?! A linguagem literária existe para tocar a nossa alma e a nossa razão. Para tentar, num labor contínuo, cavar os abismos dos homens e das mulheres, e vencer do mundo real relações mais dignas a esses mesmos homens e mulheres, derrubando as desigualdades e as fronteiras socioculturais.

Incontestavelmente, Lucinda, pelo exposto nesta oportunidade, a sua poética responde com clareza a esses objetivos.

§§§

Senhoras e Senhores.

Para a abertura da minha exposição, recorri às palavras sedutoras de Khaled Hosseini, nomeado escritor afegão, e, para encerrar, irei navegar nos sábios ensinamentos do poeta grego de Alexandria, Konstantinos Kaváfis.

Ouçamo-lo:

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.
Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrarás
se altivo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.
Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravo Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os levars dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto
para correr as lojas dos fenícios
e belas mercancias adquirir:
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,
e perfumes sensuais de toda espécie,
quanto houver de aromas deleitosos.
A muitas cidades do Egito peregrina
para aprender, para aprender dos doutos.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.

Mas não apresses a viagem nunca.
 Melhor muitos anos levars de jornada
 e fundeares na ilha velho enfim,
 rico de quanto ganhaste no caminho,
 sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
 Uma bela viagem deu-te Ítaca.
 Sem ela não te ponhas a caminho.
 Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
 Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
 E agora sabes o que significam Ítacas.¹³

Vejam que não foi sem razão a escolha deste poema para o fecho de minhas palavras. No que nele diz respeito à Academia Mato-grossense de Letras não há que se discordar que ela é um sinônimo da Ítaca de que nos fala o poeta, pois ela é a guardiã oficial do depositório da escrita de nossa abençoada terra de Mato Grosso.

E no que concerne à nova acadêmica, eu bem sei, Lucinda, que você não está em idade avançada – como aconselha Kaváfis ao seu interlocutor – para aqui aportar. Pelo contrário: a linguagem literária não tem idade, sobremodo não envelhece. Mas é justo afirmarmos que estamos te esperando há anos nesta Casa e a cultura mato-grossense, pacientemente, também.

Seja, portanto, muito bem-vinda, LUCINDA PERSONA!

Cuiabá, 30 de setembro de 2014.

¹³ KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p.118-119. Ítaca, como muitos de nós sabemos, é o nome da ilha sobre a qual reinava Ulisses, um dos heróis do cerco de Tróia cujo aventuroso regresso à sua ilha pátria constitui a matéria narrada na *Odisséia*. Neste poema, seu autor faz uma alusão da viagem do herói Ulisses em retorno a Ítaca, como uma viagem de aprendizado, de aquisição de experiência e sabedoria.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA



CARTAS AO TEMPO

2

*Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.
(Barros, 1998)¹⁴*

É assim, vestida de poesia, que aqui chego.

É com este poema do cuiabano Manoel de Barros que faço meu traje de gala para, na alegria desta noite, entrar nesta casa, a Casa Barão de Melgaço, no coração de Cuiabá, esta cidade quase tricentenária, no coração da América do Sul.

A singularidade do poema, o que nele mais apraz, ultrapassando os limites da experiência real reside no fato de trazer em si a razão de sua própria existência. O poeta expressa o processo criativo a partir de um misturar-se à matéria que o encanta e para a qual foi posto a jeito pelo Criador.

Esses puríssimos versos desvelam muito do motivo que me traz à Academia Mato-grossense de Letras. Aqui estou, porque *quero o feitiço das palavras*. Quero a sua força misteriosa e o desafio de ajustá-las ao sentimento do mundo. Quero o lugar onde as letras desabrocham entre aqueles que foram *pertencidos a árvore*; entre aqueles que escutam *o perfume dos rios* e usam *pássaros para encontrar o azul*. Quero o lugar que agrada ao espírito e que nos aproxima do mundo e da vida e nos forma e transforma. É a paixão pela escrita que aqui me faz chegar, como certamente atraiu todos os acadêmicos que aqui aportaram.

De perto, pois falo no agora solene deste hoje memorável, de perto, volto-me para olhar este lócus iluminado e sentir os ares dourados da noite. Volto-me para fixar os olhos nítidos de todos que aqui vieram para tornar mais doce e cristalina esta atmosfera, à semelhança de mil cajus cristalizados; corações fraternos que me proporcionaram a satisfação e a honra de suas presenças, as quais abraço num só e agradecido amplexo.

¹⁴ BARROS, Manoel de. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Neste exato ponto, não me dispense de dizer que foram incontáveis as dúvidas no vir a ser deste discurso. Quanta inquietude. Como proceder para que nada me ficasse de fora, mas ao mesmo tempo o texto não fosse um nunca acabar? Como levantar este constructo de palavras se, no *Interlúdio* de Cecília Meireles¹⁵ há este anúncio: *As palavras estão muito ditas/ e o mundo muito pensado*. Como evocar vida e obra do Patrono e dos ocupantes insígnies de uma Cadeira Acadêmica, prestando-lhes a justa homenagem de perpetuação da memória, em face das medidas incomensuráveis de suas trajetórias?

Minhas indagações, aqui e ali partilhadas, perdidas em desarmonias, acabam encontrando ecos. Um deles vem da clarividência literária da amiga, acadêmica Yasmin Nadaf que, em mais de um momento advertiu: “Seu texto está praticamente pronto, reveja e reelabore nos moldes da carta que enviou aos acadêmicos antes de sua eleição”. Heureka! Como se resvasse dos muros da aurora vibrou a voz da razão. Escolhi o que nomeio de Cartas, esta espécie de veículo epistolar, cujas raízes remontam às pretéritas eras das inscrições rupestres. Por esta via, estarei caminhando.

Passando, pois, a outro momento desta fala, com alguns desdobramentos por certo, mas não tão longos que nunca se acabem, gostaria de ponderar um aspecto singular do qual me dei conta somente quando já eleita, lancei-me ao estudo da fundação desta Academia e especificamente dos ocupantes da Cadeira n. 4.

Meus antecessores destacaram-se pelo espírito inquiridor daqueles que nascem com ideias e ações que germinam e florescem dadivosamente. Espíritos tomados de um lado pelo sopro confortador da literatura e, de outro, poderosamente nimbados por uma luz celestina. Eis aqui o ponto singular. A Cadeira n. 4 está coroada por um halo distinto, porquanto os três ocupantes e o Patrono foram sacerdotes.

Meus precedentes, grandes vultos que enriquecem o cenário cultural matogrossense, compõem uma augusta linhagem clerical a qual venho interromper. Entretanto, e que palavras não me falem para exprimir o que penso e sinto, embora eu esteja quebrando a continuidade monástica, não quebro a continuidade de almas maravilhadadas com o mundo e a possibilidade de louvá-lo. Não quebro a continuidade da fé cristã, nem da esperança. Não quebro a continuidade do amor ao próximo, da fraternidade e da perseverança em tudo que ao homem traga benefícios. Não desfaço o elo essencialmente literário, o gosto de navegar no revolto oceano das palavras. Não interrompo a linha de seda da poesia que faz contemplar o mundo como um milagre, que leva ao sonho, às gratas descobertas do espírito, às reflexões cosmológicas e muito mais.

Não quebro a continuidade com Dom Aquino em sua *Arte Poética*¹⁶ quando diz:

Estuda, estuda a fundo, noite e dia,
O belo idioma límpido e cantante,

15 MEIRELES, Cecília. *Viagem: vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

16 CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Poética, Nova et Vetera)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. I, Tomo III. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

Para engastar a rima de diamante,
No ouro velho da clássica harmonia.

Não quebro a continuidade com Pe. Pombo nos ideais pedagógicos e cujos ensinamentos eram filtrados graciosamente através de diálogos em textos cênicos, como nesta fala do personagem:

Zé: - [...] e vou logo buscar meus livros, pois está quase na hora de ir para o meu querido colégio. Não quero chegar atrasado.¹⁷

E tampouco quebro a continuidade com Pe. Firmo na satisfação em ingressar nesta Casa. Em seu primoroso discurso de posse, ele proclama:

Esta Casa de Melgaço é nosso ápice. (...). Desde pequeno, acostumei-me a entrar aqui pelo pórtico das Cariátides, ostentando as mulheres mato-grossenses; também elas, lindas colunas a embelezarem este templo com os encantos de seus carismas. Vinha fazer companhia à minha idolatrada mãe, nas tertúlias mensais do Grêmio Júlia Lopes. Era a *Violeta Falada*, que se realizava neste salão esmaltado de saudades. As preleções castiças de Dom Aquino, Barnabé de Mesquita, Filogônio Corrêa, Gervásio Leite e outros, entrelaçavam-se com a música e a poesia das nossas beletristas.¹⁸

A linda metáfora usada por Pe. Firmo, a de adentrar pelo “pórtico das Cariátides”, em alusão às figuras humanas, geralmente femininas, esculpidas nas antigas fachadas gregas, empresta uma espécie de eterna harmonia aos ares fecundos desta Casa das Letras, ao evocar a presença feminina, iluminando e revalidando a mulher-artista. Grande Pe. Firmo.

Realmente, muito me honra e alegra estar na Casa Barão de Melgaço, chamada por Dom Aquino em certo momento de “florido parnaso de nossos beletristas”. Uma sucessão concedida graças ao generoso acolhimento dos notáveis acadêmicos, aos quais, de viva voz, registro um inicial e profundo agradecimento.

Postas estas considerações, farei a seguir uma aproximação maior às figuras do Patrono e dos três imortais que ocuparam a Cadeira n. 4, seguindo a ordem cronológica de ocupação e dedicando as primeiras linhas ao Pe. JOSÉ MANOEL DE SIQUEIRA com o título:

17 SILVA, Agnaldo Rodrigues da. *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Cáceres: Abrali Edições/Ed. Unemat, 2010.

18 DUARTE FILHO, Firmo Pinto. *Discurso de Posse do Acadêmico Pe. Firmo Pinto Duarte Filho*. Cuiabá, 1997.

A FLOR-ESTRELA

O padre José Manoel de Siqueira foi chamado por Dom Francisco de Aquino Corrêa de “a primeira flor da intelectualidade mato-grossense”. Esta é a última frase do instigante *Elogio* acadêmico¹⁹ que Dom Aquino (enquanto primeiro ocupante da Cadeira n. 4) fizera a 12 de dezembro de 1925, em sessão comemorativa do centenário de morte daquele sacerdote, promovida pelo Centro Mato-grossense de Letras.

A leitura dos manuscritos do padre-mestre Siqueira, acrescida da leitura de retalhos documentais de época, foram os elementos que descortinaram para Dom Aquino um cenário e uma trajetória tal que o levaram a transcender o âmbito da realidade e, através da imaginação, aproximar-se da vida daquele presbítero, uma vida, nas palavras de Dom Aquino, “inteiramente dividida entre a oração no templo, os estudos no gabinete e as pesquisas no seio misterioso e imenso da natureza”.

O próprio Dom Aquino assinala em seu *Elogio* que recorreu à fantasia para romper as fronteiras não vistas do tempo e reconstruir o ambiente e os fatos da época. Com efeito, a imaginação se mostra como um caminho através do qual o poeta Dom Aquino direciona seus sentimentos mais profundos para estabelecer a denominada comunicação indivíduo-universo. E isso é realizado por ele através de uma teia poética fascinante, estendida desde o seu espírito iluminado até a temporalidade de uma Cuiabá colonial.

A imaginação é uma estratégia para em letras desenhar o passado.

Não muito se sabe da trajetória do clérigo José Manoel de Siqueira, filho de Antônio do Prado Siqueira e nascido em 1750, em Cuiabá, então recém-desmembrada de São Paulo e elevada a capitania. José Manoel de Siqueira contava 32 anos de idade quando, em 1782, ordenado padre no Rio de Janeiro, retorna a Cuiabá. Fato registrado nos Anais do Senado da Câmara.

Padre Siqueira permaneceu em sua capitania natal ao redor de oito anos e, em 1790 viaja para Lisboa, consagrando-se aí aos estudos de Filosofia e outras áreas dentro da História Natural, pela qual nutria um ardoroso interesse. Ele viveu por vários anos na terra de Camões, num momento em que a Europa era um caldeirão efervescente de ideias e de importantes avanços na Ciência. Lá, o padre José Manoel de Siqueira tornou-se sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Com extensa provisão de saber, e nomeado “professor régio de Filosofia Racional e Moral”, ele retorna ao Brasil, para ficar na cidade onde nascera. Deu-se a 15 de julho de 1798 a chegada do padre-mestre a Cuiabá, fato magistralmente descrito por Dom Aquino e sua força imaginante, quando inclusive visualizou um rito litúrgico no âmago do sertão, para o qual usa uma frase de admirável beleza: “O altar flamejava todo em ouro nas ondas luminosas do dia”.

No acender das luzes do século XIX, inícios da seca do ano de 1800, numa exaustiva, mas abnegada pesquisa botânica, o padre Siqueira descobre a árvore da quina

¹⁹ CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Discursos)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. II, Tomo I.. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

ou da casca peruviana, nas proximidades do Morro São Jerônimo, na Serra da Chapada dos Guimarães.

Dom Aquino refere um total de seis “Memórias” escritas por José Manoel de Siqueira, das quais lhe foi possível ler apenas duas. Isso bastou para que elaborasse seu importante *Elogio*, misto de crônica e memória, onde defende a inclusão do nome do clérigo Siqueira na que ele chamou de “galeria glorificadora dos patronos das boas letras mato-grossenses”.

Há onze tópicos no discurso de D. Aquino ao padre José Manoel de Siqueira.

No tópico introdutório, Dom Aquino, desde o seu século XX, contempla o século anterior e, numa representação contextual primorosa, recupera justamente o dia dos funerais do padre-mestre Siqueira. A morte o alcançou (ou talvez o tenha esperado) no crepúsculo da existência, aos 75 anos de idade, no dia 12 de dezembro de 1825. Foi posto a descansar, por uns poucos membros da clerezia local, na Capela dos Passos, em meio ao silêncio público, sob a aclamação macia e silenciosa da paisagem colonial. Isto, sete anos após Cuiabá ter sido elevada à categoria de cidade.

Os demais tópicos do *Elogio* de Dom Aquino são esclarecedores da trajetória do padre-mestre Siqueira e foram assim nomeados: o sacerdote, o estudante, o sócio da Academia Real das Ciências, volta aos lares, o naturalista, a Serra da Chapada, o inventor da quina, o romance da quina, o escritor e o homem, peroração.

O *Elogio* de Dom Aquino constituiu-se numa fonte essencial, eu diria numa chave providencial, que me permitiu avançar e resgatar para este momento ímpar a figura memorável do padre Siqueira. E encareço que se trata de uma referência importante a todos que aspirem lançar mais luzes sobre a trajetória, vida e obra daquele presbítero. Ele é citado como “exímio aquarelista”, onde estão suas pinturas?

Vários aspectos me identificaram com o universo do padre-mestre Siqueira, como sejam: o magistério, a escrita... Entretanto, o principal link (usando uma expressão da moderna web), foi o gosto pela botânica. Embora eu seja uma bióloga especializada em morfologia animal, é na flora que encontro sossego e quietude, conforto e sonho.

O padre-cientista Siqueira teve na descoberta da árvore da quina um de seus feitos mais significativos e exaltá-lo nesta realidade pareceu-me boa medida, principalmente quando, ao pesquisar a taxionomia da mencionada planta, deparei com uma espécie cujas flores, de rara beleza, são pequeníssimas, em formato de estrela, com cinco pétalas pontiagudas, de textura e tonalidade lunares. Flores que conclamam à poesia.

Por isso, é com um poema que a ele expresse um terno tributo:

Desabrocha
mínima e imaculada
tão branca
como é branca a estrela matutina
a flor da quina do Cerrado.

Que os versos desta pequena homenagem ao padre Siqueira, nestes inícios da primavera de 2014, possam adejar como eterno pólen no ar livre da cuiabania.

Cumpre agora dirigir minhas palavras ao primeiro ocupante da Cadeira n. 4: DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, dedicando-lhe a página:

PARA ALÉM DO AMANHÃ

De quando em quando, estando o sol, a lua e as estrelas em seus giros costumeiros, em algum lugar de nosso vasto planeta, surge uma vida que traz consigo o coração em chamas. Um coração inflamado por paixões, uma das quais, a terra natal, e que o faz cantar em versos emblemáticos:

Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,/Nosso berço glorioso e gentil!²⁰

Bastam estes dois versos do Hino de Mato Grosso, escrito pelo memorável Dom Aquino Corrêa, para ver aí um esplêndido e convincente exemplo de amor a terra. O Hino de Mato Grosso constitui-se num verdadeiro tesouro de palavras bem pensadas e ordenadas, fonte inesgotável de emoção, capaz de nos despertar novos devaneios no universo da poesia. São incontáveis as pessoas cujos corações se desmancham já aos primeiros acordes musicais desse hino.

Que surpreendentes e fascinantes são essas horas quando mergulhamos na história de vida de um sonhador. De um homem que não pode ser descrito em poucas palavras, como é o caso de Dom Aquino. Sacerdote, Poeta, Orador, Educador, Bispo e Arcebispo de Cuiabá, Presidente do Estado de Mato Grosso, Fundador da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Membro da Academia Brasileira de Letras, entre outras representações oficiais importantes no país e no estrangeiro.

Em 1993, trinta e sete anos após a sua morte, surge uma biografia sobre sua vida e obra de autoria do Pe. Pedro Cometti²¹. Este autor recupera com propriedade traços pouco conhecidos de quem ele chama de “um homem de Deus e da Pátria”, porquanto lhe fora discípulo, secretário e filho espiritual. Esse livro biográfico assume características de um romance, com dois momentos (o do nascimento e o da morte) balizando e transportando à temporalidade marcante do Segundo Arcebispo Metropolitano de Cuiabá.

Assim, as datas de 2 de abril de 1885, Cuiabá-MT e 22 de março de 1956, São Paulo-SP, marcam o espectro temporal de quase 71 anos em que cintilou a figura de Dom Aquino, filho de Tomás de Aquino Corrêa e Maria d`Aleluia de Aquino Corrêa.

Dos mergulhos no universo biográfico do eminente Dom Aquino, ouvi também a voz significativa de Germano Aleixo Filho em sua Oração²², proferida a 6 de

20 CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Poética, Terra Natal)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. I, Tomo II. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

21 COMETTI, Pe. Pedro. *Dom Aquino Corrêa. Arcebispo de Cuiabá: vida e obra*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1994.

22 ALEIXO FILHO, Germano. *Oração a Dom Francisco de Aquino Corrêa*. Grandemente Simples, Simplesmente Grande. Cuiabá: o Autor, 2008.

junho de 2008, quando recebeu a Ordem do Mérito Legislativo Dom Francisco de Aquino Corrêa. A oração tem por título *Grandemente simples, Simplesmente grande*, denominação mais do que justa ao extraordinário sacerdote, de imensa estatura lírica e tão precoce nos talentos com os quais se distinguiu.

Em Dom Aquino, a poesia é um mágico prisma através do qual ele contempla tanto o passado quanto o presente e o futuro. É um poeta que mergulha nas profundidades da língua para emergir com cânticos harmoniosos e plenos da mais fina sensibilidade, expressando as dores e os júbilos do mundo. Torrencialmente, ele nos fala daquilo que conhecemos: a terra, a família, a vida, a morte, o tempo, os astros, a fé, a esperança, mas, sobretudo, canta a “grandeza de Deus em cada coisa”, conforme seu poema “*Flor estranha*”. Se a ele algo escapou, ainda não sabemos.

A dimensão intelectual e espiritual de Dom Aquino está refletida em três obras de indiscutível supremacia: *Poética, Discursos e Pastorais*. Estas obras estão reunidas em oito livros num trabalho diligente e admirável de organização, preparo de texto e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva²³, por ocasião do centenário de nascimento de Dom Aquino.

Em se tratando deste luminar da constelação eclesiástica, toda celebração será sempre insuficiente quando cotejada com sua nobreza. Ficaremos sempre em dívida para com este expoente da história cultural mato-grossense, que lia no original os épicos universais gregos e italianos, e que se autodenominou “um humilde cultor das letras”. Isto, absolutamente, me cala. E Minerva, a deusa da sabedoria, aprova.

Com ingredientes vigorosos, radiantes e envolventes, Dom Aquino, como poucos, deu-nos a conhecer o florido de seu chão natal. Que os filhos deste mesmo chão possam manter sua luz para além do amanhã.

Prossigo, neste momento, com outro magno personagem e suas ações, o segundo ocupante da Cadeira n. 4, Pe. RAIMUNDO CONCEIÇÃO POMBO MOREIRA DA CRUZ, que trago à cena desta noite com o fragmento:

UM PAPEL QUE RESPLANDECE

Cada vida tem uma dinâmica incomensurável, nuances características, tornando-se apaixonante, mas ao mesmo tempo difícil, o desvendamento de uma trajetória daqueles que foram múltiplos, atuantes, diligentes, comprometidos com seu tempo, daqueles que se doaram às funções propagadoras da fé, da paz e da educação. Tudo isso se reflete poderosamente na história de Pe. Pombo.

Ele foi uma das personalidades mais prestigiosas da história eclesiástica, cultural, educacional, literária e sócio-política de Mato Grosso.

Seria agora o justo momento de se indagar: de quantos atos se compôs a vida de Pe. Pombo, desde o levantar até o baixar das cortinas? Certamente, milhares. E, no teatro da existência, a melhor hora para entrar é na primeira cena do primeiro ato.

²³ CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. 8 v. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

Pe. Pombo, como era geralmente chamado pela comunidade que o cercava, nasceu em Corumbá, Mato Grosso do Sul, a 8 de dezembro de 1913. Tivemos, assim, no ano passado, a marca centenária de seu nascimento. Seguindo um desenho linear biográfico deste sacerdote, sabe-se que realizou seus estudos iniciais em Corumbá, MS, tendo estudado também em outros centros tais como: Campo Grande, MS; Campinas, SP; São Paulo, SP, até ordenação sacerdotal em 1943.

Sem poder referir todos os atos, o grande papel que resplandece em Pe. Pombo é o de sacerdote, ao qual se somam as atividades literárias, teatrais e educacionais ao longo da vida. Faleceu aos 82 anos, no dia 29 de julho de 1996, em Cuiabá-MT, velado no Colégio Patronato Santo Antônio.

Nas incursões para obtenção de dados sobre vida e obra deste eminente personagem foi possível um encontro feliz, ou seja, com o extraordinário estudo realizado em torno do teatro mato-grossense pelo acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva²⁴ que, em certo momento, assim se expressa:

Padre Pombo é o principal dramaturgo de Mato Grosso. As peças teatrais que produziu estão localizadas nas décadas de 50 e 60 do século XX, abrindo caminhos a uma nova tendência teatral no Estado, o teatro religioso, político e sócio-existencial. Não escreveu apenas teatro, pois sua produção permeia o romance, a poesia, a história e a educação. Nem todo acervo das produções desse admirável escritor está à disposição para acesso, porém os abaixo elencados oferecem-nos um limiar sobre as peças teatrais que escreveu. *Sinal Misterioso. O último pelotão. Educação Moderna. A Múmia de Tibiriçá. Caduquices de Avô*

Cada ser humano assume um papel nos palcos do mundo e bem-aventurados são aqueles que o fazem para uma realização profissional e espiritual. Pe. Pombo, além de representar “*A vida na hora, / Cena sem ensaio*”, segundo os densos versos da polonesa Wislawa Szymborska²⁵, também jogou nos palcos seus próprios personagens. Para ele, o aplauso admirado e eterno.

Se existe um meio suscetível de realçar realidades intocáveis, este meio é a escrita. A força desta viagem fantástica através da memória. É dentro desse pressuposto que faço minha homenagem ao terceiro e último ocupante da Cadeira n. 4, o brilhante Pe. FIRMO PINTO DUARTE FILHO, na composição que denominei:

BREVE PASTORAL

Tarde de setembro. Com tais palavras, estabeleço um tempo presente. Mas, o que é o presente, se inventamos, entre auroras e crepúsculos, um calendário que é só

²⁴ SILVA, Agnaldo Rodrigues da. *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Cáceres: Abrali Edições/Ed. Unemat, 2010.

²⁵ SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas / Wislawa Szymborska: seleção tradução e prefácio de Regina Przybycien*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

de saudades? Tarde de setembro, volto a escrever, para não desviar o curso de uma rota nascente. A tocha amarelada do sol reverbera na paisagem. Respiro o ar quente e seco. Talvez seja um paradoxo, mas, para ver meus pensamentos, fecho os olhos. Preciso tocar o destino de um homem, preciso encontrá-lo em sua viva grandeza. Para isto, é necessário que meu coração peregrino se dirija até as lonjuras do ontem, esse lugar intransitável que se acumula no tempo da alma. São enormes as forças do sonho. Elas nos aproximam de terrenos invisíveis, de tempos em que não estávamos. Quando Cecília Meireles²⁶ anunciou “*o passado não abre a sua porta*”, no *Romanceiro da Inconfidência*, soube reforçar essa impenetrável dimensão para o corpo físico, mas não o espiritual. E quando a poeta prossegue dizendo: “*Mas, nos campos sem fim que o sonho corta*”... Isso basta para que fique claro o veículo para a viagem fabulosa.

E o sonho corta tempo e distâncias. Para além dos meus sentidos materiais, está uma aprazível cidade mato-grossense – Cáceres – estendendo-se em pura quietude às margens do rio Paraguai. Vejo-a quase ao final da segunda década do século vinte, banhada de luz e sombra. Corre o mês de janeiro. A densidade do verde não é fictícia, nem o aroma provocativo das mangas e tamarindos. E, como em toda cidade, vejo suas ruas e casario, suas vidas e seus mistérios. Ali, vive a família deste sonho que já transmigra para a realidade. O pai é telegrafista, chama-se Firmo Pinto Duarte. A mãe é professora, uma admirável e arrojada mulher que se convertia e já era história: Maria Dimpina Lobo Duarte.

Aos 16 de janeiro de 1928, nasce o filho caçula da família e recebe o nome de Firmo Pinto Duarte Filho. Nasce para seguir uma trajetória singular e soberana. Uma trajetória pautada pela nobreza de coração, pela fé e coragem, pela busca do conhecimento e do entendimento do mundo e do homem. Sua vida transcorre. Vai à escola, faz amigos, segue de mãos dadas com os sonhos, descortina mundos novos. A carreira eclesiástica o levará vida afora.

Concluídos os estudos de Teologia, Firmo Pinto Duarte Filho é ordenado sacerdote na Catedral Metropolitana de Cuiabá, desdobrando-se em fecundas e representativas ações de sentido humanístico e espiritual. Através do sacerdócio, do ensino e da escrita, Pe. Firmo ilumina o “corpus documental” eclesiástico e cultural de sua terra, e não somente. Sua biografia é apresentada com propriedade e beleza pela Missão Salesiana de Mato Grosso²⁷, em 2005, destacando que “na pessoa de Pe. Firmo estiveram em ação dinâmica duas forças poderosas: sua cultura cuiabana e o carisma salesiano (...). Pe. Firmo encerrou com brilhantismo e profundidade sua história em Cuiabá”. De fato, após um dia dedicado aos fiéis e aos louvores, na noite de 8 para 9 de março de 2005, aos 77 anos de idade, Pe. Firmo dormiu e não mais acordou.

Aqueles que tiveram o privilégio de conhecer e acompanhar a atuação salesiana do Pe. Firmo na Paróquia de São Gonçalo, no Porto, podem, nesta noite, endossar

26 MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência; Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

27 MISSÃO SALESIANA - www.missaosalesiana.org.br/falecidos.

esta breve pastoral de admiração. Pastoral que não posso encerrar sem dizer que Pe. Firmino tomou posse na Academia Mato-grossense de Letras a 8 de dezembro de 1997, data que lhe era cara e significativa. Iniciou seu belíssimo discurso proclamando o fragmento com que ora termino: *Grande é este dia que o Senhor fez! Alegremo-nos, e nele exultemos!*

Passo agora para a última fase desta missiva, e que me pareceu por bem denominar:

NO FIM, OS AGRADECIMENTOS SEM FIM

Um agradecimento inicial que acompanhe par a par a perenidade desta Academia, e que faço justamente a quem me oferece as boas-vindas: a acadêmica Yasmin Nadaf. Um vivo agradecimento por seu espírito aberto à minha obra e por sua primorosa recepção, lavrada num discurso generoso, que foge das fronteiras de um texto rico e depurado para transcender ao território das mais sonoras e mágicas ressonâncias. Yasmin Nadaf, não somente a ímpar escritora/pesquisadora, mas também a amiga/irmã que me fora apresentada, nos inícios da década de noventa, casualmente, vejam só, pelo *Jornal do Brasil*, exatamente assim, quando eu lia a resenha de seu primeiro livro *Sob o signo de uma flor*²⁸. Logo a seguir, vieram reportagens nos jornais de Mato Grosso sobre o lançamento. E para lá, para a noite de autógrafos, me transportei.

De fato, os livros nos concedem a graça de fazer amigos. Foi assim também com a acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, quando iluminou meus passos na publicação do meu primeiro livro de poemas, o intitulado *Por imenso gosto*, sugestão desta intelectual da mais fina estirpe. Obrigada, Marília Beatriz.

Muito obrigada, poeta e acadêmico Tertuliano Amarilha, por me presentear com *Momentos de transfiguração*, soberanos versos que me chegaram com a luz das minas faiscantes. Muito obrigada, nobre acadêmico Avelino Tavares que, através de sua mágica Janela do Tempo, lança saudações ao mundo e à vida, sendo uma delas a mim dirigida num dia distante que jamais se perde no tempo do coração.

Nos momentos mais gratos da existência, naqueles em que o júbilo é a tônica, há muitos lugares de honra. Um deles é o sentimento da terra, o afeto pelo lugar onde se vive. Um sentimento que, em mim, põe em alvoroço caras lembranças, surgindo num balé silencioso de pássaros assustados, acima das águas e abaixo deste céu que sabe ser azul quando cessam as queimadas.

A busca de novas oportunidades de trabalho, reforçada pelo eterno fascínio de novas terras, foram razões pelas quais meu pai trouxe a família para Cuiabá, numa mudança surpreendente. Aqui aportamos no entardecer do dia 2 de fevereiro de 1965. Guardei muito bem a data e o encontro com a cidade. Cheguei observando tudo: a beleza calma aquecida por tardes candentes, o verde intenso, as casas e nenhum edifício, ainda.

O primeiro chão que pisei foi o do Porto, na pequena praça junto ao então Colégio Senador Azeredo, agora Casa do Artesão. Com meus pais e cinco irmãos ado-

28 NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor. Estudo da Revista A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

lescentes, eu fixei residência a Rua 13 de junho, num local cheio de graça e doçura, vizinhança com raízes e postura generosa e delicada para com os recém-chegados.

Por oportuno, quero assinalar que nasci em Arapongas, Norte do Estado do Paraná, na então denominada Fazenda Gaúcha, exatamente onde passa o Trópico de Capricórnio. Desabrochava ali uma vegetação típica, maculada pela intensidade dos cultivos cafeeiros, povoada de animais nada estranhos, ao sopro de ventos ora brandos, ora tempestuosos. De minha estada naquele lócus, ficaram imagens fabulosas: a terra -roxa, a silhueta mutante das nuvens claras e sombrias, as chuvas, e, quando olhava para o céu nas noites mais claras, a fulguração misteriosa das estrelas. Imensas ilhas leitosas girando a anos-luz dos meus sonhos. Lá, tenho a sensação de que o céu é mais próximo do chão do que em outro lugar.

Entretanto, dentro do princípio da moderação, devo retomar o tópico conclusivo.

Aos amigos que tenho nesta terra mato-grossense, a todos que compartilham comigo este raro momento, o meu entusiástico muito obrigada.

E, de acordo com a bela forma de Dom Aquino, eu agradeço “com todas as veras do coração” o apoio, o companheirismo e o carinho de minha família, os Nogueiras representados pelos meus irmãos: Darcy Nogueira, Iolanda Nogueira Lino da Silva, Olanir Nogueira Paranaguá, José de Souza Nogueira e Wilson Nogueira, com seus cônjuges, filhos e netos. Expresso também viva gratidão ao meu marido Walter Persona, sempre me encorajando para as conquistas importantes. Os demais Personas, neste momento festivo, faço representar pelo casal Alcides Persona e Rosa Maria Jorge Persona, também fígados pelo encanto, pela riqueza cultural e pela amabilidade mato-grossense.

Completando o sentido deste significativo dia, trago para perto a memória de meus pais: Maria de Souza Nogueira e Simeão Lopes Nogueira, nascidos em Minas Gerais, sonhadores contumazes quando se tratava da formação e ascensão humana, espiritual e profissional dos filhos; jamais afastados da plataforma soberana da sensibilidade, do amor zeloso, da fé e da coragem. Trazê-los à memória é abrir comportas, é aproximar-me daquilo que sou, é expandir-me às raízes, pousar na infância e escutar o voo silencioso das palavras, abrindo-me portas ao conhecimento não apenas do mundo, dos seres e das coisas, mas também descortinando caminhos ao meu próprio conhecimento e a este ofício inefável que é a escrita, ofício que traduzo um pouco em meu poema:

PRIMEIRA ESCRITA²⁹

Minha primeira escrita foi a lápis
As recordações estão frescas
e ainda sinto o fino sem gosto
do estilete de grafita
(do sol)
à sombra da língua torcido

29 PERSONA, Lucinda Nogueira. *Leito de Acaso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

em lentas concentrações
O lápis era um pouco de silêncio
ao sabor dos meus dedos
Era cheio de uma vontade própria
que era só minha
e suavemente passeávamos
no horizonte da caligrafia
Tenho para mim
que eu dava vida ao lápis
fosse na escola ou na lição de casa
Meu lápis:
horizontal dentro do estojo
Dormi ali
É nele que ainda mora o meu traço
penoso esforço
de em mil maneiras me escrever
errar, apagar e novamente escrever
até me tornar simples no que vou dizer.

CADEIRA 5

PATRONO

Antônio Pires da Silva Pontes

OCUPANTES

Arlindo de Andrade

Francisco Ayres

Clóvis Pitaluga de Moura

Wanderlei José dos Reis

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO CLÓVIS PUTALUGA DE MOURA

Cuiabá, 13 de junho de 1989

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO CLÓVIS
PUTALUGA DE MOURA

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO CLÓVIS PUTALUGA DE MOURA



Os jorros faiscantes de luz estiveram a ofuscar-me por demais e longo tempo até que, em supremo esforço de acomodação da visão autocrítica, tenha podido eu, com passos de comedida segurança em que me encontro agora, enfrentar este como um dos mais significativos momentos de minha já longa caminhada na vida. Recolho com reconhecimento, respeito e profunda humildade, a decisão soberana deste sodalício em receber-me no seu convívio. Deslumbrado, vejo abrir-se para mim as venerandas portadas desta consagrada casa onde o humanismo faz morada. É como se um outro novo esteja nascendo sob meus pés de tantas jornadas a caminho de um outro rumo e um outro culto.

Andou indagando, autodidaticamente, sobre o sentido da IMORTALIDADE, aquele que, como profissional da saúde, condição da qual nunca se despira, vem convivendo por mais de meio século com a vida e a morte... os condicionamentos positivos e negativos da saúde... a morbidade... a mortalidade... Sempre cultuei a sinergia de Vida e de Morte.

Decodificando a sentença de Kant, aceitei que a VIDA É A MORTE. Sem compromissos teológicos, religiosos ou outros que não técnico-científicos, assimilei que É MORRENDO QUE SE VIVE — para a vida convencional, todavia. Através do monumental ciclo da matéria, quando os despojos de todas as criaturas vegetais e animais voltam ao solo e conseqüentemente desabrocham em outras vidas exuberantes, e contínuo movimento integrado, nos é mostrada a ETERNIDADE, não a IMORTALIDADE, muito menos a IMORTALIDADE em vida.

Envolvido por divagações filosóficas às quais procurei aduzir o necessário ingrediente científico, talvez tenha me feito como um daqueles mergulhadores de águas rasas, em vão buscando a verdade adormecida sempre nas profundezas abissais do conhecimento. O certo é que, nesta sôfrega ânsia de indagações sobre o sentido da IMORTALIDADE que hoje me acomete acabei por aprender a mais. Assimilei conceitos, preceitos, tradições. Incorporei lições novas, o que aos poucos está a ajudar-me fazer ajustar-se sobre mim o sutilíssimo manto da IMORTALIDADE.

Vislumbrei, então, que instituições como esta, no nascimento, elegeram pessoas as quais, em vida, propalaram e serviram a princípios e ideias ao encontro de um objetivo específico relevante. Foram personagens marcantes, cujos exemplos não se deviam deixar fenecer pelo esquecimento, por isso erigidos a condição de Patronos, imortalizados, então, pela instituição nascitura. A tocha da IMORTALIDADE continuaria acesa por efeito de sucessão e como o próprio patrimônio cultuado ela se perpetua imune às forças do tempo que propicia esquecimento.

Assim, conta a história, aconteceram com o patrimônio cênico e paisagístico dos belos, alegres e sempre floridos jardins de um lendário herói de Ática, na Grécia antiga-ACADEMUS. Sob a guarda e vigilância permanentes estes deslumbrantes jardins de ACADEMUS mantiveram-se intocados, invulneráveis à sanha demolidora dos lacedemônios... imortalizados!

ACADEMUS e ACADEMIA identificar-se-iam assim etimológica e semanticamente. Como decorrência, a qualidade *ática* que se espera dos Acadêmicos-nobreza, pureza, sobriedade — **ad Imortalitate**. Eis as dimensões grandiosas, quase asfixiantes, que entrevejo a pesarem sobre meus frágeis ombros!

CADEIRA 5 DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS.

Seu Patrono: **ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES** — Geometra brasileiro, foi nomeado em 1780 pelos Governos de Portugal e Espanha como membro da Comissão de Demarcação da fronteira com a Bolívia. Em seu livro História da Cultura Matogrossense, o nosso consagrado biblio-pesquisador e historiógrafo, atuante Presidente desta Academia, Lenine de Campos Póvoas, assim escreveu: Silva Pontes deixou um *Diário de Diligências e reconhecimento das Cabeceiras dos rios Sarara, Guaporé, Tapajós e Jauru, Memórias Físico-Geográficas das Lagos Gaíva e Mandioré*, um *Diário de Viagens no Guaporé* e *Notícias do Lago Xaraiés*. Tão valiosos foram os trabalhos realizados pela Comissão chefiada por Ricardo Franco que o Marechal Rondon, ao percorrer as mesmas fronteiras, em começo do século XX, declarou que esses trabalhos *lançam sobre as páginas da história da Capitania de Mato Grosso um fulgor de talento, de hombridade e operosidade de que, em vão, se procuraria o equivalente nas outras Capitânicas do Brasil*.

Entendo ter sido a Medicina o **cadinho** a temperar-me para o humanismo.

Desprendida e voluntariosamente, em louvor dela imolei os mais belos e radiosos dias de minha mocidade. Assim também, amadurecido e agora já ostentando estas nuvens púmbeas, tendendo para néveas que brisas e ciclones dos anos vividos vem fazendo descer, lenta, suave e inexoravelmente sobre minha cabeça, estou lhe dedicando toda minha experiência acumulada e entusiasmo que não fenecerá, Mercê de Deus, em outras dimensões do labor médico.

Tornou-se, então, a Medicina o templo privilegiado para minhas preces não convencionais. Longe de tornar-me presunçoso face às enganosas ou reais conquistas que mais de meio século de atividades na área da saúde oportunizaram-me, impôs-se-me imensa humildade. Diante da onipotência intrínseca da arte médica, ajoelhou-se sempre, em ato de remissão, aquele que a exercitava. Estimulante lição a mais que me veio da minha Deusa Hipocrática, tão permissiva às intimidadas que longa convivência propiciou, quão vestal zelosa de sua pureza imaculada.

Um envolvimento que acometeu-me, de influência marcante na minha vida, também modulador de meu comportamento, como chefe de família, como cidadão de minha comunidade, do meu país e do mundo e como profissional, nestes a completar 48 anos de participação, é Rotary. Ele deu-me uma visão do mundo mais abrangente do que aquela *aldeia global* de que nos fala Marshal Mc Luhan.

Certas coincidências a lume neste ato solene, induzem-me deliciosas evocações: Um rotariano, ex-governador de Distrito está sendo sucedido numa das Cadeiras desta consagrada Academia por um outro de igual categoria, este, por sua vez, recebido e saudado por outro companheiro de ideal, sócio-fundador do primeiro clube deste refulgente estrelário rotário de Mato Grosso. Faz-me bem este estimulante entreato de rotarismo circunstancial.

Não devo deixar passar a oportunidade propiciada pelo uso desta tribuna respeitável de uma instituição consagrada por compromissos humanísticos que assume, para ferir alguns momentosos assuntos locais e regionais relativos ao Meio Ambiente recém-comemorado.

Por toda parte as agressões desnecessárias aos componentes ambientais repetem-se e perpetuam-se. A Natureza está morrendo sob nossas vistas!

— Invocando um problema que se eterniza, inquietantemente, volto a referir sobre a lavra de areia e outro que se desenvolve até dentro dos limites da provaticidade urbana de Cuiabá, Poconé e outras cidades e regiões, impunemente, o que está a exigir mais vigoroso uso da autoridade governamental em todos os escalões, bem como agilidade e adequação social do instrumento jurídico.

— Não devemos nos enlevar com a circunstância de o Pantanal, a Floresta Amazônica e Chapada dos Guimarães terem sido erigidos em Patrimônio Nacional. Esta não é senão, uma providência liminar indicadora de rumos. Os caminhos devemos nós elegê-los ao cobro da autonomia constitucional dos Estados e Municípios. Até que ponto, indago, os constituintes e legisladores estaduais e municipais e o poder popular estão desenvolvendo suas competências e responsabilidades no sentido de incorporar A Constituição Estadual, às Leis Orgânicas dos Municípios e às Leis ordinárias, os instrumentos necessários ao resgate da autonomia conquistada para protegermos aqueles importantes sistemas?

— Um grande desafio perante nós é esse Nortão vigoroso e buliçoso na coragem épica dessa gente que lhe acorre. Há que se pensar neles não apenas como o empresário poderoso, o eleitor presuntivo ou o candidato às eleições para alguma jogada político-partidária. São brasileiros das mais diferentes e remotas origens espaciais, estrangeiros, também, trabalhando pioneira e denodadamente em cima de um complexo ambiental de extrema fragilidade, adoecendo e morrendo de malária e sujeitos a outros infortúnios. São pedaços de chão que podem e devem ser salvos da iminência da erosão da esterilização, da desertificação e cujos grãos produzidos não correspondem aos incertos e parcos subsídios e outros precários apoios governamentais.

A reação paradoxal que eu não aplaudo e que os demonstraram nas ruas de nossa cidade e nas nossas rodovias cada vez mais precárias e abandonadas pelo governo deve ser entendida como manifestação extrema do desestímulo, da desesperança e não reconhecimento de sua intrépida perseverança.

Ainda é tempo de instituir-se um zoneamento agro-ecológico da Amazônia.

Outro alerta que faço é em relação ao cerrado, cujas facilidades de implementação agrícola podem constituir-se em enganosas perspectivas.

— Outro alerta; como advertência: Os estudiosos da dinâmica do Meio Ambiente sabem como e porque eclodiu a persistentes ondas de gafanhotos no Médio Norte e que vem resistindo à guerra quixotesca que lhe movem competentes técnicos. Os aprendizes de feiticeiros não estão sendo capazes de desmanchar o feitiço que criaram. Meninos, eu vi!

O ÚLTIMO OCUPANTE DA CADEIRA N.º 5 DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS DR. FRANCISCO AYRES

Nascido em Portugal a 5 de dezembro de 1903, na Freguesia de São Julião, Conselho de Chaves, viveu até os sete anos na Freguesia de Samaiões, ali onde nasceu o grande vate Eça de Queiróz, cujo retrato de vida veio se constituir um dos seus mais festejados livros.

Aos sete anos surpreendia seu guia espiritual o piedoso Padre Silvino, ao afirmar com evidente convicção: *Eu quero ser médico e brasileiro*. E assim se fez!

Quanto à sua vocação profissional, desconcertantemente manifestada, nada consegui discernir. O mesmo não direito em relação à cidadania pretendida. Entendo que se delineava naquele depoimento do menino aldeão, uma postura crítica precocemente amadurecida e que acabou por marcar, definitivamente, o perfil atitudinal de FRANCISCO AYRES, como tive felizes oportunidades de testemunhar através de nossa convivência como médicos e rotarianos. Portugal vivia à época, transe de preocupante instabilidade institucional. Republicano atuante, a fuga para o Brasil foi o recurso extremo de Joaquim Ayres Teixeira Júnior, pai do nosso personagem enfocado. Corria o ano de 1910. Vitoriosa a luta republicana no seu país, FRANCISCO AYRES, filho único e sua mãe Maria Augusta da Cruz Ayres viajaram ao encontro chefe da família no Rio de Janeiro. A vocação humanística e a atração pelas letras do inquieto jovem encontraram terreno propício na Capital brasileira, vivendo àquela época um ciclo positivo de atividades literárias que se fizeram florescer e frutificar nesse personagem invulgar que estou procurando enfocar com sobriedade de palavras que a ocasião recomenda. Relato mais detalhado de sua vida marcante é um compromisso que assumo perante esta Casa. Graduou-se pela consagrada Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, defendendo tese em 1926, realizando então um dos sonhos de dezesseis anos antes, enquanto que outro sonho acalentado fez-se realidade doze anos mais tarde, quando declarado cidadão brasileiro em 1938. Ayres sempre fez do exercício profissional uma trincheira cívica e um apostolado social. Foi bem médico e brasileiro como pedira e se prometera, preocupando-se pioneiramente com a Medicina Social da qual fez pregação através de outro consagrado livro de sua autoria, *TERRA VERMELHA* onde o personagem principal era um médico cheio de ideal, encarnado pelo próprio autor ao relatar a convivência da miséria com a opulência que faziam o pano de fundo no desbravamento da região Noroeste do Brasil. Aquilo que o autor/personagem pregava no seu livro, muito se enquadra, ideologicamente, à estrutura previdenciária e sanitária que hoje se propala como uma fugidia plataforma governamental. Não só na Medicina que aprendemos na mesma e histórica Faculdade da Praia Vermelha e que começamos a profissão, por igual, longe dos recursos auxiliares de diagnóstico e tratamento, como era aquela época a prática médica interiorana, nos identificamos e nos entendemos.

Também na seara de Rotary onde plantamos e colhemos, nossos caminhos se cruzaram e se puseram também nas rotas paralelas de nossa agradável convivência. Enquanto que eu só tive uma morada, no Rotary Clube de Cuiabá, pioneiro do rotarismo mato-grossense, Ayres prontificou como rotariano em Campo Grande e Goiânia. Ali

ele foi eleito para o difícil cargo de Governador do Distrito 122 de Rotary Internacional, que cobria todo o Mato Grosso indiviso e grande área territorial do Estado de São Paulo, no ano rotário 1953/54.

Nesse período exercia eu a Presidência do Conselho Diretor do meu Clube. Na sua condição de Governador eu o recebi em nome do Clube, na sua Visita Oficial. Falei a ele e sobre ele, de corpo presente. Hoje o relembro e o reverencio morto, mas sempre vivo na lembrança daqueles que usufruíram o privilégio de sua convivência.

Muito sugestivo de sua nobreza, diplomacia e liderança, foi nos oferecido na oportunidade quando visitávamos Assunção em missão de Rotary e sob seu comando. Jornais da cidade espalhados pelo aeroporto e no hotel onde nos hospedamos, ostentavam provocadoras manchetes exaltando com justeza cívica paraguaia, não obstante inoportunamente, os valores do herói guarani, Francisco Solano Lopes. Conseguindo Ayres convencer alguns extremados de sua comitiva, respondemos à provocação jornalística, com uma visita do grande grupo brasileiro ao Senhor Presidente da República vizinha e amiga.

Sob permissão do dirigente maior da nação paraguaia, depositamos no túmulo de Lopes, no Pantheon de los Eroes, uma coroa de flores, quando não faltou um inspirativo discurso pregando a *consolidação das boas relações, da compreensão e da paz entre a nações*. Apagara-se a fogueira. Evidenciara-se a liderança!

Muitas obras literárias de FRANCISCO AYRES tiveram repercussão nacional e internacional.

A medicina onde pontificou e ganhou enorme conceito — teria sido pioneiro em transplante de córnea na região paulista cujo desbravamento testemunhou — suas crenças religiosas e filosóficas, sua vocação cívica e ambientalista, sua amada esposa Mariana, sua neta Marianinha, seus filhos, o rio Amazonas, os jardins e as acácias de sua aconchegante morada, foram por ele propalados e lembrados em prosa e verso ricos de persuasiva força narrativa, de ternura e de lirismo.

Entre suas inúmeras obras literárias, refiro:

Jesus Cristo meu companheiro
Krishnamurti
A verdade nua
Eça de Queiroz, vida e glória
Caminhos de destinos
Terra Vermelha
Bases para a construção de um mundo novo
Espiritismo
Poemas da vida e do Sonho
Portugal Descobridor
Ronda do Desejo
Memorial do Solar
Uma visão de Fernando Pessoa

Entre seus inúmeros títulos, destaquem-se:

- Professor Titular e Professor Emérito da Universidade Federal de Goiás;
- Membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões;
- Titular da Academia Goiana de Letras;
- Da Ordem do Mérito Nacional dos Bandeirantes;
- Membro correspondente da Academia Paulista de História;
- Da União Nacional de Escritores;
- Paul Harris Fellow de Rotary Internacional;
- Medalha Marechal Rondon;
- Medalha de Ecologia da Sociedade Geográfica Brasileira;
- Membro da Academia Internacional de Letras da Inglaterra.

.....

Eis o vulto singular que estou tendo a honra de substituir na Cadeira n.º 5 da Academia Matogrossense de Letras.

Pela força do coração muito mais que pelo protocolo, quero agradecer, sensibilizado, ao dileto amigo, consagrado Acadêmico Vice Presidente desta Casa, o eminente cidadão, empresário e homem público, Archimedes Pereira Lima, a generosidade e a fidalguia estimulantes como aquiesceu ao pedido para, nos termos regimentais, introduzir-me neste templo de espiritualidade que ele sempre honrou com as qualidades pessoais emolduradoras de sua personalidade de escol.

Jornalista de amplos méritos, fundador há 50 anos do *O ESTADO DE MATO GROSSO*, um jornal, desde o nascimento, com a marca de moderna empresa de comunicação, numa cidade como Cuiabá àquela época, com cerca de 30.000 habitantes, já que se consagrava o empresário esclarecido. Com a força de sua pena brilhante, divulgou ele notícias e informou com arte, ética e responsabilidade. Exaltou com recato méritos que reconhecia, assim como criticou com firmeza nunca extremada. Sabia ser elogioso, mordaz, irônico... armas diferentes para circunstâncias diversas, mas sempre o mesmo braço firme a empunhá-las.

Campo-grandense de nascimento, tornou-se cuiabano de coração, relíquia viva para o culto do povo desta terra a qual tanto serviu. De sua confiança nesta cidade nasceu um dos mais arrojados projetos industriais vitoriosos, plenamente, no Estado de Mato Grosso indiviso: — A Companhia Cervejaria Cuiabana, assim como foram exitosas suas iniciativas e suas providências para instalação da Usina de Jaciara.

Projetando-se para fora de seu estado natal, foi Presidente da Fundação Brasil Central que tanto se beneficiou de probidade e competência, assim como Secretário da Agricultura do Estado de Goiás, reafirmando o prestígio do Estado de Mato Grosso.

Invocando-o e referenciando-o, para implorar a ajuda de sua mão amiga neste momento, posso voltar a falar no paralelismo de duas vidas:

— A nossa longa vivência em Rotary, ele sócio fundador do Rotary Clube de Cuiabá, pioneiro da instituição em Mato Grosso em 1941, o meu clube de tão inesquecíveis envolvimento de vários jaezes para mim.

— A participação político-partidária sob as bandeiras dos invidáveis líderes Julio Müller e Getúlio Vargas.

— A aproximação de nossas famílias pelo casamento de minha sobrinha Ayres e seu irmão Alci, cujas perdas em circunstâncias tão dolorosas nos uniram ainda mais.

— As lutas ambientalistas das quais foi ele paladino através de sua pena fulgorosa e em cujas trincheiras onde eu *lutava o bom combate*, foi ele levar-me a força de uma imprensa livre.

Quando envolvo em minhas frequentes reflexões a sua figura nobre, a sua inflexível retidão de caráter, a sua aversão ao imobilismo, o seu exemplo de via edificante, dedicada, permanentemente ao trabalho produtivo, sinto-me mentalizando alguém que não nasceu para a vulgaridade, e a emoção me envolve.

Muito obrigado, meu agora renovado irmão Archimedes.

Agradeço às eminentes autoridades que, prestigiando esta consagrada Casa, honram-me com suas presenças augustas.

Aos ilustres confrades da Academia Mato-Grossense de Letras, que eu referencio na pessoa excelsa da jovem nonagenária D. Maria de Arruda Müller, espiritualmente outra mãe que tive, a minha respeitosa referência.

Aos destacados membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso minha saudação cordial.

Aos meus amigos e aos meus colegas de todos os templos de meu trabalho, meu reconhecimento pela presença afetuosa.

Aos meus companheiros da fulgorosa constelação de Rotary meus agradecimentos pela estimulante manifestação de companheirismo.

Aos representantes da imprensa de todas as categorias, que sempre reservaram-me seus espaços nobres, minhas homenagens e meu reconhecimento.

Aos meus irmãos, presentes, fisicamente, na intenção ou na eternidade, que os outros irmãos trouxeram-me ou não e que exemplificaram a união familiar meus ternos agradecimentos pelo seu estímulo.

Aos meus filhos, legado maior que recebi de Deus e aqueles outros que com eles vieram-me pelo seu casamento, minha amantíssima menção.

Para finalizar, quero compartilhar com minha mulher estes momentos que se tornarão inesquecíveis para nós dois e para aqueles da nossa benquerença. Depois dos exemplos de vida ofertados pelos meus saudosos pais, que os vejo a espreitarem-me por de traz dos umbrais da eternidade, a Thais devo louvar e agradecer a inflexível postura de compreensão, de renúncia e de autodeterminação, sem que o cumprimento integral e competente de meus deveres de pai e esposo, de cidadão e de médico, jamais se teriam alcançado satisfatoriamente.

A todos, muito obrigado pela paciente e generosa audiência.

Tenho dito.

CADEIRA 6

PATRONO

Francisco José de Lacerda e Almeida

OCUPANTES

Ernesto Pereira Borges
Roberto de Oliveira Campos
Lourembergue Alves

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS

Cuiabá, 15 de setembro de 1995

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS, PELO
VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS, SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ROBERTO DE
OLIVEIRA CAMPOS, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA
MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS
GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO DE
OLIVEIRA CAMPOS**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS, PELO VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA



Por cultura entiendo la más intensa vida interior, la de más batalla, la de más inquietude, la de más ansia.

Miguel de Unamuno (1864/1936), in *Solilóquios e Conversações*.

PROÊMIO

Atreito ao invariável protocolo do organismo literário que nos agrega, compete-me proferir alocação preambular, como Presidente da primeira solene assentada de biênio alvissareiro.

Com o empoçamento festivo de laureado técnico e humanista, erudito e liberal, multifário Professor Roberto de Oliveira Campos, do Jubileu de Diamante profícua série de atos comemorativos inaugura-se hoje.

A 7 de setembro de 1921, no antigo Palácio da Instrução, por esplêndido pugilo de intelectuais briosos, fraternos em comunhão sinérgica de sublimes pensamentos e afetos, na vanguarda co-fundador exímio, polivalente José de Mesquita, via reunião pioneira, dirigida pelo Chefe do Estado e Presidente de Honra, galarim perpétuo, egrégio Dom Francisco de Aquino Corrêa, instituído foi o Centro Mato-grossense de Letras, em Academia onze anos após transformado.

PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES

(ADEPTOS DA BELEZA)

Colimando sugerir, da nascediça entidade, lema privativo, imortalizado em derredor de marcante símbolo, a rosa, um vestígio heráldico da Estesia, onde o ínclito 2º Arcebispo Metropolitano de Cuiabá logrou motivação?

No Sirac, o inspirado Eclesiástico, derradeiro dos 7 livros sapienciais (*ensino e oração*) do Velho Testamento, Capítulo 44 (*Elogio dos Antepassados*), versículo 6, rótulo insigne referente aos

*homens ricos de virtude,
que tinham gosto pela beleza
(pulchritudinis studium habentes)
e viviam em paz em suas casas.*

Para os mesmos, preocupados com o cultivo ardoroso do belo, em ótima irradiação espiritual e artística, refertos de prudência e sabedoria firmes, que habilmente favoreceram o compasso das melodias e publicaram o cântico das escrituras, o Senhor deu abundante glória, por efeito de sua grandeza incontrastável!

NOÇÕES FÚLGIDAS

Naquela data célebre discursando, entre variegadas pérolas, no que tange ao emprego imperioso do vocabulário de boa casta, postulado máximo, *ex tunc* (desde então) pronunciava o angélico Dom Aquino, portentoso prelado-beletrista, da prosa íntegra lídimo parnasiano:

Seja, pois, aspiração primordial do Centro, o esmero da linguagem, sem o que não há, nem pode haver, beleza literária. Estudemos carinhosamente o vernáculo, na lição assídua dos modelos, colecionando pacientemente, a bico de pena, as suas flores, cômnicos de que escrever é como ler duas vezes: qui scribit, bis legit.

Em oração de posse que, a 14 de dezembro de 1991, desta tribuna produzi, titular da Cadeira nº 2, aponte o ângulo reto por intermédio do qual prolífero Tristão de Athayde precisamente concebeu a Literatura:

É a arte da Palavra, expressão do Homem e da Vida. Nela o interessante não é apenas quem se exprime e o que se exprime, mas como se exprime.

Já o eterno Príncipe dos poetas brasileiros, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, persuasório demarcou:

Literatura não é apenas filosofia e estética; é todo o pensamento, é toda a palavra; são todas as paixões e todas as ideias, todas as formas, todas as cores e todas as harmonias da Vida.

E o incomparável *Crisóstomo português*, Padre Antonio Vieira singular, notabilidade moral e cultural extrema, píncaro luso-brasílico no século XVII, preponderante discernia:

O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Como hão de ser as palavras? Como são as estrelas: muito distintas, muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto: tão claro que entendem os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem.!

INEQUÍVOCO MERECEMENTO

Presença destacada, incluso retroaludidos aspectos, vem tanto nimbar o momento altíssimo que ora fruímos.

Aqui está o consagrado mestre Roberto Campos, ensaísta primoroso, a fim de assumir a Poltrona n.º 6, por José Lacerda de Almeida patroneada (ocupantes anteriores, Acadêmicos Cecílio Rocha e Ernesto Pereira Borges).

Da Comissão trina opinante sobre a inscrição requerida, voto articulei, sublinhando:

Rica produção literária - florilégio sortido - culmina com A Lanterna na Popa, fascinantes relembrações, epítome que abrange meia centúria da vida nacional e internacional, credenciando ecumênico mato-grossense a preencher a Cátedra nº 6 do Sodalício de Dom Aquino e vaga ocupar no Silogeu de Machado.

Detentor de sólida sabedoria, talento excepcional e segura lógica, latinista, hele-nista, filósofo e teólogo, Professor Roberto Campos redige muito bem; versátil é a prosa, num agradável tom, vez por outra escarninho, a quando e quando bíblico; da frase, nunca vulgar, o toneio sávido, em suave harmonia com análise percuciente.

Catedrático da modernidade, na ironia corifeu, titã da controvérsia, patrocinando reformas, quedas prevendo, demolindo mitos (estilo claro e positivo, rumo à crítica lúcida), tornou-se profeta de ruínas (cai a casa um dia, muro também!...) e paladino de renascimentos (fora de comum é aquele que se esforça por mudar sua época!).

UM APLAUSO CATEGÓRICO

Prefaciando (*Entre o conflito e a concordância* - 17/6/1991) encantadoras Reflexões do Crepúsculo (e por que não da *Alvorada?*), pontifica o fecundo polígrafo maranhense Josué Montello, augusto Presidente da Academia Brasileira de Letras:

A primeira vitória pessoal de Roberto Campos consistiu em conciliar, em sua natureza, o economista e o diplomata. Este, a defender a concórdia; aquele, a batalhar por suas convicções.

Dai resultou, em seu destino de homem público, o nosso mais veemente polemista, no plano da pregação econômica. O conjunto de suas ideias essenciais, nos planos ideológico, social e político, passou do desafio à verdade provada, com o desmoronamento de sistemas que pareciam desafiar o tempo e os temporais - Leste Europeu, União Soviética, convertidos à democracia e à economia de mercado.

Quem não concordar com o economista, porque não há concordância perfeita para as ideias que levam ao litígio, há de reconhecer em Roberto Campos o escritor. Com o gosto da ironia. Com a boa cultura clássica. Com a elegância da forma, num testemunho a mais de que a palavra foi dada ao homem para que a transformasse em obra de arte.

SELETA FORMOSA, GENUÍNO ESMERO

Do clássico *A Lanterna na Popa*, pela Academia Brasileira de Letras premiado, no brilhante Capítulo XIV (*Vinhetas da minha paisagem*), trechos antológicos li e reli, *au grand complet* focando, por exemplo, a figura poliédrica do ilustríssimo Professor Francisco Clementino de San Tiago Dantas que, ao término da década de 1950 e princípio da subsequente, jubiloso pude assessorar na política mineira, um dos privilégios que na vida pública desfrutei.

Consideremos apurado teor de fragmento precioso:

Numa visão retrospectiva da história, foi trágico que San Tiago não tivesse tido oportunidade para sua última viabilização, quando foi indicado para primeiro-ministro, em substituição a Tancredo Neves. Misturando uma experiência de manejo econômico com uma perspectiva política internacional, teria provavelmente evitado o fracasso do modelo parlamentarista e mudado o curso de nossa história. Mas San Tiago despertava tanto admiração relutante como venenosa inveja.

Foi imensa a sedução intelectual que San Tiago exerceu sobre minha geração. Talvez tenha sido o melhor cérebro daquela época: polímorfo sem superficialidade, luminoso sem eclipse, acadêmico e contudo operacional, capaz do rigor da ciência e da luminosidade das artes.

CONCLUSÃO

Nobres autoridades, público radiante, caros consócios:

Proclamo instaurada sequência de fortuneosos eventos, em hosana intensivo pró **Jubileu diamantino** do colendo Areópago.

Seja bem-vindo, eminente Acadêmico Roberto de Oliveira Campos!

Declaro aberta magna sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS, PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, ACADÊMICO JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



Costumo dizer que, da composição do rico solo de Mato Grosso, o componente que mais prezamos, nós os mato-grossenses, é o DNA, semelhante ao nosso, que a ele foi adicionado pelo sepultamento dos corpos dos nossos antepassados. Disto é que advém todo o sentimento que nutrimos pela terra-berço, todo o ufanismo e orgulho que sentimos por tudo de bom que ela tem gerado.

Histórias do velho Mato Grosso é o título de mais um livro, que tenho pronto para a publicação, abordando fatos pitorescos aqui ocorridos. Em sua *Apresentação* digo, quando me reporto às nossas origens: *Era um povo especial que se formava - produto da mistura do bandeirante audaz, com o índio indômito e o negro-escravo, cheio de amor e de crenças. E resultou numa gente, tão grande, que não coube no imenso caldeirão em que era preparada fazendo-o transbordar e, tomando as correntezas do Cuiabá e do Paraguai, espalhou-se pelo Pantanal, inculto e belo, conquistando-o, queira Deus, para sempre.*

Nada poderá ser mais corroborador, deste meu conceito, de que a história da vida do acadêmico que hoje empossamos. O menino pobre, nascido no Beco do Meio - no Distrito do Porto, nesta nossa Cuiabá - que, ainda aos cinco anos, ficou órfão do pai, Valdomiro de Oliveira Campos - um *professor-sonhador* que veio a Mato Grosso em missão de reforma do ensino público e aqui se casou com a jovem Honorina, uma bela donzela cacerense com tradicionais raízes *papa-bananas*. Viúva com dois filhos, d. Honorina, com a altivez de uma rainha, dispensando e agradecendo a hospitalidade oferecida, pelos parentes ricos, partiu para a luta em busca de condições que lhe possibilitasse encaminhar os filhos nos estudos. Humilde e persistentemente, lutou muito, sofreu e foi, ao fim, uma grande vencedora! Seu filho Roberto, aquele nascido no Beco do Meio a 17 de abril de 1.917, se tornou neste gigante que hoje recebemos em nossa Academia. Levado pela mãe andou peregrinando, de Penápolis - São Paulo, para o Pantanal da Nhecolândia e, dali, para Corumbá, depois pela Capital de São Paulo e, finalmente, Guaxupé - Minas Gerais, onde, aos dez anos, entrou para o Seminário de N. S. Auxiliadora. Segundo o seu próprio relato, ali, como seminarista pobre, filho de modesta costureira, chegou a adotar o recurso, um tanto indígena, de comer tanajuras assadas para complementar a sua *magra dieta*. Aliás, poderia estar aqui a solução para a extinção definitiva destes daninhos insetos: se o Ministério da Agricultura divulgasse, amplamente, a hipotética associação da ingestão de formigas com a privilegiada inteligência de Roberto Campos. Temo até que o Brasil tivesse que importar tanajuras de outros países, tal a carência, daquela faculdade cerebral, que campeia em certos setores da nossa elite política. Depois de seis anos em Guaxupé, sempre destacando-se dos demais colegas, o nosso seminarista, transferiu-se para o Seminário N. S. Auxiliadora de Belo Horizonte, onde completou a sua sólida formação moral e intelectual. Terminou o curso de teologia, e recebeu as ordens menores, precocemente; o que o obrigou a es-

perar a idade exigida, 22 anos, para que recebesse as ordens maiores e, assim, fizesse os votos de obediência e castidade.

Nesta espera, acabou por perder a vocação para o sacerdócio, pois, o seu cérebro de superdotado exigia maior liberdade para a aquisição de novos conhecimentos. Deixando o Seminário, foi professor em Batatais, São Paulo, quando lecionou latim, gramática histórica e astronomia. Nesta cidade, foi fulminado por um amor à primeira vista, ao conhecer a jovem Stela Tambellini, a quem, mais tarde, se ataria, para sempre, pelos laços do matrimônio. Em 1.938, partiu para o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida e de garantir o seu futuro. Como, ele mesmo, nos diz: era, na ocasião, um erudito pelos conhecimentos até então adquiridos e legalmente analfabeto, perante as normas que regiam o Ensino, por falta de reconhecimento dos cursos feitos nos seminários. Na antiga Capital Federal, graças a ingentes esforços, logrou a aprovação em concurso público para o Itamaraty. Decidiu ser diplomata. Aqui estava definida a fulgurante carreira de Roberto Campos e a sua atuação que o faria mundialmente conhecido e admirado. Sua vida, como notável, já seria do conhecimento público. O *Patinho feio* do Itamaraty criou asas, alçou voo e atingiu as alturas onde planam as grandes *Águias* da diplomacia mundial!

Jamais poderia citar todos os seus sucessos, em um breve discurso de recepção acadêmica, sem que massacrasse, o seletor auditório, com muitas horas de oração.

Poliglota e intelectual brilhante, conviveu com as mais expressivas personalidades da nossa era nos campos cultural, político e administrativo. Embaixador nos Estados Unidos e na Inglaterra, senador por Mato Grosso e deputado federal pelo Rio de Janeiro, são alguns dos títulos que constam do seu currículo. Fez-se economista e teve a sua tese de final do curso aprovada, com louvor, pela Universidade George Washington - nos Estados Unidos. Participou da formação do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, do qual mais tarde seria presidente, e da estruturação do programa americano, de ajuda externa, Aliança Para o Progresso. Foi Ministro de Planejamento no governo do grande e sério reformador Castelo Branco e, como tal, criou o Banco Nacional da Habitação, batalhou para a criação do Banco Central e para a elaboração do Estatuto da Terra - direcionado à Reforma Agrária, além de ter tido atuação decisiva no programa Operação Amazônia.

Suas concepções, com relação à socioeconomia, nem sempre estiveram ao alcance da compreensão de todos, embora muitas delas - antes combatidas por uma teimosa minoria - hoje se revelem até proféticas.

Este é o homem que, a partir de hoje, se liga a esta Casa - onde pontificaram Dom Aquino Corrêa e muitos outros que enriquecem a sua história.

Porém, poderia alguém, após esta rápida explanação - talvez movido por ressentimentos políticos ou por discordar dos seus pontos de vista - perguntar-me: – *Mas... o que fez ele por Mato Grosso ?*

A estes, em primeiro lugar, eu responderia que os grandes homens não precisam fazer nada de material para que prestem serviços engrandecendo a sua terra natal: basta que sejam verdadeiramente grandes - como Rui Barbosa, por ter sido o grande

Rui, fez a Bahia conhecida como berço de homens inteligentes! Contudo, além de ser Grande, Roberto Campos, muito fez por Mato Grosso; apenas, incompreensivelmente, os seus feitos não foram adequadamente divulgados pelos que executaram obras com recursos por ele conseguidos, no país e no exterior. Cabe-me, neste momento, num preito de gratidão e justiça, relembrar algo do muito que realizou o confrade hoje empossado, pelo seu Estado. Já citei a sua atuação com relação à reforma agrária e ao desenvolvimento da Amazônia, agora ressalto a sua verdadeira imposição para que uma BR, asfaltada, chegasse a Cuiabá. A mais, vejamos, ainda, a sua decisiva colaboração para a viabilização de recursos, externos e internos, para os projetos: Cyborg - trinta milhões de dólares, para transmissão de energia elétrica; Carga Pesada - duzentos milhões de dólares, para pavimentação de rodovias; e, Nova Fronteira - cem milhões de dólares, para implantação de rodovia que demanda a nossa fronteira com o Amazonas.

Suas obras literárias? Estão em inúmeras conferências, discursos, aulas, artigos, livros técnicos e muitas outras manifestações da sua invulgar cultura, culminando com o seu livro, detentor do Prêmio José Ermírio de Moraes, instituído pela Academia Brasileira de Letras, *A lanterna na popa*, de leitura sumamente instrutiva e agradável.

Hoje, Roberto Campos, vem ocupar a Cadeira nº 6, da Academia Mato-grossense de Letras, que tem como patrono Francisco José Lacerda de Almeida - um dos que emprestaram nome ao progressista município de Pontes e Lacerda, pelos seus trabalhos na consolidação da expansão das nossas fronteiras para o Oeste - e, como ocupantes anteriores, os acadêmicos: Cecílio Rocha e Ernesto Pereira Borges. Este último, mais um cuiabano que muito honrou a sua terra: menino pobre, com um enorme esforço conseguiu, na vida adulta, ser uma figura de destaque no Direito e nas Letras.

Mas, o que levaria uma personalidade, do porte de Roberto Campos, a almejar uma Cadeira nesta Academia?

A minha suposição será ilustrada por um fato pitoresco. Há três anos, durante as comemorações pelo centenário de nascimento de José Barnabé de Mesquita, do programa constou uma visita ao túmulo deste saudoso fundador da Academia Mato-grossense de Letras. Nesta ocasião, chegando ao Cemitério da Piedade, já encontrei, em frente ao portão principal, um grupo de acadêmicos. Aproximando-me, em tom de brincadeira, disse-lhes: - *Uma reunião de imortais às portas de um cemitério é, no mínimo, uma provocação.*

Todos riram, mas, um ilustre confrade, como querendo minimizar uma possível atitude que pudesse gerar um efeito punitivo do Alto, desculpou-se: - *Se bem que a nossa imortalidade seja um tanto provinciana.* Estas palavras golpearam duramente a minha vaidade, como acadêmico extremamente orgulhoso do título, e passei a buscar um sentido para a nossa imortalidade provinciana e em que diferiria, ela, da imortalidade nacional e, mais amplamente, universal...!

Hoje encontro a resposta para as minhas dúvidas e é, com imensa satisfação, que vejo valorizado o nosso provincianismo. Roberto Campos poderá muito merecidamente, ser acolhido por qualquer academia nacional, no Brasil ou por este mundo afora; mas, apenas a nossa provinciana Academia Mato-grossense de Letras poderá aco-

lhê-lo de forma completa, total: não só como o mais ilustre filho de Mato Grosso nascido neste século, mas, também, como o conterrâneo do qual tanto nos orgulhamos.

Portanto, acadêmico Roberto Campos, esta imortalidade que vos concede este Sodalício, não é só fruto do julgamento da vossa obra e do vosso notável *Curriculum vitae* - coisas apreciadas pelo intelecto - mas, também consequência da vossa valorização como pessoa, como gente nossa - coisas que só os nossos privilegiados corações de acadêmicos provincianos, mas, orgulhosamente, vossos conterrâneos, poderão sentir. E vós, um autêntico sábio, percebestes isto e, com a vossa posse, estais a mostrar que ser imortal em vossa terra natal, ser-vos-á gratificante.

*Mas a paixão cega nossos olhos,
e a luz que a experiência nos dá é a
de uma lanterna na popa, que ilumina
apenas as ondas que deixamos para trás.*

Com estes versos de Samuel Taylor Coleridge justificastes o título da vossa formidável obra recentemente premiada. Com este mesmo recurso, tentarei explicar a vossa decisão de concorrerdes a uma vaga nesta Academia. Talvez, depois de terdes sentido muitas paixões e acumulado grande experiência, ao olhardes para a esteira deixada sobre as ondas do passado, pelo barco da vossa vida, tendeis divisado, além dos reflexos da lanterna da popa, a Cuiabá do vosso nascimento, o Mato Grosso da vossa infância e sentido saudade! Se isto vos ocorreu, podereis considerar que a vossa entrada nesta Casa vos serve como um estuário pelo qual aquele barco, deixando os mares salgados e encapelados do mundo, adentre mansas e doces águas, como as do nosso Pantanal, por onde poderá navegar para sempre, uma vez que agora impulsionado pela brisa da imortalidade, provinciana, mas autêntica, que ora vos é concedida em vossa terra natal.

Com a vossa posse, a Academia Mato-Grossense de Letras, quase tão antiga quanto a Brasileira, entrando no ano comemorativo do seu *Jubileu de Diamante*, mostra-se viva e forte, apesar dos enormes obstáculos que tem enfrentado, e acena que assim continuará enquanto existir, ainda que seja, uma ínfima parcela do, outrora enorme, Mato Grosso.

E, por tudo o que fostes desde o berço, pelo que já sois no cenário brasileiro e internacional e pelo tanto mais que ainda sereis quando, desapaixonadamente, todos vos reconhecerem os méritos é que, por mim e por todos os demais confrades, com imenso júbilo, vos digo:

- Sede bem vindo, Acadêmico Roberto Campos!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS



Foi com prazer que tomei o avião ontem à noite, partindo de Brasília para Cuiabá. Prazer por dois motivos. Primeiro, porque sempre achei correta a definição arquitetônica da capital federal que me foi confienciada pelo Sir William Wolford, grande arquiteto inglês, durante um descontraído coquetel na Embaixada Brasileira em Londres: *Brasília is a perfect example of monumental bad taste*. Segundo porque, atendendo ao honroso convite da Academia Mato-Grossense de Letras tão capazmente presidida pelo Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, transitaria de um palco político para um jardim acadêmico.

Era como sair de um *parlatório* para entrar num *pensatório*. Pensatório, ou em grego *phrontisterion*, é como Aristófanes chamava a academia de Atenas.

Entreguei-me então a reminiscências sobre meu ingresso na cena política mato-grossense. No começo da década dos oitenta eu era embaixador do Brasil em Londres e resignava-me à fatalidade de ingressar na fase desengonçada da Terceira Idade. Tinha que tomar uma decisão de angústia existencial. Manter-me-ia fiel à vocação diplomática e tecnocrática ou buscaria, ainda que tardiamente, as avenidas pecaminosas da política, tornando-me um *policrata*?

Tinha antes recebido apelos de governadores mato-grossenses – Fernando Correia da Costa, em 1962, e José Fragelli, em 1976 – para que pusesse minha experiência nacional e internacional a serviço do estado natal. Mas não havia chegado ainda meu momento de ruptura com a carreira diplomática, que eu encetara por acaso e depois abraçaria com paixão. No começo da década dos 80, chegaram-me outros convites – o de José Sarney, então presidente do PDS; o de Paulo Maluf, então governador de São Paulo; e o de Frederico Campos, então governador de Mato Grosso, para que eu me lançasse numa campanha senatorial pelo PDS. Fi-lo (como diria o Jânio Quadros)...

A diplomacia não mais me apresentava interessantes desafios e estava cansado de explicar no exterior as confusas circunvoluções da política brasileira. Certa vez, exasperado com informações contraditórias sobre nossa política econômica, e com o gritante descompasso entre as diretrizes proclamadas e as políticas praticadas, telefonei ao Delfim Netto, velho amigo e então czar da economia, para dizer-lhe: *A imagem do Brasil no exterior, Delfim, não pode ser salva pela exibição da verdade*. Mas talvez possa ser melhorada pela coordenação de nossas mentiras.

Confidenciei minha intenção de abandonar a diplomacia pela política a um querido auxiliar – José Guilherme Melquior – que em Londres era meu conselheiro de Embaixada – um extraordinário talento de filósofo e sociólogo – prematuramente colhido pelas Parcas no auge de uma brilhante carreira diplomática e burocrática, com obras seminais sobre sociologia e política.

Numa longa noitada, regada a uísque – convencidos da sabedoria do provérbio irlandês de que a realidade é apenas uma ilusão provocada por uma aguda escassez de álcool – Melquior e eu procuramos compendiar algumas **leis da política**, numa

paródia das **leis de Kafka**, fabricadas em artigo que eu escrevera trinta anos antes para a revista *Senhor*.

Lembro-me da seguinte coletânea de 11 leis da política:

1 – A lei de De Gaulle: *As promessas só comprometem aqueles que as recebem.*

2 – A lei de John Randolph, governador da Virgínia e um dos constituintes da Convenção de Filadélfia: *O mais delicioso dos privilégios é gastar dinheiro dos outros.*

3 – A lei de Getúlio Vargas: *Os ministérios se compõem de dois grupos: um formado por gente incapaz e outro por gente capaz de tudo.*

4 – A lei de Homero: *Agamenon é pastor do povo. Como tal protege os rebanhos, mas também tosquia a lã e come a carne dos carneiros.*

5 – A lei de Bismarck: *As leis são como as salsichas. É melhor não ver como elas são feitas.*

6 – A lei de Nelson Rodrigues: *Toda coerência é em princípio suspeita.*

7 – A lei da Hubert Humphrey, vice-presidente dos Estados Unidos na administração de Lyndon Johnson: *É verdade que há vários idiotas no Congresso. Mas os idiotas constituem boa parte da população e devem estar bem representados.*

8 – A lei de Montesquieu: *O político deve buscar sempre aprovação, porém jamais aplauso.*

9 – A lei de King Murphy: *Não estão seguras a vida, a liberdade e a propriedade de ninguém enquanto a legislatura estiver em sessão.*

10 – A lei do governador Mario Cuomo, de Nova Iorque: *Faz-se campanha em poesia, e governa-se em prosa.*

11 – E finalmente, a lei de Campos-Melquior: *A política é a arte de fazer hoje os erros de amanhã, sem esquecer dos erros de ontem.*

Minha experiência eleitoral em Mato Grosso foi estimulante e gratificante. Percorri o estado de ponta a ponta. Passei a conhecer miudamente seus problemas e acredito ter trazido contribuição relevante para equacionar a solução de algumas urgências no tocante ao transporte rodoviário e aéreo, à energia elétrica, ao desenvolvimento agrícola e à saúde e saneamento. Tenho em relação a meu estado natal a consciência do dever cumprido durante meus oito anos de mandato. Faltava-me uma qualidade – presença física junto aos eleitores. Sempre achei que seria mais útil ao estado arranjando verbas em Brasília do que participando de festivas rodadas de chope nos sábados de Cuiabá. O avanço da idade impedia-me viagens constantes para atendimento pessoal ao eleitor. Minhas bases familiares estavam no Rio de Janeiro e, terminando meu mandato, achei que seria injusto recandidatar-me por Mato Grosso. Preferi abrir espaço para uma geração mais jovem que vivenciasse mais dinamicamente os problemas locais.

Se minha eleição como senador, em 1982, foi o resultado esperado de uma grande porfia, minha eleição à Academia Mato-Grossense de Letras foi uma surpresa honrosa. Minhas qualificações literárias são limitadas. De vez em quando consigo escapar ao economês, e assim o julgou a Academia Brasileira de Letras ao conferir ao meu livro de memórias, *A lanterna na popa*, o prêmio José Ermínio de Moraes. (Dizem as más línguas que se eu fosse realmente capaz, teria escrito um livro diferente: *O farol na proa...*).

Tive sem dúvidas fugazes incursões literárias na juventude. No seminário cheguei a escrever poemetos em latim, numa pálida e vã tentativa de imitar meu ídolo da juventude, Dom Aquino Corrêa. Ele era presidente do Estado, tendo sido um dos fundadores, em 1921, do Centro Mato-Grossense de Letras que, em 1932, se transformaria na Academia Mato-Grossense de Letras.

Tive o bom senso de consignar meus poemetos à lata do lixo. Não satisfaziam à definição da poesia autêntica, a saber, *aquela que é um sonho sonhado na presença da razão*. Limitei-me a dizer depois, quando enveredei pelos estudos econômicos, que tinha escapado de dois dos vícios dos jovens burgueses da minha época: ser bacharel, e ter gonorreia. Só não escapei ao vício juvenil de poetastro.

Já falei demais de mim mesmo. E antes que me assaquem a nefanda acusação de narcisismo, apresso-me a falar do que realmente conta: a Academia Mato-Grossense de Letras, que hoje tão gentilmente me acolhe.

A cadeira que vou ocupar, a de nº 6 tem distinta linhagem e revela que a Academia tem preocupações ecumênicas, compatibilizando vocações e ideologias variadas.

Seu patrono foi um astrônomo e matemático – o notável Francisco José de Lacerda e Almeida; seu primeiro ocupante foi Cecílio Rocha, advogado militante; seu segundo ocupante foi o desembargador Ernesto Pereira Borges, brilhante figura nas letras jurídicas; e agora, apareço eu, como teólogo *defroqué* e economista em exercício, praticante da arte de alcançar a miséria com o auxílio da estatística.

Também, ideologicamente, o espectro é variado. Lacerda e Almeida, que morreu em 1802, em expedição científica na África, era súdito da Coroa portuguesa, numa idade pré-ideológica quando, apesar o vendaval da revolução francesa, o direito dos soberanos não ensejava opções políticas. O primeiro ocupante foi um militante de esquerda, seduzido ainda que não fanaticamente, pelas utopias marxistas; meu imediato predecessor, Ernesto Pereira Borges, como eminente juiz e homem da lei poderia talvez ser classificado como conservador esclarecido; eu me considero um liberal assumido, não **neoliberal** mas liberal clássico, desses que acreditam que o Estado, como dizia Walden Thoreau, é apenas uma conveniência inconveniente, um predador fantasiado de benfeitor, que só pode ser forte se for mínimo. Os liberais acreditam no mote de Anatole France: *A democracia só é tolerável porque governa pouco*.

Li com emoção a saga de Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio da Silva Pontes, aquele astrônomo, este biólogo, transformados ambos em geógrafos por capricho da burocracia imperial. Fizeram ambos parte da Convenção Demarcadora de Limites, que iria implementar o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, após o formulação, no Convênio de Madrid, o princípio do *uti possidetis, ita possideatis*.

Para sorte de Mato Grosso e do Brasil, os espanhóis nunca puseram em atividade sua comissão de limites, que atuaria conjuntamente com a comissão portuguesa, com o resultado de que esta pode fazer projeções ousadas da área portuguesa arbitrada segundo o meridiano de Tordesilhas. Se a capitania de Mato Grosso ficou total e inquestionavelmente brasileira, isso foi devido em parte à inércia dos espanhóis.

Odisseia, como diriam os gregos, **saga**, como diriam os nórdicos, eis os nomes apropriados para as aventuras do patrono desta cadeira. Francisco José de Lacerda

e Almeida, e seu companheiro, Antônio Pires da Silva Pontes – hoje lembrados na geografia mato-grossense pela cidade Pontes e Lacerda – deixaram a foz do Tejo em janeiro de 1789 e aportaram a Belém do Pará após uma viagem oceânica de 45 dias. Foi-lhes cometida, ao serem designados para a Comissão de Limites, a gigantesca tarefa de levantamento cartográfico das capitanias setentrionais, incluindo o Piauí, o Maranhão, o Pará e São José do Rio Negro, descendo para a Bacia do Prata através da província de Mato Grosso. Esta era então governada por esse grande desbravador imperial, o capitão-general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, que o verdadeiro herói conquistador da fronteira sul, tendo criado as vilas de Albuquerque e de São Pedro del Rey, depois chamadas de Corumbá e Poconé.

Consumiram dois anos de viagem através do inferno verde da Amazônica, com 2.720 kms percorridos até a chegada à Vila Bela, em fevereiro de 1782. Foi uma luta áspera e insana contra os perigos ocultos da selva, os ataques dos índios e das bestas, e a mais insidiosa das inimigas – a malária. Lacerda e Almeida, de saúde frágil, a tudo miraculosamente resistiram. Suas variadas obras, como o *Mapa do rio Madeira* e a *Carta geográfica do Guaporé*, assim como o *Diário de Vila Bela à cidade de São Paulo pela ordinária derrota dos rios no ano de 1877*, formaram a base da corografia das províncias setentrionais e ocidentais do Império português no Brasil. Note-se um pitoresco episódio, a que se refere Ernesto Pereira Borges, meu predecessor nesta cadeira: Lacerda e Almeida, de índole resignada, nunca protestou contra os baixos vencimentos, mas seu colega Silva Pontes apresentou reivindicação salarial ao Governador Geral. Este bizarramente sugeriu que os dois cientistas assentassem praça de cadetes, como artifício para auferirem algumas oitavas adicionais de ouro. Pelo visto, nosso hábito de *jeitinho burocrático* tem profundas raízes coloniais.

Surpreendi-me ao saber da extensão e variedade dos trabalhos de Lacerda e Almeida, durante sua áspera aventura nas selvas. Havia antes compulsado amplo material sobre a grande epopeia de Cândido Rondon, mas este fez seu périplo sertanejo um século depois, quando a floresta e as savanas estavam um pouco mais amansadas. Comparados aos feitos da Comissão de Limites (que compreendia, além dos cientistas mais 18 praças de pré e 100 índios) empalidecem as peripécias, consideradas ousadas, do ex-presidente Theodore Roosevelt. Este, após deixar a presidência dos Estados Unidos, deu vazão a seu ânimo desbravador com uma expedição à busca das nascentes do Rio da Dúvida, no norte de Mato Grosso, em 1813. Quando jovem diplomata na Embaixada Brasileira em Washington, durante a Segunda Guerra Mundial, tempo em que a nação americana era presidida por um outro membro do clã dos Roosevelt, Franklin Delano Roosevelt, tive minha atenção despertada pela ousada aventura de Theodore e seu filho Kermit. Afinal de contas, era singular a bravura deixar o conforto de uma mansão em Oyster Bay, no estado de Nova Iorque, para uma grande aventura na hirsuta selva Amazônica. Essa aventura, dizia Roosevelt, seria *última oportunidade de ser menino*. Durante a expedição, aquele que tinha sido um dos homens mais poderosos do mundo chegou à beira da morte, ante o tropeço das corredeiras desconhecidas, as ameaças das feras, uma humilhante disenteria e a recorrência de uma febre tropical de cujas consequên-

cias o grande pioneiro nunca conseguiu totalmente escapar. Hoje, lendo sobre a saga de Lacerda e Almeida e Silva Pontes, patronos das cadeiras 5 e 6 desta Academia, sinto que as tribulações de Roosevelt tão decantadas na imprensa mundial, foram apenas um episódio menor, uma nota de rodapé na estória da conquista da bacia Amazônica.

Sempre pretendi considerar-me um pioneiro, mas meu pioneirismo era ideológico, no conforto da cátedra ou do púlpito político, infinitamente menos desafiantes e letais que o desbravamento de sertões ínvios.

Meu imediato predecessor na cadeira nº 6 foi o ínclito magistrado Ernesto Pereira Borges.

Antes da magistratura, exerceu os cargos de Procurador Geral e Consultor Jurídico do Estado, promotor de Justiça em várias comarcas, até ser nomeado Secretário do Interior, Justiça e Finanças no Governo Ponce de Arruda.

Lendo o discurso de posse de Ernesto Pereira Borges verifico de imediato duas afinidades. Refere-se ele com admiração às teses de Santiago Dantas, contrárias ao positivismo jurídico, em nome do humanismo. É que o positivismo jurídico, ao relativizar completamente o direito, se torna uma expressão integral do anti-humanismo.

Ernesto Pereira Borges se levanta também contra o nacionalismo, que Albert Einstein chamava de *sarampo da humanidade*. Minhas objeções eram, sobretudo ao nacionalismo econômico, mas Borges se refere também ao nacionalismo político-jurídico, que leva a *dividir o mundo em compartimentos estanques cada vez menores e a isolar a raça humana em grupos independentes cada vez menores*.

A atual tendência de integração de mercados, globalização financeira e formação de complexos supranacionais demonstram que Borges e eu tínhamos razão.

É certamente uma honra para eu suceder-lhe na cadeira nº 6. Ele deu a conceitos jurídicos, às vezes convolutos, um colorido literário apetitoso. Eu espero escapar às tentações do economês, convencido que estou de que, como dizia Hayek, *não é bom economista quem só é economista*. Minha bagagem humanística do seminário me vacinou contra a tentação de metrificar demasiado as variáveis do comportamento humano.

Luis-Philippe Pereira Leite, o grande historiador cuiabano, me contou um detalhe da biografia pessoal de Borges que, como ex-seminarista, considerei pitoresco. Borges é neto do Padre Ernesto Camilo Barreto, que felizmente para o Brasil e para esta Academia, da qual o sacerdote é um dos patronos, não tomou demasiado a sério os deveres ao celibato. Este, aliás, é de difícil cumprimento no tropicalismo sensual desta província, a ponto de, segundo Luis-Philippe, serem frequentes nos cemitérios mato-grossenses lajes de sacerdotes defuntos com a inscrição *tributo de amor conjugal*.

Seja-me permitido à guisa de conclusão, dizer algumas palavras sobre minha experiência como senador por Mato Grosso. Meu período no Senado Federal foi de grande isolamento ideológico. Eu desfraldava a bandeira do liberalismo econômico num momento de auge do nacionalismo-populismo. Lutei contra os monopólios estatais, a política de informática, o intervencionismo governamental, quando a xenofobia e o estado grande estavam em moda.

Procurei baldadamente desenvolver vacinas contra a doença dos **ismos** – o nacionalismo temperamental, que dificulta a absorção de capitais e tecnologia; o estatismo, que agiganta o estado e o torna insolvente e ineficiente; o populismo distributivista, que pretende distribuir antes de produzir; o estruturalismo, que nos levou à permissividade monetária, por errôneas técnicas de combate à inflação; o protecionismo comercial, que se transformou em acobertamento de ineficiências.

Fui objeto de calúnias e irreverências. Mas nunca fraquejei em minhas convicções nem fiz concessões à demagogia nacionalóide. Repetia, *sotto voce*, para me animar, o refrão de Harold Laski, ainda que de um ponto de vista ideologicamente oposto: *Coragem, camarada. O diabo vai morrer!* E recitava a exortação de Dante (não o governador, mas o da *Divina Comédia*): *Segui il tuo corso e lascia dir le genti*.

Vejo hoje com prazer que minhas teses se tornaram vitoriosas. Eu havia previsto o colapso do socialismo e a inevitabilidade, para o Brasil, de uma abertura internacional. Ambas as coisas aconteceram. Vejo com prazer que começam a morrer as vacas sagradas dos monopólios estatais. Com prazer porque, conforme disse o humorista americano Abbie Hoffman, *é das vacas sagradas que se fazem os melhores hamburgers*.

Meu pecado foi dizer as verdades antes do tempo. Quando o tempo da verdade chegou, eu não estava mais no Senado.

Se minha experiência no Senado foi frustrante pelo isolamento ideológico, foi produtiva para Mato Grosso, pois tive êxito em mobilizar verbas e investimentos para o estado. Deixei de concorrer quando percebi ser-me impossível dar a presença pessoal amiudada que os eleitores requestam.

Deixei de representar Mato Grosso, mas não deixei de amar Mato Grosso. Ao estado devo a oportunidade de cessar de ser apenas um tecnocrata para ser também um policrata, ou seja, um híbrido, que espero fértil, de político e tecnocrata.

Aqui neste estado, estão minhas raízes. A família de minha mãe, originária de Livramento, depois emigrou para Cuiabá e Cáceres e participou do desbravamento do pantanal da Nhecolândia, uma saga a que assisti em minha primeira infância.

Muito obrigado a Clóvis de Mello por me ter encorajado a pleitear a cadeira nº 6, estendendo meus agradecimentos ao Dr. Satyro Benedicto de Oliveira, que recordou episódios de minha carreira e homenageou a memória de amigos comuns. Muito obrigado ao Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, presidente da Academia Mato-Grossense de Letras pela sua generosa avaliação de meu desempenho funcional e político. Sua palavra de acolhida talvez tenham exagerado meus méritos. Apesar de ser um homem modesto, não vou admitir que houvesse excesso nos elogios, pois a modéstia é como as roupas íntimas da mulher: existem, mas não devem ser mostradas. Gostei particularmente de que Satyro me tenha chamado de *catedrático da modernidade*.

Recordo, desvanecido, o lindo e comovente poema com que me presenteou um velho amigo, que eu desejaria presente nesta cerimônia: Ives Grandra Martins, caráter sem jaça e um dos nossos melhores talentos jurídicos do país.

Agradeço comovidamente à carta de D^a Maria Müller, aqui lida por Clóvis Pitaluga de Moura, essa nobre patriarca mato-grossense, que espero consiga culminar

sua vida laboriosa, frutífera e exemplar, transpassando a barreira do centenário. O julgamento favorável de Maria Müller sobre minha carreira e desempenho é duplamente valioso, pois ela chegou à idade em que desfeitos sonhos e mortas às ilusões, o julgamento é objetivo e sereno. Prezo sua carta mais que o julgamento dos jovens, pois estes só sabem amar e odiar. Não sabem julgar.

Maria Müller foi aluna de meu pai, o professor Valdomiro de Oliveira Campos. Quando ele faleceu eu tinha apenas 5 anos e as lembranças que dele guardei são confusas névoas. Mas sei que foi um visionário, pois em campanha senatorial em Pocolné, em 1982, foi-me apresentado um recorte de jornal, de 1913, em que papai, então diretor do Grupo escolar, anunciava Ter criado uma escola de taquigrafia. Criar uma escola de taquigrafia à beira do pantanal, oitenta e três anos atrás, era iniciativa que requeria imaginação profética e ousadia ilimitada!

Aos 78 anos, sinto que chegou o momento do crepúsculo biológico. Mas afasto a insidiosa tristeza do ocaso, pensando no provérbio chinês: *Não se pode impedir que as aves da tristeza circunvoem nossas cabeças. Mas podemos impedir que façam ninhos em nossos cabelos...*

CADEIRA 7

PATRONO

Pe. José da Silva Guimarães

OCUPANTES

Manuel X. P. Barreto

Maria de Arruda Müller

Ivens Cuiabano Scaff

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO IVENS CUIABANO SCAFF

Cuiabá, 25 de março de 2014

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO IVENS
CUIABANO SCAFF, PELA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ
DE FIGUEIREDO LEITE**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO IVENS CUIABANO
SCAFF**

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO IVENS CUIABANO SCAFF, PELA ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE*



Neste momento estou representante de nossa Academia, escolhida pelo novel acadêmico Ivens Cuiabano Scaff para realizar a tarefa de pronunciar o discurso de recepção. Deliciosa tarefa porque tratar deste novo eleito, escolhido e acolhido é dar conta do quantum em qualificações, competências, possibilidades apontam no horizonte desta Casa!

Antes, porém necessito dizer da importância da Academia Mato-Grossense de Letras que foi instalada no século passado sob o nome de Centro MATO-GROSSENSE de Letras por Dom Aquino e José de Mesquita. Busco o apoio do discurso do meu pai **GERVÁSIO LEITE** que presidia por ocasião do jubileu esta casa e ASSINALOU:

Mercê de Deus a Academia Mato-Grossense de Letras, franciscanamente pobre e tradicionalmente modesta, tem seguido o pensamento fecundo que levou D. Aquino e José de Mesquita a reunirem, em um centro de cultura, os intelectuais da década de 20 para que estes pudessem cumprir o ideário inicialmente proposto:

- a) *A reunião dos intelectuais destes rincões pátrios que, através do livro, da revista e do jornal tivessem produzido obras de reconhecido valor intelectual;*
- b) *A preservação e a defesa da cultura da língua que herdamos de Portugal e da literatura nacional;*
- c) *A conservação, no meio da federação política, da unidade literária, objetivo que levou Machado de Assis a fundar a Academia Brasileira de Letras.*

Com a aprovação e publicação do Estatuto da AML em 2012 nossa instituição vem cumprindo os seus objetivos consubstanciados em seu artigo 3º que estabelece:

São objetivos da AML o apoio, o incentivo e a proteção da cultura e das literaturas nacional e regional e, em particular, a produzida em Mato Grosso; o estímulo ao culto da língua portuguesa; a preservação da memória de seus Patronos, bem como da produção intelectual dos acadêmicos falecidos, transmitindo-a as gerações presentes e futuras, e a participação nos estudos de problemas de interesse cultural, que preocupam o mundo contemporâneo.

Agora, mais do que nunca, tem buscado levar para o povo o que durante muito tempo ficou oculto.

Recentemente com a exposição no Goiabeiras Shopping, visitada por mais de 1500 pessoas, publicizamos, desvelamos a Casa Barão de Melgaço. A diretoria atual sob a presidência do Acadêmico Eduardo Mahon tem planos relevantes para as letras e as artes, pois entende que a Cultura torna o indivíduo cada vez mais presente enquanto sujeito e atuante como cidadão!

Dentro dessa moldura recebemos hoje um nome que ilumina o chão da nossa terra, acolhemos agora o astro cuja energia resplandece no entorno sociocultural matogrossense e que vai contribuir para o crescimento da nossa instituição.

Iluminar é saber do tempo ganho, é conhecer as dobras do olhar varrendo a imensidão, dimensionar o voo e jorrar luz nas crateras EM QUE REINAM AS LETRAS! Nelas a percepção aponta o insinuar de um percurso que incorpora as vozes sedutoras que habitam o escritor e, então a energia que brilha na ambiência sinaliza o espaço de constante busca, o vigor do verbo, a força da escrita. A constante pesquisa registra que O ESCREVER É CRIAR, VESTIR E DESPIR, COLOCAR MÁSCARA NAS IMAGENS. Solapar o subsolo do áspero e de lá voltar com as mãos cheias dos adornos feitos e enriquecidos com as expressões plástico-poéticas!

O valor do verbo de modo geral é escavar topografias real ou imaginária, mas neste momento é redescobrir a poética de Ivens Scaff percorrendo afetuosamente a estrada do artista/escritor por dentro de suas variadas facetas. Refaço o outro que é ele mesmo na terra cuiabana querida, procuro o outro e encontro no mergulho de seus escritos tatuados pelo desejo particular de apropriação e identidade um amoroso com/tátil/tato.

Do que se trata? O verbo escriturado por Ivens impregnado pelo modo como ele celebra e fisga a letra e insere na palavra certa coloca na frase quer dos seus versos quer de sua prosa desenhando a sua vontade férrea de conhecer, de solidificação da cena no outro, que é o encanto de sua edificação literária.

A força da escrita em determinados autores permite o realce de descobertas com olhar penetrante e pedindo licença sempre às faíscas que se desdobram em imagens novas dos objetos. Penso em interpretar o ser IVENS, solicitando desde já desculpas, pois quero vê-lo mais uma vez de novo e melhor, e achegando-me a ele na intimidade dos que garimpam os livros: gesto de ver com a visão do outro, atravessando o outro, na perspectiva da alteridade visível.

A emoção pode atrapalhar este espaço em que vou tentar apresentar afetuosamente o cidadão/escritor/poeta. As imagens que surgirem das minhas palavras serão muito mais da liberdade que encontro nesta Casa! Liberdade também afiançada pela busca da densidade e não da felicidade. Densidade que é resposta para o anseio de cultura que em seu amplo conceito abrange as várias expressões tanto nas Letras e nas Artes, nos cuidados sociopolíticos e nas mais intrincadas missões a que ela se presta. Densidade que significa o apuro na busca da melhor forma, do campo literário, do espaço de referências, enfim da arquitetura final do texto, QUALQUER SEJA ELE.

Tentarei uma estratégia para não deixar o discurso enfadonho porque o novel confrade não merece nada cansativo e sendo assim peço atenção para ouvir “Jeito Antigo” com LUIS CARLOS RIBEIRO:

*“lamina fria de um punhal ardente
que o meu peito transpassa a cada instante
e a dor pungente que obriga
minha alma toda a um levante*

*se visse uma saída
uma só senda nessa mataria
se hovesse uma solução
rebelado já me haveria”*

Ora sinto aqui traçados tão intensos e contidos, com a semiose de quem se esconde para se entregar de jeito inteiro, com olhar firme e mãos plácidas, arrumando suavemente as malhas que retém por um instante os signos revelados no caminho, porém já se armando no mergulho, para a posse do outro.

Algumas vezes tenho lido versos pleno de identificações com fios e desvios sutis, manipulados em arranjos no centro de paixões, lugar em que o intérprete assoma afinal seu tema, visualizando o significado do percurso. Percurso que certamente acertará contas com a Alma, com a Técnica, a Tarefa, o Desejo de dizer e o Sabor do Prazer.

ÁGUAS DA FERTILIDADE

Escrever a propósito do texto corpo da variada obra do novel acadêmico é compor certa coisa INUSITADA: os outros expelindo palavras em teorias e conceitos. Sempre penso que quando há obediência a certas regras existe o espaço de PODER e DAÍ reinvento tal espaço: a letra é água que escorre no leito da folha de papel. Literatura não é espaço de Poder, mas como toda obra de homens como Ivens é criação democrática!

As águas são numerosas nos textos e, creio que é decorrência do Autor ter residido no Porto com o rio Cuiabá atravessando sempre o seu olhar.

Contar estórias para o público infanto-juvenil é testemunhar o tempo passando na nascente manhã dos sinais brincantes. A descrição gozosa, sempre texto mutante, pois que o Autor necessita localizar a criançada no espaço daqui pontuando a mensagem.

Fala dos fatos, faz a estória acontecer lá no espaço em que só ele escritor é capaz de sustentar a inventação, marcando cada comunicação e colocando contornos nos acontecimentos. Com Ivens a percepção, a sensibilidade e a inteligência deságuam na boa audiência da criançada que é a boa resposta para o escritor. Em A FÁBULA DO QUASE FRITO sinaliza:

A única coisa que não tinham conseguido era encontrar a tal lagoa. Os mais velhos contam que no alto do morro tem uma lagoa. uma lagoa muito funda. Dizem até que é a cratera de um antigo vulcão. Dentro dessa lagoa tem uma piraputanga de ouro. Mas isso eles não acharam. Ficava para uma próxima vez.

Assim ele cria os fenômenos, de fatos pequenos o caudal e a rede que trama e cruza termos, altas corredeiras nessas águas com barcos de papel e remos de expressões codificando família de signos.

É preciso atentar que a prosa em nosso acolhido é construída por texturas, revelando tempos e lugares de afetos. Pois esta construção

Aí ficava tão quietinho que parecia gente. Gente criança que é quem gosta de historinha.

Com esse modo há o jorrar da enovelação. Quando começa a falar nas estórias surge a sensação de que ele sabe todas de cor.

Ele vai ao centro da paixão, e atinge afinal o objeto entrevendo o sentido do caminhar fértil.

Fertilidade que brota da intimidade com o apuro do desenho dos textos. Aqui, ser fértil é prestar atenção em cada palavra que esboça o tema, nas letras que palmilham o significado dos personagens infanto-juvenis e fertilidade espalhada na lonjura misteriosa das frases:

Quase frito foi crescendo. Mas ninguém ainda conseguia descobrir que bicho era ele.

E para o final Quase Frito resolve seu problema de SER. Saber o que é importa mais do que ter nome. QUASE FRITO É!

NA BEIRA DO SIGNO

Seguramente cruzou bordas e verificou em **mamãe, sonhei que era um menino de rua** a presteza em contar versejando o gasto das letras incentivado pelo signo do sonho. Elos partidos, onde ajustar?

Era convidado a dizer tudo, sem envergonhar-se, aceitando a maneira manchada e desabrida de cantar/contar. Afinal recolher um sonho é dar conta da energia geradora. O signo luta e as coisas escritas afetam certos diagramas que possibilitam a chegada ao sentido das coisas. Dessas coisas de crianças. Quando por resultado, algum falar das coisas do sonho podia produzir bem-aventurança, é porque havia conseguido juntar alguns pedacinhos.

*Alemão falou assim:
não fique tremendo de medo
que eu fico com medo também
você me conta uma história bonita
eu conto outra também
aí ficamos quietinhos
e o sono logo vem.*

Percebam, por exemplo, que é fato rechaçar o perigo, o medo porque na estória ele - o medo - não pode ser narrativizado, pois inexistem receptores para ouvir sobre estória medrosa. Os signos margeiam pontas, curvas, avessos. Costura do lugar incorporando o onírico. Sonho privilegiado!

Ivens relatando sobre o sonho possibilitou a compreensão da energia leve deslizando enfeites e tornando-se escritura a ser contemplada!

AUSCULTA A ESCUTA

Contemplação presente em todos os livros quer **o menino órfão e o menino rei, uma maneira simples de voar, entre outros.**

Na ausculta perseguia as letras inscritas nas palavras fantasiando invenções. Invenções que corriam mundo e se tornavam plásticas ou se praticavam na cabeça do povo: Escuta. As palavras lavravam tecidos e o pensamento vinha servido ao vento. eidós da representação - a alma erguendo em corpo.

A escuta tinha origem em silêncio do sonho futuro: metáforas/personagens alcançando horizontes entre amis, ade, tuca, sir heitor: as palavras/nomes não conseguem cobrir esforço, palavras mansas, cheias de rebuliço que redundavam em matérias de magia: O sonho de tuca é um pássaro. Um gavião que voa alto.

O TOQUE DAS COISAS ERA MAIS QUE CONHECIDO, ERA FUNDAMENTE RECORDADO/RECORTADO.

Ivens Cuiabano Scaff nasceu vaticinado pela alegria de HID ALFREDO e a mansuetude luminosa de Lucina. Tinha que ser o que é, médico de escol, um ARTISTA/ESCREVINHADOR multifacetado o ser e o ter de todas as horas. Hoje vem ocupar a cadeira nº 7 sucedendo D. Maria de Arruda Müller, personalidade inesquecível. Recebê-lo é configurar o pulo de dentro do movimento, é segurar em cada estremecimento do escrever a câmara atenta e lenta. Imagem de celebração.

Que magia é essa? É o mundo um ninho de personagens, uma cadeia de poemas escritos na lua/rua, no sol/dia? Por que já conhecia as coisas que nunca tocara? Por que vinha o futuro do recordar e saltavam emoções já velhas, do que estava ainda por viver? De onde vinha essa sabedoria que usava roupas de linguagem, mas que bailava frente aos olhos?

Que feitiço é esse? Anda rebocado por todos os caminhos que margeiam os substantivos, adjetivos e as sensações. Está suspensa dentro de si mesma como uma pipa, jungida a alguma força, apenas por uma linha de ternura, da qual às vezes sente os puxões. Viveu nos porões da literatura, conhece a dança e o sono do cerrado, esteve colado às dobras dos morros, como os bois bem articulados no equilíbrio: NO LUSCO FUSCO.

O MORRO DA LUZ

Saltou sobre grotões fundos, com o farejar das intuições.

Venho, então, laçar você Ivens das lindas regiões que habita, e deixa-lo em nossa casa para apreciação com uma arca plena de novidades: Convidados, belas palavras, confrades e confradeiras encantados.

E assim guarnecido vai viver, adornado, ancorado ao presente pelo tesouro da sua obra, e vai sentar entre nós seu séquito de irmãos. Compartilhar...

Traz para nós como presente uma obra de paixão de poeta e desta terra, por uma cultura que você interpreta em signos poéticos: a encarnação/encantação de afinidade eletiva faz tempo despertada. Em sua obra está toda a trajetória espiritual, que se preparou lenta, profunda e longamente para esta chegada. Percebe-se realmente o demorado sedimentar dos que portam as águas calmas e profundas, os meandros de uma cultura apaixonante mergulhada no telúrico. Ponte e travessia.

Aqui um poeta de excelência marcado pelo fogo da amorosa linguagem desde sua formação. Atento a função mais alta de abertura para outras vozes: as que veem do fundo das águas, as que somem nas várias etnias, vozes de tempos imemoriais.

Venha confrade Ivens comungar conosco porque é admirável como a poesia serve aos encontros mais insólitos e aos mais fundos. Espaço de simbolismos onde realidades diversas se unem para dizer o interdito, ela -poesia- passa a ser o *locus* privilegiado para a confluência do tempo eleito pela alma.

Ave Ivens e que sua estada nesta casa seja profícua e jubilosa!
grata.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO IVENS CUIABANO SCAFF



A primeira vez que entrei nesta Casa foi na cerimônia de lançamento pela Companhia Brasileira de Correios e Telégrafos do selo personalizado e comemorativo aos noventa anos da AML. Estava muito orgulhoso porque a declamadora Bia Correa iria recitar *Kyvaverá*.

Kyvaverá é um poema que fiz baseado na versão do historiador Paulo Pitaluga Costa e Silva, na qual a origem do nome Cuiabá derivaria do termo guarani *kivaverá* que significaria *o rio das lontras brilhantes*.

Não, estou me confundindo. Muito antes, foi muito antes a primeira vez em que entrei nesta Casa. A Casa de Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço.

Fazia uma tarde de muito calor e eu tinha pegado um ônibus do bairro do Porto, onde morava, que me deixou na Praça da República ou na Praça Alencastro – não me lembro mais onde era o ponto final do ônibus.

Lembro que vinha sozinho. Era no tempo em que crianças andavam sozinhas. Vinha carregando uma grande e pesada pasta de couro com muitos álbuns de partituras para piano. Havia decidido estudar esse instrumento porque na sala da minha casa havia um, àquela época já antigo, no qual tinham estudado meus tios, meus irmãos e também no qual minha mãe, de vez em quando, praticava. Também era muito usado em festas e em especial nas festas de São João. A acadêmica professora Dunga Rodrigues era sempre a principal musicista e por volta da meia-noite ela abandonava o piano pelo acordeão para acompanhar os devotos na procissão de lavagem do santo que se realizava no porto da ladeira de pedras redondas, que começava no final da Rua XV e terminava no rio Cuiabá.

Lembrando Fernando Pessoa no seu poema “Aniversário”: ‘O que fui de amarem-me e eu ser menino’, foi assim que resolvi estudar piano. De todas aquelas partituras que pesavam na minha pasta, um álbum em especial eu odiava com veemência: o álbum de exercícios para piano de Czerny. Todos aqueles que um dia estudaram piano por vontade própria ou por vontade dos familiares sabem do que estou falando. Exercícios intermináveis que provocavam dores nos dedos pelos movimentos repetitivos, ou mesmo de vez em quando, pela pancadinha seca da régua da professora no dedo que errasse a nota.

Arrastando a pasta que me chegava quase à altura dos joelhos, eu vinha subindo a “Rua Cândido”, que só os cuiabanos sabem chamar-se Rua Cândido Mariano da Silva Rondon.

Dava uma paradinha para, na ponta dos pés, olhar, por cima do muro da Residência dos Governadores, o pequeno zoológico que lá havia e apressava o passo para não perder a hora da aula.

Às vezes dava um “*overbooking*”. Todos os pianos do conservatório lotados. Como o Conservatório Musical funcionava na própria residência da professora Maria

de Lourdes de Oliveira, que ficava a poucas casas daqui, lá vinham alguns alunos para estudar, batucar horas intermináveis no piano aqui da academia... Czerny, é claro.

Este enorme salão em penumbra com todos esses quadros. Mais o silêncio. Cheio de magia. Bem diferente das escalas, acordes e arpejos de... Czerny!

Se eu pedir um minuto de silêncio – gosto muito de minutos de silêncio porque estão sempre presentes em grandes momentos, momentos solenes ou momentos festivos como este. Então se todos de olhos fechados fizessem esse momento de silêncio, não em reverência a alguém que partiu, mas aceitando um convite, poderíamos viajar juntos a esse passado.

Como vocês sabem, um dia teremos máquinas do tempo... para o futuro. A ciência afirma. Como também afirma que nunca haverá uma máquina do tempo que nos leve para o passado. Também já se disse que quem viaja ao passado viaja sozinho. Não concordo. Podemos viajar ao passado. E acompanhados.

Podemos viajar através da história, mas com perdão dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que esta Casa também sedia, convido vocês a viajar pela imaginação.

Entrando neste grande salão sombrio e silencioso, eu me sentia *avant la lettre* o pequeno mago Harry Potter entrando nos salões da escola de magia Hogwarts. Aqueles quadros, estes quadros, nas paredes laterais que eu percorria, lendo os seus nomes. Os nomes dos patronos desta Academia, a Academia Mato-Grossense de Letras que foi fundada como Centro Mato-grossense de Letras, em maio de 1921.

Percorrendo este salão, alguns graus de temperatura abaixo do normal do calor da tarde cuiabana, vamos, passo a passo, quadro a quadro.

Lá está José Barbosa de Sá, advogado e cronista do século XVIII que escreveu a “Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso desde os seus princípios até ao presente tempo”, o primeiro escrito oficial, considerado a obra inaugural da História de Mato Grosso. Deixou como espólio uma biblioteca, a primeira constituída em Mato Grosso. Isso ainda no século XIX.

Lá está também Joaquim da Costa Siqueira, sucessor de José Barbosa de Sá que arrecadou a sua biblioteca e escreveu o “Compêndio Cronológico das notícias de Cuiabá; crônicas de Cuiabá”, em que registrou não só atividades político-administrativas, mas também as festas em que eram encenados dramas e farsas como “Aspásia na Serra” e “Zaíra”, de Voltaire. Joaquim da Costa Siqueira registra a alma nascente da cidade. Cuiabá nascendo com a fama de festeira, com a fama de culta, que até hoje conserva.

A seguir três amigos, três companheiros, três jovens formados em Portugal, na flor dos vinte anos. Vindos do Tejo, aportando em Belém e enfim desembarcando em Vila Bela da Santíssima Trindade, integrando a comissão de demarcação de limites entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Santo Ildefonso. Seus nomes: Antônio Pires da Silva Pontes, Ricardo Franco de Almeida Serra e Francisco José de Lacerda e Almeida.

Prestaram grandes serviços na demarcação de fronteiras, levantamento de rios e observações astronômicas. Antonio Pires da Silva Pontes (cartógrafo e astrônomo)

participou da fundação de Casalvasco, junto a Luiz Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nome também ligado ao Forte de Coimbra, Forte Príncipe da Beira e à fundação de Albuquerque (atual Corumbá) e Vila Maria, atualmente Cáceres.

Ricardo Franco de Almeida Serra, do Real Corpo de Engenheiros da Academia Militar, o Ricardo Franco que dá nome à nossa tradicionalíssima Rua do Meio. Escreveu inúmeras obras cartográficas, sendo a mais importante o “Diário do Rio Madeira”. Imagino Ricardo, extasiado, sob o céu estrelado do hemisfério sul, já que há documentos que atribuem a ele a denominação de uma estrela.

Tive uma boa formação na Escola Modelo Barão de Melgaço, onde enfrentávamos os terríveis pontos, textos que deviam ser decorados e eram “tomados”, em outras palavras, ditos sem ler para os professores. O mais terrível era “*A Guerra do Paraguay*” pela sua extensão. Pois não me lembro de ter sido ressaltada em aula a importância de Ricardo Franco na delimitação de nossas fronteiras.

O Marechal Rondon, ao fundar posto telegráfico em 1906, denominou-o Pontes e Lacerda, em homenagem a esses ilustres cartógrafos e astrônomos.

Vamos seguindo, tentando decifrar os nomes nas placas abaixo dos retratos.

Encontramos Padre Manuel de Siqueira, o exímio aquarelista que desenhava plantas de Mato Grosso, tendo descoberto nas imediações do Morro de São Jerônimo a árvore da quina. Este padre escreveu: “Memórias sobre a decadência das três capitâneas de Minas e meios de as reparar” e “Memória a respeito do descobrimento das Minas dos Martírios”.

Martírios, a serra do ouro à flor da terra. Reconhecida pelas formações rochosas que lembravam o cravo, o martelo e outros instrumentos do martírio de Cristo.

Verdade, lenda ou “marketing” do Império para expandir nossas fronteiras? Foi atrás de Martírios que veio Manoel Bicudo, trazendo o seu filho pré-adolescente Antônio Pires de Campos, considerado o descobridor do Cuiabá.

Passo a passo, quadro a quadro, Mato Grosso sendo construído.

Ali Luiz D’Alincourt, que chegou a Cuiabá em 1818, ocasião em que a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá foi elevada à categoria de cidade e que descreveu sua viagem em “Memória sobre a viagem do Porto de Santos a Cuiabá” (1818).

Quem passa pela Estação Bispo, na Avenida da Prainha, nem desconfia que o nome se refere a D. José Antônio dos Reis, órfão de pai e mãe, que foi o primeiro advogado a ser nomeado bispo da Igreja Católica do Brasil. Sua chegada a Cuiabá coincidiu com a explosão da Rusga, revolta de brasileiros contra portugueses apelidados “bicudos”, em referência a um peixe de boca afunilada e pontuda e especialmente voraz, numa alusão à ambição dos portugueses que dominavam o comércio.

Reza a lenda, que nessa noite tenebrosa, D. José Antônio dos Reis saiu às ruas empunhando um crucifixo, tentando deter a mortandade. Este bispo, durante a Guerra do Paraguay, por ocasião da peste da varíola, ofereceu o espaço físico do Seminário para ser usado como enfermaria.

Aproveito que ainda temos tempo, enquanto uma colega executa *O lago de Como*, e fico parado em frente ao retrato do Barão de Melgaço, o Augusto João Manuel Leverger, nascido em Saint-Malo, na França. O dono desta Casa.

Tiro os sapatos e sinto o frio dos ladrilhos. Aos 17 anos já estava em Cuiabá. Aqui casou-se. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, se ofereceu ante o iminente ataque paraguaio para comandar a defesa da capital. Mandou edificar uma fortificação nas colinas de Melgaço, ao lado de voluntários e soldados. Um fato curioso a seu respeito é o seu relato do avistamento de um objeto não identificado nos céus mato-grossenses, durante uma viagem fluvial.

Passo por Antônio Cláudio Soído, que dirigiu o Arsenal de Guerra, foi poeta romântico e traduziu Byron.

Por Antônio Corrêa do Couto, que pretendia o encanamento do rio Mutuca para abastecimento de água de Cuiabá.

Olhe o Pe. Ernesto Camilo Barreto, que veio a Cuiabá por solicitação de D. José Antônio dos Reis, tendo organizado o Seminário da Conceição, ainda na Barra do Pari. Biografia incrível. Certa feita foi preso em pleno culto da missa. Tempos violentos. Historicamente os templos, mesmo os pagãos, eram respeitados e serviam de refúgio para perseguidos. Casou-se e deixou numerosa descendência. Cuiabá, desde o início, transgressora.

Paro em frente ao retrato de Franklin Cassiano da Silva, que ao ficar órfão, foi acolhido como filho pelo meu tio-avô Luiz Pereira Cuiabano. Poeta lírico, autor de muitas peças teatrais.

Nesta cadeira encontro outro parente: o poeta poliglota Ulisses Cuiabano, de quem eu já conhecia o poema “Buriti solitário”.

Encontro Joaquim Duarte Murtinho, médico e ministro da Fazenda, saneador das finanças, como costumava dizer, cheia de orgulho, minha avó materna Nhandazinha, não se esquecendo de dizer que foi criada na sua casa, hábito comum naqueles tempos. Aparentado, se dizia.

A professora está empolgada com o melhor aluno do conservatório que executa, com perfeição, “A Marcha Turca”, não me lembro mais se a de Mozart ou a de Beethoven.

Ainda dá tempo de dar uma passada por José Vieira de Couto Magalhães, mineiro de Diamantina que foi presidente do Estado durante a Guerra do Paraguai, e ao mesmo tempo o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil, tendo a sua obra “O Selvagem” reconhecimento nacional e sido traduzida em vários idiomas.

Couto de Magalhães fundou Várzea Grande dos Guanás. Guanás, os hábeis canoieiros e pescadores. Guanás, dos quais o meu sangue tem uma parcela.

José Barnabé de Mesquita ocupou esta cadeira. Na biblioteca da minha casa tinha o seu livro de contos “*No tempo da cadeirinha*”, que li meio escondido, pois desconfiava que não seria leitura adequada para criança.

— Estudou as duas horas de Czerny? — pergunta a professora.

Duas horas! Essa professora não sabe que eu tenho outras obrigações? Banho de rio, passear de bicicleta, pescar lambari de arrastão com rede de melão-de-são-caetano...

— Claro, professora!

Me afasto do olhar do Visconde de Taunay. Alfredo d'Escragno de Taunay, que participou como engenheiro militar da Guerra do Paraguai, de quem mais tarde li "*Inocência*", o maior romance sertanejo do romantismo e "*Retirada de Laguna*", em que descreve sua experiência na guerra e não poupa a atuação dos médicos na mesma.

Passo por Antônio Corrêa da Costa, que com Generoso Paes Leme protagonizou o famoso Caso do Bonde.

Por Manoel Espiridião da Costa Marques que chefou a expedição científica que avaliou a navegabilidade do rio Jauru.

— Não some, diz a professora. Já vamos começar.

Nem saí daqui de dentro, penso parado em frente à cadeira número 7.

O patrono é um historiador que assumiu a presidência da província de Mato Grosso em 1838 e em 1840, o cômego José da Silva Guimarães. Ele reorganizou a *Typographia Provincial*, o que viabilizou a impressão do jornal *Cuyabano Oficial* em Cuiabá, que antes era impresso em Goiás.

O primeiro ocupante foi o advogado Manuel Xavier Paes Barreto Filho que integrou o Centro Mato-grossense de Letras, embrião da AML.

— Professora, quando vou tocar Mozart?

O olhar da mestra me diz: Você ainda tem muito Czerny pela frente.

De novo na rua, me apresso para não perder o ônibus. Se bem que naquela época os motoristas esperavam pelos passageiros que sabiam que iriam naquela viagem. O ônibus, depois de reformado, ganhou uma cor rosa meio espantada e por isso tinha o apelido de Roseira. Para que os passageiros se cuidassem com o início da movimentação do ônibus, o motorista grita:

— Balança roseira! – e seguimos para o Porto, com seu comércio, sua lanchas e seu "rio verde negro", como disse D. Aquino.

Então me vem à lembrança uma outra vez que estive na Academia. A data me foge, mas se tratava de um sarau e fui convidado para ler algumas poesias minhas. Fiquei um pouco apreensivo por um verso que dizia "Esquecerei os carinhosos apelidos que um dia com o dedo escrevi em seu umbigo". Como seria recebido por pessoas mais formais, por uma plateia de pessoas maduras, um verso com esse, de apelo mais ousado? A acadêmica Maria de Arruda Müller estava presente. Alguns dias depois, na minha função de médico, visitei a D. Maria de Arruda Müller em sua casa. Fui torcendo para que ela não tivesse prestado atenção no verso. Após a consulta, ficamos conversando e para meu desespero ela se referiu ao sarau. Disse que tinha gostado da minha apresentação.

— Pronto, pensei, agora sim.

Ela continuou:

— Gostei muito, mas gostei especialmente de um verso. Aquele em que você diz, não me lembro exatamente, mas fala dos carinhosos apelidos.

Mesmo passado tanto tempo, ainda me pergunto se havia uma expressão divertida naquela face serena.

Nascida na casa de número 7 da Rua de Baixo, atualmente Rua 7 de Setembro, filha de João Pedro de Arruda e Adelina Ponce de Arruda, Maria de Arruda Müller

viria a ocupar esta cadeira de número 7 da Academia Mato-Grossense de Letras, em 1931, sendo a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia, que frequentou até aos 100 anos, sendo também sócia-honorária do Instituto Histórico e Geográfico Mato-grossense. Personalidade multifacetada, professora, jornalista, editora de revista, mulher de estadista, ativista, esposa, mãe, avó. Como os mestres da Renascença.

Sua infância foi intercalada por períodos na cidade de Cuiabá e na fazenda de seus pais. Ainda menina, aos seis anos de idade, a pequena Maria acompanhava as lições que sua mãe ministrava ao seu irmão mais velho e dessa maneira foi aprendendo a ler junto com ele. Seu avô Generoso Ponce, então governador de Mato Grosso, não acreditou quando D. Adelina disse que a pequena Maria, com apenas seis anos, era capaz de ler. Passemos a palavra a ela:

— A casa estava cheia de homens, políticos, então meu avô pegou um jornal e pediu que eu lesse para eles. Quando terminei de ler, ele estava encantado e passou a me presentear com livros.

Em 1875, um século após Barbosa de Sá, havia sido instalada a primeira Escola Normal. Em 1884, o Liceu Cuiabano, onde a acadêmica Maria de Arruda Müller iniciou sua vida escolar em 1907.

Aos dezesseis anos começou a lecionar como professora auxiliar no Grêmio Escolar, onde alfabetizou crianças com idades entre sete e nove anos.

Em 1910 o Liceu Cuiabano já havia bacharelado duas jovens: Josefina Poyarte e Maria Dimpina de Arruda Lobo.

Em 1910, foi fundada a Escola Normal em Cuiabá, onde Maria de Arruda Müller se diplomou normalista em 1916. Após o seu casamento com Júlio Strubing Müller, mudou-se com seu marido para Poconé (MT), onde trabalharam como professora e diretor do Grupo Escolar. Após seu retorno a Cuiabá, dirigiu o Grupo Escolar Senador Azeredo e posteriormente lecionou música e desenho na Escola Normal.

Maria Müller deixou as salas de aula aos 96 anos de idade, por razões de saúde e encerrou sua carreira como professora alfabetizando aos 98 anos uma senhora de 87 anos.

Em 2002 o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, entregou-lhe a comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo, em mãos, na sua própria casa. Criada em 1955 pelo presidente Café Filho, essa comenda homenageia personalidades que prestaram serviços excepcionais à Educação.

D. Maria de Arruda Müller participou ativamente do governo do seu marido Júlio Strubing Müller, nomeado interventor por Getúlio Vargas (de 1937 até 1945). Foi à época das construções na capital mato-grossense, tais como a Estação de Tratamento de Águas, prédio do Colégio Estadual (Liceu Cuiabano), Avenida Getúlio Vargas, Tribunal de Justiça, Delegacia do Tesouro, Cine Teatro Cuiabá, a ponte Júlio Müller.

Dona Maria de Arruda Müller, em seu livro escrito com a musicista e escritora Dunga Rodrigues “*Ao longo de cem anos*” se reporta ao pequeno Hermógenes, filho de alcoólatra que foi retirado da família por ordem judicial, devido aos constantes

maus-tratos, e entregue à família de João Pedro e Adelina. Hermógenes era um menino extremamente participativo e estava sempre pronto a inventar uma nova brincadeira. Seu sonho era assistir a um sarau lítero-musical da Academia. O que mostra a presença marcante da Academia Mato-Grossense de Letras naquela época. Talvez essa convivência com esse companheiro de folguedos tenha inspirado a ideia da criação do Abrigo das Crianças para crianças carentes. Já a fundação do Abrigo dos Velhos gerou críticas de que estaria se incentivando o abandono dos idosos pela família, conforme me confidenciou sua filha D. Helena Müller de Abreu Lima.

Presidiu a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência durante a Segunda Guerra, providenciando cuidados para as famílias dos soldados.

Em 1942 fundou a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá.

Em 1916, um grupo de moças recém-formadas pela Escola Normal e algumas professoras já atuantes procuraram o professor Estevão de Mendonça pedindo apoio e diretrizes para a criação de uma associação feminina que veio a ser o Grêmio Júlia Lopes.

O Grêmio Júlia Lopes se diferenciava dos outros grêmios que surgiram no mesmo período por ser formado somente por mulheres.

Participavam do Júlia Lopes jovens normalistas e mulheres letradas da sociedade mato-grossense, sendo a maioria delas de famílias tradicionais que tinham em comum o apreço e o objetivo de “cultivar as letras femininas e patricias”, de acordo com Yasmin Nadaf (1993), que dedicou sua dissertação de mestrado intitulada “Sob o signo de uma flor” a mapear e descrever os temas abordados nas edições da revista.

Júlia Lopes foi uma escritora e abolicionista brasileira que desde cedo mostrou forte inclinação pelas letras, embora no seu tempo de moça não fosse de bom-tom nem do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Numa entrevista concedida a João do Rio entre 1904 e 1905, confessou que adorava fazer versos, mas os fazia às escondidas.

Sua produção literária foi vasta. Mais de 40 volumes abrangendo romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. Em sua coluna no jornal O País, durante mais de 30 anos, discutiu variados assuntos e fez diversas campanhas em defesa da mulher.

Participou das reuniões de formação da Academia Brasileira de Letras, da qual ficou excluída, por ser do sexo feminino.

Júlia Lopes de Almeida é considerada a primeira romancista brasileira. Portanto, esse nome, sugerido pela professora Maria Dimpina (pseudônimo Arinapi), foi acolhido com entusiasmo por afinidade de ideias, como a reivindicação de direitos como o voto feminino.

No início do ano, em 24 de fevereiro de 1932, o presidente Getúlio Vargas publicou o Decreto 21.076, concedendo o direito ao voto às mulheres que tinham renda própria. Essa exigência de renda própria para o direito ao voto, penso eu, permanece pertinente e atual.

Oriunda do Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, a revista “A Violeta” circulou até 1950 e se tornou o veículo de divulgação das causas femininas e feministas

no início do século XX. Circulou durante 34 anos, alternando sua periodicidade em mensal e bimensal e foi uma das revistas mais proíficas e relevantes produzidas em Mato Grosso. Em nível nacional, pode ser considerado o segundo periódico literário feminino com maior tempo em atividade ininterrupta no Brasil.

Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria de Arruda Müller foram as principais cronistas da revista e nas suas páginas defendiam o acesso à escola com vistas ao aperfeiçoamento do papel feminino de mãe e esposa.

O nome para a revista foi sugestão de D. Maria. Ela diz: “Escolhi o nome *A Violeta* porque é uma flor modesta, perfumada, boa para apresentar como uma coisa delicada. Queríamos que fosse uma revista que sempre dissesse a verdade com palavras delicadas”.

Certa vez, por ocasião da inauguração da estátua de Maria Taquara, Cuiabá inteira se envolvia na polêmica frente à criação do mito Maria Taquara. As pessoas recém-chegadas a viam como precursora por usar roupas masculinas, enquanto que os cuiabanos sabiam que Maria Taquara sofria das faculdades mentais e usava roupas masculinas por ser muito alta e as roupas femininas não lhe serviam.

Após uma consulta no velho casarão, surgiu o assunto. E D. Maria me disse que quem mereceria ser considerada símbolo da mulher mato-grossense era a índia Cibábé, depois chamada Rosa Bororo. Sequestrada de sua tribo, criada entre os brancos, foi usada numa tentativa de “pacificação” dos Bororos, chamados Coroados. Uma história triste.

Maria Müller assinava a publicação com os pseudônimos de Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina. Uma das dificuldades enfrentadas pelas publicações femininas era o analfabetismo de homens e principalmente de mulheres (eram poucas as mulheres alfabetizadas), o público-alvo destes periódicos. Mas essas jovens transformaram essa dificuldade em uma causa e defendiam o acesso e a disponibilização de escolas para mulheres. A educação formal para as mulheres também foi tema de crônicas nas edições.

Estreou nas letras com seu primeiro artigo, intitulado “Baía de Chacororé”, publicado no jornal *O Povo* em 1916.

Como escritora, publicou em 1972 o livro “Família Arruda”. Anos depois, em parceria com a amiga, musicista e poetisa, acadêmica Dunga Rodrigues, escreveu “Cuiabá ao longo de 100 anos”.

Uma outra obra de sucesso foi lançada em comemoração ao seu centenário. No ano de 1998 foi publicado “Sons Longínquos”, uma coletânea de poemas da professora.

Vale a pena ler “*Sons Longínquos*”. Viajar nos versos do soneto *Vespertina* (dedicado à sua mãe):

*Que segredos me contas, ventania
Quando vens, sonhadora, tataral
As asas nobres como em litania
Dos coqueiros, ao sol que vai tombar*

Ou

*Tranças, destranças irrequietamente
A coma verde-negra, já silente,
Como um adolescente enamorado*

A intimidade com a natureza quando diz:

*É animada a cantiga das cigarras,
As pompas do verão que tudo atinge*

Ou a melancolia, quando descreve o coração do artista:

*a luz viva na dor na alma de poeta
– jardim fechado, sombrio e solitário*

De novo a proximidade com a natureza, característica que também existe nas artes plásticas mato-grossenses:

*Mas escutai o cantar intermitente
Da jaó na fimbria da floresta!
Se dela não amais o que é pungente,
... Que resta?*

Gosto demais destes versos:

*A asa transparente e azul
De uma doida 'lavandeira'
Corta o espaço em voo exul...*

E gostaria muito de ter escrito:

O dia é pintor anarquista

Atenta às transformações urbanas:

*Lindas palmeiras, onde estão?
Comas altaneiras, onde jazem?
O progresso impiedoso
As varreu como um tufão*

Ou quando se refere aos bandeirantes, num retrato sem retoques:

*As minas do Cuiabá de tão famosas,
Atraem fina flor da gente paulistana
Também tigres nas façanhas monstruosas!*

Preocupação ecológica antes de a própria ecologia entrar para o vocabulário habitual, no poema “Ante a queimada”.

Do poema *Águas passadas*, que dedicou ao autor desconhecido, selecionei o verso:

“Rosas murchas desfolhadas, quem não as tem dentro do peito” e postei em uma rede social, tendo alcançado centenas de acessos.

Realmente é um privilégio ocupar a cadeira que foi de uma poeta. E a minha caminhada até aqui foi balizada por muitos poetas.

Lembro Fernando Pessoa: “*Nunca conheci quem tivesse levado porrada, todos os meus amigos são príncipes na vida*”;

Lembro Vinícius: “*Não que seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure*”;

Lembro Manoel de Barros: “*Nasci num Cuiabá garimpo de ruelas entortadas*”;

Lembro John Lennon: “*Imagine all the people leaving in Peace and love*”;

Lembro Paulo Apóstolo: “*Quando eu era menino pensava como menino, agia como menino*”;

Lembro Zé Boloflor: “*a lua quando vem saindo por detrás da montanha é uma solidão*”;

Lembro Cecília Meireles: “*Eu canto porque o instante existe*”;

Lembro o Arcanjo Gabriel: “*Magnificat*”;

Lembro Manuel Bandeira: “*Vou-me embora pra Pasárgada, lá sou amigo do rei*”;

Lembro D. Aquino Corrêa: “*Sob os flabelos reais de mil palmeiras*”.

A bênção, Antônio Sodré

A bênção, Tereza Albuês

A bênção, Ricardo Dicke

A bênção, Liu Arruda

Salve Moysés Martins, Sebastião Carlos, salve Aclyse, salve Lucinda Persona, salve Luciene Carvalho, salve Odair de Moraes, salve Antônio Carlos Tuim.

Hoje é o dia da minha posse nesta confraria...

Se me perguntarem o que farei na Academia, responderei:

Não sei.

Com o coração aberto, direi:

Não sei.

Com a mente alerta, direi:

Não sei.

Não sei, significando: entro para interagir, criar coletivamente, pensar a cultura cuiabana e mato-grossense junto aos meus pares desta Casa.

Avocat num avocat Deus aderit.

O autor, sobre si mesmo

Entre dois amores

*Tenho amor por uma rainha
e tento ser o seu peão
Nem sempre sendo capaz
É a ela que amo
Atento no calor dos dias
Sou dessa maneira feliz
Felicidade nervosa e sem paz*

*Mas quando vem a bruma
Amo uma sacerdotisa
Com angústia e alegria
É sim possível!
Cumprindo seus mistérios e rituais*

*Ciumentíssimas as duas
Fingem que não se conhecem
Nem se reconhecem rivais*

*Fiel eu sou
Não sei se loucura ou sina
Às duas. À quem mais?*

*As duas asas com que voo
O nome da rainha, Medicina
O da maga, Literatura.*

CADEIRA 9

PATRONO

D. José Antônio dos Reis

OCUPANTES

Rubens de Mendonça

Octayde Jorge da Silva

Leopoldino Marques do Amaral

José Cidalino Carrara

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA

Cuiabá, 27 Março de 2003

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO
CARRARA**

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA



Não imaginam a emoção de estar aqui.

Falar como Acadêmico.

Falar como membro da Academia Mato-Grossense de Letras – o templo da intelectualidade de nosso Estado.

Tenho que segurar a emoção, a sensação e manter o equilíbrio para poder ter serenidade e calma para que as ideias possam fluir sem embotamento e de maneira clara. Rogo a Deus que me dê sabedoria para dirigir-vos a palavra, que espero não seja cansativa, enfadonha, prolixa e nem erudita.

Minhas palavras serão mais de regozijo, de alegria, de satisfação e de agradecimento.

Com certeza, vai falar mais alto o coração de um paulista, reconhecido mato-grossense por sua Assembleia Legislativa e, mais que isso, um mato-grossense, um cuiabano reconhecido por sua gente generosa. Um cuiabano não nascido em Cuiabá.

Devo, pois, à generosidade dos cuiabanos e mato-grossenses esta honra.

Devo à bondade dos amigos que compõem este augusto tempo da cultura, da literatura e da história de Mato Grosso, a casa de Augusto Leverger, Casa do Barão de Melgaço, de compartilhar do convívio enriquecedor e do prazer de aprender com tão ilustres escritores e cultores das artes, da política, da economia, das letras, da educação e das coisas boas do nosso Estado.

Mas, antes de prosseguir, necessário se faz registrar nesta noite, não por um dever estatutário, mas por justiça. É mister dizer e contar quem foram os imortais que antecederam-me na Cadeira nove deste fórum expoente das letras de nossa terra, que abriga os maiores cultores, criadores e trabalhadores da literatura e da história de Mato Grosso.

A Academia Mato-Grossense de Letras vai comemorar, este ano, oitenta e dois anos.

Muitos já passaram por esta Casa e dentre eles estão os que citarei agora>

É importante lembrar as coincidências entre os antecessores e o sucessor, sou jornalista, professor, advogado e aprendiz de escritor. Fui seminarista por um bom período. Isto falo, para lembrar as coincidências.

O Patrono da Cadeira n. 9, também seminarista, professor e advogado.

O Patrono da Cadeira n. 9 é Dom José Antônio dos Reis e ocuparam-na Rubens de Mendonça, jornalista e escritor, Octayde Jorge da Silva, professor e educador, e Leopoldino Marques do Amaral, seminarista, professor, jornalista, advogado e magistrado.

Perceberam que a Cadeira n. 9 sempre foi ocupada por pessoas com formação e profissão iguais a deste que vai ocupa-la a partir de hoje.

Dom José Antônio dos Reis – Patrono. Pouco se escreveu sobre o imortal, o grande Paulistano e primeiro Bispo de Cuiabá.

Sabe-se que nasceu em São Paulo, capital, no dia 10 de janeiro de 1798.

Casei-me em 10 de janeiro.

Dom José Antônio dos Reis era mulato, órfão de pai e mãe. Pobre, muito pobre. Teve uma infância e adolescência vividas nos limites dos sacrifícios. Vivia de esmolas, sem roupas, sem comida, sem cama para dormir. Um dia, o Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira, se encantou com os dotes intelectuais daquele menino mulato e o recolheu num quarto da Diocese paulistana, e passou a apoiá-lo e incentivá-lo nos estudos.

Durante o curso de Filosofia que o jovem José Antônio dos Reis passara a frequentar, este a cada dia demonstrava mais e mais interesse pelos estudos. O curso de Filosofia era ministrado por Frei Francisco de Montalverne. Dom Mateus de Abreu Pereira nomeou José Antônio dos Reis, então com 15 anos, altareiro da Sé, isto é, sacristão incumbido da arrumação, organização e limpeza dos Altares da Catedral da Sé de São Paulo. Com essas atividades, o jovem José Antônio dos Reis passou a viver num mundo místico e religioso e viu-se atraído pelo sacerdócio. Assim, após o curso de Filosofia, cursou Teologia e foi ordenado Padre, segundo Dom Aquino Corrêa, com 23 anos de idade, em 1821. O Padre José Antônio dos Reis exerceu o sacerdócio em Minas Gerais, onde também lecionou para ter um ganho melhor. Mas, o Padre Reis – como era conhecido – tinha ainda em Dom Mateus de Abreu Pereira, Bispo Diocesano de São Paulo, um grande protetor, que dele se lembrou, em 1825, quando foi solicitado para indicar alguém para ser o primeiro bibliotecário da primeira Biblioteca Pública, fundada em São Paulo, hoje a Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Aí começava a aparecer o trabalho do Padre Reis. Estava em evidência o seu trabalho.

Não demorou muito para o Padre Reis ir ocupando espaços.

Foi capelão do Convento de Santa Tereza, Juiz de Paz da Sé.

Foi Deputado e Presidente da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo.

Vale lembrar que o Padre Reis demitiu-se do cargo de bibliotecário, indignado com o Imperador que, pelo fato de estarem desaparecidos alguns livros da Biblioteca, que se apurou depois nem terem pertencido ao acervo da mesma, pois pertenciam, na verdade, à Biblioteca dos Padres Franciscanos, determinaram a abertura de uma sindicância.

A verdade triunfou e o Imperador viu-se compelido, obrigado a não só recusar o pedido de demissão como a atestar publicamente quão ílibado, honesto, zeloso e dedicado era o Padre Reis.

Cinco anos após esses fatos, cumprindo acordo existente entre a Igreja e o Estado, Sua Majestade, o Imperador, apresentou à Igreja, como candidato ao Episcopado, o Padre José Antônio dos Reis.

Mas, o Padre Reis não estava satisfeito e inquietava-se com a situação política brasileira. Os laços entre o Estado e a Igreja mantinha uma ligação política e cultural. Resolve, então, substituir o espírito eclesiástico pelo espírito jurídico.

Foi sentindo essa substituição de cultura que o inteligente Padre José Antônio dos Reis dedicou-se ao estudo das Ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, a partir da sua fundação em 1827, formando-se em outubro de 1832 – primeira turma.

Quando terminou seu curso de Direito, o Padre Reis já estava confirmado, pelo Papa Gregório XVI, como Bispo da Diocese de Cuiabá.

Dom José Antônio dos Reis foi o primeiro paulistano e paulista eleito Bispo e foi o primeiro aluno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco a galgar o episcopado. Foi, em suma, o primeiro advogado brasileiro a ser nomeado Bispo. A sagração deu-se no dia 8 de dezembro de 1832, pelas mãos do Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade. Vale dizer que esta data – 8 de dezembro – é importante, pois comemora-se Nossa Senhora da Imaculada Conceição, daí a denominação dada ao seminário que construiu em Cuiabá, Seminário da Imaculada Conceição, na colina do Bom Despacho, onde existia uma humilde capela.

Dom José Antônio dos Reis chega à Diocese de Cuiabá no dia 27 de novembro de 1833, após percorrer, através de Minas Gerais e Goiás, desde São Paulo, mais de dois mil quilômetros, em lombo de burro.

No ano de 1834, recrudescer em Cuiabá o ódio aos portugueses. Esse ódio vinha desde 1822. Esse movimento recebeu o nome de Rusga, ou matança dos Bicudos. Dom José Antônio dos Reis tentou apaziguar os ânimos e diante da omissão do Poder Público, o bispo, empunhando uma cruz, num gesto, mais de cem anos depois imitado pelo Papa Pio XII, esta salvando Roma do bombardeio alemão, na Segunda Guerra mundial, saiu às ruas para pedir calma, reflexão cristã aos exaltados.

Em Cuiabá, Dom José Antônio dos Reis permaneceu apenas 10 meses e 18 dias, porque, no dia 16 de outubro de 1834, retorna a São Paulo, a fim de tomar posse como Deputado por São Paulo, nas Cortes Gerais, onde fica por quase oito anos, até o final de 1841. Em 20 de janeiro de 1842, Dom José Antônio dos Reis retorna a Cuiabá e nunca mais voltou a sua terra natal ou ao Rio de Janeiro. Na catedral de Cuiabá, em 1845, ele sagrou dois Bispos paraguaios, o Bispo Diocesano de Assunção e o seu auxiliar.

Aqui passou o resto de sua vida lutando pela construção do Seminário da Imaculada Conceição.

Dom José Antônio dos Reis faleceu em Cuiabá, no dia 11 de novembro de 1876, com 78 anos.

É fascinante a vida de Dom José Antônio dos Reis, Patrono da Cadeira n. 9, que tenho a honra de assumi-la.

Mas, esta Cadeira foi ocupada por outros vultos que engrandeceram a cultura do Estado.

O primeiro Acadêmico a ocupar a Cadeira n. 9 foi o historiador e literato Rubens de Mendonça, que tive a honra de conhecer pessoalmente, em 1982.

Rubens de Mendonça, de personalidade marcante, deixou-nos valiosa contribuição, fruto de sua excelente formação acadêmica, acrescida pelos ensinamentos preciosos legados por seu pai, Estevão de Mendonça, figura de projeção no mundo

intelectual mato-grossense. Rubens de Mendonça, filho de Estevão de Mendonça e de Etelvina Caldas Mendonça, nasceu às 20 horas do dia 27 de julho de 1915, nasceu de 7 meses. Morava aqui na Barão de Melgaço.

Aos 7 anos, foi matriculado no Grupo Escolar Barão de Melgaço. Sua primeiro professora foi Teresa Lobo de Queiroz, grande educadora cuiabana, tia avó do atual presidente desta Academia.

Entrou para a Academia Mato-Grossense de Letras depois de ter publicado 5 livros: *Aspectos da Literatura Mato-grossense*, em 1938; *Garimpo do meu sonho*, 1939; *Álvares de Azevedo, o romântico satanista*, 1941; *Poetas Bororos (antologia de poesias mato-grossenses)*, 1942; *Cascalhos da Ilusão*, 1944.

Em 1945, 17 de março, em sessão solene, toma posse na Cadeira n. 9, que tem como Patrono Dom José Antônio dos Reis, primeiro Bispo de Cuiabá. Rubens de Mendonça foi convidado a entrar para a Academia por Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita e Palmiro Pimenta. Não foi eleito por unanimidade, pois seu pai, Estevão de Mendonça, votou em branco.

Rubens de Mendonça publicou 38 livros, casou-se no dia 27 de junho de 1954, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, com Ivone Badre de Mendonça. Ele tinha 39 anos quando se casou. Desse casamento nasceu a filha, Adélia Maria Badre de Mendonça, advogada, que conheci na UFMT.

Rubens de Mendonça exerceu os cargos de Escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e da Delegacia Regional do Imposto de Renda – hoje Receita Federal. Foi avaliador judicial da Comarca de Cuiabá. Secretário da Faculdade de Direito, Jornalista Profissional, Professor de Português, 1º Chefe do Escritório da Sudam em Mato Grosso, historiador e literato.

Recebeu inúmeras homenagens, das quais destacamos: Escritos do ano de 1970, Troféu Bororo de Ouro, 1975, Intelectual do ano, Diploma do Mérito Rondon, da Revista *Oásis*, de Goiânia, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no mesmo cargo da Academia Mato-Grossense de Letras.

Dentre os 38 livros publicados por Rubens de Mendonça, destacavam-se os cinco citados inicialmente e: *Os Mendonças em Mato Grosso*, *História do Jornalismo em Mato Grosso*, *Dicionário Biográfico Mato-grossense*, *Ruas de Cuiabá*, *Bilac – o poeta da Pátria*, *Estórias que o povo conta*, *O Humorismo na Política de Mato Grosso*, *Sátiras da Política de Mato Grosso*, *Roteiro Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, *Sagas e Crendices de minha terra natal*, *O Tigre de Cuiabá*, *História da Literatura Mato-grossense*, e tantos outros que contribuíram com a cultura, com as letras, com o desenvolvimento cultural de Cuiabá e Mato Grosso. Tive o prazer de ler boa parte da obra de Rubens de Mendonça e que ensinou conhecer um pouco mais da cultura do povo cuiabano e mato-grossense.

O segundo ocupante da Cadeira n. 9, também nasceu em Cuiabá, aos 3 de fevereiro de 1926: Octayde Jorge da Silva, filho de Octávio Cassiano da Silva e Alayde Jorge da Silva.

Fez o curso primário na Escola Modelo Barão de Melgaço. O secundário no Liceu Cuiabano. Fez o curso médio na Escola Preparatória de Porto Alegre. Sua for-

mação superior teve direcionamento militar, quando, em 1948, diplomou-se junto à Academia Militar das Agulhas Negras.

Casou-se em Cuiabá com Lília Cuiabano Lino da Silva.

Foi Diretor da Escola Regimental do 18º RI de Porto Alegre. Comandante e sub-comandante do 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá, assim como do 1º Batalhão de Fronteiras de Cáceres.

Sua carreira no setor educacional começou quando Octayde Jorge da Silva assume a Chefia do Departamento de Ensino da Escola Técnica Federal de Mato Grosso. Nesse período, lecionou Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Química, História, Geografia, OSPB e EPB.

Foi vice-diretor e diretor da Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Foi conferencista, sempre abordando temas relacionados com Estudos de Problemas Brasileiros.

Foi agraciado com as Comendas: Medalha e Diploma do sesquicentenário da independência do Brasil, Medalha Nilo Peçanha, Medalha dos 20 anos de bons serviços prestados ao Exército, Medalha e Diploma da Ordem do Mérito Mato Grosso – grau Comendador.

Octayde Jorge da Silva publicou inúmeros trabalhos de valor histórico e educacional, em jornais e revistas. Deixou escrita e publicada uma obra que serviu de norte nos estudos históricos de Mato Grosso junto à Escola Técnica Federal e à rede pública de ensino: *Um estudo de História de Mato Grosso*.

O terceiro ocupante da Cadeira n. 9 – Leopoldino Marques do Amaral – nasceu em Poconé-MT, em 1º de novembro de 1943, filho de Augusto Marques do Amaral e Dometila Maria Modesto do Amaral.

Cursou Filosofia Pura, Letras e Direito.

Especializou-se em Direito Administrativo e em Direito do Trabalho aplicado ao magistério, na PUC/São Paulo.

Exerceu o magistério de 1969 a 1979, de 1985 a 1990, e de 1994 a 1996, nos seguintes estabelecimentos: Escola Agrícola São Vicente, Colégio Dom Bosco (Campo Grande), Ginásio Padre Carletti (Alto Araguaia), Colégio Estadual de Mato Grosso (Cuiabá), Colégio Pré-Universitário (Cuiabá), Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (Campo Grande), Fundação Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá), Curso Pré-Vestibular (Campo Grande), Curso Galeno Pré-Vestibular (Campo Grande), Escola Superior da Magistratura (Cuiabá), Escola Superior do Ministério Público (Cuiabá), Professor Titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de Campo Grande.

Cargos outros: Gerente-Geral da empresa Rápido Noroeste, Subprocurador da Prefeitura de Cuiabá, Assessor Jurídico da Câmara Municipal de Cuiabá, Coordenador da Faculdade de Direito de Campo Grande, Suplente de Vereador de Cuiabá, Advogado da OAB-MT e Advogado sindicato dos Garçons de Cuiabá.

Leopoldino Marques do Amaral participou como fundador do Restaurante Estudantil “Maria Aparecida Pedrossian – REMAP, em Cuiabá.

Foi o criador e fundador do Curso Pré-Vestibular Supletivo, do qual foi diretor por 10 anos.

Ingressou na Magistratura do Estado de Mato Grosso e exerceu o cargo de Juiz nas seguintes Comarcas: Barra do Bugres, Rosário Oeste, Diamantino, Arenápolis, Nortelândia, Porto dos Gaúchos e Juiz da 10ª Vara Cível de Cuiabá.

Foi coordenador da Escola Superior da Magistratura e coordenador do Juizado de Pequenas Causas de Cuiabá.

Leopoldino Marques do Amaral angariou recursos junto ao Governo e Prefeituras das Comarcas para construir duas residências de juízes, uma em Diamantino e outra em Arenápolis. Construiu o Fórum de Porto dos Gaúchos, instalou o Juizado de Pequenas Causas de Diamantino, primeiro Juizado de Pequenas Causas instalado no Brasil. Instalou o Juizado de Pequenas Causas de Cuiabá – CPA – Santa Isabel – Planalto e Coxipó, em 1986.

Leopoldino Marques do Amaral proferiu conferências em 18 Seminários-Congressos em diversas cidades brasileiras. Foi vice-presidente da Comissão de Reforma do Código de Processo Civil, convocado pelo Ministério da Justiça.

Publicou inúmeros artigos em jornais e revistas de Mato Grosso e em periódicos especializados na área jurídica. Publicou diversas poesias.

Em livro, publicou: *Ser Juiz, Racionalização dos Serviços Judiciários, Poder Judiciário: críticas e novas perspectivas, Justiça, mostra a tua cara.*

Eis algumas citações de Leopoldino Marques do Amaral, tiradas da sua obra *Poder Judiciário: críticas e novas perspectivas*: “O juiz, ao contrário, é sempre figura maior, carismático, ungido por Deus para fazer aquilo que só ele pode fazer-julgar e salvar concomitantemente”. “O juiz é o homem das inquietudes, das inconformidades com a própria vida e a vida dos outros. É um homem de ideais sem limites”. “A sensibilidade do juiz é que faz dele um transformador da sociedade”. “Distribuir justiça é cultivar a igualdade. É por isso que o juiz que faz justiça é um renovador, um transformador, um plasmador do homem novo”.

Leopoldino Marques do Amaral, terceiro ocupante da Cadeira n. 9, morreu assassinado no dia 7 de setembro de 1999, nos arredores da cidade de Concepción, no Paraguai.

Bem, o quarto ocupante da Cadeira n. 9 pede e roga a Deus que lhe dê muita luz e sabedoria para, sem ser arrogante, mas muito orgulhoso, poder falar da responsabilidade que tem e terá de representar os vultos culturais que o antecederam.

Peço que me ouçam, amigos! Aliás, Carlos Drummond de Andrade dizia que “é ouvir os amigos, ainda quando não falam, porque amigo tem o dom de se fazer compreender até sem sinais, até com olhos”.

Fala-vos um amigo. Um amigo cheio de alegria e emoção.

Cuiabá – jamais imaginava com esta conquista – me deu, além do que merecia.

Cuiabá está grafada – gravada – fincada no meu coração. Até pare uma tatuagem. É... no meu coração deve existir uma tatuagem com o nome “Cuiabá”, tal o amor que sinto por esta terra e por sua gente de coração magnânimo.

Mas, tudo começou com leituras de textos e dos livros sobre Cuiabá e Mato Grosso. Aprendi a admirar Cuiabá e os cuiabanos através de leituras de livros e artigos de Lenine Póvoas, Clóvis Pitaluga de Moura, António de Arruda, Pedro Rocha Jucá, Ronaldo de Arruda Castro, do poeta sensacional Moisés Mendes, Luis-Philippe Pereira Leite, do grande poeta Tertuliana Amarilha, José Ferreira de Freitas, Natalino Ferreira Mendes, José Eduardo do Espírito Santo, Padre Pedro Cometti, com quem tive boa convivência e muito aprendi. Clóvis de Mello, grande jurista, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, hoje festejado jurista, ambientalista reconhecido em todo Brasil.

Li e leio os livros e textos maravilhosos da educadora e professora Elizabeth Madureira Siqueira. Do jurista e excelente poeta Desembargador João Antonio Neto. De Benedito Pedro Dorileo, grande educador, reitor da UFMT. Do historiador Ubaldo Monteiro da Silvas. De Aduauto Dias de Alencar. De João Alberto Novis Gomes Monteiro, possuidor de uma sensibilidade incrível em sua escrita.

De Benedito Pereira do Nascimento, Desembargador e escritor, cujos escritos me foram úteis. Da historiadora Vera Randazzo. Os maravilhosos poemas de Avelino Tavares. Os livros e artigos do mato-grossense Roberto de Oliveira Campos. As obras Hélio Serejo, quando eu morava no Estado de São Paulo e, mais recentemente, tenho lido e pesquisado as obras do jovem e brilhante jurista Luís Orione Netto, e do querido amigo e irmão Ubiratã Nascentes Alves e as belas poesias de Odoni Gröss. Sou fanático por leitura e livros.

Mas, quero aqui destacar algumas pessoas que me ajudaram, me incentivaram. Além da minha esposa, companheira Isaura, meus queridos e adorados filhos Vanessa e Gustavo, o genro André. Obrigado, Juliana, neta amada. Aliás, ter netos é ter nova mocidade.

Destaco dentre as pessoas que acreditaram em mim, quando aportei Cuiabá, há 20 anos atrás: Álvaro Scólfaro, então diretor da Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá; Carlos Calia Boscolo e Frederico Campos, então governador. Essas três pessoas confiaram no meu trabalho, Obrigado!

Parafraseando Cecília Meireles, “eu falo hoje aqui, porque o instante e o momento existem, e minha vida está quase completa”.

Foi com a comunicação, com a minha voz, que as portas de Cuiabá e de Mato Grosso se abriram. Sou homem de comunicação. Minha vida é de comunicação. Falo e escrevo. Minha voz e meus textos se espalharam pelo Brasil!

Nunca me preocupei em guardar meus escritos. São Muitos, crônicas, artigos, enfim, a informação pontilhou minha vida.

Faço da comunicação o meu altar, o meu ganhar, o meu chorar, o meu rir. Nasci para comunicar. Comunicar no ensinar, no aprender, no advogar, no falar, no escrever, no comungar e no difundir ideias.

Augusto João Manoel Leverger – o Barão de Melgaço, que nesta casa morou, daí o nome Casa Barão de Melgaço, sede desta Academia de Letras, numa carta enviada a sua irmã, dizia, e isso faço também minhas palavras: “Minha vida não foi isenta de peripécias, mas nenhum desastre a convulsionou. Não sou rico, nunca fui; jamais,

porém, me faltou o necessário. Sem intrigas nem proteções, logrei alcançar certo nome e posição social, sem me darem vertigem, estão, contudo, muito acima do quanto eu poderia ter ambicionado”.

Graças te dou, Cuiabá!!!

Sou jornalista, professor, radialista, advogado. Essas profissões estão ligadas à comunicação e ao meu espírito de comunicador.

Todas ligadas à palavra, que é minha matéria-prima. “As palavras que podem suscitar todas as emoções, pismo, terror, dor, nostalgia, pesar, amor e alegria...”

As palavras podem desmoralizar um homem até à apatia, ou espicaçá-lo até o deleite. Podem exaltá-lo a extremos de experiência espiritual e estática. A palavra tem um poder assustador.

A palavra dá o poder de comunicação. E é a comunicação que faço, que envolve a educação, a justiça, a política, a sociedade, o povo.

Estive envolvido com educação. Por isso, tenho o dever de afirmar que a educação brasileira, o ensinar, hoje, exige lucidez. É preciso criar, implantar, definir um modelo de educação concebido, voltado para atender, num só tempo, ao interesse social, da sociedade e o interesse do indivíduo. Definir agora um modelo de educação para as próximas gerações. Não dá mais para esperar, contemplar de braços cruzados o caminhar da educação sem se envolver ou se manifestar.

Nossas escolas precisam ajudar os alunos a tornarem-se humanos. Tem que produzir e formar humanos. A escola deve formar cidadãos, formar gente.

Saber é importante. O mundo mudou e muitos não perceberam. Hoje, já não basta ter terras, fazendas, dinheiro, tecnologia. Tem que ter informação. Quem não tem informação arrisca-se a perder tudo o que acumulou. Quem tem informação tem o poder na mão.

Daí minha tara pelo jornalismo, que o faço de maneira mais honesta e séria. Não se brinca com informação. Ao longo dos anos como jornalista experimentei radicais mudanças na política, na sociedade, no avanço da tecnologia. Novas ideias e concepções foram incorporadas no jornalismo brasileiro. Aprendi a valorizar a liberdade e a democracia. Nunca perdi a noção de que a informação é um direito de todo e qualquer cidadão.

E que o direito e o dever de informar é do jornalista. Mas, informar correta e honestamente, sem ceder a pressões. Que a verdade dos fatos deve ser difundida com veemência. Condenar a mentira, a manipulação, o autoritarismo é dever e obrigação do jornalista. Este é o papel social do jornalista numa sociedade que busca aperfeiçoar suas instituições, seus sistemas políticos, educacionais e econômicos. O jornalista é testemunho do seu tempo. É o historiador.

Em *Dom Quixote de la Mancha*, Cervantes afirma: “uma coisa é escrever como poeta, outra como historiador: o poeta pode contar ou cantar coisas, não como foram, mas como deveriam ter sido, enquanto o historiador deve relatá-las, não como deveriam ter sido, mas como foram, sem acrescentar ou subtrair da verdade o que quer que seja”.

Confesso-lhes estar orgulhoso.

Como jornalista, professor, advogado, profissões que como já disse, estão ligadas à comunicação e à palavra. Minha matéria-prima é a palavra. Ela é minha arma, minha força, meu pão. A palavra é a mais poderosa das armas.

Todos aqui, que compõem a Casa dos Imortais, tem a necessidade de trabalhar a palavra e fazer dela o mais puro e singelo uso, elevando-a. Somos operários das letras, das palavras, da comunicação. As palavras pesam, condenam, salvam, engrandecem, diminuem, louvam, acariciam, martirizam, matam o homem.

Impossível viver sem as palavras, sem a comunicação!

Dizem até que os inimigos do homem são: a mesquinharria, a falta de visão, a incapacidade de conversar, de comunicar.

É espantoso o efeito positivo ou negativo de um par de palavras.

A comunicação está evoluindo cada vez mais e exigindo que tiremos os olhos do umbigo para perceber a transformação do mundo. As ideias estão brotando em todos os lugares e transformando a humanidade. Graças à comunicação e as palavras, todo mundo sabe tudo da vida de todo mundo.

A comunicação nos ensinou que no mundo existem os complicadores e os descomplicadores. Os complicadores trazem a infelicidade para si e para outros. Afastem-se deles. Os descomplicadores trazem o oposto: a felicidade, a vitória, o sucesso. Os complicadores são pessoas arrogantes, e por isso, indesejáveis,

Neste sodalício da inteligência, não haverá espaço para complicadores.

Aqui serão erguidas as bandeiras da história, da arte, das letras, da ciência e do espírito livre e democrático dos pensadores de nosso tempo.

Minha bandeira começa a ser hasteada, hoje, na Casa Barão de Melgaço. E aqui ela deve permanecer como referência das ideias, dos pensamentos e das ações culturais daqueles que ocuparam a Cadeira n. 9.

Faço parte da Casa dos Imortais.

Minha bandeira será plantada no topo da intelectualidade mato-grossense.

A Imortalidade

Chego à Cadeira n. 9 da Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que representa a ancestralidade das letras em nosso Estado. Casa que abriga os estudiosos, os estimuladores da nossa cultura, da nossa literatura, da nossa história. Os estudiosos da beleza. Chego à imortalidade acadêmica. Torno-me acadêmico e imortal, com muita humildade e graças aos confrades que votaram no meu nome, em 30 de novembro. O homem passa, mas sua obra fica para imortalizá-lo. Homem passa, suas ações, suas ideias e pensamentos se imortalizam, perenizam. A esperança agora é não decepcionar. O objetivo é produzir. É ajudar esta Casa em suas atividades que se constituem na preservação, no culto de sua produção histórico-literária. Propagar, divulgar a beleza que os confrades produzem, criam, como diz o poeta Moisés Mendes Martins: “não deixe sua alma envelhecer com o corpo. Alimente-a com poesias e fantasias, e mesmo ilusões. Afinal, o que é a vida!”

Finalizo minha fala dizendo que gostaria imensamente que aqui estivessem duas pessoas que amo: meu saudoso pai, Luiz Carrara, e minha mãe, Antonia – a Tunica, que só não veio porque passou por uma cirurgia. Está se recuperando. Está com 89 anos.

Muito obrigado pela presença de todos e me despeço utilizando como mensagem final trechos de poesias do confrade Tertuliano Amarilha:

*Resolvi ficar...
Tens assim a prova
do meu grande amor
afeição sincera
que à primeira vista
brotou em minha alma.
Cidade querida,
capital festiva.
Luz de inspiração
que me alegra a vida!
viste-me chegar
carregado de sonhos,
trazendo comigo
bagagem de aurora,
flores ilusórias
colhidas nos prados,
que o poeta anedejo
veio oferecer-te
Bela Cuiabá!*

*Eu pedi a Deus
que me deixasse aqui
para conviver
com os cuiabanos
com os bons amigos
os mato-grossenses
que me incentivaram
com os seus aplausos
e me ofereceram
Fraternal guarida.*

*Não sou cuiabano, sou sim
“pau rodado”
e devo dizer-lhes que gosto daqui.*

*Eu vim para cá e hoje estou realizado
pois gostei do peixe e do
arroz com pequi.
gostei dessa gente,
dos bons cuiabanos
na verdade, eles são
verdadeiros amigos,
deixei, lá distante, os
cruéis desenganos,
Findaram assim
Sofrimentos antigos.*

*Aqui me dei bem, e
os bafejos da sorte
trouxeram-me a paz
necessária na vida,
agora eu me sinto otimista e mais forte;
a estrada hoje está toda verde e florida.*

*Sem dúvida, fui muito bem recebido
sinal de amizade e calor muito humano,
abriram-se então um caminho florido
por toda extensão deste chão cuiabano.*

*Gostei dos costumes da gente da terra,
dancei siriri e tomei guaraná
diante de mim um jardim se descerra
e surge este berço de amor Cuiabá.
Eu aprecio a peixada boa
em que outras partes sei que não há
digo a verdade, não falo à toa]não sairei
mais de Cuiabá*

Obrigado!

CADEIRA 10

PATRONO

Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga

OCUPANTES

Palmyro Pimenta

Corsíndio Monteiro da Silva

Agnaldo Rodrigues da Silva

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

Cuiabá, 25 de março de 2014

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA, PELO
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE
LETRAS, EDUARDO MAHON**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO AGNALDO
RODRIGUES DA SILVA, PELO ACADÊMICO SEBASTIÃO
CARLOS GOMES DE CARVALHO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO AGNALDO
RODRIGUES DA SILVA**

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA, PROFERIDO PELO ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO¹



Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Acadêmico Eduardo Mahon.

(Peço vênia para, antes de iniciar a saudação acadêmica, fazermos um momento de silêncio em homenagem a Gabriel Garcia Marques, a grande expressão latino-americana há duas semanas falecido.)

Confrades, Confreiras.

Professor Agnaldo Rodrigues da Silva.

Senhores, Senhoras.

Conta-se que na Paris da Idade Média certo dia surgiu uma querela em que se contrapunham as congregações dos monges da Catedral e a dos frades menores. A pendenga dizia respeito ao fato de que cada uma das Ordens religiosas reivindicava o direito exclusivo a tocar o sino da célebre igreja tão logo o astro rei apontasse no horizonte. Pela importância da secular catedral tal incumbência tinha grande simbolismo. Os monges argumentavam que, na condição de cabeças pensantes da igreja na cidade, a eles pertencia tal primazia, ao que os frades menores redarguiam afirmando que eles é que deveriam ter esse direito pois, para cumprirem as humildes atividades que eram de sua atribuição, estavam obrigados a acordarem antes mesmo de o sol raiar. Assim sendo não entendiam a razão para esperar que fossem outros a lhes avisarem a hora matinal. As partes se mostravam cada vez mais irredutíveis e o embate se prolongava no tempo e se tornava cada vez mais vexatório, com acusações, denúncias e achaques, sem que se vislumbrasse qualquer possibilidade de acordo. E, deste modo, a demanda chegou a Roma. O Papa, preocupado com a gravidade da situação, enviou a Paris um Cardeal conhecido por sua sabedoria e bom senso e, ademais, de sua estrita confiança. No mesmo dia em que chega à cidade, Sua Eminência ordena que as partes apresentem os últimos arrazoados e, após, que todas as peças do processo lhe fossem entregues. Determina igualmente que os litigantes estivessem à sua frente na manhã seguinte. À hora designada, os frades menores, os monges, as testemunhas, os advogados das partes e os mais altos dignitários se encontram perante o enviado papal. A expectativa é grande e os litigantes se entreolham raivosos, apreensivos e com a angústia estampada nas faces. Então, o Cardeal, olhando firme, e sem ter aberto nenhum dos tomos do processo, ordena que aquela volumosa papelada seja jogada na fogueira. E a seguir - como está no conto do Conde de Lucanor, conforme nos relata Montello - Sua Eminência solenemente proclama a sentença, vazada nos termos seguintes:

1 Carlos Gomes de Carvalho é ensaísta, historiador, advogado, professor, membro da Academia Mato-Grossense de Letras [da qual foi Presidente em dois mandatos], do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e do Instituto dos Advogados Brasileiros (RJ). Publicou, entre outros, “Dicionário de Termos e Expressões de Mato Grosso”. (2014).

- Amigos, esta questão tem durado muito. E precisa acabar. Agora mesmo lhe daremos um fim. Ambos quereis tocar a matinas, sem que um se conforme com a prioridade do outro. Mas aqui vos dou a sentença, que resolve o caso para sempre.

E alteando a voz, diz:

Ouçam! Aquele que acordar mais cedo, é esse que tange o sino!

Quis o veredicto de modo exemplar dizer que a honra e a glória do mérito cabia ao trabalho madrugador, constante e disciplinado.

O empossante

Senhoras, Senhores

Este sodalício recebe nesta noite engalanada um homem que acordou cedo para o trabalho. Com efeito, Agnaldo Rodrigues da Silva madrugou no labor intelectual. Filho de Paulo Florêncio da Silva e Maria Rodrigues da Silva, o novel acadêmico é nascido na bela e acolhedora Cáceres que, adornada por esse histórico e majestoso rio Paraguai, compõe, ao lado de Cuiabá e de Corumbá, a tríade que registra e celebra a memorável coragem e denodo da gente lusitana a garantir um rincão de brasilidade no extremo Oeste.

Sempre estudando em escolas públicas, desde a Escola Estadual Esperidião Marques até a Universidade do Estado de Mato Grosso onde se graduou em Letras, Agnaldo, para aprimorar seus conhecimentos didáticos, fez mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo e pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde 1997 é professor de Literaturas de Língua Portuguesa, na Unemat. Nessa instituição, exerceu, e exerce diversos cargos administrativos e pedagógicos. Foi Pró-reitor de Ensino de Graduação, Assessor de Reitoria e, atualmente, é Presidente do Conselho Editorial da Editora Universitária/UNEMAT, além de Coordenador do Centro de Pesquisa em Literatura e Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada, onde coordena o projeto “O teatro nas colônias portuguesas – construção de relações identitárias pela ótica da literatura comparada”. É, também, o editor da revista *Ecos*, voltada para os estudos literários e linguísticos.

Não bastasse essa ativa dedicação funcional, é mister que se sublinhe ainda, e é certamente isto o que essencialmente interessa para esta Academia de Letras, que Rodrigues da Silva vem construindo uma obra que o está colocando como um dos nossos mais profícuos escritores. Sua produção é variegada, caminhando do ensaio ao teatro, indo da história literária à ficção. Além de participação como autor e coordenador em diversas antologias, publicou, a partir de 2003: *O Futurismo e o Teatro*; no ano seguinte vieram *A Penumbra – contos de introspecção* e *Ensaio de Literatura Comparada*; em 2008 aparece com três publicações: *Projeção de Mitos e Construção Histórica no Teatro Trágico*; *Diálogos Literários – Literatura, Comparativismo e Ensino* e ainda os contos de *Mente*

Insana; os ensaios *Teatro Mato-Grossense: história, crítica e textos* e *Universidade e Política* são de 2010 e, no ano seguinte, aparecem os contos de *Dose de Cicuta*.

Se os seus ensaios abordam aspectos importantes da história e da crítica literária, os de ficção denotam um autor consciente de seu labor. O tempo aqui não me autoriza a abordar todos os ângulos dessa já significativa produção. Não obstante, seja-me permitido, ainda que *en passant*, referir-me a um dos trabalhos de ficção, a que tive o prazer de prefaciar. Nele o autor incursiona por um gênero – o fantástico – no qual, se é que não teve ele a primazia, é seguramente um dos primeiros a fazê-lo em Mato Grosso. E o faz, sublinhe-se, com muita propriedade. Estou me referindo a *Mente Insana*. Nesse pequeno livro de contos, o autor nos conduz pela senda do surreal, da fantasmagoria, do improvável aparente que circunda e envolve a realidade e nos faz percorrer os surpreendentes, inquietantes e ínvios labirintos da mente humana. Daí que neles senti a influência de dois mestres do fantástico e do surreal, Ernest Theodor Hoffman e Franz Kafka. Poucos, como estes autores de língua germânica, souberam mostrar as profundezas recônditas do inconsciente que é, na verdade, uma mostra da realidade que nos cerca, expressa através das fortes e marcantes cores que permeiam os arquétipos do simbólico, no conceito usado por Jung, ou seja, dos conjuntos das imagens primordiais que estão incrustadas no imaginário coletivo. O clima surreal, inusitado ou sobrenatural que perpassa os escritos de um e outro está carregado de forte sentido simbólico que reflete elementos de uma ambiência coletiva real. Daí que a psicanálise, cujo estudo pioneiro coube a Freud, ter conduzido a crítica literária a suscitar as abordagens do surrealismo sob essa vertente. Kafka, em seu *Diário*, expõe com precisão essa perspectiva ao afirmar que “O cotidiano em si mesmo já é maravilhoso. Eu não faço mais do que expô-lo”. Neste sentido, o maravilhoso do cotidiano é para Kafka, Hoffman e para tantos outros que percorrem essa trilha, onde incluo Agnaldo Rodrigues, um sinônimo de surreal, de onírico, de fantástico e fantasmagórico.

Para ficarmos em um só dos curtos textos que compõem *Mente Insana*, no caso o conto *A Esfinge*, observei que o personagem, após a dolorosa experiência de ter se prostrado diante da esfinge, confessa desolado: “Senti o inferno corroendo minhas carnes, meus ossos tremiam de dor, minha consciência deixou de existir por alguns instantes”. Como é sabido, a esfinge da mitologia grega desafiava os incautos com perguntas que eram autênticos quebra cabeças irrespondíveis e que só seriam resolvidos uma única e definitiva vez por Édipo, como mostra o clássico de Sófocles. A dolorida manifestação de derrota do personagem de *Mente Insana* levou-me a dizer no prefácio que o ambiente criado conduz o leitor a uma conclusão abissal e sufocante, qual seja, a de que “é melhor nada indagar, pois a resposta pode ser o tormento se instalando definitivamente, fazendo ninho no seu cérebro, nele lentamente entranhando-se de modo inescapável. Essa angústia e essa dor indefinida pode, de modo insuspeito, chegar de mansinho, assim como quem nada quer, tal como um estranho hóspede que veio de passagem e, absurdamente, em definitivo passa a morar onde não é bem vindo”. E encerrei a análise afirmando que, para o autor, ou pelo menos para aquele seu personagem, “É melhor, pois, não fazer qualquer pergunta. Todas as perguntas são perigosas. É por isso mesmo que, alhures, já

se afirmou que mais importante que a resposta é a pergunta”. No entanto, meus caros, o terrível é que as perguntas devem ser feitas imperiosamente. E no campo em que laboramos, o da literatura, o do pensamento, elas precisam ser feitas com uma precisão cirúrgica assustadora até, pois o esteta está sempre em busca da verdade. Como afirmou Kafka “A literatura é sempre uma expedição à verdade”.

Certamente que poderia delongar-me sobre a fatura ficcional do novo acadêmico, mas não posso encerrar esta parte sem dizer que recebemos hoje aquele que é, certamente, um dos mais promissores autores contemporâneos, com um trabalho intelectual que o credencia, como poucos, a figurar nas páginas da literatura que se faz nesta terra.

Da responsabilidade

No entanto, senhor Agnaldo Rodrigues pesa sobre vossos ombros a grande responsabilidade de ocupar a Cadeira 10 da Academia Mato-Grossense de Letras.

O Patrono é um cuiabano, que lamentavelmente tão pouco é conhecido por nossa gente culta. Oxalá venhais contribuir para um maior estudo da vida e da obra dessa formidável personalidade que foi Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral. Ainda jovem saiu de sua cidade natal e foi para a Corte, onde fez os estudos preparatórios para o bacharelato. Ao fim, seguiu para Portugal onde se formou em Direito na Universidade de Coimbra. Retornando ao Brasil, exerceu a advocacia e se tornou professor na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, a primeira do Brasil. Ativo advogado, atuante na imprensa, convivendo com os principais literatos, professor querido, nem por isso Veiga Cabral deixou de ser um homem que vivia intensamente a vida social da capital da Província. São inúmeras as circunstâncias inusitadas e de sabor anedótico envolvendo a figura do professor matogrossense. Logo se lhe pespegou a fama de *bon vivant*, de boêmio irredutível e de assíduo frequentador das festas e noitadas paulistanas. Uma dessas histórias relata que, entre alunos e professores da respeitada escola, comentários corriam dando conta de que o catedrático de Direito Civil não preparava bem as suas aulas e não era também a elas muito assíduo. Numa de suas estadas em São Paulo, o Imperador fez questão de assistir a uma aula daquele coimbrão de quem tanto se falava. Pedro II chega de surpresa e se senta ao fundo da sala. Então, Prudêncio Giraldes começa a dar uma aula magistral sobre o tema proposto e vai inclusive além, ao adentrar numa matéria que nem sequer era ainda reconhecida. Falando sobre Direito Administrativo, o professor encanta o governante que, ao final, o cumprimenta efusivamente. Tempos depois, o nomearia Conselheiro de Estado. Inteligência brilhante, Prudêncio da Veiga Cabral foi o pioneiro dos estudos sobre Direito Administrativo em língua portuguesa, sendo, talvez, o primeiro a publicar no Brasil obra sobre o assunto. Ao falecer, em nove de janeiro de 1862, aos 62 anos, era um nome consagrado no mundo jurídico nacional.

O primeiro ocupante é também cuiabano. Palmyro Pimenta, que se diplomou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, além de atuar ativamente na imprensa matogrossense ocupou diversos cargos públicos, tendo sido fundador e primeiro diretor do primeiro Curso de Direito criado em Mato Grosso. Foi ainda presidente do Tribunal de Justiça e, quando em 1932 foi criado o Tribunal Regional Eleitoral, foi designado seu presidente.

O segundo e último ocupante, a que agora sucedeis, é um homem cuja vida foi marcada pelo estudo. Corsíndio Monteiro da Silva nasceu em Cuiabá e também se formou em Direito no Rio de Janeiro. Especializou-se em Direito Administrativo e assim se tornou em Consultor Jurídico da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e do Estado Maior das Forças Armadas. Sem embargo da atividade profissional, dedicou-se aos estudos literários e jurídicos publicando ensaios de Direito Administrativo, textos sobre a cultura matogrossense, além de obras com enfoque na língua portuguesa, dos quais faz jus que se mencione *O universo verbal de Rui* e *O universo verbal de D. Aquino*. Mas para nós, matogrossenses, o trabalho de relevância de seu antecessor foi, sem dúvida, a expressiva contribuição que deu para a cultura deste Estado ao coligir e anotar a obra completa de D. Aquino Corrêa, publicada em oito volumes, em 1985.

Senhor Agnaldo Rodrigues, estou convencido, e falando em nome da plêiade acadêmica como o faço agora, que temos a mais absoluta certeza de que Vossa Senhoria, com a produção intelectual crescente e de qualidade da qual vens dando prova, ireis cumprir com galhardia o *desiderato* da Cadeira que passareis a ocupar, honrando assim Patrono e antecessores.

Do compromisso intelectual

Senhoras, Senhores

A nossa Casa de Letras, já quase centenária, é muito modesta, está distante das púrpuras que ornamentam o poder político e é destituída da influencia que a força econômica enseja. Não obstante na maior parte de sua história venha sendo esquecida ou menosprezada por essas forças e poderes, tem ela se mantido viva, ainda que como uma vela de bruxuleante chama. E o que faz manter viva essa chama, mesmo que ao redor venha predominando o desprestígio da cultura e do saber? Tantos haverão de perguntar.

Ora, senhores, a determinação de manter viva essa chama, ainda que tênue, nasce da serena convicção de seus membros, e isso desde a sua fundação no já longínquo ano de 1921, de que a Academia de Letras deve representar a história cultural e ser o veículo de transmissão da memória estética de nosso povo. Quando reflito sobre essa força que, ao longo dos anos, vem mantendo viva a nossa Academia, vejo o quanto a energia representada pela vontade do espírito expressa pela cultura pode significar para um povo. Vem-me às vezes à mente a conhecida canção que, celebrando a esperança, nos embalou nos anos de chumbo da ditadura militar:

Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia
Ainda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença

Nesse lusco fusco em que se transformou a vida cultural e social em nossos tempos, a Academia Mato-Grossense Letras vem sobrevivendo, e sobreviverá, apesar de todos os obstáculos, de todas as dificuldades, da absoluta falta de apoio dos poderes públicos e, tal como nos versos de Chico Buarque, proclamar, a cada abertura dessas portas, a cada posse de um acadêmico: amanhã há de ser outro dia.

Sabem os homens conscientes do labor intelectual de que a cultura, o saber, o conhecimento, representa a esperança de um mundo melhor, sem desigualdades entre os seres humanos, sem as gritantes injustiças sociais, enfim, um mundo mais harmônico e justo, solidário e confiante num futuro em que a civilização haverá de triunfar definitivamente sobre a barbárie.

Esse entendimento filosófico e político deve necessariamente permear a preocupação intelectual de cada um dos que se sentam nestas cadeiras acadêmicas. Por isso mesmo é que o Estatuto de nossa entidade reza que o empossando, em seu discurso, “focalizará e fixará a sua posição doutrinária diante dos problemas culturais contemporâneos”.

Com efeito, a pergunta instigante surge a cada momento, tanto no percurso individual de cada escritor, poeta ou artista consciente de seu ofício e presença no mundo, como nos debates que pulsam nos meios culturais de toda nação civilizada. Qual o papel do intelectual? Que cumpre fazer o operário da palavra e do pincel conscientes de seu ofício? Enfim, qual o compromisso para com o seu tempo e para com a sociedade em que vive daquele homem e daquela mulher que foram tocados pela graça e pela angústia que o conhecimento proporciona?

Não adentrarei aqui em uma digressão que, no decurso do tempo, tem sido motivo de longos debates, com velhos e novos posicionamentos, razões para tantas perquirições que, em muitas ocasiões, resultaram em temores e sofrimentos.

Mas não me posso furtar a trazer, ainda que a voo de pássaro, algumas considerações quanto a tema tão pertinente. O mundo contemporâneo, que assiste a morte das ideologias políticas no que elas se manifestam como expressão do poder de Estado, é o mesmo que testemunha o embate entre duas forças igualmente inconciliáveis: o humanismo e a barbárie ou irracionalismo. Essa luta, tantas vezes desigual, sendo a expressão das contradições de nosso tempo, não se circunscreve a uma mera posição na sociedade onde as questões éticas e políticas se fazem presentes. Esta é uma questão que diz respeito, sobretudo, a uma determinada concepção de mundo. E esta questão se situa no centro da perspectiva da literatura e da arte. Desde Aristóteles, e na melhor tradição, toda a estética racionalista e dialética conduz a uma temática de ideias a favor do Homem. Daí que a literatura, e de um modo geral a arte, deve, além da conformação estética, ser em seu conteúdo declaradamente humanista, ou seja, a favor da esperança, ainda que por vezes possa expressar a desesperança. Vi isso quanto li o poema de Czeslaw Milosz:

Para que o ridículo e a dor se transformem em dignidade
E seja consumado, assim, sem cores ou beleza
O nosso imperfeito amor terreno.

É a essa contextualização do homem em seu tempo presente, que o criador, seja ele poeta ou romancista, contista ou ensaísta, pintor ou literato deve estar atento, mesmo quando trata da falta de perspectivas concretas do homem contemporâneo, de sua solidão, misérias e abandono, de seu paroxismo ante a técnica, do absurdo do mundo, das suas esperanças naufragadas. Como bem expressou Ferreira Gullar:

O poema
antes de escrito
antes de ser
é a possibilidade
do que não foi dito
do que está
por dizer

Que se pode então dizer através da literatura? Nestes nossos tempos, o que pode o poema, o conto, o romance, o ensaio? Esta questão, tantas vezes posta na história da cultura ocidental nos últimos séculos, foi, em 1964, colocada a seis respeitados intelectuais franceses num célebre debate realizado na Sorbonne. A eles se solicitava uma abordagem da questão não apenas do ponto de vista literário. O debate resultou em respostas distintas, mas convergindo para nenhum deles negar o papel fundamental que a literatura tem para o Homem. A literatura, como na ocasião reafirmou Jean-Paul Sartre, falará ao homem

através da densidade de um estilo, de determinada maneira de ser, de forma a colocá-lo em situação, que deve ser, por sua vez, também obscura. Não se trata de elucidá-lo, trata-se simplesmente de lhe dar uma espécie de sentido total de si próprio, com a sensação de que é a liberdade o que está por trás, de que viveu um momento de liberdade, escapando e compreendendo melhor ou pior os seus condicionamentos sociais e outros. Se viveu esse momento de liberdade, se conseguiu por momentos escapar – através do livro – às forças da alienação e da opressão, podemos ficar certos de que não se esquecerá mais. É isso, creio eu – concluiu o filósofo e romancista – o que pode a literatura, ou pelo menos uma certa literatura.

Senhoras e senhores acadêmicos, senhor professor Agnaldo Rodrigues, o que podemos - escritores, poetas, artistas - que vivemos na periferia política e econômica do país? O que podemos diante da alienação social, cultural e política que tem levado, como consequência dramática, o afastamento da quase totalidade da população das decisões políticas e econômicas que dizem respeito ao seu futuro e a de seus filhos e descendentes? O que podemos diante da crescente concentração desse poder nas mãos de uma minoria, resultando numa sociedade afásica, sem vontade e sem horizonte? O que podemos quando uma propaganda massiva despeja sobre a população ignara uma enxurrada de informes e slogans que, para dizer de modo educado, está bem distante da verdade e muito próximo daquilo a que George Orwell denominou de “novilingua”,

ou seja uma propaganda em que a mentira passa a ser a linguagem do poder? O que podemos diante de uma situação política e social em que a cultura, ao invés de ser tida e valorizada como um bem essencial ao homem é lhe negada, quando não, passa a ser mero adorno?

Não pode o homem de pensamento calar-se perante tal situação. Não deve o intelectual omitir-se ante as injustiças materiais, o desmando de governantes ou diante da pobreza cultural e musical que estão sendo impostas às novas gerações. Não nos é permitido eticamente ficarmos quietos ante as misérias espirituais deste nosso tempo de desmemórias. Lembrou bem o romancista Carlos Fuentes quando, em pleno auge das ditaduras na América Latina, escreveu

o escritor numa sociedade débil, tem a obrigação de ser o porta voz das aspirações do povo, porque as sociedades que não falam se convertem em sociedades escravas.

Cabe-nos reafirmar em alto e bom som que o governo numa Democracia nasce da vontade do povo e todos, absolutamente todos, os seus atos devem estar voltados para o benefício do povo, de onde emana todo o poder; devemos dizer que a corrupção, seja a econômica seja a dos valores éticos, não pode ser encarada, como vem sendo, como inexorável, como algo natural, inevitável e intrínseco ao ser humano.

Estas circunstâncias não são novas, é verdade. Vejam que o grande padre Vieira deblaterava, no século XVII, contra o governo que impunha impostos escorchantes. Em sua homilia dedicada a Santo Antonio, em setembro de 1642, pregou:

Quis o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispêndio seu, que satisfazendo às obrigações de tributário, não perca os interesses de pescador.

E mais adiante, concluindo o trecho:

[...] esta diferença há entre os tributos suaves e os violentos; que os suaves tiram-se da boca do peixe; os violentos da boca do pescador.

Hoje, temos que convir, os impostos estão sendo tirados da boca do pescador. Quase três séculos depois, era Rui Barbosa que, a beira do desalento, profligou:

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.

É verdade, não são recentes as nossas mazelas, mas é imperioso reconhecer que elas se agravaram, e se agravam, nos últimos anos.

Com esse propósito, cabe-nos, igualmente, denunciar a maléfica, e talvez proposital, confusão que se faz entre os conceitos de crescimento e de desenvolvimento. São coisas distintas, bem o sabemos, que se distinguem, expressando um, os índices de produção econômica, e o outro, significando os reais benefícios que o crescimento econômico traz para toda a população. Há de chegar a hora de indagarmos não apenas o quanto estamos produzindo em grãos, no qual se vem alcançando os primeiros lugares no país, mas de quanto tem sido o nosso índice de desenvolvimento humano, ou seja, as quantas andam a saúde, a segurança e a educação de nossa gente. De nada adianta o crescimento da economia se dela a população não pode se beneficiar. E como falar em cultura sem que as necessidades mínimas como saúde, educação e segurança sejam atendidas?

Cabe-nos, sem dúvida, indagar: quando chegará o tempo em que as necessidades sociais e humanas elementares terão prevalência sobre obras faraônicas ou não prioritárias? Quando advirá o tempo em que os genitores não ficarão angustiados com o futuro do filho e quando uma mãe não mais balançará inutilmente um berço nem se debruçará de pavor e medo sobre o tumulto de um ente querido? Ou, quando virá o tempo em que aquele que ensina receberá salários dignos e será homenageado com o respeito social?

Já deveria estar pacífico aos governantes que a cultura é um valor imprescindível ao povo e que, portanto, deve estar agregada ao crescimento da economia. Um povo não tem futuro sem que o conhecimento e o saber, enfim a cultura seja estimulada, amplamente disseminada e garantida como um direito humano essencial. De igual modo, como falar em cultura se um verdadeiro lixo cultural vem sendo impingido massivamente à nação, amesquinhando a nossa rica tradição cultural e musical? Vale lembrar a advertência de Ivonne Bordelois, que escreve, em *A palavra ameaçada*:

Uma certa e obscura onipotência nos dá permissão cotidianamente para assistir a horas de televisão-lixo ou ler as piores seções dos jornais ou escutar os programas de notícias mais sensacionalistas ou a música mais desprezível, acumulando desse modo em nós mesmos uma enorme ressaca de sedimentos espúrios que vão nos convertendo em seres opacos e carentes de toda energia e transparência. Até quando nos imaginamos impunes ou invulneráveis, estamos destruindo a nós mesmos, do mesmo modo que se destroem os que comem e bebem irresponsavelmente até destroçar seus corpos, suas vidas e as dos que os rodeiam. Estas formas de degradação da consciência são mais frequentes e extensas do que pensamos e contribuem, não em pequeno grau, para a hecatombe social que estamos presenciando. A deterioração da linguagem – tanto da que falamos quanto da que nos permitimos escutar – é uma forma de autodestruição sumamente grave, sobretudo quando acompanha, desde o interior, as enormes forças de agressão externa a que estamos submetidos diariamente.

Fiz uma mais longa digressão a respeito desse tema por que examino a questão da degradação da linguagem num trabalho sobre a linguagem matogrossense, que em breve virá a público. Sem duvida, senhores, a degradação, o desrespeito, a desqualificação da linguagem é uma questão que nos deve a todos seriamente preocupar.

Pois, para bem cumprir o destino de questionar é preciso que se o faça, tal como Antonio Vieira e Rui o fizeram, sem deixar de aperfeiçoar o estilo, o léxico e a qualidade estética de nossos trabalhos.

Aí está, pois, senhores e senhoras, no meu modestíssimo e despretensioso entender, a tarefa que nos compete, e o desafio que se nos impõe para o qual, sem ter a firmeza ética e a competência intelectual necessárias, o horizonte se tornará cada vez mais distante. Sabemos quantos e quais obstáculos se nos antepõem. No entanto, para que tenhamos a honra de sermos considerados escritores é necessário que tenhamos a coragem de arrostá-los. Só assim, ultrapassando barreiras, é que poderemos almejar a viver uma época na qual o talento e o mérito, representado pelo estudo e pela inteligência, será norma a ser respeitada como valor predominante na sociedade.

Sei, presencio e vivo as dificuldades do fazer cultural neste nosso rincão. Nem por isso, podemos deixar de fazer as perguntas. Não é fácil. Não, definitivamente não é. Lembro-me agora de João Cabral de Melo Neto:

Sei que traçar no papel
é mais fácil que na vida
Sei que o mundo jamais é
a página pura e passiva
O mundo não é uma folha
de papel, receptiva
Mas o sol me deu a ideia
de um mundo claro algum dia.

Finalmente, caros confrades e confradeiras, se já existiu um tempo em que o intelectual imaginava que podia viver encerrado em uma torre de marfim, despreocupadamente abraçado às suas musas, este tempo, por certo, está superado. E tampouco pode ser este o destino de um sodalício, como o nosso, dedicado aos afazeres do intelecto. Ledo engano o daqueles que assim algum dia pensaram.

Yeats, Willian Butler Yeats, um dos principais poetas do século XX, num poema visceral, que embora escrito em 1919 na consternação das ruínas da Primeira Guerra Mundial, nos faz hoje, com uma atualidade extraordinariamente marcante, refletir sobre os escombros moral e política de nosso tempo e de nosso país. Em a *Segunda Vinda* o gande vate alertou:

As coisas vão abaixo; o centro cede;
Mera anarquia é solta sobre o mundo.
Solta, a maré de sangue turva afoga-se
Por toda parte, o rito da inocência.
Falta fé aos melhores, já, os piores
Se encham de intensidade apaixonada.

Senhor Agnaldo Rodrigues, ao adentrardes a esta Academia de Letras atentai para a advertência que Alceu de Amoroso Lima, o respeitado ensaísta e pensador, fez a propósito do maior dos acadêmicos brasileiros:

a maior lição que Machado nos deixou é que o grande inimigo das academias é o academicismo. Ninguém menos acadêmico que Machado de Assis. O que ele nos ensina por sua obra e por sua personalidade, que transcendem as escolas literárias e as dissidências políticas entre irmãos, é que devemos entrar para as academias, contanto que elas não entrem em nós.

Que esta recomendação nos sirva a todos, e que Vossa Senhoria, com a vossa presença, a reforce.

Aqui, certamente, vindes com o espírito de aprender e a capacidade para ensinar. Vamos, pois, refletir juntos sobre o nosso compromisso com a história de nossa gente e o destino da cultura.

O sábio homem que proclamou na velha Paris medieval a virtude do trabalho e o mérito da dedicação, sem a qual nenhuma honra pode existir e sobreviver, sabia por que o fazia e, justamente por isso, há que ser recordado a cada passo.

Auguro a que o acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva se inspire no ânimo, na dedicação, no idealismo e na disposição ao trabalho demonstrados pelo francês-matogrossense Augusto João Manuel Leverger, que esta Casa homenageia.

Que aqui, com o seu entusiasmo e inteligência, possa abrilhantar mais ainda a sua promissora carreira intelectual.

Que venha contribuir, com a sua experiência e a sua competência, para enriquecer este silogeu, no qual teve assento as personalidades mais destacadas desta terra, e que, entre tantas, contou com as figuras luminares de Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita e Virgílio Alves Corrêa Filho.

Trazei para cá Agnaldo Rodrigues da Silva os seus sonhos, os seus ideais, as suas esperanças, a sua utopia.

Sim, sonhos e esperanças, professor Agnaldo, porque sem estes quase nada poderemos empreender. As dificuldades artificiais e as incompreensões sorrateiras que se nos colocam se tornam, tal como no mito de Sisifo, monstruosos obstáculos que aos seguidos tropeços nos farão desistir se não formos fieis aos nossos sonhos e se não deixarmos que a esperança nos alimente.

Vale, então, repetir uma vez mais e sempre, essa majestosa, doce, terna e sábia Cora Coralina, poeta tão irmã nossa:

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o

que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Sede bem vindo, acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva. Estendemos-vos o nosso abraço fraternal. A Casa é vossa.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO AGNALDO RODRIGUES DA SILVA



Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Acadêmico Eduardo Mahon, em nome de quem cumprimento a todos os acadêmicos desta Casa Barão de Melgaço.

Magnífico Senhor Reitor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Professor Doutor Dionei José da Silva, em nome de quem cumprimento professores, técnico-administrativos e alunos da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Autoridades presentes e representantes.

Familiares, caros amigos, senhores e senhoras que vieram a convite desta Academia, da UNEMAT, de familiares ou de amigos.

Sejam bem vindos, nesta solenidade de posse!

Feitas essas saudações, na qualidade de professor de Literatura e teatro, e também praticante do ofício da escrita científica e da criação literária, seguirei no lastro dos épicos, quando os artistas evocavam as musas inspiradoras para guiar a construção da arte e da literatura. As musas, na mitologia grega, eram entidades que tinham a capacidade de inspirar as produções artísticas, literárias e científicas. Filhas de Mnemósine e Zeus, elas eram nove e todas moravam no *Museion*, vocábulo que deu origem a palavra museu nas diversas línguas indo-europeias, um espaço destinado ao cultivo, preservação e valorização da obra de arte e da ciência.

Da inspiração

A exemplo de Homero que clamou às filhas de Mnemósine inspiração para criar *Odisséia* e Camões que evocou as Tágides, ninfas do rio Tejo, em Portugal, para construir *Os Lusíadas*, também farei uma homenagem a 9 (nove) mulheres que admiro, que desenvolvem suas atividades em espaços distintos, as quais passo a citar.

Busquei inspiração deste discurso nas mulheres de minha família (Maria Rodrigues da Silva/mãe; Aparecida Rodrigues da Silva/irmã; Paula Sheila Rodrigues da Silva/irmã), guerreiras, trabalhadoras, vitoriosas; mulheres da Universidade do Estado de Mato Grosso (Olga Maria Castrillon-Mendes, Vera Lúcia da Rocha Maquêa, Elisabeth Batista), minhas eternas professoras, com as quais aprendi a amar a literatura e a arte; mulheres desta Academia Mato-Grossense de Letras (Yasmin Jamil Nadaf, Nilza Queiroz Freire, Elizabeth Madureira Siqueira), pesquisadoras-escritoras que integram o time de constelação das notáveis personalidades mato-grossenses. Como fiz homenagem às mulheres desta Academia, preciso lembrar Vera Randazzo e Amini Haddad, duas personalidades dotas no ofício da escrita e da intervenção cultural: a primeira é poeta; a segunda magistrada.

Da Cadeira nº 10

É com muita emoção, que sufoca parte de minha razão pelo furor e ansiedade deste momento, chego a esta casa de cultura, onde vou ocupar a cadeira número 10 (dez), convivendo com ilustres confrades das mais diversas áreas de conhecimento, Le-

tras, Direito, História, Medicina, Contabilidade, Administração, Economia, Biologia, Odontologia, Jornalismo, entre outros. Áreas que são pilares sociedade e que determinam os destinos da evolução científica e cultural das civilizações ao longo da história da humanidade.

Fui eleito para ocupar, senhores, a cadeira que teve como último ocupante o ilustre Corsíndio Monteiro da Silva, cuiabano, Bacharel em Ciências e Letras e também em Ciências Jurídicas e Sociais, a quem, pelo caráter consolidado de sua obra, que muito bem representou Mato Grosso e esta Academia, preferi chamar de Historiador. Cadeira que teve como fundador (primeiro ocupante) o Desembargador Palmiro Pimenta, nascido em Cuiabá; cadeira cujo patrono é o professor Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga, também cuiabano, que pelas suas intervenções, preferi chamar de magistrado.

Uma cadeira que sempre fora ocupada por personalidades cuiabanas, hoje se abre para o interior do Estado, demonstrando a consolidação da Academia Mato-Grossense de Letras na difusão cultural da região, bem como a agregação de escritores e artistas das diversas terras de Mato Grosso, como aconteceu com o professor Natalino Ferreira Mendes, nascido na tradicional cidade de Cáceres, a Vila Maria, de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, terra que o poeta Natalino² assim cantou:

Oh? Terra cacerense, Terra minha,/Tens tudo o que é preciso p'ra crescer:/ Potência hidráulica, vigor,/ Cursos d'água colossos e piscosos.../ Incontáveis florestas viridentes.../ - Tens ouro e tens cobre e salitre;/ Tua terra produz o que se planta:/ - Multiplica as sementes, que recebe,/ Dá de si para o homem todo bem!

Antes de reviver o sentido da imortalidade dos escritores que me antecederam nesta Cadeira nº 10, considero salutar apontar algumas passagens de minha trajetória de vida. Nascido em Cáceres, em janeiro, no dia de São Sebastião (do grego *Sebastós*, cujo significado é divino, venerável), do ano de 1973, posso dizer que não vi o tempo passar, mas lembro de cada conquista e das pessoas que ajudaram a calgar os degraus dessas vitórias. Janeiro, quando nasci, é o primeiro mês do ano, cujo nome origina-se do latim, uma homenagem a *Jano*, o deus do começo, segundo a mitologia romana. Esse deus tinha duas faces: uma que olhava para trás (passado) e outra que olhava para frente (futuro). É nessa perspectiva que me vejo: um pesquisador que valoriza a produção daqueles que vieram antes, mas que propõe novas formas de pensar a produção literária em Mato Grosso, neste tempo de globalização, quando se repensam conceitos de multiculturalismo, hibridismo, centro e periferia, metrópole e colônia, desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Da trajetória de vida

Fruto de escolas e universidades públicas, minha consciência obriga-me a lembrar dos espaços escolares que frequentei, bem como dos professores que me fi-

2 MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal*, 1993, p. 15.

zeram galgar série a série, grau a grau, título a título. Homenageio, neste momento, as escolas: Espiridião Marques (Cáceres), Demétrio Costa Pereira (Cáceres), Onze de Março (Cáceres), Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; nessa homenagem, faço reverências, com uma coroa de reconhecimentos, aos professores que compartilharam comigo seus conhecimentos, tanto na educação básica quanto Superior, bem como a todos aqueles que fizeram parte de minha vida estudantil, meus saudosos colegas de sala de aula.

Não obstante, o fato de ser resultado de instituições públicas não constituiu impedimento para conquistas. E esta é uma prova, ocupar uma cadeira na Academia das Letras Mato-Grossenses, dando alegria a minha cidade de Cáceres (onde nasci) e a cidade que eu acolhi para o desempenho de minha função docente na educação superior (Tangará da Serra).

Torna-se necessário falar do município de Tangará da Serra, onde tenho amigos de coração e que hoje estão nesta Academia para celebrar comigo esta ocasião de realização pessoal e profissional. Lembro-me que para Tangará, eu fiz uma homenagem quando publiquei o conto “O mistério do pássaro da Serra”, no livro *Cantos do Mundo* (2008) e, depois, *Mente Insana* (2010). Hoje, sinto-me homenageado pela presença dos companheiros de trabalho do Campus Universitário de origem.

Em Cáceres, passei minha infância e juventude e hoje sou o professor Agnaldo Rodrigues, aquele que lecionou nas Escolas Demétrio Costa Pereira, Dom Galibert, Onze de Março, UNEMAT. Aquele que escreve textos sobre literatura, arte, teatro e ensino. O Agnaldo Rodrigues que publica criação literária, contos que habitam livros como: *A penumbra*, *Mente Insana*, *Dose de Cicuta*, *Terra Latina*, *Cantos do Mundo*, *Quero meu País de Volta*, *Pax Litteris*, *Brainstorm*, *Navegantes das Letras* e, em breve, *Bau de Pecados*. São tantos contos que os alunos já brigam comigo, pois confundo os livros que os publiquei e troco as personagens de um conto para outro.

Os cacerenses mais antigos ainda se referem a mim com a expressão “aquele menino”, como se o tempo não tivesse passado; o menino que hoje produz ciência, como fiz nos livros: *O futurismo e o teatro*, *Ensaio de Literatura Comparada*, *Diálogos Literários*, *Projeção de Mitos no Teatro*, *Teatro Mato-Grossense*, *Universidade e Política*, *Escritos Culturais*, *Licenciaturas em Foco*, *Poéticas Políticas e Representações Literárias*, *Nas entrelinhas do texto*, *Metodologia do Trabalho Científico*, *Trilhos e Desvios da Linguagem*, *A Teoria e a Prática na Articulação de Saberes*, *Esse Entre-lugar na Literatura*, *Estudos Literários em Perspectiva*, entre outros livros e revistas onde foram publicados textos que têm colaborado com os estudos literários, artísticos, educacionais e culturais.

Por isso, sinto-me realizado. Hoje, dou alegria aos que foram meus professores, colegas, familiares, amigos. Às escolas onde estudei, lecionei, desenvolvi projetos educacionais. À Universidade do Estado de Mato Grosso aos meus companheiros de trabalho. Dou alegria às minhas cidades: Cáceres e Tangará da Serra. A primeira é natal (minha cidade mãe); a segunda por adoção. À educação pública que vê mais um de seus resultados, galgando patamares. Sobremaneira, sinto-me alegre por compartilhar este momento com cada de um de vocês que prestigiam esta solenidade.

Academia Mato-Grossense de Letras, 92 anos, instituição centenária, lugar de cultura, intelectuais, prosadores, cronistas, poetas e escritores de inúmeras linhas e frentes do conhecimento. Organismo social, esta academia é uma instituição cultural que representa a ancestralidade das Letras em Mato Grosso. Imortalidade acadêmica que faz brilhar perpetuamente todos que ocuparam uma cadeira, cuja vida e obra são revitalizadas a cada posse, a cada novo ocupante.

Agraciado com a Cadeira nº 10, por meio de eleição seriamente conduzida pelos acadêmicos que agora me recebem, chegou a hora de reviver aqueles que me antecederam. Momento de satisfação, orgulho (positivo), de indicar cada astro (estrela, no sentido poético) que continua a brilhar no céu de Mato Grosso, na Casa Barão de Melgaço, nas Letras de nosso Estado. Brilho que não se apaga, porque cultura não se mata, muito menos se esquece (de) ou abandona. Quisera eu ser um poeta para cantar tão docente os intelectuais que agora vou relatar aspectos de vida e obra. Mas não sou poeta, sou prosador e, portanto, pela prosa os farei reviver. Pela prosa tentarei narrar poeticamente os feitos dessas personalidades tanto Estado quanto no País.

Era uma vez (começo assim porque eles se transformaram em lenda ou mito), nesta terra de Cuiabá. Bati na porta do passado (toc, toc, toc). Uma voz perguntou: quem bate? Respondi: Agnaldo, filho de Juno (aquele, o deus de duas faces que olha para o passado e futuro). A porta abriu e eu entrei. Fiquei encantado!

- Nossa, como o passado é lindo! Quanta glória! Feitos! Conquistas! Meus Deus, quantas personalidades! Vultos incontestes da história do mundo, das civilizações, das nações, pátrias, comunidades! Que lugar bonito, maravilhoso, cheio de história e cultura, um espaço onde convivem o passado e o presente, heróis visionários, com tantos legados.

No início, o encantamento deixou-me atordoado. Depois, fui entendendo, compreendendo, localizando-me frente àquele cronotopo (junção de tempo e espaço, conforme teoriza Mikhail Bakhtin). O tempo dinamizou-se, era passado e presente, e eu ali somando com minha potencialidade de futuro. Retratos em volta, uma galeria de letrados, historiadores, magistrados, médicos, enfim de cientistas, prosadores e poetas.

Meus amigos! Esse lugar é a Academia Mato-Grossense de Letras.

Duas deusas vieram me receber: a primeira, Yasmin (nome de origem árabe, que significa flor de Jasmim), perfumada, calorosa, benéfica, flor da primavera e do verão, que sempre foge do frio de inverno e gosta da luz. A segunda, Elizabeth Madureira Siqueira (nome de origem hebraica, que significa consagrada a Deus), inteligência verdadeira, pensante que gosta de ensinar. Perguntaram-me: o que procuras, Agnaldo? Preciso encontrar duas personalidades, conversar com eles, pois o oráculo disse-me que irei sucedê-los em breve, eu respondi.

Elas seguraram minhas mãos e me levaram a três imortais: Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, Palmiro Pimenta e Corsíndio Monteiro da Silva. O coração batia forte, pois, enfim, eu havia compreendido que o passado nunca morre, ele está impregnado no presente, assim como estará no futuro. Como afirmou Nelly Novaes Coelho, de quem sou discípulo, missionária que com suas mãos divinas fez-me acertar

os passos na investigação científica em literatura e teatro, “para compreender o presente é necessário voltar os olhos para o passado”³.

Conheçam, senhores, esses imortais!

Do Patrono

Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral é o patrono da cadeira nº 10. Professor e um dos pioneiros do Direito Administrativo no Brasil, ele publicou obras significativas nas suas áreas de atuação. Nascido em 22 de abril de 1800, em Cuiabá, estudou em Salvador e Coimbra/ Portugal, onde se bacharelou em Direito, na Universidade de Coimbra. Desenvolveu funções de Juiz, Ouvidor e Professor Catedrático; teve a honra de ter uma de suas aulas assistidas pelo Imperador D. Pedro II, em São Paulo. O Dr. Prudêncio Cabral, pelos seus méritos, “foi elevado a Conselheiro do Estado e agraciado com a Ordem de Cristo no grau de Comendador”⁴. Pelos seus feitos, ele é merecidamente patrono dessa Cadeira, que tenho a honra de ocupar a partir desta data.

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o professor da Veiga faleceu em São Paulo – SP, no dia 9 de janeiro de 1862, sendo homenageado por esta academia, pelas suas inegáveis contribuições a cultura e intelectualidade brasileira, honrando a sociedade mato-grossense. A ele, eu dedico, como homenagem, minhas obras científicas, nas quais penso a educação brasileira e mato-grossense. São os livros: *Universidade e Política, Licenciaturas em Foco, A Teoria e Prática na Articulação de Saberes, Estudos Literários em Perspectiva* – literatura, arte e ensino, *Diálogos literários* – literatura, Comparativismo e ensino, bem como toda coleção de Revistas Ecos, que em 2014 somam 17 volumes. Principal revista da área de Letras da UNEMAT, com impacto positivo em literatura e linguística, tanto no Brasil quanto no exterior. Criada por mim em 2003, essa revista teve o apoio crucial do poeta Isaac Newton Almeida Ramos, que então era Diretor do Instituto de Linguagem/UNEMAT.

Por sua trajetória épica, ao professor Prudêncio Cabral segue um poema que traduz a coragem de navegar “por mares nunca de antes navegados”⁵, em busca de conquistas além-mar:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

3 SILVA, Agnaldo Rodrigues. **O futurismo e o teatro**. Cáceres, 2003.

4 **REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE DIAMANTE – 1921/1996**. Coordenação de Elizabeth Madureira Siqueira. Academia Mato-Grossense de Letras. Cuiabá, 1996.

5 CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Martin claret, 2001.

Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
 Mas nele é que espelhou o céu.
 (PESSOA)⁶.

Do primeiro ocupante

Sobre Palmiro Pimenta, tenho as seguintes informações: cuiabano, nascido a 7 de outubro de 1891. Bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, exerceu as funções de Delegado de Polícia, Promotor de Justiça, Juiz de Direito, Desembargador, professor e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, em Mato Grosso.

Poeta, cuja produção volta-se ao parnasianismo, contribuiu com a imprensa mato-grossense. Essa notável personalidade integra o time de fundadores do Centro Matogrossense de Letras, em 1921, pouco tempo depois Academia, ao lado de Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Estevão de Mendonça e outros vultos de nossa história e cultura. Palmiro Pimenta foi o primeiro titular da Cadeira nº 10; ocupou a Vice-presidência desta Academia de Letras, colaborando, como sócio efetivo, com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Em 1968, Palmiro faleceu, em Cuiabá. Mas tornou-se imortal devido suas obras, contribuições que somaram na sedimentação da cultura mato-grossense e brasileira, e hoje o reverenciamos na galeria dos mais notáveis letrados do Estado. A Palmiro Pimenta, eu dedico as minhas obras historiográficas, das quais cito (as obras que escrevi em parcerias, peço licença aos co - organizadores e/ou autores para esta dedicatória): *O Futurismo e o Teatro, Ensaios de Literatura Comparada, Projeção de Mitos e Construção Histórica no Teatro Trágico, Teatro Mato-Grossense: história, crítica e textos, Estudos Culturais – literatura, arte, movimento, Poéticas, Políticas e Representações Literárias, Nas Entrelinhas do Texto, Trilhos e Desvios da Linguagem, Esse Entre-lugar na Literatura*, e coletâneas onde publiquei textos de história e crítica literária e de arte, publicados no Brasil e no exterior.

Palmiro, a você que fora tão ilustre e brilha na constelação de escritores mato-grossenses, que saiu desta terra de Mato Grosso para o mundo, homenagem - te com o seguinte poema⁷:

O mundo meu é pequeno, Senhor.
 Tem um rio e um pouco de árvores.
 Nossa casa foi feita de costas para o rio.
 Formigas recortam roseiras da avó.
 Nos fundos do quintal há um menino e suas latas
 maravilhosas.
 Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas
 com aves.

⁶ PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

⁷ “Mundo Pequeno”, de Manoel de Barros. Retirado de **O livro das ignoranças**.

Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os
besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter
os ocasos.
(BARROS).

Do último ocupante

Diante do ilustre Corsíndio Monteiro da Silva, a minha pequenez acentua-se ainda mais. Prudêncio Cabral, Palmiro Pimenta, Corsíndio Silva. Imortais! Magistrados, juristas, cuiabanos. Uma tradição. Senhores imortais, peço licença para ocupar a Cadeira n 10. Sei que não sou magistrado, sou professor. Não sou jurista, sou literato, homem do teatro. Não sou cuiabano, sou cacerense, da histórica e bicentenária Cáceres. Minha Cáceres, como a descrevo no livro *Dose de Cicuta*, no conto “A casa dos anjos”: “o tempo passava e a cidade envelhecia significativa”. Mas é um envelhecimento que a deixa cada vez mais histórica e bela.

Antes que me sinta autorizado a ocupar a cadeira, preciso narrar a trajetória de Corsíndio Monteiro da Silva. Nascido a 24 de abril de 1918, nesta cidade de Cuiabá, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, em 1940; e também em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro, em 1948. Pertenceu à Ordem dos Advogados do Brasil, exercendo o ofício de advogado militante no Foro do Rio de Janeiro, de magistrado e, além disso, professor de Legislação Pessoal, em Brasília. Enriquece a trajetória de Corsíndio sua inserção e atuação em entidades de cultura e intelectualidade, tais como: Academia Mato-Grossense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Academia de Letras de Brasília, Associação Nacional de Escritores.

Diante de tanta produção perante a carreira jurídica, com agradecimentos, condecorações nos âmbitos do Judiciário, do Legislativo, Executivo, Cultural e Exército, a obra dessa notável personalidade mato-grossense revela-se altamente historiográfica. Por isso, pela minha análise crítica, pude considerá-lo, sobretudo, um historiador. Historiador das Américas, do Brasil, de Mato Grosso, de Cuiabá e do judiciário, articulando todas essas esferas com a geografia, a cultura e o conhecimento. Corsíndio Monteiro da Silva, último ocupante da Cadeira nº 10, desta casa de Letras, faleceu no ano de 2007, em Brasília, onde residia desde 1961, tendo parte de seu acervo doado, pela família, à Casa Barão de Melgaço.

Autor de vasta obra literária, que gira em torno do Direito, da Língua Portuguesa e da Cultura Mato-Grossense, eu dedico a Corsíndio minha criação literária; sem dúvida, ele é um ícone da intelectualidade brasileira, um escritor que foi de Cuiabá, mas também de Mato Grosso, do Brasil, das Américas. Dedico, portanto, a ele os meus livros: *A penumbra*, *Mente Insana*, *Dose de Cicuta*, bem como os textos de ficção

publicados em: *Terra Latina, Cantos do Mundo, Brainstorm, Quero meu País de Volta, Navegantes das Letras, Pax Litteris*; e, ainda, a obra que publicarei este ano, intitulada *Baú de Pecados*. Confesso aos senhores que na minha escrita a criação literária é o elixir que atribui forças para o ofício de escritor. Produzo ciência porque é preciso, é necessário. Crio mundos literários e os habito com personagens porque gosto, sinto grande satisfação, realização, revitalização de Minha alma.

Para você, ilustre Corsíndio, não mencionarei poema como fiz aos demais, mas lhe homenagearei com um trecho de minha própria criação, que traduz um pouco de Agnaldo Rodrigues no mundo. *É como um ritual de passagem, você autorizando-me a sentar na Cadeira da Imortalidade, permitindo à Yasmin Nadaf vestir-me a Pelérine*; e, portanto, conheça um pouco de meus sentimentos e dificuldades no mundo.

Cito, do conto “A cúpula dos pecados”⁸:

Meteram uma asa branca de anjo em mim e prenderam-me no interior de uma cúpula. Esqueceram-me lá. A cúpula era feita de vidros transparentes, para que o pecado não chegasse até mim, no entanto eu podia ver tudo o que se passava do lado de fora. Não tinha nada lá dentro. Eu não sentia fome, nem sede. Apenas a vontade de sair. Tentei arrancar as asas, mas ela não saía, estava grudada nos ossos de minhas costas [...] Comecei a ver através dos vidros os pecados do mundo e eu queria estar lá, meio a esses pecados. Pecados sujos, indelicados, grosseiros, gosmentos. Mas, eram os pecados do mundo [...]. Um dia, alguém abriu a cúpula e sai voando e minhas asas empretejaram. Gritei por várias vezes que estava livre, livre para vida. Voei pelo mundo para descontar o tempo em que fiquei encarcerado.

Ilustríssimos senhores, aqui estou eu. Sai de Cáceres e conheci Mato Grosso, o Brasil, a Europa, o Mundo.

Os grilhões que me prendiam na ignorância foram rompidos pela Educação. Educação que liberta, ilumina consciências, dissipa trevas de civilizações inteiras, transformando o mundo para melhor. Os senhores devem ter compreendido que a tônica do meu discurso perpassou a Educação todo momento. Falei de pessoas que levaram Mato Grosso para o mundo, como consequências positivas de seus estudos, uma coroação que hoje se caracteriza pela imortalidade. Imortalidade de suas produções intelectuais e culturais.

Da Educação, Literatura e Humanização

Quando li *Educação como Prática de Liberdade*, de Paulo Freire, inevitavelmente, na minha pequenez, aludi à personagem de meu conto, aquele que estava preso na cúpula e que se libertou para o mundo, viver junto aos pecados do mundo. Creio que assim é o ser humano; um dia precisa sair, enfrentar o mundo, conviver com seus perigos, obstáculos. Vencê-los. A educação é um caminho para isso. Sem dúvida, uma

⁸ Rodrigues, Agnaldo. *Mente Insana* 2008, p.107-108.

prática libertadora, sem demagogias ou chavões que não cabem mais na sociedade onde vivemos.

Chegamos ao conceito de educador como intelectual orgânico, desenvolvido por Florestan Fernandes, quando se pensa a educação como mola propulsora do desenvolvimento de uma nação e, por consequência, do mundo. Em potencial, a inteligência habita o ser humano, de modo que a educação sistematizada, somada ao conhecimento de mundo, aguça o despertar de novas experiências. Trata-se de uma reação combinada que permite a construção de saberes, na perspectiva em que imaginei a produção do livro *A Teoria e a Prática na Construção de Saberes* (2013).

Pensar a educação como possível caminho de melhorias pessoais e coletivas, impactando necessariamente nas esferas sociocultural, econômica e política requer também repensar o sentido de humanização. Ainda somos indivíduos embrutecidos, egoístas, ciumentos, em plena pós-modernidade. O processo educacional humaniza, refina, burila a alma. Gradativamente, quintessencia o comportamento do indivíduo.

Por essa razão, penso que Antonio Candido foi magistral ao considerar a literatura um direito humano, uma necessidade do homem na busca incessante pela sobrevivência. Isso porque ela humaniza. Nesse contexto, lembro-me de Cecília Meireles, grande poeta brasileira que também deu seu legado à educação. Chamo-a de poeta porque a escritora, no poema “Motivo”, o eu-lírico afirma: “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa/ Não sou alegre nem triste:/ Sou poeta”.

Para Cecília, todo dia é tempo para se admirar a nova educação. Educação que tira da inércia, do efêmero, da alienação. Afirma que

temos que lutar todos os dias contra a inércia. Não podemos permitir que a nossa existência pare, nesta assombrosa continuidade dos acontecimentos. E, para isso, precisamos, antes de tudo, reagir contra a invasão de ideias comuns, do comodismo de certas fórmulas, servilmente aceitas, da passividade das atitudes que se ficam repetindo, pela incapacidade de tentar outras melhores, ou pelo temor de enfrentar qualquer risco⁹.

O fato de ter citado pensadores da educação brasileira, tais como Paulo Freire, Florestan Fernandes e Cecília Meireles, assim como poderíamos alcançar notáveis educadores como Darcy Ribeiro ou teóricos como Rousseau, foi circunstancial, tendo em vista que ousarei discutir algumas questões sobre a educação superior em Mato Grosso e, conseqüentemente, o papel da Universidade do Estado de Mato Grosso nesse contexto.

Visto como um estado periférico, Mato Grosso tem fortalecido a educação superior, investindo na qualificação do quadro de docentes das universidades públicas. Com a UNEMAT não é diferente. A qualidade do ensino, pesquisa, extensão e cultura

⁹ MEIRELES, Cecília. “A escola moderna”. In LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Massangana, 2010, p. 79.

é fruto do trabalho de professores de alto quilate, que têm feito de uma universidade de apenas 35 anos uma referência para o Brasil e o mundo.

Das homenagens e agradecimentos

Magnífico Reitor, Pró-Reitores, Diretores e demais autoridades acadêmicas presentes. Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras e demais acadêmicos. Peço licença para render homenagens à UNEMAT. Instituição onde estudei e possibilitou que eu estudasse em outras IES, brasileiras e estrangeiras. A essa universidade devo gratidão e, por isso, digo: muito obrigado pela graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, livros publicados, revistas produzidas. No ambiente universitário, aprendi a amar literatura, produzi-la, disseminá-la. Aprendi também a amar e compreender a arte, não só a arte da palavra (oratória), mas também as visuais, o teatro, a música e a dança. E, sobretudo, ensinaram-me a fazer ciência. Ciência da linguagem.

Vinte e um anos se passaram. Então, posso dizer: Era uma vez! Era uma vez o primeiro bloco de salas de aula da UNEMAT (e eu estava lá); alunos que estudavam em barracas, entre sol e chuva, em forma de protesto para que os outros cursos saíssem de escolas públicas e pudessem integrar uma cidade universitária (e eu estava lá); aulas de literaturas, línguas, humanas, livros, projetos e uma colação de grau (e eu estava lá); Depois, um concurso e cargos, diversos cargos, bancas (e eu estava lá); qualificações, escritas, criações de centros, núcleos, grupos de pesquisa, especializações, mestrados, doutorado (e eu estava lá). E hoje, senhores, eu continuo na universidade do Estado de Mato Grosso, que aqui está fortemente representada por dirigentes, professores, Administrativos e alunos. E sei que estão orgulhosos de mim. Um orgulho bom, porque é uma prata da casa que alcança o mais alto grau que havia sonhado: o reconhecimento de uma Academia de Letras.

Era uma vez, Olga Castrillon-Mendes, Vera Maquêa, Elisabeth Batista, Leonice Pereira, Marta Batista, Sandra Raquel de Almeida Cabral, Maria Inês Parolin, Taisir Karim, Gleide Amaral, Neuza Zattar, Mirami Reis, Leila Bisinoto, Vera Regina, Jânio Veiga, Valdir Silva, Maritza Maldonado, Marisa Pereira, Nancy Lopes Yung, Bento Matias... Enfim, era uma vez. Todos eles foram, na minha vida, professores, mestres, doutores. Era uma vez que se tornou para sempre, pois os admiro e respeito, e hoje são meus colegas de trabalho.

A digressão feita foi para demonstrar o respeito que tenho pela Universidade do Estado de Mato Grosso, cada professor, cada Técnico-administrativo, cada aluno. Feito esse reconhecimento *público*, sinto a necessidade de dizer algumas palavras aos integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras, aos quais quero que se sintam representados pelos acadêmicos Yasmin Jamil Nadaf, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Avelino Tavares, José Ferreira de Freitas e Eduardo Mahon.

Yasmin Nadaf, uma fonte onde encontramos conhecimento. Bebi nessa fonte quando escrevi sobre a contística mato-grossense e quando produzi o livro *Teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Essa escritora/pesquisadora é uma referência aos estudos de literatura brasileira produzida em Mato Grosso, e não só, também sobre autores e obras significativas das literaturas brasileira e universal. Com Yasmin, aprendi

a valorizar e a me dedicar ao estudo da cultura mato-grossense, porque ela mostra, com sua paixão e competência, a riqueza literária de nosso estado. Sinto sua falta, Yasmin, nas universidades públicas de Mato Grosso. Você estaria somando conosco na qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação. Ainda quero vê-la integrando o quadro de docentes de nossa UNEMAT.

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, a quem chamo desde sempre de MESTRE. Conheci primeiramente pelos livros, depois palestras e, enfim, neste casarão. Quando presidente desta academia prefaciou o meu livro de contos, intitulado *Mente Insana* e foi extremamente generoso. No texto, ele escreveu: “É mister que este autor trilha caminho pouco desvendado em nossa contística, prometendo, pois, muito para a ficção mato-grossense”. Minha admiração por Sebastião Carlos segue também pelos estudos acadêmicos que ele desenvolveu a respeito da primeira crítica teatral em Mato Grosso, de modo que ele foi uma fonte onde bebi na construção de meus estudos sobre o teatro em Mato Grosso.

Avelino Tavares, amigo que conheci a pouco tempo. Recebeu-me nesta casa Barão de Melgaço, ofereceu-me oportunidades de conversas instrutivas a respeito da Academia Mato-Grossense de Letras, cultura mato-grossense, literatura. A cada conversa com o professor Avelino (para mim, sempre foi um professor), eu aprendi a ter fé em tudo que desejo. Lembro-me de quando ele me disse: pense no cosmo, tenha fé nele, que conseguirás realizar a empreitada que desejas. E aqui estou para ocupar a cadeira 10.

Preciso também lembrar o notável José Ferreira de Freitas, nobre jurista. Recebeu-me em seu apartamento diversas vezes onde conversamos sobre cultura, literatura, publicações e os rumos da intelectualidade mato-grossense. Nobre político, Freitas é uma das personalidades que mais admiro e, por isso, eu não poderia deixar de mencionar neste discurso de posse. Obrigado, doutor Freitas, pelo seu apoio, sua generosidade e ensinamentos dispensados a mim, nesse pouco tempo de convivência.

Eduardo Mahon, Presidente desta Academia, a quem volto a saudar para dizer o quanto o admiro. Entro para Academia quando a Casa Barão de Melgaço passa por um momento de dinamização das suas atividades, execução de projetos significativos de reorganização e reestruturação, tanto de sua parte física quanto intelectual. Nesta sua gestão, nobre Eduardo, a Academia não está à espera do povo, mas indo ao encontro dele. Tenha a certeza de que o caminho é esse, pois não há sentido em enclausurar a cultura, nem o conhecimento. É necessário difundir e popularizar a cultura, nesse tempo de crise que vivemos e diante dos imperativos da sociedade moderna.

Algumas considerações

À guisa de conclusão de meu discurso, faço referência a D. Francisco de Aquino Corrêa, que por ocasião de seu discurso pronunciado na sessão inaugural do Centro Mato-Grossense de Letras, em 07 de setembro de 1921, afirmou:

Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no futuro, nas grandes verdades que não passam.
[...]

Façamos uma literatura que professe cavaleiramente a bela divisa de um dos nossos homens de letras: *aedificabo!* Literatura que saiba edificar a grandeza moral da Pátria, atraindo ao bem os corações ainda mais brancos e refratários, como a dourada lira de Amphião, sob o encanto mágico das suas melodias, arrastava as pedras da Beócia, para a construção dos legendários muros de Tebas¹⁰.

As palavras de D. Aquino dialogam com as de Antonio Candido, ao conceber literatura como meio de humanização. *É engraçado pensar que o ser humano precise ser humanizado, mas é a realidade que vivemos há muitos séculos.* São indicativos que solidificam o sentido da literatura que, como arte da palavra, ela aguçava o sentimento e toca a sensibilidade. Penso que é nessa ordem que se estabelece o sentido de uma casa de cultura e intelectualidade como a Academia de Letras, lugar de preservação (positiva) de bens culturais, sejam eles literários ou artísticos.

Literatura, portanto, é um potencial que prevê esperança, futuro, verdades, subversão (ao introduzir novos conceitos e quebrar convenções); penso literatura como edificadora, mágica e construtiva. Construtiva nos diversos setores: material e espiritual, no munda da realidade e no mundo dos sonhos, na utopia e na desilusão. Literatura e arte, de certo modo, representam *não só a sociedade de determinados períodos históricos, mas também as ansiedades do escritor/poeta. Fernando Pessoa traduz essa peculiaridade de um modo amplamente poético, em autopsicografia, ao dizer:*

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração¹¹.

Inspirado em Pessoa, com a razão inebriada pelo sentimento de realização, satisfação, confesso, senhores, não sei definir, concluo este discurso agradecendo:

Academia Mato-Grossense de Letras, por abrir suas portas a um escritor jovem com muito chão para andar, muita lição para aprender, muita produção a oferecer à sociedade brasileira. Obrigado, acadêmicos, por me elegerem! No que depender de

10 ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, *Revista Comemorativa dos 90 anos*, p. 32. Grifos do autor.

11 PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

minha prática literária, vou ajudar a elevar o nome desta Academia ao mais alto patamar cultural, pois ela merece!

Universidade do Estado de Mato Grosso, pelos apoios na minha formação, publicações, projetos. Em todos os lugares que eu estiver, o nome da UNEMAT será representado com alta responsabilidade de minha parte, e, sobretudo, competência. Sou fruto da universidade e por ela exercerei meu ofício de docente e escritor com dignidade e decência.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, pela minha integração no quadro de sócios. Espero continuar, junto aos confrades, desenvolvendo ações voltadas à cultura cacerense, bem como ao incentivo da literatura e da arte produzida na Princesinha do Paraguai.

E, finalmente, dedico este meu discurso à minha família: Minha mãe Maria Rodrigues e meus irmãos (Agostinho Rodrigues da Silva, Arcy Rodrigues da Silva, Aparecida Rodrigues da Silva, Antonio Carlos Rodrigues da Silva, Paula Sheila Rodrigues da Silva). Juntos, nós temos vencido cada batalha gradativamente.

Senhores, senhoras! Estou eleito e empossado! Agradeço a presença de todos que aqui vieram para me homenagear. E pedido de licença a Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, Palmiro Pimenta e Corsíndio Monteiro da Silva, todos eles magistrados, faço uso desta pelerine e me sentarei na Cadeira nº 10. Não sou da área jurídica, como foi tradição dos ocupantes dessa cadeira, mas sou um dos mais fiéis advogados da linguagem, da literatura e da arte.

Avante escritores! Avante Vera Maquêa, Isaac Ramos, Marta Cocco! Avante Lucinda Persona, Ivens Scaff, Irene Rezende! Avante Airton Reis, Sebastião Mendes, Luiz Carlos Ribeiro! E para coroar todos nós que dedicamos nosso conhecimento à criação literária, eu concludo: Avante Manoel de Barros! Avante à Literatura de Mato Grosso!

Cuiabá-MT, 30 de abril de 2014.

CADDEIRA 11

PATRONO

Barão de Melgaço

OCUPANTES

Estêvão de Mendonça

Antônio de Arruda

Eduardo Moreira Leite Mahon

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON

Cuiabá, 13 de dezembro de 2007

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO EDUARDO MAHON, PELO ACADÊMICO
JOSÉ CIDALINO CARRARA**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO EDUARDO
MAHON, PELO ACADÊMICO AVELINO TAVARES**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO
MAHON**

***PÓS-FÁCIO*, PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON, PELO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA



Falar de gente é muito bom. Falar de gente inteligente, culta, é muito gostoso. Falar de gente jovem é acreditar que o mundo tem chances. Falar de jovem é ter esperanças, é não perder a paciência.

Eduardo Mahon é desses jovens cultos, inteligentes e que nos dá a esperança do talento a serviço da nossa literatura. É na verdade, uma promessa de bom escritor. Tem técnica, tem talento, criatividade, cultura sólida e gosta de escrever, expor suas ideias. São atributos deste jovem carioca mato-grossense.

Quem lê os artigos do Eduardo Mahon, sabe que está diante de um promissor escritor e já um grande debatedor, polemicista dos mais temidos. Eduardo Mahon começou a plantar e usando sementes de qualidade, por isso vai colher. Terá uma colheita à altura da sua competência.

Ingressa na Academia Mato-grossense de Letras aos 30 anos.

Leva para aquele sodalício, a sua juventude, inteligência e talento que somar-se-ão aos de outros intelectuais que contribuíram e contribuem e contribuirão com nossa literatura, nossa cultura.

A Academia Mato-Grossense de Letras rejubila-se com a entrada deste jovem e promissor homem de letras.

Advogado brilhante, ambicioso, corajoso, convicto nas suas atitudes. Eduardo Mahon é daqueles que sabe o que quer. Tem objetivos e metas que estão sendo cumpridos na medida do seu desempenho profissional.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” Caetano Veloso.

O futuro reserva ao Eduardo Mahon, lugar de destaque na galeria dos imortais mato-grossenses. Se o seu projeto de via, meu caro Eduardo, engloba uma vaga na Academia Mato-grossense de Letras, então parabéns. Você chegou e é acadêmico, o mais jovem. Sinta o prazer e a honra de ser acadêmico.

Deixa a paixão pelas letras empurrar você para dentro de bons livros, dos bons artigos. É estimulante compartilhar ideias e somar conhecimentos. Muitos sonhos rondam sua cabeça. Acredite neles, mude seus passos, ande, estamos aqui para recebê-lo.

Bem-vindo à nossa Academia Mato-Grossense de Letras!

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO EDUARDO MAHON, PELO ACADÊMICO AVELINO TAVARES



Honrado e Dignificado por este insigne mandato; recepcionar com o discurso de posse, o mais jovem e senhorial acadêmico desta Casa, advogado de escol, emérito escritor, Dr. Eduardo Mahon; nesta noite engalanada e enguirlandada por um floral aureolado de indizíveis recordações.

Meu ilustre, doravante confrade: Estamos imaginando as emoções que se emergem n'alma: Ritualizar-se, tornar-se academicamente imortal. Vivenciar todo esse imenso acervo cultural, ancestralizado há 86 anos passados, assistidos por uma plêiade de espíritos iluminados a exemplo do homem divinal, poeta magistral D. Aquino Correa; desembargador e comendador José de Mesquita; pelo missionário do saber, do cósmico saber, filosofado no exemplo da vida; - magister Philogonio de Paula Correa.

Quanta responsabilidade meu excelencial recipendário nessa jornada fulgurante, antes sonho, miragem; hoje transformada em realidade. Sublime realidade!... Quanta confiança cada um de nós depositou em suas letras. Fale por nós, jovem imortal!

Cidadão cuiabano, cidadão várzea-grandense, cidadão mato-grossense, 1º Colocado nas séries em que cursou na Universidade Federal de Mato Grosso, Orador emérito da Turma de Direito que, por sua vez, alçou a 1ª colocação discente entre todas as universidades da Nação. Não é por demais afirmá-lo primeiro colocado dentre todos! E quanto anos ele tem? Qual não é a surpresa ao mirar não um ancião, repleto de títulos e comendas que a vida entrega, mas um jovem de 30 anos! Talento nato, inteligência rebelde, indomável personalidade, honestidade desconcertante, independência libertadora – eis aí o nosso çaçula, neste silogeu.

Vossa Excelência; realizando, sublimado sonho, almejo... Amor familiar a exaltar: Os votos paternos do anfitrião Geraldo Mahon, os devaneios da querida mãe Carla Mahon e os afagos em suave brisa de poesia oriunda do coração amoroso da esposa Dra. Clarice Mahon; esses corações femininos, fazendo-nos recordar, as ancestralidades das venerandas acadêmicas: Luiza do Prado, Maria Muller, Dunga Rodrigues, vultos imortais memoráveis. Estas outras acadêmicas a exemplo Nilza de Queiroz exemplificando evangelho-humanidade. Acadêmicas: Trabalho e Coragem – Elizabeth Madureira Siqueira, Vera Randazzo e a nossa confreira Yasmin Jamil Nadaf, levando a Academia Mato-Grossense de Letras ao ápice do convívio cultural com a secular Academia Brasileira de Letras, realizando intercâmbio cultural impar, por ocasião do lançamento do livro de sua Excelencial autoria: “Presença de Mulher”.

Por esse arrazoado de fundamentos minha querida confreira Yasmin Jamil Nadaf; senhora Carla Martins Mahon; senhora Clarice Mahon, jovem esposa do nosso recipendário, acadêmico Eduardo Mahon. Permitam-me oferecer nesta noite a toda ala feminina aqui presente, em especial ao coração materno, Sra. Carla Mahon, o clássico soneto, autoria da poetiza Carmen Cinira, intitulado “Ser Mulher”:

*Ser mulher não é ter nas formas de escultura,
No traço do perfil, no corpo fascinante,
A beleza que um dia o tempo transfigura
E um olhar deslumbrado atrai a cada instante.*

*Ser mulher não é só ter a graça empolgante,
O feitiço absorvente, a lasciva e a ternura;
Ser mulher não é ter na carne provocante
A volúpia infernal que arrasta e desfigura...*

*Ser mulher é ter na alma essa imortal beleza
De quem sabe pensar com toda a sutileza
E no próprio ideal rara virtude alcança...*

*É ter, simples e pura, os sentimentos francos...
E, ainda no fulgor dos seus cabelos brancos,
Sonhar como mulher, sentir como criança!*

Venerandos e Ilustres convidados a este sublime conclave cultural. Outorgeme, o direito de exercitar o versículo bíblico: “Confessai-vos uns aos outros”.

Família Mahon a evidenciar saudade!

Ao visitar o escritório advocatício, instalado com requintado bom gosto, naqueles quatro andares da Rua Estevão de Mendonça; despertou-me atenção à homenagem à história mato-grossense, em especial as tradições culturais de Cuiabá.

Aqueles painéis fotográficos, ilustrando aquelas paisagens que sempre estiveram e estão presentes no colorido, em tecnicolor das nossas inesquecíveis recordações. Imagens vivas de amor e sensibilidade cultural ofertada ao acervo da saudade, em prol da minha “Janela do Tempo”.

No escritório, exponencial do novel advogado, ele mesmo o mais aguerrido de sua classe, hoje ilustre acadêmico Eduardo Mahon, ao lado da mesa de trabalho - ornamento original, um relicário especial: A caneta de ouro que pertenceu ao príncipe dos poetas, das letras mato-grossenses: D. Aquino Correa. Isto sim é amor às letras!

Aqueles ilustrações histórico-fotográficas nas paredes, pinturas ambientais, em painéis, lembrando os poéticos quintais cuiabanos: saudosos mangueirais, cajueirais; refúgio, alimento, ninhos de passaredos em bando, do amanhecer ao entardecer, tema poético inserido nos motes inspiradores do nosso decantado poeta D. Aquino Correa. Aqueles painéis evocativos, construídos pela hiper-sensibilidade da Família Mahon, permitiram conforme verbos da confreira Yasmin Jamil Nadaf, a permanência naquele ambiente, visita da notável confreira, que ali permanecera por mais de três horas, naquele âmbito historial, com requintes marcantes de singularidade e destacada sensibilidade!... Família Eduardo Mahon, aconchegando, agasalhando parte do patrimônio histórico Mato-grossense: “Mato Grosso lendário torrão! Celeiro do Brasil por Deus guardado! Onde a história é linda e gloriosa! Berço sepulcro do Bravo Antonio João...”.

Os versos solfejados relembram-nos os autores: Manoel Ramos Lino e a magnífica poetiza da musicalidade, Profa. Zulmira Canavarros. Acadêmico e Douro Dr. Eduardo Mahon: Os pórticos da Academia Mato-Grossense de Letras estão abertos a Vossa Excelência. Os estradões do oeste brasileiro, demarcados pelas lupas do iluminado Marechal Candido Mariano Rondon, que levou as nossas divisas até Manaus, transformar-se-ão em roteiros aos togados. Percorra-os, redescubramos o novo Brasil! Coloquemo-lo na rota reconstrutiva de uma nova humanidade!

Destaco do currículo de vida do Acadêmico Eduardo Mahon, os passos juvenis, no convívio com salesianos, como guias educacionais e DeMolays, no discipulado das “Ordens Secretas”, que se modernizam, buscando novas potencialidades maçônicas, operários no serviço da revitalização da civilidade. Eis aí um homem corajoso, um advogado destemido, um debatedor sem freios. Nada teme, porque nada deve. Enfrentou e enfrenta as maiores turbulências, as maiores autoridades, os maiores desafios – nada teme. Critica governos, aponta contra desmandos, protesta contra juízes, aguilhoa promotores – e nunca nada teme...Êta, guri valente!

Consequentemente Vossa Excelência galgou com galhardia a sonhada, almejada: ESCADA DE JACÓ, em busca da imortalidade cósmica, predestinação da humanidade. As colunas templárias receberam-no e entregaram-lhe as ferramentas filosóficas: Esquadros e compassos, outros instrumentais... Paramentado com essas simbólicas e selecionadas ferramentas, Vossa Excelência, livre das amarras materiais, busca agora em companhia do Carpinteiro de Nazaré, essa sublime intimidade com Vosso Cristo interno; ai então enfatizará com emoção em pleito de gratidão: “PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS...”

Confesso-me leigo em assunto de Maçonaria, todavia a sede de aprendizado me conduz a essas reflexões; reflexões subsidiárias que ornamentam a entrada de Vossa Excelência, aos ritos das imortalidades acadêmicas. Ora, confrades, ser sagrado Venerável Mestre de uma Oficina Oculta, sentando-se no Trono do Supremo Juiz, eis aí um simples espelho da capacidade do acadêmico Eduardo Mahon que, despido de togas, é magistrado nato. Explico-me, Senhores Acadêmicos – há homens que não precisam de togas, de cargos, de diplomas, de certificados; há homens, ainda, que despidos de poder: são o poder.

O malho está em suas mãos, jovem Salomão – tende a graça de usá-lo para repelir os falsos e os poderosos. Ide e levai o avental limpo aos homens que estão sentados de honra e glória. O poder está na palavra do notável imortal Eduardo Mahon – destrói, constrói, transforma. Não há força comparável à inteligência divina, guiada pela palavra humana.

Em minhas andanças e visitas em prol do meu excelentíssimo afilhado Eduardo Mahon, quando visitei ilustrados confrades, em busca da conquista acadêmica pelo meu ilustre recependário; quero agradecer neste meu pronunciamento à recepção fraterna recebida, carinhosa do acadêmico Pedro Rocha Jucá.

Não posso deixar de agradecer ao confrade Jucá à abertura que me foi concedida no Jornal O Estado de Mato Grosso há mais de quarenta anos passados, com o veredicto destacável do imortal Archimedes Pereira Lima. Recordações inolvidáveis,

também do trabalho cultural acadêmico no curriculum do confrade Jucá, este homem de caráter forte e viril que consagrou-se e referendou a imortalidade como a monumental obra antológica: JÚLIO MÜLLER UM GRANE ESTADISTA. O confrade Jucá a interpretar: “O HOMEM DE BEM É COMO LEOPARDO, NÃO MUDA DE PÊLO”. Confrade Jucá e esposa guardarei n’alma todo esse acervo de fraternidade recebido em vosso lar.

Douto Eduardo Mahon:

Sê bem-vindo ao solar histórico: “Casa Barão de Melgaço”. Registro emocionado as palavras acadêmicas do advogado José Couto Vieira, que assim se expressou em sua aconchegante residência em Campo Grande – Mato Grosso do Sul: “Li os artigos, pré-academizados do nosso futuro confrade Eduardo Mahon; artigos que o credencia a ocupar uma vaga na nossa veneranda Academia. Chamou-me atenção o tratado cultural intitulado: “O Ministério Público de Robespierre”. Ao lê-lo de capa a capa, pude concluir, tratar-se de uma obra excelencial à cultura jurídica, aos estudiosos do Brasil. Por essas e outras razões, o meu voto já está definido, é dele... A minha procuração está pronta, entrego-a neste momento. Tivemos a honra de sermos condutores daqueles votos, porque inclui-se o voto, honroso voto: Leal de Queiroz, o anfitrião incansável, durante a nossa estada na Cidade Morena.

Num horizonte de trinta votantes, na eleição em que Vossa Excelência obtivera esmagadores 20 votos, é justo que comemoremos a entrada de Vossa Excelência ao nosso convívio fraternal; justíssimo se torna que insiramos aos nossos votos parabenizantes o poema do imortal acadêmico Odoni Gröhs, metafísico poema que eu o acunharia - “*A Glória de ser feliz*”:

A Glória

*Louvor de cítaras e flores
É sempre transitória...
Um dia
Nas quilhas do outono
Ressuscitando lembranças e infância
O tempo
Pleno de esquecimentos, me levará
Desnudo e orvalhado –
Em folha amarelecida
Nas brisas da memória...
Sobrevivente, permanecerei na saudade
E minha ausência imperdoável
Verso inacabado
Na liturgia das palavras
Acordará silêncios, da eternidade.
(Odoni Gröhs)*

Assomados, homenageamos o novel acadêmico Eduardo Mahon que sentar-se-á na poltrona nº 11 – Cadeira cujo patrono possui a iluminação veneranda: AUGUSTO JOÃO MANOEL LEVERGER, mote poético da saudosa história: Hosanas ao eminente – BARÃO DE MELGAÇO! O ultimo ocupante – professor – jurista – escritor – acadêmico de escol – lembranças inesquecíveis: DESEMBARGADOR ANTONIO DE ARRUDA.

Encerro este pronunciamento de boas vindas ao acadêmico Eduardo Mahon, advogado, polemista, articulista, professor, palestrante, congressista, meditando a nossa viagem cósmica, que um dia teremos que fazê-la, para que voltemos a verdadeira pátria das imortalidades. Recordemos o poeta Castro Alves, sofrendo na vida física a dor moral, em consequência do tráfico de escravos africanos chegando em navios fétidos ao Brasil, sofrendo as agruras da vida. No magistral poema - Navio Negreiro - o poeta desabafa: “Andrada! Arranca esse pendão dos ares! Colombo fecha a porta dos teus mares!...”

A vida do poeta Castro Alves prossegue rumo ao roteiro do infinito. Do plano cósmico o poeta retorna em seu estilo clássico e nos brinda através da sensibilidade paranormal, do médium singular - Francisco Cândido Xavier, com o poema:

MARCHEMOS

*Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos mandam renascer;
Da luz do Criador nascemos,*

*Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.
Buscamos na Humanidade
As verdades da Verdade,*

*Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos
Somos míseros cativos
Da iniquidade e da dor.*

*É a luta eterna e bendita,
Em que o Espírito se agita
Na trama da evolução;
Oficina onde a alma presa*

*Forja a luz, forja a grandeza
Da sublime perfeição.*

*É a gota d'água caindo
No arbusto que vai subindo,*

*Pleno de seiva e verdor;
O fragmento do estrume,
Que se transforma em perfume
Na corola de uma flor.*

*A flor que, terna, expirando,
Cai ao solo fecundando
O chão duro que produz,
Deixando um aroma leve*

*Na aragem que passa breve,
Nas madrugadas de luz.
E a rija bigorna, o malho,
Pelas fainas do trabalho,*

*A enxada fazendo o pão;
O escopro dos escultores
Transformando a pedra em flores,
Em Carraras de eleição.*

*É a dor que através dos anos,
Dos algozes, dos tiranos,
Anjos puríssimos faz,
Transmutando os Neros rudes*

*Em arautos de virtudes,
Em mensageiros de paz.
Tudo evolui, tudo sonha
Na imortal ânsia risonha*

*De mais subir, mais galgar;
A vida é luz, esplendor,
Deus somente é o seu amor,
O Universo é o seu altar.*

*Na Terra, às vezes se acendem
Radiosos faróis que esplendem
Dentro das trevas mortais;
Suas rútilas passagens*

*Deixam fulgores, imagens,
Em reflexos perenais.
É o sofrimento do Cristo,
Portentoso, jamais visto,*

*No sacrifício da cruz,
Sintetizando a piedade,
E cujo amor à Verdade
Nenhuma pena traduz.*

*É Sócrates e a cicuta,
É César trazendo a luta,
Tirânico e lutador;
É Cellini com sua arte,*

*Ou o sabre de Bonaparte,
O grande conquistador.
É Anchieta dominando,
A ensinar catequizando*

*O selvagem infeliz;
É a lição da humildade,
Do pobrezinho de Assis.
Oh! Bendito quem ensina,*

*Quem luta, quem ilumina,
Quem o bem e a luz semeia
Nas fainas do evolutir;
Terá a ventura que anseia*

*Nas sendas do progredir.
Uma excelsa voz ressoa,
No Universo inteiro ecoa;
Para a frente caminhai !*

*O amor é a luz que se alcança,
Tende fé, tende esperança,
Para o Infinito marchai!*

Respeitável e preclaro confrade acadêmico; meu digníssimo afilhado Dr. Eduardo Mahon: Permaneça forte, sem medo, sem culpa, sem nódoa! O pórtico venerável da Casa Barão de Melgaço está aberta a Vossa Excelência. Vislumbremos o infinito! Descortinemo-lo! A voragem do tempo exige autodeterminação, patrimônio moral de Vossa Excelência. Coragem! A sede do saber aguarda-o. Sê bem vindo: Para o infinito marchai!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON



ESCUta CUIABÁ!

Nesta efeméride, seria eu sacrílego não penhorasse a Deus e a N. Senhora de Auxiliadora minha vida, ingrato ao não dedicar aos meus pais Geraldo e Carla, aqui presentes, toda a honra da vitória e infiel ao não enaltecer a amada esposa, Clarisse, pelo orgulho do nome que quis carregar. Amigos e irmãos estão aí a florir esta Casa de Leverger, penhorando condescendência com o orador.

Eis os sustentos capazes de saciar um homem. Rogo seja a religião sempre o alimento da alma; a Maçonaria, a disciplina moral; a Ordem dos Advogados, um luminar ético; a família, o local de remanso e o Grande Geômetra, infinito perdão. Armado com este credo, aqui vão alinhavadas as primeiras linhas do discurso de posse nesta Academia de Letras.

Pelas mãos dos amigos José Cidalino Carrara, meu dileto professor José Ferreira de Freitas, e padrinho Avelino Tavares, fui guindado ao notável silogeu mato-grossense, com o amparo dos irmãos do sul e do norte e a viva concórdia dos imortais cuiabanos. Granjeei a sensibilidade dos confrades, em paralelo com o vigor do jornalista e acadêmico Pedro Rocha Jucá. Uma das vantagens da imortalidade é receber eterna homenagem. Recebam, pois, amigos e confrades, a justa recompensa da gratidão – agora e para a eternidade.

“Sob o signo de uma flor¹”, saúdo também as mulheres que adornam este Parnaso Cuiabano, na antevéspera da posse, sentindo a saudade de Ana Maria de Arruda Muller e Dunga Rodrigues, compensando-a com a alegria do convívio com a acadêmica e amiga Amini Hadad, além das beletistas de escol - Nilza Queiroz, Vera Randazzo e Elizabeth Madureira. Como já disse o imortal João Antônio Neto², ao receber Yasmin Nadaf, a mulher “*amplia e requinta o número de mulheres que engrinaldam esta Casa*” e prossegue: “*o papel da mulher não é somente aquele de limitar-se ao âmbito da casa e da reprodução, sem aspirar a pontos de relevo na esfera do trabalho, da cidadania e do pensamento*”.

Não é desdouro empalidecer frente ao mister de passar em revista aos predecessores imortais que honraram a cultura mato-grossense, após o sufrágio responsável pela minha eleição. Tal qual anotou o prelado Francisco de Aquino Corrêa, trata-se de uma “*humilhação gloriosa*”³. Digo eu - postar-se diante do Olimpo dos vivos-para-sempre e dos Jardins Elíseos dos nunca-mortos é descarnar-se até à alma para, supliciado pelo exame acurado dos pares, fazer jus ao assento da eternidade. Vamos à dissecação do saber, a espezinhar a estultícia ou a laurear o merecimento do orador, ora recipiendário.

1 *Sob o Signo de uma Flor é o título da dissertação de mestrado da hoje Pós-Dra. Yasmin Nadaf.*

2 *Em discurso de recepção, do dia 27 de outubro de 1995.*

3 *No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras.*

Hoje, neste mesmo dia 13 de dezembro⁴, há 235 anos, tomava posse o do capitão-general Luis D'Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o maior estadista da Capitania de Mato Grosso, num feliz presságio para a nossa terra e para esta noite. E com este augúrio que, com alegria, cumpre-me percorrer a senda dos que, almejando a cátedra da imortalidade mato-grossense, vêm ao patíbulo da crítica, expostos que são às luzes dos demais confrades, mormente dos que saíram derrotados, não menos dignos e ilustrados.

Debutação nesta Academia, inquebrantável incumbência de perdurar após o discurso, na bem-querença dos imortais. Aqui estou, pois, agraciado pelos convivas e por toda a assembleia, sob a sombra de Pereira e Cáceres, de um lado e Leverger, de outro. Tão ou mais emocionado que no noviciado no Colégio Salesiano São Gonçalo, de onde dei os primeiros passos rumo às letras.

Já vaticinava o acadêmico Archimedes Pereira Lima: *“é detestável, como dizia Pascal, o falar na primeira pessoa. Para Molière, constituía defeito ético imperdoável o iniciar-se uma oração empregando o moi, que o autor de Tartufo considerava um pronome simplesmente odioso. Solidário com o conceito, e praticando-o, tenho, hoje que violá-lo. Procurarei, contudo, atenuar o dislate, sendo breve nesta introdução”*. Digo eu - da licença pronominal à brevidade da fala, emprestamos à intenção de ambas as características como um augúrio do meu discurso de posse neste colendo Sodalício de Letras.

Como tudo o mais na vida, alegrias sucedem tristezas e, por esta oportunidade, ultrapassada a dor da saudade que trespassou o coração dos familiares e amigos dos saudosos acadêmicos, ver nascer a flor da esperança pelas inábeis palavras do legatário, é um bálsamo e uma renovação da aliança prometida por Nosso Senhor Jesus Cristo: perpétua recompensa aos bons que foram os predecessores a antever o destino dos que se conservam retos. Seja o rigozijo pela vida e pela paz dos imortais, o âmago das intenções póstumas.

Cumprir-me denunciar-me, já no prólogo, ao buscar o socorro amistoso dos instados convivas de antanho, malgrado não estando entre nós fisicamente aqui sopraram, neste momento, o murmúrio da inspiração. Aí está, não a exéquia protocolar que leva à compunção, e sim a alegria de nos reunirmos nesta noite para celebrar Augusto João Manuel Leverger, Estevão de Mendonça e António de Arruda, todos encastelados no panteão das estrelas que rivalizam com o céu cuiabano. As lembranças destes enge-

4 *Eis a participação do acadêmico Pedro Rocha Jucá: 13/12/1772: Ao contrário dos seus dois antecessores, ele viajou por terra do Rio de Janeiro a Vila Bela, percorrendo 569 léguas em 24 dias. Chegou a Cuiabá em 04/10/1772, por volta das 17:00 horas, e ficou hospedado na melhor casa de então que existia, no antigo Largo da Mandioca, hoje Praça Conde de Azambuja, que ficou conhecida, antes mesmo do de Vila Bela, como Palácio do Capitães-Generais, embora já demolido, no encontro das ruas Pedro Celestino e Governador Rondon. Administrou a Capitania durante 16 anos, onze meses e sete dias, sendo o governante mato-grossense que mais tempo permaneceu no cargo. Fundou as cidades de Ladário, Corumbá, Poconé e Cáceres e ampliou o território de Mato Grosso para além do Rio Paraguai e chegou à margem esquerda do Rio Araguaia. Sonhou, também, com a interligação das bacias do Prata e do Amazonas, através dos rios Alegre e Aguapeí, por um canal. Construiu, também, o Palácio dos Capitães-Generais de Vila Bela. Retornando a Lisboa, foi designado para compor o Conselho Ultramarino, em reconhecimento pelos valiosos serviços prestados a Portugal em Mato Grosso.*

nhosos beletristas são aqui inventariadas a apequenar o orador que é mais apresentador do que apresentado.

Ao contrário do vulgarmente suspeitado, a assunção ao assento da imortalidade é mais uma coroa de espinhos do que de louros. Nestas alturas, ascendem os renunciantes de comendas e glórias, a tomar para si o calvário da hercúlea responsabilidade de suceder os que foram destas plagas para o imorredouro destino. Humilíssimo, ousou bater às portas da Casa de Leverger, ele mesmo patrono da cadeira que será meu assento vitalício e às dos corações dos confrades a amparar as falências estilísticas do novel acadêmico.

Arrimando-me com a memória e a obra dos que hoje me eclipsam e precedem, sem tardança, adiantemo-nos à inglória tarefa de mencionar, ainda que palidamente, os homens responsáveis pelo orgulho de meu sufrágio.

O PATRONO – AUGUSTO JOÃO MANUEL LEVERGER

Não serei imprudente ao ponto de jungir-me aos imortais que me precederam no ofício de minuciar biografias, mormente a esquadrihar a personalidade de Leverger que empresta a Casa para os festejos de posse daquele que se assenta na cadeira dele. Seria por demais incauto porfiar com minhas limitações, resumindo-me rogar atenção da assembleia para notas pitorescas do Barão de Melgaço, exonerando-me aos confrades de ensinar padre-nosso a vigário.

Jaz no Cemitério da Piedade os despojos do corpo de Augusto João Manuel Leverger. Cognominado “bretão cuiabanizado”, logo após sua morte com quase 78 anos, em 14 de janeiro de 1880, encantou-se para o povo mato-grossense, como diria João Guimarães Rosa. O Barão de Melgaço é daqueles paradigmas que faz um povo sentir-se com vontade de ser melhor, ao enfrentar desafios como o do francês que se embrenhou nos sertões brasileiros e descobriu em Mato Grosso a sua paragem. Geógrafo, ingressou na marinha de guerra brasileira como segundo-tenente e findou a carreira como chefe-de-esquadra.

Erguendo a flâmula brasileira, o estrangeiro assumiu uma identidade por bemquerença. Já na chegada a Cuiabá, em 23 de novembro de 1830, a fim de inventariar projetos hidrográficos, não tardou a inteligência destacar-se para alçar nove anos mais tarde o cargo de Cônsul-Geral do Brasil, com o escopo de entabular boas relações com o Paraguai, mormente no tocante à navegação do Rio Paraguai e ao estabelecimento de fronteiras. Esse cargo, só o aceitou em 1843.

Rechaçando as tropas lopezinas, paraguaios que rugiam nos quintais mato-grossenses, consagrado foi Leverger herói nacional e, mais intimamente, espetou-se com a medalha da glória local. Ninguém melhor que o próprio António de Arruda⁵ para descrever o brio do bretão: *“ante as primeiras notícias sobre a invasão paraguaia, passou a frequentar o Palácio do Governo, assistindo ao Presidente, com seus conselhos. Quando soube, altas horas da noite, da desastrada volta da expedição, saiu do Coxipó, no mesmo instante e, sem sequer se despedir da esposa, foi apresentar-se ao Presidente, colocando—se à*

⁵ Trecho extraído de *Vultos Eminentes*, 1999, Ed. Defanti.

disposição para organizar a defesa”. E prossegue, após o avanço da missão: “desapareceu o pânico. Concentrando-se em Melgaço, com Leverger à frente, os defensores da cidade só pensavam em sustar o inimigo. Todos os preparativos foram feitos para esse fim. Mas a confiança residia principalmente no exemplo e no prestígio de Leverger. Naquele momento, ele se transformou no antemural do Brasil em Mato Grosso, segundo o dístico famoso de Taunay”.

Digo eu - de Melgaço fortificado contra as tropas hostis, impedindo a arremetida beligerante e recolheu os louros da peleja com o baronato em 7 de julho de 1864. A simplicidade do já barão era tamanha que oficiou ao próprio Imperador, confessando: *“peço a V.Ex. o obséquio de tratar da obtenção do diploma, brasão, etc., pois não tenho tempo nem facilidade de imaginar coisa alguma a esse respeito. Ministrear-lhe-ei as seguintes verídicas informações. Não sei a significação nem a etimologia de Melgaço. É o nome de uma série de colinas que bordam o Rio Cuiabá, distante vinte léguas...”*

Pouco escreveu e as letras que chamava em seu auxílio eram todas elas úteis para si e para o povo: foi suficiente para sua obra entrar nos anais de estudos mais concorridos. “Os apontamentos para o Dicionário Geográfico de Mato Grosso”, o “Roteiro e Navegação do Rio Paraguai” e finalmente, “Vias de Comunicação em Mato Grosso”, equiparam-no ao trabalho do melhor enciclopedista. Menciona-se, ainda, o excepcional trabalho do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao reeditar as cronologias histórias dos séculos XVIII a XIX, reunidas por Leverger.

Tão úteis eram os apontamentos de Melgaço que, em momentos críticos da política nacional e regional, chegaram a ser amplamente usados pelos governantes. Cite-se, à guiza de exemplo, o subsídio geográfico na questão do Tratado de Petrópolis, onde as anotações de Lerverger foram decisivas. Conforme o Prof. Alfredo da Mota Menezes⁶: *“o governo de Totó Paes descobriu, nos arquivos, a carta que o Barão havia mandado em 16 de março de 1852 ao Conselheiro Duarte Ribeiro, onde mostrava os lugares que o Brasil poderia ceder à Bolívia, ‘sem inconveniente para este estado e para o Brasil’. No que ele fala, interessantemente, estava já incluído o que o Brasil cederia anos depois à Bolívia pelo Tratado de Petrópolis. O Barão de Melgaço era um entendido em demarcações de terras e fronteiras. Ele fez minuciosa descrição de lagoas, rios, alagados, matas, do que existia ali, das dificuldades de acesso, da falta de água em certos lugares, se havia condições ou não de navegação, de onde se poderia fazê-la, o que era vantagem ou não para o Brasil”.*

Senhores, há homens que merecem a glória em vida e outros que na morte encontram não só o descanso como o pétreo esquecimento. Os primeiros pertencem aos signos monumentais, estátuas vivas que caminham placidamente nas ruas e fazem das vicissitudes do povo, as suas próprias. Os outros, rastejam pela vida, desonrando mesmo a condição humana. Detenhamo-nos a atenção no belo, no bom e no forte. Não sucumbamos à tentação de empenhar labor aos sapos. Leverger surge como um desses memoriais de amor ao Brasil, campeando a vida nas baixadas alagadiças, a merecer içamento a Presidência e Vice-Presidência da Província por D. Pedro II, diversas vezes.

6 *A Morte de Totó Paes – Política no Interior do Brasil, 2007, Carlini & Caniato Editorial.*

Do imortal Virgílio Corrêa Filho⁷, exsurge o depoimento: *“em meio ao Segundo Reinado, agiganta-se Augusto Leverger, o bretão cuiabanizado, que os bons fados enviaram à Província distante, para lhe estudar a hidrografia, a história e dignificar-lhes a administração, além de a defender contra a investida avassaladora da invasão paraguaia, assim merecendo do governo imperial o título de Barão de Melgaço, em recompensa a incomparáveis feitos”*.

Resta do Barão uma fria estátua no Cemitério da Piedade, convergência inexorável dos homens. Todavia, da alma eterna do homem Augusto João Manuel Leverger, nascem toda a sorte de músicas, poesias, contos, biografias. E, por derradeiro, deu à luz à Academia Mato-grossense de Letras, ao abraçar seus filhos na própria casa, ainda que não fosse um literato. Eis aí ineludível comprovação de que a erudição não sobrevive órfã dos mecenas e, no caso, o Barão de Melgaço presta o mecenato perpétuo aos pósteros que defenderão a vida e honra do patrono maior deste emérito Sodalício.

Aqui conosco receba, pois, Leverger, o maior soldo imaginável, comenda peregrina que nem o Imperador logrou conceder – a lealdade mato-grossense. Estarei eu e muitos depois de mim, assentados na Cadeira do Barão, infatigáveis a lembrar-lhe o lustro! Cumpre-me assim cerrar o alfarrábio novecentista para inaugurar outra mais recente biografia, mas não menos ilustre.

O ANTECESSOR – ANTÓNIO DE ARRUDA

Resta ultimar homenagens àquele que vagou o assento magno, emérito Desembargador António de Arruda. Embaciando ainda mais, e definitivamente, os méritos deste recipiendário, por oportunidade dos comentários sobre o certame que o alçou à Academia Mato-grossense de Letras, consignou: *“quando, a convite de José de Mesquita, me inscrevi na vaga de Estevão de Mendonça, também não visitei os acadêmicos nem lhes solicitei os votos. Não por desapeço à Instituição ou aos futuros confrades (...) Jamais pedi para mim a quem quer que seja emprego ou honrarias, e os que obtive foram por espontâneo oferecimento de outrem”*. A vida tracejada de independência, emoldurada das glórias dos homens e da bem-querença divina, será objeto da última e mais cara menção.

Ao contrário do antecessor, cuja fama o precedia, fui à cata do bom convívio dos imortais acadêmicos, compulsando os méritos de António de Arruda e enfrentando a sombra da saudosa memória. Mais que obrigação, pareceu-me prazerosa a leitura do memorialismo da arte cronista de Arruda: “Relembrações”, “Um Olhar Distante”, “O Linguajar Cuiabano”, “Vultos Eminentíssimos”, “Cadeiras na Calçada” são mais que obras publicadas: tratam-se da vida cuiabana e as impressões do mundo por um cuiabano nascido no Porto, em 29 de agosto de 1911, que compôs com seu talento a Casa de Leverger, somando forças, tanto na Academia de Letras, como no Instituto Histórico.

Qual não foi a grata surpresa ao sentir do árcade, no espelho da vida proba, na reta trilha da vida jurídica, energia necessária para aventurar-me no dossel das letras mato-grossenses ao embebedar-me dos sonhos que tomei de empréstimo para sonhar também. Não foi sacrifício, senão uma aprazível função, descortinar o pensamento, as

⁷ Galeria Matogrossense – Pedro Celestino, Editora Zélio Valverde, 1945.

obras, a vida do homem que fez do Direito uma profissão de fé. Foi advogado, promotor, Procurador Geral do Estado, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça por três períodos, Corregedor Geral de Justiça, juiz e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, Vice-Presidente da Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, fundador da Faculdade de Direito de Cuiabá, hoje integrada com a Universidade Federal de Mato Grosso.

O ano de 1937 foi particularmente marcante para Arruda. Convidado pelo então Presidente Mário Côrrea para a vaga de Promotor da Capital, instado pelo pai a regressar à Cuiabá, o jovem jurista António aportou novamente com o ato de posse já lavrado. Ano turbulento para o Judiciário, em julgamento de mandado de segurança contra o processo de impeachment ao Presidente, onde o José de Mesquita conclama as forças federais a intervirem no Estado, restaurando a segurança local. Exílio de Mário Côrrea, sua morte em seguida. A oposição toma espaço, com a posse interina de Júlio Muller que acaba por tomar assento definitivo na Presidência do Estado de Mato Grosso até 1945, com a derrocada do Estado Novo. Nem situação, nem oposição – Arruda mantém-se no cargo, malgrado a ebulição política.

Por fim, deu-nos um último orgulho ao ser o primeiro mato-grossense a ingressar nos quadros da Escola Superior de Guerra, instituição querida que lhe rendeu homenagens até o derradeiro dia. A despeito dos cargos, jamais se deu à sinecura, entretanto. Trabalhou vivamente em cada função com o ardor apaixonado, dispensando prebendas. Fez da magistratura o supremo exemplo para abrilhantar o TJMT, púlpito de talentos incontestes que, aliás, carece ser valorizado a contento o nosso Judiciário Mato-grossense.

Agradecemos todos, Dr. Arruda! Os advogados que tiveram braço forte na defesa das prerrogativas, o Ministério Público que se ilustrou com a serenidade e equilíbrio do jurista e, especialmente, a Justiça Mato-grossense certamente agradece ao Desembargador Arruda pelo exemplo e, hodiernamente, inspira-se vivamente nos legando outros confrades juízes Amini Hadad Campos, Wanderlei José dos Reis, o Desembargador Benedito Pereira do Nascimento e o próprio Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Ferreira Mendes.

Senhores! Não estamos a chorar no féretro ou puxar um cortejo de saudade e nem tampouco a Casa Barão de Melgaço é jazigo para a tristeza, senão salão de alegrias. “No limiar dos 90 anos”, Arruda ainda gracejava com a vida. Não nos entristecemos com a passagem do mestre, senão nos rejubilemos com os seus ensinamentos e festejemos a alegria desta herança legada por António de Arruda e D. Lélia, com os filhos Heraldo, Eliôni e Glória Maria e Vera Leda. Meu confrade Arruda, escuta Shakespeare pela minha boca: “Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o”.

O que se extrai da leitura das crônicas do acadêmico que se foi? Prezava parolar da política, dos hábitos cuiabanos, da literatura e das coisas mais comezinhas que são engrandecidas pelo olhar, ainda que distante. Três grandes acontecimentos alumbraram o espírito de António de Arruda – o seu regresso a Cuiabá como bacharel em letras

jurídicas em 1937, a postura de José de Mesquita na manutenção do poder do então conturbado mandato do Governador Mário Corrêa e a marca indelével do advogado e promotor na vida dedicada às lãureas da judicatura. Esse conjunto de circunstâncias está tatuado firmemente no memorial erigido por Arruda, publicado em todos os livros lançados, tão impactante que foi para a construção da vida pública do augusto mestre.

Deixemos Arruda nos contar do seu ingresso neste Contubérnio de Letras: *“Em 1951, resolvi candidatar-me à cadeira 11 da Academia Mato-grossense de Letras que, como se sabe, não exige propriamente livros dos pretendentes às suas vagas, porém apenas publicações em jornais e revistas. Julguei então que essas crônicas, acrescidas de outras que publiquei posteriormente, poderiam compor pelo menos um livro de porte médio. Assim dattilografei-as e encadernei-as, em quatro vias, remetendo duas para a Academia, com a inscrição, ficando uma comigo e outra com o confrade e amigo Pedro Rocha Jucá, que guarda cuidadosamente, em pastas, recortes de todos os textos que venho espalhando em periódicos e revistas literárias”*.

Pelas mãos de José de Mesquita, grande eleitor da Academia, Ant3nio de Arruda enfrentou concorrência com advogado sulista que havia escrito sobre cavalos. Com a verve perspicaz, Mesquita afirmava tratar-se de uma autobiografia e, assim, sufragou em vit3ria acachapante Arruda, neste sin3drio cultural. Vida assim feliz e repleta, filhos a bordar-lhe o nome, netos a redobrar a fama, colegas a aplaudir, o cen3culo a lembr3-lo.

Eis a3, Dr. Arruda que est3 conosco, a justa renda colhida pelo amor à fam3lia, às leis, às letras, à probidade. S3o cinco anos de saudade que se arrastam dia a dia, sem a companhia delicada do jurista. Receba, pois, Dr. Ant3nio, as palmas dos seus p3steros e, com elas, o agradecimento da cuiabania que ter3 em sua mem3ria mais um motivo de vaidade. Aqui est3 a sua fam3lia aplaudindo a mem3ria do extremoso pai na particular saudade e na p3blica aus3ncia. A responsabilidade de seguir com o nome do antecessor 3 enorme e conto com a fam3lia Arruda neste 3rduo apostolado.

A ACADEMIA

A cultura ganhou contornos reprogr3ficos. O pecado da preguiça campeia as mentes dos jovens, exonerados da leitura e da pesquisa. As bibliotecas que j3 minguavam de habitantes, hoje est3o em companhia apenas da solid3o. Os meios de comunica3o e tecnologia de informa3o pouco resgatam valores antigos, priorizando uma idiotia vernacular, mas de conhecimento imediato. Parece que h3 fome de conhecimento, mas 3 gula de informa3o. O conhecimento n3o se adquire num simples folhear de seman3rios: s3o anos de amizade aos livros, numa garimpagem da melhor express3o, amputando aqui e ali, como diria Drummond.

Foi o tempo do fino paladar pelos discursos, pelas poesias, pelas m3sicas: s3o tempos mortos? Pensamos restarem poucos nesta di3ria Term3pilas—luta da cultura, da erudi3o, do belo – contra o vil degredo da ignor3ncia. H3 os que acorrem à literatura, dispensando a pr3pria vida para salvaguardar a cabedal da cultura ocidental. S3o poucos, por3m suficientes.

Raros os que bebem na teatrolgia grega a sapiência da ciência política e/ou aprendem com o escorço filosófico de Marco Túlio Cícero as vicissitudes do poder. E quem hoje se ri das ironias de Aristófanes? E quem se rói de tensão com as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes? Da desalmada cultura, nascem os Creontes tiranos que jamais souberam do enfrentamento de Antígona. A bestialidade é o eclipse das luzes, sendo o recrudescimento das letras sinônimo do avanço do arbítrio.

É na literatura a resposta para a vida e o amparo da alma. Acheam-se os latinos, os gregos e, modernamente, os russos, franceses, alemães, ingleses para lecionar a vida. Não será o discurso de posse da Academia Mato-grossense dedicado ao estrangeirismo, se nestas quadras temos tantos valores, nossos vizinhos. Todavia, Senhores, quanto aos clássicos: quem não os leu, não vive – sobrevive.

Mais que os edifícios culturais alienígenas, está a sagacidade do leitor, ao esquadrihar as letras da sua terra. O Brasil, já batizado pelos sermões de Pe. Antônio Vieira, embalou sonhos dos barrocos, arcadistas, romancistas, modernistas e encontrou-se a si mesmo no gênero popular. Mas o pior desajuizado é aquele que ignora e despreza a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, o seu Estado, preterindo-os por fantasias distantes. De nada vale a erudição latina e a sofisticação grega, se não entendermos a música de Dunga Rodrigues; se mirarmos as lonjuras europeias e não nos sentarmos nas calçadas cuiabanas.

Ora, e ainda há temeridade em criticar uma Academia, numa bizarrice que denuncia a própria ignorância? Perguntam os apedeutos para que se presta uma Academia?! Serve como memória viva de um povo e destemido arquivo cultural a vergastar os iletrados que soçobram no tempo, ainda que poderosos. Serve para ensinar aos jejunos de inteligência o poder da palavra, subjugando a força abrutalhada da autoridade. Serve ainda para assombrar os que se excedem no poder e desprezam a letra. Serve, finalmente, para cabalar alento às vidas secas, na expressão de Graciliano Ramos.

Nesta Casa de Barão de Melgaço, sob a sombra espectral de José de Mesquita, Rubens e Estevão de Mendonça, Isác Povoas, Gervásio Leite, Francisco de Aquino Corrêa, Maria de Arruda Muller e tantos outros imortais, conservam-se mais que currículos – arquivam-se as memórias que orgulham por inspirar ou envergonham por divergir.

Mas não é só.

Recordo o discurso pronunciado pelo Prof. Lenine Póvoas, então Presidente desta Augusta Confraria de Letras, ao inaugurar a sessão solene do dia 13 de junho de 1985⁸: *“entre os muitos equívocos que por aí correm, a respeito das academias, está o de que elas devam ser integradas apenas por velhos, arcados ao peso dos anos já vividos e das muitas obras que tenham escrito. Se assim fosse, por certo não existiriam Academias. O importante é que os membros dessas instituições, considerando-se realizados pelo que já fizeram, não se entreguem ao imobilismo, vivendo apenas das glórias anteriormente conquistadas. O importante é que reúnam as credenciais necessárias para prosseguirem na luta iniciada e que não se isolem na Torre de Marfim de que nos falava Rosário Congro, na contemplação búdica do que já produziram”*.

Ao contrário do que se pensa, não se reúnem aqui catedráticos em exames de proficiência científica ou profissional. Não é a Academia Mato-grossense de Letras

8 Em solenidade de recepção ao acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho.

uma banca universitária examinadora de currículo. Emparelhados estão os jornalistas, os poetas, os músicos, os juristas, os historiadores e a pletera de personalidades que defendem a palavra como instrumento de interseção do belo e do útil. Nessa altura, convém lembrar uma vez mais o Presidente de Honra da Casa Barão de Melgaço, D. Aquino Corrêa, em discurso de posse⁹ na Academia Brasileira de Letras: *“A literatura não pode reduzir-se a mero diletantismo. A ‘arte pela arte’ é legenda vaporosa e inexpressiva. Nos horizontes diáfanos das letras, há de brilhar um norte mais luminoso”*.

Senhores – é que a vida salta das letras e não é sepultada por elas.

E o que são os diplomas, as comendas, os títulos que amarelam e se esquecem, diante da imortalidade do espectro mato-grossense que se quer preservar? Já é hora de seguir adiante para abraçar a cultura popular, reconhecendo no berço poético da fala de um povo, o alfabeto mais caro até então grafado. Tarda superar o academicismo elitista que assombra um ou outro, ao passar em revista o histórico dos candidatos, descerrado o certame. Mais vale o escorço ético, lustro de caráter engastado na alma imortal às panóplias de papel, emolduras por cada qual.

Academia não é banca universitária, pois. O mortal Gervásio Leite, ao receber o jornalista Archimedes Pereira Lima: *Sois um homem de letras, uma eminência de vossa profissão, e esta Academia não se constitui apenas de literatos, mas daqueles que se servem da palavra para influir com vantagem nos destinos de seus contemporâneos culturais, que aqui realizam no encontro de inteligências uma obra de engrandecimento de nossa terra”*.

O parvo que faz ouvido mouco às lições do passado, some-se tristemente nos desvãos do esquecimento. Não é o caso, contudo. Pretendemos que os valores culturais de Mato Grosso sejam engalanados pela eternidade: somente assim é que as almas dos imortais aqui presentes, seja no plano físico ou astral, pulsarão vivas no imaginário do povo, como contas de um enorme rosário de orações. Seja a minha fala uma pequena conta a ser somada na crença popular de que a Casa Barão de Melgaço é o quintal onde o povo vem brincar e festejar a si mesmo.

E foi justamente neste sufrágio qualificado que os confrades deram-se as mãos e, não faltando nenhum neste banquete de letras, creditaram a Barão de Melgaço a confraternização. É tempo de desarmar ânimos, re-fundando em cada solenidade de posse as intenções acadêmicas que cimentam nosso convívio. E, para tanto, invocamos novamente o fundador desta egrégia Academia, D. Aquino Corrêa, em rigozijo¹⁰ pela eleição do primeiro mato-grossense para a Academia Brasileira de Letras: *“Tal se afigura a festa, que hoje aqui nos convoca a estes instantes de alegria e cordialidade. Não cabem aqui rancores nem desafetos, competições nem parcialidades, paixão alguma a cindir os ânimos; mas, ao contrário, aqui só vejo corações e inteligências, confraternizando no mesmo amor à terra comum, sob o pálio resplandecente do mesmo ideal de cultura e de progresso. É, deveras, uma festa da família mato-grossense, a que assiste divinamente a corcórdia”*.

⁹ A posse de Francisco de Aquino Corrêa na Academia Brasileira de Letras deu-se no Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937.

¹⁰ Discurso realizado em Cuiabá, datado de 10 de junho de 1937.

Ainda que pesaroso pela incompreensão de alguns que, consoante Antônio Carlos Jobim afirmava – “*no Brasil, o sucesso é uma ofensa pessoal*”, sigo exultante, pois, aqui me encontro, Senhores Acadêmicos, dentre aqueles que já ascenderam ao silogeu mato-grossense, não a representar uma classe – a dos letrados nas leis – porque este Cenáculo Leverger não se presta às assembleias corporativas e sim às transfigurações pela palavra. Não está acolhido aqui apenas um advogado, embora a profissão lustre o *curriculum* de qualquer um, vez que a única estabilidade do advogado é sua competência. É a batalha de todo-dia que o advogado supera-se e aboletar-se em cadeiras, fazendo-as poltronas, é o prenúncio do malogro da profissão. Advogado sim, com muito orgulho! Mas não só.

Rememorando, porém, para o orgulho de uma tradicional e secular comunidade jurídica da qual comungou a inteligência acadêmica, neste primeiro século a fazer-se presente em quase todas as cadeiras da Confraria de Letras. Explica-se: nos tempos idos, ser reconhecidamente culto era formar-se nas ciências jurídicas. Era a toga ou a batina - a pelerine de antanho, no sagrar a vida pelas letras. O Brasil evoluiu e evoluíram as profissões, felizmente.

Embora os mato-grossenses tenham sido brindados com um Silva Freira, dos juristas o maior poeta, com um Renato Pimenta, indiscutível tribuno, com um jurisconsulto do quilate de Gervásio Leite ou de José Barnabé de Mesquita, creio falar outras línguas que não simplesmente a dos códigos.

Malgrado os juristas serem em número significativo no passado, no presente e, oxalá, no futuro, não é para facciosismo o meu apreço. Os que se dão às dissensões serão justamente aqueles isolados no castelo de sua especialidade emudecida, vítima do próprio narcisismo erudito – antolho da alma. A cultura desposa a democracia e gera uma prole. Das eugenias, mesmo as das rebuscadas cortes ou das primitivas tribos, nascem todas as deformidades, porém. Seja o homem prático e realizador, patrono de meu assento – o Barão de Melgaço – o inspirador de minhas condutas.

E como a cultura não conhece distinções, nem idades, façamos aqui uma avença com minha história e com a da Academia. Possam os confrades ensinar a este pupilo ser melhor, a render preito às tradições estatutárias e, algum dia, ombrear com os antecessores, não no cabedal cultural, mas na austeridade que compunha a personalidade do Prof. Estevão de Mendonça e do Desembargador Antônio de Arruda, patrimônio pelo qual também objeto de glosa pelo público imortal. Ficam aqui lavradas as disposições do novel testamentário:

Sejam minhas forças colocadas em vassalagem a Casa Barão de Melgaço e possa eu ser sulcado de rugas para este Alpendre Magno nunca esmorecer. Doam-me as juntas, falhem-me os olhos, seque-me a tez, falte-me a voz, mas não me roubem o ânimo da vida que, doravante, aqui faz morada. Deste himeneu, selado pela vontade dos pares, possa o conúbio findar-se com a entrega do corpo às inumações da Academia.

Voltemos nossa atenção por um instante para a educação. Pertence ao destino acadêmico à intervenção nos mais variados níveis escolares da literatura e história mato-grossense, a gabaritar bibliografias e metodologias. A Academia Mato-grossense de

Letras pode emprestar seu brasão às instituições de ensino que acorram para a cultura regional. Finalmente, o falar cuiabano carece de sistematização metodológica, a fim de ultrapassar o folclore e atingir a ciência. Quer me parecer essenciais ambas as ideias às quais aproximam o conhecimento acadêmico com as necessidades populares.

Por derradeiro, Senhor Presidente. É certo somar minha voz ao coro uníssono dos acadêmicos que visitei e mesmo os que distam residência de Mato Grosso: a Casa Barão de Melgaço reclama seus assentos todos ocupados, a prantear a saudade dos que foram e rejubilar-se pelos novos artífices das letras mato-grossenses. De modo a debelar hostilidades beligerantes em corridas eleitorais autofágicas, é certa a demanda dos confrades pela abertura simultânea das cadeiras vacantes. Eis aí, Senhor Presidente, o alfabeto que se completa, o verso que rima, a prosa que finda.

Urge o epílogo das saudades para o exórdio das alegrias. Temos fé que é pela mão do atual gestor, sem tardança, que Vossa Excelência há de perfilhar para a Academia Mato-grossense de Letras os escritores que grassam a esperar a égide acadêmica. E não há carestia de intelectuais - basta olhar em derredor para mirar as pelerines futuras nas personalidades presentes

MINHA MISSÃO

Do mestre dos mestres, Ruy Barbosa, luminar das humanidades nacionais, tomo a palavra não como um fim. Ao inábil literato, ora empossado, resta manejar o vernáculo com propósitos de intervir na sociedade, resgatando paradigmas éticos e derribando convenções infrutíferas. Do deslusto poético da minha oratória, não se encontra alternativa senão bater-me por determinados valores. Talvez assim, no curso dos anos, as escusas dos mais ilustrados com a minha inaptidão literária, possa se estribar na compostura dos ideários.

Mercê de algumas críticas inopinadas, ouçamos novamente a maestria de Ruy Barbosa, a responder a contento: *“Eis ao que vem o padrinho, o velho, o abençoado, carregado de anos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nulo entre os grandes da inteligência, grande entre os experimentados na fraqueza humana. Que se feche, pois, alguns momentos, o livro da ciência; e folheemos juntos o da experiência. Desaliviemo-nos do saber humano, carga formidável, e voltemo-nos uma hora para este outro, leve, comezinho, desalinhado, conversável, seguro, sem altitudes, nem despenhadeiros”*¹¹.

Afinal, qual o ímpeto lançou a minha candidatura para a orbe de letrados mato-grossenses? *“Cada um dá o que tem”*, sentenciava William Shakespeare. De minha parte, o valor mais caro do credo de minha profissão é a liberdade civil. Em meio aos desatinados atentados às máximas constitucionais da liberdade, vendendo-se o pudor de antanho por um fácil naco de fama instantânea, quantos cidadãos são desterrados no imundo cárcere para saciar a fome pelo holofote. Não contarão com os advogados a turba esqualida que clama por Justiça. Porque o justiceiro não faz Justiça e sim usa o poder do cargo para promover a si mesmo num espetáculo aviltante.

11 *Trecho extraído da Oração aos Moços.*

Tempos cinzentos estes, onde o cidadão treme diante do Estado, ao contrário de se ver amparado pelo braço forte do poder. É que, usurpando-se a lisura, o poder não mais representa, senão domina ou quer dominar. A independência da qual comungamos não se acocora ao poder constituído, repele a gravidade sedutora da autoridade, inflige de morte a censura. Não posso admitir que a independência constitucional entre os elos republicanos seja simplesmente ignorada, em nome de vantagens. Rompido o dique da separação de poderes, é chegada a hora de defender o frágil equilíbrio democrático, porque está ameaçada. Nenhum governante é tão bom que não precise deixar o poder. Não pertenço à grei que se deixa alugar ou, pior, vender à conveniências.

A sombra da ditadura não raro embaça o tirocínio político. Na Academia de Letras, estão os historiadores a relembrar a amargura da solidão e a decrepitude dos arbítrios; estão os jornalistas ao delebar a censura, imolada pelos alcaides; estão os poetas a metralhar de liberdade os governantes com os versos que se espalham de boca em boca e, finalmente, estão entrincheirados os juristas a combater vivamente os excessos da gula pelo poder. Eis aí o advogado, exército de um homem só, incitando a desobediência civil, consoante Henry David Thoreau, quando não há mais legitimidade no mandatário.

Como se fosse acusação, increpado que fui de ser defensor de criminosos, como desdouro à nossa sagrada profissão, reputamos conveniente nova citação do mestre Ruy Barbosa: *“Recuar ante a objeção de que o acusado é “indigno de defesa”, era o que não poderia fazer o meu douto colega, sem ignorar as leis do seu ofício, ou tratá-las. Tratando-se de um acusado em matéria criminal, não há causa em absoluto indigna de defesa. Ainda quando o crime seja de todos o mais nefando, resta verificar a prova: e ainda quando a prova inicial seja decisiva, falta, não só apurá-la no cadinho dos debates judiciais, senão também vigiar pela regularidade estrita do processo nas suas mínimas formas. Cada uma delas constitui uma garantia, maior ou menor, da liquidação da verdade, cujo interesse em todas se deve acatar rigorosamente”*¹².

Digo eu: a tirania faz do advogado a primeira vítima. Não nos dobramos, contudo, à boquirrota malícia dos detratores. Seja o fel dos detratores o sutil veneno a afogá-los. O advogado é ele sempre repreendido por ir de encontro com os caprichos do poder, anote-se. Querem-nos obliterados, humilhados, apequenados. Todavia, é o advogado a reserva de liberdade da sociedade civil e continuará a sê-lo, enquanto não imolado para calar-se.

Nessa altura, lembramos de Pedro Celestino, em momento crítico da vida política mato-grossense, por artigo em jornal, fazia publicar: *“é da história de todos os tempos que as grandes ideias têm sempre poderosos adversários; e, no nosso caso bem se explica o fenômeno – a vitória do bem geral fere em proporção direta o bem particular; estes têm os seus defensores natos que muitas vezes triunfaram, porém só materialmente, e nem sempre em absoluto”*¹³.

12 Trecho extraído do *Dever do Advogado*, carta a Evaristo de Moraes que acabou sendo publicada e transformado em cartilha das liberdades civis, com ênfase no direito à ampla defesa.

13 Trecho extraído do final do artigo publicado por Pedro Celestino em “O Debate”, do dia 09 de agosto de 1907 – conforme Virgílio Córrea Filho em “Galeria Matogrossense: Pedro Celestino”, Ed. Zélio Valverde, RJ, 1945.

Digo eu - dobre a língua os detratores da classe, porque lhes carece visão para enxergar que, molestando o jurista, sulcada está a democracia. Não admito opugnação (seja qual for ou de quem for), à figura do advogado por saber tombado este, tombará consigo a liberdade. Como não posso abrir mão da minha, finco o pé no orgulho da profissão. Não seria justo laurear-me por interseção da advocacia e, malsinando a lealdade, dela abortar-me a fim de satisfazer qualquer exigência. Advogado ontem, advogado hoje, advogado sempre.

Há tantos personagens da vida jurídica que se banham no holofote da mídia, que não se sabe ser audiência ou circo armado, o que até então era um honorável processo. É que os acusadores, untados de mídia, caçam troféus nas cabeças degoladas por uma moderna inquisição, onde carreiras são galgadas, fazendo de prisões os degraus.

Não ficaremos passivos diante do que nos acontece ao redor. Os homens e mulheres de letras não aceitam o definhamento da cultura e não será com postura plácida que sucumbiremos. Na lição de António de Arruda¹⁴: *“há os que vivem – se atiram corajosamente na voragem dos fatos, procurando captar todas as emoções. São felizes ou infelizes, mas vivem. Outros se deixam estar, assistem apenas. São os apáticos, eternos espectadores. Indivíduos que chegam à porta da vida e param – sapos. Na vida, não fazem mais do que isso – sapeiam”*. Atentemos para aviso – não sejamos sapos, Senhores!

Academia de Letras: Casa das Liberdades. Aqui se ergue mais um refúgio para o pensamento libertário do grillhão do preconceito. Seja meu credo partilhado com os imortais, de forma que a Liberdade torne-se um conceito perpétuo nas mentes brasileiras e seja um daqueles valores familiares tão caros e tão comezinhos, ensinados à mesa aos de mais tenra idade. Eis aí minha pregação: cavar trincheiras contra o autoritarismo, a xenofobia e a violência. Sufragada comigo está, portanto, a liberdade – meu mais caro catecismo.

CUIABÁ

Senhores! Já vou me alongando. Um instante mais da atenção. Ronda-me, todavia, uma derradeira obrigação que se avulta mais um prazer do que um obséquio. Mas a dívida é extremada e não nos falta, nesta oportunidade, erguer um brinde à cidade que nos acolhe – Cuiabá.

Disse o inesquecível Silva Freire: *“falamos daqui, em nome dos irmãos nordestinos, em nome dos irmãos sulinos que compõe conosco o discurso polifônico da Liberdade, nos quadrantes nacionais de sua migração”*¹⁵. Digo eu – e, se falamos em nome de paragens distantes, escuta Cuiabá o testemunho que cinzelamos, rendendo homenagens.

No batistério, outra plaga distante lavrou minha origem. Do Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, flerte da cuiabania até os presentes dias, tomei de empréstimo raras lembranças. Cresci em Cuiabá, mas na meninice não era de Cuiabá. Alcunhado de

¹⁴ Do livro *No Limiar dos 90 anos*, de António de Arruda.

¹⁵ Do discurso de posse de Benedito Sant'Anna da Silva Freire, na Academia Mato-grossense de Letras, em 5 de maio de 1984.

“pau-rodado”¹⁶, levava a marca do alienígena nas terras quentes, sem entender a dinâmica da sociedade secular. Desta linhagem do pequi, eu mesmo fui amargo crítico, confesso com a placidez de não ter pecado contra qualquer ancestral, pois não os conhecia. Contudo, foi na poética¹⁷ de D. Aquino Corrêa que entendi o sentido:

(...)
 Aquele é arrogante, audaz, sombrio
Emerge fora d'água e agita, no ar
Os braços hirtos, como em desafio,
E vai, além, ruínas espalhar,
Esbarrondando, em rudes solavancos,
Canoas, cercas, muros e barrancos.

Este, em vez, é pacífico e tranquilo,
Vem boiando à mercê da onda brava
E onde a barranca lhe oferece asilo,
Aí se apóia, o seu terreno cava,
Apruma-se, e enterrando as cem raízes
Revive ao sol seus dias mais felizes”

Espero eu pertencer ao segundo grupo, asilando-me em Cuiabá a deitar raiz nesta terra que gentilmente me abraçou e a tantos outros migrantes. Quando fecho meus olhos e me imagino velho, é numa cadeira de balanço na calçada que pretendo descansar, assuntando o movimento das gentes e dos carros. Ao ser questionado acerca da localização de determinado espaço, já aponto os locais pela proximidade com determinada família. Ali mora D. Maria, dos Oliveira; aqui mora D. Amália, dos Campos; acolá, mora D. Senhorita. Isto é ser cuiabano.

Disse José de Mesquita: “o cuiabano sempre foi de um largo espírito de hospitalidade, que pede meças ao tradicional acolhimento da gente montanhesa, e, além disso, de uma extrema tolerância. Quando, porém, ferido no seu pundonor, na sua hombridade, na pessoa de um de seus filhos diletos, levanta-se como um leão e reduz o agressor, pela força ou pelo ridículo, às mais grotescas proporções”¹⁸. Ora, e quem melhor que o maior icnógrafo cultural cuiabano para traduzir o espírito deste povo?

Quem quiser prosperar em Cuiabá que faça escola! É preciso primeiro conhecer as rimas do linguajar cuiabano, estudando a história das famílias que compõe a sociedade regional. Não vá abusando da boa vontade ou fazendo vassala a gente daqui. Viver em Cuiabá não é matéria para açodamento – estudo apostilado, onde cada capí-

16 Em 1969, Dunga Rodrigues lança livro intitulado *Reminiscências de Cuiabá*, onde afirma que a expressão “pau-rodado” foi cunhada por Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, em versos satíricos publicados na imprensa local.

17 Trecho central da poesia *Paus-Rodados*.

18 (*Reações Cuiabanas 1, 1943, Revista do Instituto Histórico e Geográfico, in Cadernos Cuiabanos 4, 1978*).

tulo traz consigo uma lição de vida. Atreva-se a negligenciar as famílias tradicionais, ser oportunista ou imiscuir-se em questões políticas, antes mesmo de ter ciência de quem é quem: é um passo para o desalinho, o desarranjo, o fracasso.

Peçamos a benção ao passado, tão presente em nosso sangue. Sua benção gente de Ponce, dos Figueiredo, dos Monteiro da Silva, dos Póvoas, dos Pereira Leite, dos Corrêa da Costa, dos Ferreira Mendes, dos Müller, dos Albuquerque, dos Mendonça, dos Paes de Barros, dos Campos, dos Rondon, dos Cuiabano, dos Mesquita, dos Arruda, Huguene, Novis, Pompeu, Monteiro Duarte, Maciel, Costa Marques. Sua benção, gente de Malheiros, Canavarros, Delamônica, Hadad, Dorileo, Garcia, Miranda, Bussiki, Nardez, Palma, Oliveira, Palma, Murtinho, Cândia, dos Prado, dos Borges, dos Tenuta, dos Calhao, Seror, Capilé, Brandão Lima, Lotufo, Del Barco, Maluf, Scaff, Nadaf, Metello, Moura, Jaudy, Miraglia, Caldas, Mamede, Moura e outros tantos que ilustram nossa história e que passeiam vivos nos logradouros que tomam a heráldica e o nome de empréstimo.

Ser cuiabano não é ser provinciano, contudo. O cuiabano, ao contrário do que muitos pensam, é letrado e culto. Nessas casas de ruas tortas, com casinhas que de tão juntas, sustentavam-se uma na outra, estudava-se piano e francês no seio das melhores famílias e os jovens promoviam longas incursões culturais em terras distantes para capacitar profissionalmente instituições públicas e privadas. Mas ser cuiabano é se interessar pelo que acontece em derredor, importar-se com as coisas do entorno, cuidar da família e dos amigos. Ser cuiabano é ser amistoso, receptivo, afável.

Para viver em Cuiabá, é mister confundir as linhas das mãos com as ruas sinuosas da cidade. E na consulta à Mesquita, como era Cuiabá há 150 anos? *Vem a Rua de Cima, como a melhor artéria urbana; o Largo da Matriz (Praça da República atual), onde se viam o Quartel Militar e o Cárcere Público; a Rua do Meio, constituída em boa parte de fundos das casas da de Cima e da de Baixo; a Mandioca; a Rua de Baixo, com o seu prolongamento a Rua do Oratório (a atual sete de setembro); o velhíssimo Beco do Candieiro; a Rua Formosa (atual Joaquim Murtinho), a da Matriz (Antonio Maria), a Bella (Treze de Junho), a Rua do Porto no Beco; a Rua da Esperança (Antônio João); a Prainha, o Hospital da Misericórdia; o Mundéu; a Rua do Campo; a Rua da Fé; a Boa Morte com o seu Pateo; a Ladeira da Misericórdia; a Rua do Rosário e bairro Atrás da Igreja de mesmo nome; o Baú, o Bom Despacho*¹⁹.

Não foi apenas em prosa que Mesquita²⁰ se destaca ao louvar a Cidade Verde. Vejamos:

*“Meu carinho filial e meu sonho de poeta
Vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
Em teu plácido vale, entre colinas, quieta,
Como um Éden terreal de encantos sedutores.*

19 Descrição retinada de José de Mesquita, em ensaio “Cuyaba de ha um século”, datado de Setembro de 1927, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

20 *Civitas Mater*, de José Barnabé de Mesquita.

*Tuas várzeas gentís estreladas de flores
Sagram-te do sertão a Princeza diletta
E o Sol te elege, quando, em íris multicores
Na esmeralda dos teus palmares se projeta.*

*Nenhuma outra cidade assim à alma nos fala,
Dos teus muros senis a tradição se exala
E a nossa História inteira em teu brasão reluz.*

*Ainda hoje em teu ambiente, ó minha urbe querida,
Paira dos teus heróis a sombra estremecida
- Nobre Vila Real do Senhor Bom Jesus”!*

Os casarios que tombam levam consigo um naco de identidade. O tempo desanca a pretensão humana pela eternidade, mas o homem acelera a degeneração cultural. Escuta, Cuiabá! Onde está você dos meus sonhos de menino? Onde estão seus becos e ruelas? Para onde foram os mangueirais e os cajueiros? Escuta, Cuiabá! Ouçamos a prece poética de Moisés Mendes Martins Jr²¹:

*Cadê seus becos?
Em casa esquina, um “chinfrim”
Um bêbado alegre, trançando as pernas, “ansim, ansim”
Beco sem cara, chamado “Chico”
Sem moagem, sem fuchico
Sem vira-lata que late,
Sem biscate sem donzela,
Namorando na janela.
Sem feijoada na panela,
Sem carrinho do peixeiro, sem o grito do padeiro
Sem pagode, sem rasqueado, não é Beco não!
Onde andam os meus becos,
Do sovaco, quente, torto, urubu,
São Gonçalo e candeeiro.
Cadê meus becos? Cadê meus becos.
Entre prédios e arranha-céus, abafados,
Morrendo tudo que Deus me deu
Sepultado pelo tempo!*

21 *Revendo e Reciclando a Cultura Cuiabana, 2ª Edição, Janina.*

De imortal Pedro Rocha Jucá no sítio virtual Varanda Cuiabana²²: *A “Linguagem Cuiabana” pode ser culta e vulgar e quem pensar que ela é incorreta, ou vício de linguagem, não “teve a fortuna” de ler os grandes mestres cuiabanos em diferentes épocas: desembargadores José Barnabé de Mesquita e Antônio de Arruda, professores Antônio de Figueiredo Cesário Neto, Filogônio de Paula Corrêa, Nilo Póvoas, Isac Póvoas, Benedito Pedro Dorilêo, historiadores Corsíndio Monteiro da Silva, Estevão Anastácio Monteiro de Mendonça e Virgílio Corrêa Filho, entre outros. Ou desconhecem nomes de ilustres cuiabanos como o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, Presidente Eurico Gaspar Dutra, Ministros Roberto de Oliveira Campos e Joaquim Duarte Murinho, e outros, com destaque para Dom Francisco de Aquino Corrêa. Até a ‘Linguagem Cuiabana’ vulgar é correta, pois corresponde ao Português falado no Século XVIII”:*

“Quem cotchitcha, o rabo espitcha.

Quem escuta, o rabo encurta.

Quem importa, o rabo entorta”.

Aqui sim, jazem as faculdades que mais nos importam, onde o glossário cuiabano pertence às primeiras séries da alfabetização amorosa. Cultivar o carinho pela fonética regional não é desprezar a cultura erudita, como acusa o obsessivo do regionalismo. Após as minhas bodas de prata com Cuiabá, no dia 08 de abril passado, onde casei duplamente com a terra, ao desposar uma mulher cuiabana, pela manhã, e à noite receber a grinalda da cidadania cuiabana das mãos do Vereador Luiz Mário, na Câmara de Vereadores, *“penso não destoe da aristocracia desta tertúlia”*²³ a escolar lição de cuiabanes, pessoal esforço por homenagear a cidade acolhedora com os carinhos da fala:

Shas Criança! De mamano a caducano...Tá todo mundo enfadado com este canivete curtido só que rodea-toco?Cordero o guri! Os pessoá verdolengo de fome com essa moage. Gente de quem que ele é? Gente de onde será? Ispiaí - esse falatório nem num acaba mais, é bem ladino esse povo da Academia, né? Mas espera: ta todo mundo ocio pro refresco com bolachinha lá do Leilinha.

Ocês ainda não assuntaram? Ê-Á! Agora quando! Essa posse é só discurpa pra coalhar de gente pro fuxico e pra manducar até supitá! Tem tanto trem supimpa que é pra empatxá. Ninguém nem sabe o que os povo gosta mais – se é do chá ou do pampero – um picano o outro, precisa de vê! Mas nem um chêro de mata-bicho serviram? Ah, bora vê se o bifê é bem lambido ou é digoreste. Vamo aguardá a falação pra depois tomá uma bem gelada!

E, óia, falava que tinha uns cara de cachorro que só gorava nossa campanha, só fazeno catimbó... mas quá! Esses num ganha bolachinha, faz rejume. É pêta! Num to fazeno inferno! Nós tudo agora, passado o diz-que-diz-que da eleições, temo que brindá junto. Não é pra ficar roeno os cotovelo, criatura! Vamo festejá Dr. Antônio que tá mais D. Lélia nas artura com punhado de gente amiga.

22 <http://www.varandacuiabana.blogspot.com>

23 Frase de Francisco de Aquino Corrêa, na festa oferecida pelo então Centro Matogrossense de Letras, em 21 de maio de 1927, comemorando-se a eleição do confrade à Academia Brasileira de Letras.

Disque... os abelhudo de fora que só fica sapeano, tá falano que tem velório. Não é todo dia esse muxirum na cultura, né? Os povo das letra é demais de sério. Figa! O bão mesmo era quando o salão tava atapetado de gente, todo mundo ajojado pra ver Dunga tocá uns limpa-banco, Mesquita discursá, D. Aquino rezá... Era só piché e alfenim, mais bolo-de-arroz, puxa-puxa, mané-pelado, francisquito – tudo essas coisa. Agora, tá tudo meio amudado, meio calado. Tem que falá pra'esse povo lançar fora essa montueira de poesia e história pra todo mundo vê, senão os guri fica tudo no ora... veja. Tem que mostrar pra'esses pau-rodado que Mato Grosso tem fermosa tradiçãos. Como não?

É que a cuiabania não pode dá-no-padre, né? Tem que ficá viva. Do contrário, os mais velho pica-a-mula e vai pousa noutro lugar. Essa sem-graceira de caçoá co'cara do cuiabano: “Cuia, Cotxipó entcheu?”. Vamo pará com essa anarquia! Agora, Cuiabá é metrópole, nem num sei disso! Mas, espia...essa tar de modernidade é meio rabo-de-arraia. Num tem mais montueira de coisa boa que dá saudade. A gente então namorava com o pau-de-cabeleira atrás, só segurando vela. Era um tar de passar-dia no Porto, pagando café pra turma. E tomava um quebra-torto na casa de um e de outro, até ficá estufado. Ah, agora quando! Cadê as nossa gente que só se encontra em solenidade ou em velório?! Vamu aprumá, cuiabania! Não vamu dormi de toca!

A gente saía assim, flanano carcado só de bambolê, sem somá co'nada. Andava pra comprá-porco, sem destino. Era tudo amigo. Tomá guaraná na casa de um, chupá caju na casa de outro. Entonce, era um tempo demais de bão! Pouca gente enricava, era tudo simples, de botá cadeira na calçada à tardinha. Num tinha ninguém abonado, com a-ufá de soja, de boi, com a burra cheia! Hoje tamu tudo meio defumado nesse Cuiabá, né? Nem num dá pra banhá no corgo da Prainha ou lavá roupa lá no Pedra do 21. Mas...ainda tem um punhado de gente que ainda bota as cadeira pra tomar sereno, morgano depois da ceia. Só recolhe, quando dá friage, pra não dá constirpação, né?

Minha casa era tudo de porta aberta, sem perigo. De adobe, fresquinha de pisá. No quintá, sempre os mangeirá e ali, no canto, aquele cajueiro demais de grande, florido depois da chuva. Espia o poeminha de Moisés²⁴:

*Minha casa geminada
Qual alma do meu povo.
Uma porta uma janela
De trancas e tramelas.
Calcada alta pra 'tchuva' escorrê.
Testada vermeia, branca amarela
Uma cancela que sempre 'geme'
Quando 'tchega' 'tchegnté'
Feita de frente pro Sol poente.
Minha casa, não é só casa,
Minha casa em lar!*

24 *Op. Cit.*

*De portas abertas, prá quem passar
De portas abertas, prá quem chegar.*

Era bem tranquilo nossa cidade. Tinha uns oreia, carne-de-pescoço que quando comia um engasga-gato ou brigava na politicagem, fazia piseiro em Cuiabá. Daí os coroné arrepiava e ficava tudo em paz de novo. Lembro de tudo esse, alisando a roupa, aprontano ligero pra ir pra escola. Nós ia com o cabelo tudo a trouxe-mouxe suportá aqueles professor casca-de-ferida. Tudo nós remelento, num era os povo fino do Centro. Era uma viagem pra chega no Cotxipó-da-Ponte, alembra? Quando era a hora da merenda lá no Petche-Frito, depois de cumê fiado nos bulicho, os guri ficava de chacho co 'as moça, dava aquele tropé. Depois, tudo vortava a ser amigo. Precisava de ver...

Aforante isso, tenho medo o amenhã. To meio macambúzio. Num se sabe o que vai sê, a gente vai atamancando, né? Só gosto de alembra que nós curria tudo de a pé, pulano nos quintar despois da chuva de caju, só sujano as ropa-branca que tava quarano. Os meni-no brincava com pandorga, bulita, pau-de-bosta, ou ajuntava um no outro com pari-gato. Obrava até na rua. Vote!!! Era uma falação da piaveira, mas era demais de bão. "Rapariga da guarita, não tem mais...". Larga mão, guri: óia o abuso!

Còesse povo diferente, ta um vasqueiro de música. Fico aqui padecendo ressabiado c'essas modernidade. Quando que nós vai de novo com a perua a-ufa de gente lá no Bem-Bem? E no Clube Feminino, acabano a seresta lá no Dão Bosco. Ê-Á, agora de que será? Bunito pro-cê saindo chilado de lá, torto de tomá umas bem gelada! Ficava nós tudo só no tortoá na Praça Alencastro: um que sobe, um que desce. Precisamo rufá o pau de novo, meu povo!

Pois é, shô mano! Parece transanteontem...Dá uma tristura quando a gente não reconhece mais nossa terra. Tô meio jururu. Nhô sim! Duvidá, tem pouca gente que ainda sente orgulho de ser cuiabano. Ê da sabença de todo mundo que esses pessoar da curtura não é quarta-feira e há de lembrá das vertude dos antigo. Tem que ter mais festança, que nem o reinado de São Benedito ou do Divino Espírito Santo. Quiu, quiu, montô no porco! Os povo tá còsaudade de se incontrá no espeio e sabê que tem vida no Cuiabá. Mas...quem bejô, bejô...quem não bejô não beja mais? Aonde! Rebuça, caítitu!

Mira que mimosa a quadrilha do poeta Hélio Serejo²⁵ que acaba de nos deixar:

*Oia...é a garça morena
Bunita...sortano pena;
Aquele preto...o chupim,
O co da terra...o sem-fim...
E essa doída chocadeira
É o ronco da cachueira;
Como para, seu Antão
Bote a mão no seu coração

25 Falecido em outubro de 2007, o poeta e acadêmico Hélio Serejo escreveu *Canto Caboclo*, de onde extraiu-se a poesia citada.

*Agora, tire o chapéu
Tamo chegano no céu.
É ali meu Mato Grosso
Esse gigante Colosso.*

Prestenção, abestado! Larga de mão! Ninguém aqui é bocó. Nós fala anssim pru-quê é da terra. Gente do Rio-Abaixo, Gente do Rio Acima, Gente do outro lado do Rio, é tudo sabido, viu? Um horror de janota que zombava de nós, nem num esquentô a cama no Cuiabá: tudo posudo foi protras banda. Quem tem a fortuna de vir pro Cuiabá é demais de largo! Num tem esses povo que tem a pachorra de lambê os beicho co'nosso petche-co-maxixe prá despois arrotá churasco, rufano a cidade? Vote! Pros tocera que fica posando de esperto, sujo que tá...diz-que tamo rino da sha cara! Toma! Óia o pito!

Conheceu, papudo? Num me entendeu? Quem não sabe as língua dos povo, é tudo Bobó chera-chera! Bocó-de-fivela! Num é pra ficar murdido, shô mano! Só tô chuçando pra ver se ocê aprende! Tamo abanando, shás criança – tô que nem capa de gaita! Bons anos pro'shes. Mas, óia: diz pro povo digoreste da Casa Barão de Mergaço mandá tudo os mequetrefe dá o pira daqui, despois bater no peito e dizê –sô bem cuiabano, de tchapa e cruz!²⁶

Reparem na excentricidade do orador que da prosa, arriscou um verso! Justifica-se, porém, essa breve incursão, em prol de enfeixar o sentimento mais absconso do coração da plateia. A perdurar apatia, as nossas coisas vão se amofinando lentamente, numa letargia triste da modernidade ignorante. Senhores! É tanto carinho por estas ruas e casarios, é tanta fé nesta gente cuiabana que só não morro de amor para poder viver de amor. Escuta Cuiabá! Declamou um dia o jornalista e poeta Carmindo de Campos²⁷:

*“Cuiabá, minha velha e lendária cidade.
Você está remoçando...
Está ficando mais bonita ...
Está ficando mais, muito mais, catita.*

*Se Pascoal Moreira Cabral visse você agora,
Garanto, não ia mais embora,
Nem Pires de Campos, nem outro bandeirante,
Porque você minha velha, está fascinante!*

²⁶ Texto próprio com vocabulário retirado de “O linguajar cuiabano e Outros Escritos”, de António de Arruda e complementado pela “Linguagem Cuiabana”, glossário presente no sítio virtual Varanda Cuiabana, de Pedro Rocha Jucá.

²⁷ Do poema “Cuiabá” de Carmindo de Campos, nascido a 28/05/1898 e falecido a 28/05/1973

*Você bem merece a liderança
Desse velho e valente Mato Grosso.
Você tem um quê que prende a gente.
Você, minha velha, é um colosso!...*

*Tudo em você, tudo, recende a Brasil.
Seus morros, seu rio piscoso, o céu de anil.
Seu rio é seu pai, e igual não há.
Foi ele quem lhe deu esse nome poético: Cuiabá!*

*Oh minha cidade linda, não sei porque,
Quando sinto imensas saudades de você
Sinto saudades do pacu, do bagre, da piraputanga,
Do licor de pequi, doce de caju e da manga!*

*Sinto saudades desse calor sadio,
Que às vezes é melhor, muito melhor que o frio!
Oh minha cidade linda, que igual não há:
Oh minha velha e idolatrada Cuiabá”!*

Talvez por isso, a votação de dois terços da Casa de Leverger não tenha sido em meu benefício, mas sim uma antecipação da minha homenagem à Cuiabá. Eis aí a justa paga da cuiabania. Seja, portanto, o meu epitáfio a certidão de nascimento que não tive – um cuiabano. É o favor que rogo à minha posteridade.

À GUIZA DE CONCLUSÃO

A fim de seduzir os circunstantes, promovo o desenlace do discurso, permitindo-me uma simpática quadrinha do imortal Newton Alfredo de Aguiar:

*“Discurso na Academia,
Terror de todo imortal!
Se é grande, logo entendia
Se é pequeno, “pega mal”²⁸.*

Pedindo as escusas da assembleia por ter imprudentemente ignorado a sentença do grande orador Horácio – *esto brevis et placebis* – sê breve e agradarás, colhendo a compreensão de todos pela grave missão de resgate de valores e comunhão popular e acadêmica, despeço-me como comecei: louvando a Deus e a N. Senhora de Auxiliadora, beijando Geraldo e Carla Mahon e amando a esposa, Clarisse. Espero que, neste final, meu pai diga consigo mesmo – Arretado!

²⁸ Extraído da posse do acadêmico Newton Alfredo de Aguiar, em 18 de abril de 1986.

Disse Fernando Pessoa – “*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*”. Eis-me aqui, Senhores!, Aí está o discurso – a missão é finda: não me é dado o sentimento de medo, porquanto sonhei o que o Grande Arquiteto do Universo assim o permitiu. Os irmãos da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Justiça e Liberdade, jurisdicionada pela Grande Loja Maçônica de Mato Grosso, podem afiançar por mim que nunca me acoorei frente ao poder ou à autoridade: assumo, pois, a imortalidade mato-grossense de bom grado e sem peias, levando comigo a compostura do avental de trabalho incólume de manchas.

Feito o minucioso inventário das biografias, das intenções e das emoções, seja eu merecedor ou não da cátedra imortal, julgue-me os senhores no presente, e outros, no futuro. No ocaso da vida, procurarei fazer minhas as palavras do próprio Leverger que me cede o magno assento: “*Só, sem apoio, nem auxílio, no meio de estranhos, pude, com o meu trabalho, prover, os meus da subsistência material e intelectual. Minha vida não foi isenta de peripécias; mas nenhum desastre a convulsionou. Não sou rico, nunca o fui; jamais, porém, me faltou o necessário. Pude até muitas vezes satisfazer desejos e caprichos que, aliás, de contínuo busquei o que felizmente consegui. Sem intrigas, nem proteções, logrei alcançar certo nome e posição social que, sem me darem vertigem, estão contudo, muito acima do quanto eu poderia ter ambicionado*”²⁹.

Eis aí a dissecação pública ao orador, da qual falava Gervásio Leite. Neste breve pretérito, julgo não tenha eu alvejado o léxico nacional, nem arranhado a gramática com seus signos mais ortodoxos, pois que ultrapassei todo regramento cerimonial, a extravasar do peito sentimentos que não cabem na métrica da minha prosa. Houve, num átimo, poesia. Daí que, nessa altura, já sem freios, lanço-me à peripécia de declamar uma minha autoria, no seio do Parnaso Mato-grossense:

Eu tentei, mendigando, fazer-te um verso
Recortar, de memória, as melhores passagens
Buscar na lembrança os mais lindos concertos
Mentir pra mim mesmo, impossíveis viagens.

Fingir-me um poeta, de enormes vertigens,
Ou um cavaleiro Quixote inspirado
Quem sabe as lembranças de mulheres virgens
Ou gozos que tive, sem fugir culpado.

Não darei a saber quem amei muitas vezes
Centenas de beijos ou juras covardes
Jamais saberás quantas matei a sede
Ou se traí umas com outras, no cair da tarde.

29 Trecho encontrando em Virgílio Corrêa Filho, na obra *O Bretão Cuiabanzado*, publicada na Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, 1929, fls. 51 e ss.

Pega o que é teu, por direito, Clarisse
Aquele carinho que foi sonogado
Sempre há no céu uma estrela que disse
'Nunca é tão tarde, esquecendo o passado'

Toma o que é teu sem demora, menina
Antes que o vento me leve, ligeiro
Faça de mim um começo de novo
Ultimo homem e pra ti, o primeiro.

Escuta Cuiabá! Como Ruy Barbosa prelecionava: “*Há moços velhos e há velhos moços*”. Este moço envelhecido pelas tradições cuiabanas nas quais se batizou, finaliza a peroração à sombra dos vultos eminentes que hoje cobram a dívida deste recipiendário com as letras, à maneira do ocupante primaz da Cadeira 11, o Prof. Estevão de Mendonça³⁰: “*outros fariam ou farão melhor; eu fiz o que pude*”.

Muito Obrigado!

30 *Datas Mato-grossenses, citando Castilho.*

POSFÁCIO, PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



Ao reunir estes Discursos em Opúsculo, iniciativa do jovem acadêmico Eduardo Mahon, que ora integra o Quadro dos Escritores da Academia Mato-Grossense de Letras, escritor e entidade, cumprem o compromisso fundamental das Academias, que é o de zelar e cultivar as belas letras nas suas diversas expressões.

O Discurso de Recepção é de lavra do Acadêmico Avelino Tavares (Cadeira n.17), autor de incontáveis crônicas publicadas nos Cadernos de Cultura da imprensa mato-grossense, há mais de 15 anos, numa coluna que ele próprio intitula de “*Janela do Tempo*”. Mesclando prosa e poesia, produzidas num estilo diversificado – épico, romântico e parnasiano –, sua generosa pena cruza o passado e o presente para louvar ora a beleza, ora o homem, e ora as tradições de Mato Grosso. Memória Viva/ Re (Vida)/ e Re (Vivida).

O Discurso de Resposta, ou recorrendo à expressão acadêmica usual, o Discurso do Recipiendário, já antecipamos, é de autoria do Acadêmico Eduardo Mahon (Cadeira n.11), advogado e professor, militante e especialista em Direito Penal. Autor do livro *O Ministério Público de Robespierre* (São Paulo: Juruá, 2005), onde questiona de modo arguto e pungente o papel do Ministério Público no tocante a condução das investigações criminais à luz da biografia de Robespierre, o conhecido herói (para uns) e anti-herói (para outros) da Revolução Francesa. Tem publicado consubstanciados ensaios e artigos de natureza política e jurídica em revistas especialistas e jornais de todo o país. Entre os periódicos que escreve destacamos a *Revista dos Tribunais*, de grande importância em matéria de ciência jurídica.

Une-se, deste modo, neste Opúsculo, a fala-escrita de um cronista-poeta do cotidiano, a fala-escrita de um advogado-escritor, cumprindo, na prática, um outro ideal expresso pelas Academias, e, por conseguinte, pela Academia Mato-grossense de Letras: congregar escritores de todas as áreas, sem concessões de papéis funcionais, uma vez que se veem mantidos os ideais da beleza e função social e moral da escrita.

Com isto, ganha ainda o leitor que tem, em mãos, uma parte da história da escrita – fatia de criação cultural – para conhecer e aplaudir.

CADDEIRA 13

PATRONO

Antônio Corrêa do Couto

OCUPANTES

Archimedes Pereira Lima
José Eduardo do Espírito Santo
João Batista de Almeida

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ EDUARDO DO ESPÍRITO SANTO

Cuiabá, 27 de junho de 1996

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
ACADÊMICO JOSÉ EDUARDO DO ESPÍRITO SANTO,
PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO**

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ EDUARDO
DO ESPÍRITO SANTO**

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ EDUARDO DO ESPÍRITO SANTO, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO



Encadeada na série de eventos comemorativos dos seus 75 anos de existência, a Academia Matogrossense de Letras, nesta noite festiva, abre as suas portas para a Sessão Solene de recepção a mais um membro efetivo - o acadêmico-eleito, jornalista José Eduardo do Espírito Santo.

Teremos ainda, programados para este auspicioso período: na primeira quinzena do mês próximo o lançamento do livro *A divisão de Mato Grosso*, do jornalista Pedro Valle; com data ainda indefinida, a posse acadêmica do poeta Rubens de Castro e os lançamentos: do livro *Histórias do Velho Mato Grosso*, de minha autoria, e da *Antologia* com produções dos acadêmicos deste silogeu - ambos em edições patrocinadas pela Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso; por fim, deverá ainda ocorrer o lançamento do número especial - patrocinado pela Universidade Federal de Mato Grosso - da *Revista da Academia Matogrossense de Letras* que trará um retrospecto histórico, desta entidade, organizado pela acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, nossa incansável colaboradora.

Esta cadeia de comemorações deverá fechar-se, a 7 de setembro, em Sessão Solene dedicada ao Jubileu de Diamante da nossa Academia.

A todos os presentes antecipo o convite para repartir, conosco, a alegria que nos dará o cumprimento desta programação.

No período desde o último evento aqui ocorrido, temos a registrar, além da continuação de patrocínios já reconhecidos e citados em ocasiões anteriores, a importante doação que fez à nossa Casa Barão de Melgaço, a Companhia Cervejaria Cuiabana - fundada pelo saudoso confrade Archimedes Pereira Lima e hoje fabricante dos produtos Brahma - de uma central telefônica com cinco ramais e um aparelho de fax, o que fez esta mais que bicentenária casa passar a abrigar algum progresso tecnológico do século XX. Também assinalamos a cooperação da Cia. Cervejaria Antarctica, recém-instalada com fábrica em Cuiabá, que passa a colaborar, para o sucesso dos nossos eventos, oferecendo os seus produtos antes ofertados pela Disbell, sua distribuidora.

Após este breve noticiário, passo a viver a satisfação da recepção ao empossando de hoje que - com a sua inteligência, capacidade de trabalho e privilegiadas condições físicas - promete-me grande colaboração na árdua missão de fazer continuar viva e produtiva a Academia antes conduzida por José de Mesquita, Antônio de Arruda, Cesário Neto, Vanir Delfino César, Gervásio Leite, Lenine Póvoas e Clóvis de Mello - uma sequência de brilhantes e dedicados Presidentes só agora quebrada por este humilde médico da roça que, no intuito de trabalhar pela sua Terra, ousou ascender a tão dignificante posição.

José Eduardo do Espírito Santo é um jornalista a suceder Archimedes Pereira Lima, outro jornalista, que, por 50 anos, ocupou a Cadeira nº. 13 da Academia Mato-

grossense de Letras, a qual tem, com muito mérito, como Patrono, o também jornalista Antônio Corrêa do Couto.

Em 24 de maio de 1.946, José de Mesquita, ao abrir a Sessão Solene em que se deu a posse de Archimedes Lima, disse algumas palavras que hoje eu, com reforçada razão, relembro: *a festa de hoje é bem a Festa da Imprensa, a consagração acadêmica do periodismo..* Sim, tenho mais razão, pois testemunharemos, logo mais, a posse de mais um jornalista na Cadeira patrocinada pelo grande Corrêa do Couto e antes ocupada por Archimedes Lima.

Positivamente, esta festa é da Imprensa, da qual sempre defendendo e defenderei a liberdade; e considero, como tal, tanto a liberdade de publicar como a omissão, por opção do editor, de não divulgar qualquer matéria chegada às suas mãos. Porém, reservo o meu maior respeito à imprensa ética, responsável e à que se propõe à propagação, e consequente preservação, cultural - tão necessária em nosso meio, hoje sob a influência geral da globalização pelo progresso das comunicações eletrônicas e, em particular, pela grande afluência de patrícios, chegados de outras plagas, com culturas diversas e marcantes.

Muito já se discutiu sobre a relação jornalismo/literatura. A meu ver, não é relevante, esta polêmica, uma vez que todo o conjunto de um setor do conhecimento humano, quando impresso, constitui uma literatura - embora, esta, possa ser eminentemente técnica. Assim, temos a literatura médica, a jurídica, a religiosa e uma infinidade de outras compatíveis com este conceito. Mas, o relevante para uma Academia de Letras que, em seu dístico compromete-se com o cultivo do belo como expressão - *Pulchritudinis Studium Habentes* - é saber se o jornalismo é exercido apenas com técnica ou também com a Arte, veículo da beleza. Consideremos que muita expressão ainda que técnica pode ser formulada artisticamente. Isto ocorre quando o redator, além do intelecto, coloca algo de si próprio - do seu íntimo, da sua própria alma - no texto que produz.

Archimedes Lima exerceu o jornalismo-arte, como bem deixou extravasar em resposta dada a um elogio recebido por um artigo, de sua lavra, sobre o amigo recentemente falecido, o poeta Arnaldo Serra - segundo Jucá, em *Palavra de Jornalista* - disse ele naquela ocasião: *Trata-se de um artigo como tantos outros, sem maiores pretensões, publicado em "O Estado de Mato Grosso". Escrevi-o, entretanto, com o coração.*

A apresentação e recepção oficial ao empossado estará a cargo do acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura, motivo pelo qual não me alongo na apreciação da sua personalidade.

Porém permita-me, acadêmico José Eduardo do Espírito Santo, desejar-vos que ocupéis por, no mínimo, outro meio século a Cadeira que pelo vosso valor conquistastes e que, quando ocorrer a posse do vosso substituto, tenha razões o Presidente, de então, para dizer a vosso respeito o que hoje digo daquele que vos antecedeu:

O falecimento de Archimedes Pereira Lima deixou-nos uma saudade!... mas, isto não é o que mais sofremos pois, a saudade, se por um lado nos dói, por outra face é sublime e inspiradora levando-nos a lembrar, com carinho, os ausentes queridos; esta perda, além da saudade, deixou-nos uma grande falta por ter sido ele um confrade responsável e dedicado...

Está aberta a Sessão!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ EDUARDO DO ESPÍRITO SANTO



Assumo a Cadeira nº 13 desta Academia Mato-Grossense de Letras, no ano em que ela completa setenta e cinco anos de existência, profundamente grato, como paulista de nascimento e mato-grossense/cuiabano por vontade própria, a todos aqueles que me permitiram, a partir de hoje, desfrutar deste convívio com as mais insignes e ilustres figuras das letras e do pensamento contemporâneo do Estado de Mato Grosso.

Não venho como poeta e nem como escritor, que nunca fui; mas como jornalista profissional, que nunca deixarei de ser.

É na condição de jornalista – uma profissão que sempre procurei honrar ao longo dos últimos quarenta e dois anos de minha vida – que falarei, agradecendo aos membros desta augusta Casa Barão de Melgaço a recepção que me proporcionam, fazendo questão, entretanto, de deixar assinalado nos anais desta Academia, que também recebo as deferências, das quais estou sendo alvo, como uma homenagem das mais sinceras a todos os jornalistas de Mato Grosso – os jornalistas que já se foram e os que se encontram em atividade profissional. Recebo-as em nome dos primeiros, pelo muito que fizeram para o engrandecimento da imprensa mato-grossense e em defesa desta cidade de Cuiabá, de Mato Grosso e do próprio país; em nome dos que se encontram no pleno exercício profissional, sobretudo os jovens, pela certeza que tenho de que todos eles, conscientes de sua alta missão, procurarão sempre honrar e dignificar aqueles que os antecederam na profissão, exercitando-a, corajosa e livremente, numa das mais fascinantes, fantásticas, desafiadoras e exuberantes regiões deste país.

Já dizia Rui Barbosa, o grande mestre baiano que *cada jornalista é para o comum do povo, ao mesmo tempo, um mestre de primeiras letras e um catedrático da democracia em ação, um advogado e um magistrado. Bebidas com o primeiro pão do dia, as suas lições penetram até ao fundo das consciências inexpertas, onde se elabora a moral usual, os sentimentos e os impulsos, de que depende a sorte dos governos e das nações. Maior responsabilidade, pois, não pode assumir um homem para com o próximo, para com Deus.*

Ao homenagear os meus companheiros de profissão, transferindo a todos eles, também, as homenagens que aqui recebo, recordo-me, com muito respeito, ao citar o mestre Rui Barbosa, do eminente jornalista e homem público que estou sucedendo nesta Casa, o sempre presente Archimedes Pereira Lima, professor de lições inesquecíveis, cidadão de posturas coerentes, escritor comprometido com o seu povo e com todas as épocas, fundador de jornais, disseminador de ideias e ideais, criador e administrador de empresas públicas e particulares, em Mato Grosso e por este Centro- Oeste afora.

Quem retratou muito bem a figura de meu antecessor nesta Cadeira nº 13, por ele ocupada praticamente durante meio século, foi o jornalista e também Acadêmico Pedro Rocha Jucá ao lembrar, em livro de sua autoria, que Archimedes Pereira Lima, *possuindo um dos currículos mais brilhantes da sua geração, sempre exaltava o seu ofício, destacando o jornalista que jamais deixou de ser.*

Prefaciando esse trabalho, fruto de uma pesquisa muito bem realizada pelo jornalista Pedro Jucá, o também Acadêmico, jurista ilustre e renomado, na época presidente desta Casa, Clóvis de Mello, além de outros conceitos emitidos sobre a personalidade do saudoso homem público, disse que *Archimedes Pereira Lima, jornalista e historiador, empresário, é para nós um paradigma da mais alta dignidade, do amor ao trabalho, do entusiasmo pelo nosso desenvolvimento e pela cultura de nossa gente. Exemplo e Palavra de Jornalista* – título da obra do confrade Jucá – acrescentou o Acadêmico Clóvis de Mello – *é uma biografia, enriquecida por textos que expressam o pensamento do autor, do homenageado e de seus amigos, que estes Archimedes soube cultivar com particular carinho, na longa e proficiente trajetória de uma vida edificante, toda ela dedicada ao trabalho e à prática do bem.*

Como o tempo já vai longe – afinal cinquenta anos nos separam da solenidade de posse de Archimedes Pereira Lima nesta Academia, que aconteceu no dia 24 de maio de 1946 – sinto-me na obrigação, cumprindo-a com muito prazer, de recordar pelo menos alguns momentos daquela cerimônia e, sobretudo, de alguns tópicos dos discursos proferidos pelo jornalista e pelo desembargador José de Mesquita, um dos fundadores desta Casa, um de seus maiores incentivadores e, como diria o Acadêmico e historiador Lenine Póvoas, *figura exponencial das letras mato-grossenses.*

Ao abrir a solenidade, como presidente, José de Mesquita, também um jornalista e dos melhores, *foi fiel às suas origens*, como bem lembrou em seu livro, sobre Archimedes, o Acadêmico Jucá.

A Academia Mato-Grossense de Letras – falou José de Mesquita – *abre hoje suas portas a um lídimo representante da imprensa – o jornalista Archimedes Pereira Lima. Podemos dizer, com justificada satisfação, que a festa de hoje é bem a Festa da Imprensa, a consagração acadêmica do periodismo.* E afirmou, mais adiante, o presidente José de Mesquita: - *O que empresta maior significação à entrada do novel Acadêmico desta noite no silogeu das boas e belas letras mato-grossenses – é, sobretudo, ser ele um autêntico representante da imprensa, sendo pura e simplesmente, no momento, um jornalista. Nenhum outro cargo desempenha, função qualquer de outra natureza lhe ocupa a atividade, senão essa, que, por assim dizer, é a melhor e maior tarefa que, na hora trepidante e confusa que vivemos, pode desempenhar um cidadão, a serviço da causa pública. Archimedes Lima, que sabe ser periodista elegante, e castiço, reunindo os dotes da Academia aos de homem de imprensa, entra, pois, para esta Casa dos Homens de Letras, que bem se podia chamar a Casa dos Jornalistas Mato-grossenses, trazendo credenciais que o habilitam a ser, em nossa grei, o verdadeiro embaixador do jornalismo moderno.*

Depois de ser recepcionado pelo Acadêmico Gervásio Leite, seu amigo e companheiro de fundação do jornal *O Estado de Mato Grosso*, Archimedes Pereira Lima proferiu, talvez para a época, um dos mais contundentes discursos que esta Casa já ouviu, enaltecendo-a como um *refúgio severo, onde tudo nos fala da tradição* e como um *Templo da Cultura*, dizendo, logo após, dirigindo-se a todas as Academias de Letras do país, que era preciso que elas, cada dia mais, se integrassem e mais se identificassem *com*

os problemas que afligem a humanidade, pois não pode haver, a esta altura da evolução técnica do mundo, nenhum cenáculo fechado às realidades humanas.

Em meio das incertezas da hora presente, quando uma clara ameaça nos vem do estrangeiro – sustentava com uma atualidade impressionante o jornalista Archimedes Pereira Lima – é dever de todas as Academias reagirem, concorrendo com os seus esforços para a salvaguarda de nossas tradições e de nossas forças espirituais. Não podemos nos isolar aqui numa torre de marfim, calafetar as portas deste augusto recinto, para que não nos cheguem os ruídos da vida exterior. Não podem as academias ser indiferentes aos embates da humanidade.

É a este jornalista e a este Acadêmico, lúcido, corajoso e brilhante, que tantos exemplos de sabedoria e de desprendimento nos legou, que tenho a grande honra de suceder nesta Casa e para a qual venho, humildemente, com as melhores das intenções, porque acredito que, colaborando com ela e com todos os seus membros, estarei também colaborando com Mato Grosso, com o Brasil e principalmente com esta cidade que tão bem me acolheu a partir do momento em que, vítima como tantos outros da intolerância ideológica instaurada no país após os acontecimentos políticos, militares e religiosos de 1964, busquei, ainda jovem, nesta imensidão amazônica, uma alternativa que pudesse me permitir a reconstituição da própria vida.

Cheguei a Cuiabá exatamente no dia 27 de setembro de 1966, para nunca mais sair daqui. Mas trouxe comigo – e todos eles aqui se fortaleceram ainda mais – os mesmos sonhos que sonhava e ainda sonho, os incontáveis sonhos de uma geração que durante anos não poderia e nem deveria pensar como pensava, nem discordar como discordava e muito menos se insurgir como se insurgia, empunhando apenas as armas de defesa das liberdades públicas e democráticas, contra os desacertos, os desmandos, as perseguições, os desatinos que se acumularam ao longo da nossa história, em prejuízo dos mais legítimos e indisfarçáveis interesses da sociedade brasileira, da economia e da independência nacionais.

Vejo-me hoje como integrante de uma Academia de Letras composta também por intelectuais que viviam ou viveram no mesmo recanto bucólico onde fui morar nos primeiros tempos de Cuiabá. E reconforta-me constatar que o velho Mundéu, além da figura maior de Dom Francisco de Aquino Corrêa, tem aqui a representá-lo personalidades ilustres como um Benedito Pedro Dorileo, um Clóvis de Mello, uma Nilza Queiroz Freire, um Benedito Pereira do Nascimento e também esta notável e legendária figura da vida cuiabana que é o médico, o líder político, o espadachim pantaneiro, o orientador e conselheiro Clóvis Pitaluga de Moura, que me honrou sobremaneira ao aceitar o convite para proferir o discurso de minha recepção nesta Casa, em nome de todos os demais confrades.

Sou-lhe grato – especialmente grato - pelas referências que fez à minha pessoa.

Conheço o Dr. Clóvis Pitaluga de Moura desde quando aqui cheguei e a seu respeito, além da amizade que o unia a Dom Aquino Corrêa, já ouvi inúmeras histórias e outras tantas eu mesmo as presenciei e testemunhei nos momentos em que esta cidade, sob a sua liderança, levantou-se contra a depredação do rio Cuiabá, contra o

irresponsável e criminoso extermínio das nossas reservas naturais de peixe, contra as obras que podiam – e ainda podem, se porventura retomadas, como se anuncia – comprometer definitivamente a existência não só do rio Cuiabá, já castigado demais pelo tipo de *progresso* desordenado que foi imposto a esta região do país, mas do próprio Pantanal, este santuário que a todos nós, brasileiros desta geração, compete preservar e defender, como já o fizeram os brasileiros e os mato-grossenses que nos antecederam.

Conheço-o como médico, e, na condição de médico e cidadão, a sua dimensão de ser humano ao reverenciar a memória de seu colega José Monteiro de Figueiredo – o Dr. Zelito – dias após a sua morte, numa comovida e sincera manifestação de saudade, de reconhecimento e de respeito profissionais.

Conheço-o também como cidadão destemido, que mesmo devendo algumas gentilezas ao médico – até mesmo a operação de um irmão – não teve a menor dúvida em criticar o ministro que defende a CPMF para a Saúde, dizendo, com todas as letras e num desabafo de brasileiro inconformado, que *o remédio que o mestre tem e sabe usar é outro e não este ou qualquer ardil, que possa estimular o roubo contra o povo faminto, sem teto, sem emprego, abandonado à própria sorte.*

Conheço-o, também, como o intelectual de frases bem pensadas e bem pronunciadas, com o sotaque do pensador do Rio Abaixo, como aquela em que saudou recentemente as autoridades locais que acabavam de proibir a comercialização do peixe para fora de Mato Grosso.

Fiquei emocionado de ver nossos políticos agirem corretamente, protegendo o rio Cuiabá – disse o pantaneiro Clóvis Pitaluga de Moura. *Este rio Cuiabá que vale pela vida que carrega e pela história que conta.*

Numa dessas coincidências que somente a vida e os acontecimentos que a envolvem conseguem ou podem explicar, o Acadêmico Clóvis Pitaluga de Moura, que me recepcionou nesta cerimônia de posse, foi recepcionado, ao assumir a Cadeira nº 5 desta Academia, pelo jornalista Archimedes Pereira Lima, a quem tenho a grande honra de suceder na Cadeira nº 13, da qual é patrono o jornalista, advogado e homem público Antônio Corrêa do Couto, uma personalidade mato-grossense ainda pouco conhecida como um construtor de vigorosos capítulos da história deste Estado.

Não me foi fácil, confesso, recolher informações sobre a vida e a obra de Antônio Corrêa do Couto para também poder, nesta noite, falar a seu respeito. O que se conhecia era muito pouco, ou quase nada, embora tenha encontrado inúmeras pequenas referências, feitas por historiadores, em algumas das publicações que tive O trabalho de compulsar para dar à pesquisa o máximo possível de confiabilidade.

Fui buscar, então, nas mais diferentes fontes, outras informações e dados a seu respeito para poder, assim, começar a compor a sua história, não apenas a sua história pessoal, familiar e política de Cuiabá, São Paulo, Rio de Janeiro e Teresina, no Piauí, mas também a sua história familiar na cidade de Cáceres, que pouquíssimas pessoas até então conheciam e que acabou por nos revelar, aqui tão perto de todos nós, a existência de uma senhora, que também pouquíssimas pessoas sabiam ser a única neta viva. Hoje, de Antônio Corrêa do Couto – a Prof^a. Perolina Faria Couto Curvo.

A primeira dessas fontes que busquei foi o livro *Roteiro Genealógico de Mato Grosso*- volume I – de autoria do Acadêmico Adauto Alencar e, depois, algumas outras publicações e finalmente a realização de uma pesquisa que me foi possível concluir pelo apoio que recebi do senador Jonas Pinheiro e do deputado federal Manoel Antônio Rodrigues Palma, aos quais agradeço penhoradamente pela colaboração que me emprestaram. As informações enviadas pelo senador Jonas Pinheiro foram conseguidas, no Piauí, através do senador Hugo Napoleão, e as que me foram encaminhadas pelo deputado Rodrigues Palma obtidas junto aos responsáveis pelos arquivos do Congresso Nacional, em Brasília.

Antônio Corrêa do Couto, patrono da Cadeira nº 13 da Academia Mato-Grossense de Letras, representa a quarta geração da família Corrêa da Costa e a terceira geração da família Couto, duas das mais antigas e tradicionais do Estado de Mato Grosso.

Foram seus bisavós o capitão Francisco Corrêa da Costa, nascido na Vila de Maçarelos, bispado do Porto, em Portugal, que veio para Cuiabá em data não identificada e que aqui faleceu por volta de 1.800 e Maria Tereza de Jesus, natural de Cuiabá, filha de pais naturais de São Paulo, que chegaram a esta cidade também em data não identificada.

Seus avós foram Gertrudes Maria de Jesus, filha mais velha de Francisco Corrêa da Costa e Maria Tereza de Jesus, e o capitão de milícia José do Couto da Encarnação, tronco da família Couto em Mato Grosso e, seus pais, Vitoriano José do Couto e Ana Luiza Tereza da Silva.

Antônio Corrêa do Couto nasceu em Cuiabá no dia 2 de novembro de 1827, sendo batizado nesta mesma cidade no dia 7 de janeiro de 1828. Faleceu em Cáceres, aos 52 anos de idade, no dia 5 de julho de 1879. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e casou-se, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, aos 24 anos de idade, com Antônia Gonçalves, tendo desse casamento um filho de nome Lauro, batizado na Catedral de Cuiabá, com quatro meses de idade, no dia 1º de maio de 1851.

Casou-se nesta capital, pela segunda vez, em data não identificada, com Maria Amélia, nascida em Cuiabá, transferindo-se, em seguida, para a cidade de Cáceres. Ali, em 1873, nasceu o seu segundo descendente, batizado com o nome de Antônio Corrêa do Couto Filho, que se casou com Maria da Glória Faria Couto, cuiabana de nascimento e filha de Nonato de Faria, um dos combatentes da Guerra do Paraguai. Antônio Corrêa do Couto Filho, que morreu em 1933, aos 60 anos de idade, teve sete filhos, todos cacerenses, dos quais dois homens e sete mulheres, estando viva, hoje, apenas, a professora Perolina Faria Couto Curvo, residente há muitos anos em Cuiabá, casada com o ex-vereador Edgard Curvo e mãe de três filhos – Rafael, Edna e Ana, bisnetos, portanto, do patrono da Cadeira nº 13 desta Academia de Letras.

A professora Perolina Faria Couto Curvo veio para Cuiabá ainda muito jovem, a conselho do pai, e aqui estudou na antiga Escola Normal “Pedro Celestino”, onde se formou. Depois de amanhã, 29 de junho, Dia de São Pedro – daí a origem de seu nome – a única neta viva de Antônio Corrêa do Couto vai comemorar o seu septuagésimo sexto aniversário de nascimento, entre familiares e amigos que muito a

estimam como esposa, avó e companheira, e que muito nos honra, hoje, com a sua presença nesta Casa.

Antônio Corrêa do Couto, além de advogado militante e *um homem de muitas atividades*, como nos conta o Acadêmico Aduauto Alencar, foi também Promotor Público, deputado à Assembleia Geral Legislativa, exercendo o mandato na cidade do Rio de Janeiro, entre 1858 e 1863, ainda no tempo do Brasil Império. Foi também um jornalista atuante, tendo fundado dois jornais: o primeiro em Cuiabá - *O Guaicuru* – oficialmente lançado no dia 30 de junho de 1870, portanto há 126 anos, e, o segundo, em Cáceres, logo após a sua transferência definitiva para aquela cidade.

Escreveu pelo menos dois grandes trabalhos: *Questões de Direito* e *Dissertação Sobre o Atual Governo da República do Paraguai*, este último impresso na cidade do Rio de Janeiro em 1865, segundo o historiador Estevão, de Mendonça, *contendo valiosos subsídios sobre a invasão inimiga, resistência do Forte de Coimbra e evacuação da Vila de Corumbá*.

Certamente por influência de José Antônio Saraiva – o Conselheiro Saraiva da história brasileira – de quem teria sido amigo pessoal e contemporâneo na Faculdade de Direito de São Paulo, Antônio Corrêa do Couto foi nomeado Presidente da Província do Piauí, em pleno exercício do mandato de deputado à Assembleia Geral Legislativa, por Carta Imperial de 10 de novembro de 1858, assumindo aquela alta função no dia 23 de janeiro de 1859 e nela permanecendo, no cumprimento de uma missão, até 27 de junho daquele mesmo ano, quando foi exonerado pelo Decreto Imperial de 16 de maio de 1859, sendo então substituído pelo 3º Vice-Presidente daquela Província, comendador Ernesto José Baptista, a quem deixou um circunstanciado relatório sobre a situação administrativa e financeira da Província.

Não há registro histórico para confirmar tais fatos, mas parece inegável que foi a sua amizade com o Conselheiro Saraiva que lhe abriu os caminhos da representação política, primeiro como deputado e, depois, como Presidente do Piauí. Ele foi o quinto Presidente daquela Província a administrá-la, temporariamente, da cidade de Teresina, fundada e transformada em Capital do Piauí, com a sua transferência de Oeiras, em agosto de 1852, por iniciativa do seu então Presidente, o baiano José Antônio Saraiva, que se transformaria, posteriormente, num dos grandes estadistas do Império, tendo sido por seis vezes ministro de Estado, presidente do Conselho de Ministros em dois Gabinetes, o de março de 1880 e o de maio de 1885, Presidente das Províncias de Alagoas, Piauí, Pernambuco e São Paulo e a quem o Imperador Pedro II, em termos dramáticos apelou no dia 15 de novembro de 1889 para que formasse um novo ministério, em substituição ao do Visconde de Ouro Preto, deposto pela tropa sob o comando do marechal Deodoro da Fonseca, alagoano e nascimento, que anos atrás havia de casado em Cuiabá, onde serviu como oficial do Exército Brasileiro. O apelo do Imperador ao Conselheiro Saraiva, naquele momento, não tinha mais sentido, pois a República, sonhada por muitos, acabara de ser proclamada.

Certamente também por iniciativa de José Antônio Saraiva – e em homenagem ao correligionário, seis anos depois de Antônio Corrêa do Couto haver deixado

a Presidência do Piauí – partiu daquela Província um contingente de 234 homens da pequena Vila de Santa Filomena, distante 1.200 quilômetros do litoral, formando dois corpos de Voluntários da Pátria que iriam, aqui em Mato Grosso, participar de defesa do solo brasileiro, durante a Guerra do Paraguai.

Antônio Corrêa do Couto não foi apenas uma figura ilustre da vida pública deste Estado, mas também um dos grandes oradores de seu tempo, ao lado de Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, Antônio Navarro de Abreu e José Maria Metelo, como relata o Acadêmico Rubens de Mendonça em seu livro *História do Poder Legislativo de Mato Grosso*.

A sua atuação como representante de Mato Grosso junto à Assembleia Geral Legislativa sempre foi das mais brilhantes, participando com um entusiasmo incomum das sessões em que se discutiam temas do mais alto interesse do Império e do país. Dificilmente faltava às sessões, o que representaria, em nossos dias, um exemplo para muitos congressistas que teimam em considerar as casas legislativas, que deveriam frequentar com mais assiduidade, em locais destinados tão somente a atividades que não se coadunam muito (ou quase nada) com a representação que lhes foi outorgada pelo povo. Na sessão do dia 25 de agosto de 1858, por exemplo, ficou registrado nos anais da Assembleia um comunicado do parlamentar mato-grossense em que ele informava não estar podendo comparecer às sessões *por incômodos em sua saúde*.

Ao longo de seu mandato ele foi por diversas vezes nomeado membro de Comissões de Deputados designadas para apresentar, à Sua Majestade o Imperador, a resposta da Assembleia Geral Legislativa à *fala do trono*, participando igualmente, em diversas outras ocasiões, demonstrando o prestígio de que gozava entre os seus pares, de comissões ora encarregadas de opinar sobre os negócios do Império e até mesmo sobre o seu orçamento e contas, ora para tratar dos mais diferentes assuntos de interesse do governo ou do parlamento.

Foi autor de várias emendas ao orçamento do Império, aprovadas em sua grande maioria, destacando-se, entre elas, a consignação de verbas para a Igreja de São Gonçalo, na antiga Freguesia de Pedro II, em Mato Grosso, para a matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Poconé, e para a matriz da Vila do Alto Paraguai, em Diamantino. Na sessão de 21 de julho de 1858, durante a discussão da proposta orçamentária do Império, fixando receita e despesa da administração para o exercício de *1859/1860*, Antônio Corrêa do Couto conseguiu, também através de emenda, fazer nela constar uma verba de oitenta contos de réis *para continuação do encanamento das águas do ribeirão Mutuca para a cidade de Cuiabá*, obra, ao que parece, jamais concluída. Posteriormente, na sessão do dia 27 de junho de 1862, já praticamente no final de seu mandato, teve também aprovada uma emenda ao orçamento do Império, destinando 10 contos de réis *para a conclusão das obras do Seminário Episcopal de Cuiabá*, que imagino ser o antigo Seminário da Conceição, localizado na *Colina das Estrelas* de Dom Francisco de Aquino Corrêa, ao lado da Igreja do Bom Despacho, uma das mais lindas igrejas até hoje construídas nesta Capital.

O primeiro grande pronunciamento de Antônio Corrêa do Couto, da tribuna da Assembleia Geral Legislativa, ocorreu no dia 2 de agosto de 1858. Foi iniciado com aquele jeito característico do bom orador: no começo, uma fala modesta; depois, o domínio quase que completo do ambiente, pela utilização de uma sequência impressionante de dados e argumentos em defesa daquilo que pleiteava ou sustentava em favor de Mato Grosso ou do país.

Parecerá temeridade. Senhor Presidente. tomar eu parte nesta discussão. depois do eloquente discurso que a Câmara acaba de ouvir – afirmou o representante mato-grossense. Mas apesar desta circunstância, apesar de meu acanhamento natural. julgo dever usar da palavra, tanto mais quando não posso prescindir de fazer algumas considerações a respeito de certos negócios tendentes à minha Província.

Conheço. Senhor Presidente – prosseguiu – que não tenho o poderoso apoio de um nome prestigioso, nem eloquência e beleza de estilo. Não tenho a prática de falar em público. Conheço, em uma palavra. que é uma ousadia levantar-me para discutir perante uma Câmara tão ilustrada. mas procurarei atenuar esta minha ousadia, declarando que, sendo certo que a razão sempre se submete à evidência, à verdade, procurarei fazer com que minhas observações sejam a expressão fiel da mesma verdade, enunciadas com aquela singeleza que me caracteriza, mesmo porque, Senhor Presidente, eu aprecio mais a naturalidade de Demóstenes, alterada às vezes pelo fogo do seu patriotismo, do que a doçura, a arte e a regularidade de Cícero. Assim também procurarei captar a benevolência da Câmara, procurando apoiar as minhas humildes pretensões nos sólidos alicerces da justiça, pois estas minhas humildes pretensões ou terão por alvo os interesses da nação, ou os da província que me fez a honra de distinguir.

Inúmeros outros pronunciamentos foram feitos pelo deputado. Em um deles, na sessão de 30 de julho de 1861, num debate com o então Presidente do Conselho de Ministros, Corrêa do Couto defendeu um ministério que fosse, pela maioria de seus membros, mais atuante e também mais enérgico em suas decisões.

O ministério – disse ele – tem por fim executar a constituição e as leis, fazer justiça, economizar severamente os dinheiros públicos... mesmo porque, acrescentou, a justiça não repele a energia; pelo contrário, para que se possa ser enérgico é necessário que, primeiramente, se tenha sido justo.

No dia 20 de junho de 1862, ao fazer uma análise a respeito da situação em que viviam diversas regiões do país, fruto de intensas disputas de interesse meramente político, Corrêa do Couto lamentou aqueles acontecimentos, dizendo que *as oposições pessoais trazem males incalculáveis ao país, despertam ódios e ressentimentos já adormecidos pela ação calma do tempo. Ainda tenho em lembrança – observou – que em lugares afastados desta corte e das grandes capitais das Províncias, lugares que são justamente os pontos que mais devem merecer a atenção dos legisladores, ainda tenho em lembrança, repito, as consequências terríveis das lutas passadas nessas paragens; por aí, os pais muitas vezes viviam em guerra aberta com os filhos, irmãos contra irmãos... Em virtude da intolerância política observou-se no interior do país que muitas vezes deixava-se de acompanhar à sepultura o*

cadáver de um homem, aliás de muito merecimento social, só porque tinha pertencido à política adversa – a tal ponto tinha o império das paixões sufocado os ditames da razão.

As intervenções de Antônio Corrêa do Couto nos debates ou no encaminhamento de propostas à Assembleia Geral Legislativa sempre tiveram como características a lucidez, que impressionava, e a coragem não muito comum nos homens públicos daquele período de nossa história. Não foi apenas uma vez, mas inúmeras as vezes em que ele denunciou atos de corrupção que atingiam os interesses da Província, incluindo nessas denúncias até mesmo o então Presidente de Mato Grosso.

Um exemplo de sua coragem, que não posso deixar de mencionar: na sessão do dia 2 de agosto de 1858, a qual já me referi, quando discutia com o ministro da Marinha a conveniência de se armar melhor Mato Grosso para, no mínimo, defender-se diante de uma possível invasão do Paraguai, o que afinal acabou acontecendo em meados de 1864 para se configurar, definitivamente, em janeiro de 1865, Antônio Corrêa do Couto, que se aperfeiçoou no estudo do relacionamento do Brasil com aquela República, estranhou o fato de o Império, até então, não haver tomado a menor providência para fabricar no Arsenal de Guerra, aqui existente, mediante o aproveitamento das *excelentes minas de ferro* da Província, pelo menos *as balas de artilharia*, em lugar de as remeter do Rio de Janeiro, possibilitando também dessa forma, como disse, a criação de *uma oficina de fundição em Mato Grosso*.

O seu argumento final, de um homem público aparentemente simples do interior brasileiro, diante de um ministro, além de surpreender, acabou por desarticular qualquer saída imaginada pelo representante do Império, por mais rápido que fosse o seu raciocínio.

Note V. Ex: – falou energicamente e com absoluto conhecimento de causa o deputado Corrêa do Couto – *que uma bala, que tem de peso uma arroba, não pode custar aqui (referia-se ao Rio de Janeiro) mais de dois réis. Entretanto, para chegar a Mato Grosso, depende-se, com a sua condução, seguramente vinte réis, isto é, dez vezes mais do que o valor do produto.*

Há 138 anos, portanto, pelo que revelam esses documentos que apenas agora são recuperados por Mato Grosso, o deputado Antônio Corrêa do Couto já criticava o Poder Central, de forma clara, direta e objetiva, pela sua total insensibilidade em relação a este Estado, aos seus problemas, às necessidades de seu povo e de sua economia, ainda hoje submetida, por vontade não se sabe de quem, a uma espécie de controle draconiano, ao mesmo tempo cruel e indecoroso, do ponto de vista político, que não lhe permite ter mais do que o pouco que possui, depois de muita luta, senão contentar-se com o mínimo que já recebeu.

Aqui, como já reclamava, a seu modo, Antônio Corrêa do Couto, não se pode ter e nem se buscar soluções inteligentes para nada – nem para o abastecimento energético do Estado, sujeitando-o sempre aos caprichos de meia dúzia de burocratas brasilienses; não se pode ter nem boas estradas, pelo menos bem conservadas, para permitir o escoamento da crescente produção mato-grossense; nem ferrovia, pela qual

se luta praticamente há mais de 140 anos e muito menos hidrovias, independente dos inúmeros e volumosos cursos d'água que existem em seu território, como os rios Paraguai, Araguaia, Teles Pires, entre tantos outros que permanecem inaproveitados como caminhos naturais.

E nem o Estado pode receber, dentro de procedimentos burocráticos comuns, os créditos que a União insistentemente não lhe paga desde o tempo da divisão e nem contar o Estado, o que é de se lamentar, com recursos suficientes para aplicação em áreas vitais para o seu desenvolvimento e crescimento econômicos, como educação, saúde e saneamento, para não se falar no plano que se executa, a partir de Brasília, destinado ao esvaziamento da nossa UFMT a fim de prepará-la para a privatização, como se faz arditamente com inúmeras outras universidades públicas e empresas estatais, daqui e de toda parte, como desejam e impõem, no cumprimento de estranha missão, os que desfrutam temporariamente do poder .

No seu tempo, como lhe exigia a consciência, Antônio Corrêa do Couto também se rebelou contra este tipo de tratamento que se dispensava à antiga Província de Mato Grosso, não se sujeitando jamais, pelo que se depreende de seus pronunciamentos como deputado, nem mesmo a determinadas lideranças políticas, do Império e da Província.

Talvez por isso, pela sua independência pessoal e política, Corrêa do Couto, por pouco, não teve o seu mandato de deputado cassado em abril de 1861, em razão de desarticuladas e infundadas denúncias sobre irregularidades que teriam se verificado nas últimas eleições no Estado, nas quais procurou-se envolver diretamente o seu nome.

Durante mais de um mês essas denúncias foram esmiuçadas pela Assembleia Geral Legislativa, concluindo-se, porém, durante a sessão do dia 10 de maio daquele mesmo ano, que nada do que se denunciou teve a menor influência no *resultado da eleição*, sendo Corrêa do Couto, em vista disso, *reconhecido deputado à Assembleia Geral Legislativa pela Província de Mato Grosso*.

Há muito o que se falar e há muito o que se contar sobre Antônio Corrêa do Couto para que se possa, na verdade, conhecê-lo melhor e saber, enfim, em seus mínimos e preciosos detalhes, das razões que levaram os fundadores desta Casa a homenageá-lo, conferindo-lhe a condição de Patrono da Cadeira n° 13 desta Academia de Letras.

Esta é uma promessa de trabalho que faço – de levantamento pormenorizado de sua vida – e que a cumprirei com o maior prazer e satisfação pessoal, porque a vida e a obra deste notável homem público e jornalista, pelo que constatei até agora, representam verdadeiros capítulos de uma história, de abnegação e luta, que só pode enaltecer ainda mais a história deste grande Estado de Mato Grosso.

Cuiabá, com a qual sempre mantive uma relação de muito respeito, jamais deixou de me reservar momentos de surpresas agradabilíssimas, como esses em que pude também conhecer um pouco melhor a vida de um de seus grandes filhos, que foi Antônio Corrêa do Couto.

Como anteriormente já havia me reservado outras tantas surpresas que não esperava, confesso, encontrar nesta cidade. Uma cidade que afinal não conhecia e nem

poderia imaginá-la tão cheia de vida, de coragem, de grandeza, de audácia, de gestos enérgicos em defesa de seus interesses e, sobretudo, tão disposta, na visão que tem do conjunto nacional e amazônico, a irmanar-se com os filhos de outras cidades para daqui, todos nós, desta extraordinária realização do nosso povo que é a própria cidade de Cuiabá, darmos o grande passo qualitativo para a construção do futuro deste país. Sem menosprezar, entretanto, os seus velhos e arraigados costumes, a sua cultura e as suas velhas e imorredouras tradições, que sempre serviram de inspiração para os seus poetas e filhos mais diletos. Costumes, cultura e tradições sedimentados em princípios que atingem, comovendo-nos, a alma e o sentimento de todos nós brasileiros, oriundos dos mais diversos rincões desta imensa nação.

Há duas espécies de tradições – disse em certa ocasião um senador da República no auge de um debate político. A tradição viva e a tradição morta. A primeira impulsiona, a segunda paralisa. A primeira constrói, a segunda destrói.

As tradições cuiabanas, pela pureza de sentimentos que espalham, pelo amor que difundem e pela esperança que renovam, permanecem vivas, presentes, alimentando a criatividade do ser humano e auxiliando, com aquilo que têm de melhor, na construção de uma sociedade que seja, ao menos, mais fraterna e, no mínimo, justa para com a imensa maioria de homens, mulheres e crianças que a compõem.

E a compõem neste país de tantas injustiças, de tantas incompreensões, vítima de tantos logros e malogros intencionalmente preparados; de tantos dirigentes de reputação duvidosa, de tantos crimes contra a administração pública não punidos, de tantos planos frustrados, de tantas promessas não cumpridas ou deformadas, de tantos sonhos desfeitos, de tantas posturas ideológicas desfiguradas, de tantas terras públicas que não foram parar nas mãos daqueles que não têm terra mas nas mãos de alguns, como em Aripuanã, que as transformaram em áreas destinadas à especulação; nesta nação, enfim, de tantas agressões à natureza e, em especial, ao nosso Pantanal ainda vítima de criminosas barragens que o deformam e chegam a descaracterizá-lo pela ganância não contida daqueles que as idealizaram, como se fosse a singular planície pantaneira idêntica a outras regiões do mundo, onde se constróem enormes diques, como na Holanda, para se evitar a destruição do próprio país.

Aqui, ao contrário, os diques que preservam os interesses de uns poucos, não defendem nenhum país, mas destroem a natureza, permanecendo, mesmo assim, intocados, como se O crime de uns – fortes, arrogantes e prepotentes – não tivesse que ser rigorosamente punido em defesa da coletividade inteira.

Creio, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, que diante de tudo o que se presencia neste país e no mundo, devemos, mais uma vez, dar razão ao eminente jornalista Archimedes Pereira Lima, que em seu discurso de posse, no distante 24 de maio de 1946, ao qual já me referi, defendia, com muita razão e extrema coragem pessoal, uma abertura de todas as Academias de Letras do país *às realidades humanas*, já que *não podemos nos isolar aqui numa torre de marfim*.

Imagino, hoje, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, o que poderia dizer Archimedes Pereira Lima, ainda com mais razão, diante da intenção de uns poucos que,

a pretexto de defender a ampliação da democracia brasileira, estão procurando criar uma sociedade sem limites, de muitos lucros mas também de muitos prejuízos, desde que somente os prejuízos atinjam as empresas nacionais, sejam elas públicas, privadas ou rurais, figurando entre elas até mesmo *empresas de alta tecnologia*, num processo de desmonte, certamente não imaginado por mentes brasileiras, mas por prepostos de grandes grupos ou organismos internacionais.

Imagino, hoje, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, o que poderia dizer o acadêmico e empresário Archimedes Pereira Lima diante da intenção de se desfigurar o Estado brasileiro e os valores éticos e culturais da nação, sob o argumento, que se contesta, de que, destruído o Muro de Berlim e desmantelada a antiga União Soviética, caíram por terra, também, os interesses dos Estados nacionais, reduzidos, agora, pela falaciosa globalização da economia, a meros incentivadores de uma desajeitada política de permanente submissão a interesses, que não são os interesses nacionais - política essa que não se ajusta e nem consegue florescer, sem criar, em consequência, gravíssimos desajustes sociais, políticos e econômicos, principalmente nos países do chamado Terceiro-Mundo onde ainda, infelizmente, está incluída, não por culpa de seu povo, a nação brasileira.

Estamos hoje, constataria o jornalista e acadêmico Archimedes Pereira Lima, com a sensibilidade do empresário progressista e humano que sempre foi, diante do que o insuspeito escritor John Kenneth Galbraith, assessor de ex-presidentes norte-americanos, já denominou de *uma revolução dos ricos contra os pobres*, ou mais especificamente de *uma revolta dos contentes contra os desafortunados*, sejam eles continentes, nações ou seres humanos, dos campos e das cidades.

O resultado disso tudo, como realidade dramática que cada um de nós pode constatar, neste final de século e nesta antevéspera do início do terceiro milênio, é o que se vê pelas nossas ruas e pelas nossas favelas, que se multiplicam com a multiplicação dos problemas, que também não se resolvem enquanto não forem superadas as causas geradoras de sua existência.

Sempre discuti muito, com meus colegas e com meus amigos – e continuarei fazendo – os problemas que afligem e atormentam a sociedade brasileira, os seus empresários e trabalhadores do serviço público e das empresas privadas. E também (e principalmente) as dificuldades encontradas por Cuiabá e por Mato Grosso para conseguirem a materialização de seus mais acalentados sonhos e objetivos. Por isso – e no decorrer desses anos -sempre me identifiquei com as preocupações e até com as angústias de um Manoel José de Arruda – um dos mais ilustres cuiabanos que conheci – de um Jecelino Reiners, um João Vieira, um Olmar Paranhos Montenegro, de um BS da Silva Freire – a quem tanto deve esta região do país – de um Jê Fernandes, um Roberto Brunini, um Weller Marcos, Domingos Iglésias Valério, Marcos Antônio Moreira, Petrônio de Ávila, Eurípedes Andreatto – o Nenê – um Synval Siqueira (das Minas Gerais), Edson Miranda, Elpídio Bueno Fraga, ex-presidente, como eu, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso, de um Fernando Fernandes, Vinícius Danin, Rolando Guerra, de um inesquecível Silvio Gutierrez, de um Fernando Moura, de

um Eduardo Kuyumjian, Vanderlei Meneguini, Walter do Valle, Marcelino Cavallieri, Clemente Pezarini, Rubens Seixas, um Gabriel Novis Neves, de uma Antonieta Reis Coelho, José Domingues de Godoy Filho, Dorival Gonçalves, Eugênio de Carvalho, Ivan Pedrosa, Afrânio Borba de Moura, Romeu Roberto, Lídio Bandeira de Melo, Sarita Baracat, Paulo Alcides Prates da Fonseca, que me ensinou a admirar ainda mais Vila Bela da Santíssima Trindade, no antigo *Vale Encantado* dos Nhambiquaras, no Guaporé, identificando-me também e, muito especialmente, com as angústias e preocupações de dois outros grandes e fraternos amigos com os quais convivo mais diariamente — os jornalistas José Maia de Andrade e Ronaldo de Arruda Castro. O primeiro, um destemido cearense, há anos radicado em Cuiabá, a quem muito deve a nossa imprensa pelo seu destemor e arrojo; e, o segundo, também membro deste sodalício, e um dos maiores, se não o mais competente, brilhante e consciente editorialista da imprensa desta região do país. O José Maia é aquele mesmo jornalista que, no início dos anos oitenta, quase teve a sua vida eliminada a mando de grupos interessados no emudecimento de seu jornal — o então *Correio da Imprensa* — e que só não chegou a ser sacrificado, porque ao seu lado encontravam-se o fotógrafo Silvio Guttierrez, o economista Edson Miranda e este jornalista que vos fala, na época presidente do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso.

Todos esses brasileiros de Mato Grosso, ao lado de outros com os quais convivi, como cidadão e como jornalista, formaram e ainda formam o que pode ser denominado de um grosso cinturão de resistência; não da resistência que protege privilégios e eterniza injustiças. Mas da resistência que não se alinha no exército dos desfibrados, dos sem-alma, dos que não sonham porque não conseguem mais sonhar. E porque não sonham mais, não mais conseguem sonhar como um Augusto de Leverger, um Estevão e Rubens de Mendonça, Isác e Nilo Póvoas, um Antônio Fernandes de Souza, um Generoso Paes de Souza Ponce, um Pedro Celestino, um Júlio Müller — que com as obras que realizou, em seu governo, consolidou de vez a cidade de Cuiabá como a Capital de Mato Grosso — como um Cândido Mariano da Silva Rondon e todos aqueles outros que, no seu tempo e a seu modo, ergueram esta formidável economia do Rio Abaixo, alimentada por mais de vinte pequenas e grandes usinas, que durante anos representou a principal base de sustentação financeira do próprio Estado.

Foi nessa região que, já há mais de cem anos, incentivava-se a agro-industrialização de Mato Grosso, que ainda hoje o governo está pretendendo tornar a incentivar nas mais diversas regiões do Estado. E incentivava-se a agro-indústria através da modernização não apenas da área de produção, com a introdução de novos equipamentos que se importavam, na época, dos países mais desenvolvidos do mundo.

Mas também mediante o aprimoramento dos recursos humanos empregados por vários daqueles estabelecimentos industriais, especialmente pelos idealizadores da Usina Itaiçi, entre os quais se evidenciava a figura de Antônio Paes de Barros — o Totó Paes — que a 11 de junho de 1896 lançava a pedra fundamental daquele empreendimento, onde se investiu mais de 450 contos de réis — uma pequena fortuna naqueles tempos —, inaugurando-o praticamente um ano depois, a primeiro de setembro de

1897, como um verdadeiro marco de uma economia que a imprevidência de muitos, notadamente de alguns dirigentes nacionais, encarregou-se de transformá-lo num monumento abandonado num dos trechos mais lindos e aprazíveis do rio Cuiabá. Mas o prédio e grande parte dos equipamentos da usina continuam lá, resistindo bravamente à ação do tempo e à imprevidência, à espera daqueles que têm a obrigação, pelas funções públicas que exercem, de reconstituí-los para a nossa história.

Era isso, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, numa pequena-grande-síntese, o que gostaria de ter falado – e falei – no instante em que, mais pela generosidade dos seus membros e não pelas minhas qualidades de cidadão ou de jornalista, foi-me permitido ser um dos membros deste Templo, desta Casa dos Homens de Letras mas que, segundo defendia o imortal José de Mesquita, bem que poderia ser também a Casa dos Jornalistas Mato-grossenses, pelo número de antigos profissionais que a compõe, prestando-lhe os mais relevantes serviços, sempre ao lado dos demais confrades e de sua direção, hoje entregue à competência de um João Alberto Novis Gomes Monteiro, um médico e um escritor que, em seu *Mundão Mato-grossense*, como nos relatou numa de suas apreciadíssimas crônicas, já chegou até a ver, *em campo aberto, água fazer poeira*, peixe pulando *para dentro da canoa quando a gente bate na beirada dela* ou, então, peixe subindo pelas paredes, como ele próprio constatou na cachoeira de um rio que corta a Fazenda São João do Aricá, para onde ele sempre vai a fim de não perder jamais o contato com a natureza-mãe.

Permito-me, ao concluir, recordar de uma das mais queridas e lúcidas professoras que tive, ainda jovem, na cidade paulista onde nasci, São José do Rio Preto – a professora Dinorath do Valle. E, com ela, imaginando – a presente, cantar bem alto os sonhos que ela sonhou e ainda sonha ao imaginar que sempre é possível, pelo amor e em dado momento da nossa história, transformar a sociedade em que vivemos.

A fê não pede licença, ousa – escreveu Dinorath. *É a hora dos atrevidos e dos libertários. Dos propagandistas, semideuses, épicos, homéricos. Hora da ação, do valor de arriscar no tudo ou nada, hermética coragem, arrojo, atrevimento. Hora dos fortalecidos na parte do peito chamada coração. Cerne, não de amar aos pares numa casinha lindamente enverdecida como a de Nives e Juraci, eu e você, o mundo que se dane! A do amor maior, medula, memória e meio, agente principal, proeza, senso e símbolo. Voz secreta que diz “eu te amo” a todos, sensível a todas as fomes, a todos os frios, a todas as doenças. E crianças mortas na arritmia do abandono. Amor-palpitação, seio e sertão, afago. Bem e benefício, flama, namoro com o semelhante, conhecido ou não, todos por dentro da paixão, a do conterrâneo. Peso e medida, alucinação curiosa e inspirada, desejo impaciente de ter felicidade, quase absurdo. Anelo de igualdade, frenesi de vitória, desenfitecimento, olhares livres, a descoberta dos pássaros. O patético ser arde e rearde abrindo comportas, entradas e limiares, se escondendo nas travessas, dos fundos às fachadas. De casa em casa pregando a cada ser “Eu te amo, ama-me”.*

Os nossos sonhos nem sempre se transformam em realidade, é certo. Mas não será por isso que vamos deixar de sonhar.

Sonhar hoje e todo o dia nesta jornada ininterrupta de esperança e certeza,
que se renova sempre com o mesmo ímpeto e a mesma força de cada alvorecer.

Muito obrigado

CADEIRA 15

PATRONO

Joaquim Mendes Malheiros

OCUPANTES

Augusto Cavalcanti de Melo

Francisco Alexandre Ferreira Mendes

Natalino Ferreira Mendes

SESSÃO DE POSSE DO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES

Cuiabá, 6 de março de 1987.

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES, POR BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, LENINE DE CAMPOS PÓVOAS



A Academia Mato-Grossense de Letras abre hoje suas portas para receber, solenemente, em seu seio, como sócio efetivo, o ilustre Professor Natalino Ferreira Mendes.

Vem ele ocupar, neste sodalício, a Cadeira nº 15, na qual teve assento, por largos anos, o Professor Francisco Alexandre Ferreira Mendes, que aqui deixou uma tradição de trabalho, de dedicação ao estudo e de amor à cultura mato-grossense. Já tive ensejo de declarar que com a morte do Professor Francisco Mendes encerrou-se um ciclo da história da nossa cultura.

E que certamente foi o ciclo mais fecundo de nossa vida intelectual, aquele em que se projetaram as expressões maiores da nossa inteligência, nas figuras de Dom Francisco de Aquino Corrêa, de José de Mesquita, de Cândido Mariano da Silva Rondon, de Virgílio Corrêa Filho, de Estevão de Mendonça, de Filogonio de Paula Corrêa, de Lamartine e Francisco Mendes, de Nilo e Isac Póvoas, de Cesário Neto, Olegário Moreira de Barros, de Cesário Prado, de João Vilasbôas e muitos outros.

Professor nato, Francisco Mendes teve uma vida inteira dedicada ao magistério, exercendo, muitas vezes, com real proficiência, altos postos da administração de direção da instrução pública do Estado. Pesquisador infatigável da nossa história e do nosso folclore foi uma das mais constantes presenças, dentre os nossos intelectuais, nas colunas literárias dos jornais mato-grossenses.

Sucedê-lo nesta Academia, portanto, seria encargo de grande responsabilidade, que deveria caber a outro professor, historiador e jornalista.

Essa é a razão pela qual vem preencher a lacuna deixada pelo saudoso autor de *Lendas e Tradições Cuiabanas* e de *Folclore Mato-grossense*, a figura do homem de letras Natalino Ferreira, autor da *História de Cáceres*, do *Marco do Jauru* e da *Vida e obra de Luís de Albuquerque*.

A cidade de Cáceres que sempre tem projetado filhos ilustres no cenário da política, da administração e das letras mato-grossenses estará agora representada, neste cenáculo, pelo seu mais lídimo expoente da atualidade, o Prof. Natalino Ferreira Mendes. Está aberta a sessão.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES, PROFERIDO POR BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE



É sem dúvida que me perguntei, ensimesmando-me: – qual secreto motivo determinou o novel confrade, Natalino Ferreira Mendes, na escolha do meu nome para recebê-lo, nesta noite, quando a Academia Mato-Grossense de Letras mais se qualifica pelo reconhecimento e proclamação de um de nossos valores intelectuais?!

Sim, nobres pares, eu me perguntei, e uma só explicação me acudiu: – empatia; empatia que, na psicanálise, é o estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com outra, presumindo sentir o que esta está sentindo. Pois é verdade que tal fenômeno nos tem identificado de longa data, pela consideração recíproca, a par da estima e delicada atenção a mim dispensadas por este filósofo-professor, filho tão querido da querida Vila Maria do Paraguai, – a nossa Cáceres de hoje, estudante de vida-viva, paradigma do ensino técnico e humanístico, agora, em busca, de outras unidades universitárias, para melhor se realizar como centro: tradicional de irradiação de conhecimento, na linha nervosa de nossa fronteira...

Pois aqui se explica o amigo, o colega de ensinar e o confrade de tantas outras leituras, me fazendo lembrar as considerações da professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, enfocando a vida do humanista-cristão, Jacques Maritain, ao confirmar que, *um amigo não é espelho a refletir a própria imagem do que se abre em olhar vidente. É um interlocutor de silêncios, carregado de energia espiritual; é a disponibilidade de ouvir e entender outras vozes que a sua própria, captar sentidos do que fica entredito. É auscultador da palavra incoativamente pronunciada. É o que vem em socorro ao diálogo que se instaura e começa a ser temeroso de revelações. É revelador da profundidade da intimidade não clara, só entrevista. Busca a verdade, ainda não manifesta, e encontrando-a corre para anunciá-la ao amigo. Entre amigos o mundo secreto do mistério da verdade se faz presença, pulsa e comove... Enfim, uma vida inteira de pensamento, ação, emoção exemplar pela experiência do viver intenso no qual intelecção e amor têm sua união, dão-se em totalidade!*

Eis, Senhores Acadêmicos, em linhas iniciais, o perfil de sensibilidade humana e espiritual do professor Natalino Ferreira Mendes: – *uma vida inteira de pensamento, ação, emoção exemplar pela experiência do viver intenso no qual intelecção e amor têm sua união, dão-se em totalidade.* – Pois o erudito filho de Bheraldo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, nascido a 3 de janeiro de 1924 é o catedrático de ensino médio, ilustrando a cátedra de Português, e sempre ali na antessala do paraíso, que é a sua Cáceres natal; mas não é só: – ao longo do tempo, tem emprestado sua vocação de servir àquela municipalidade fronteiriça, na pasta da Administração, em várias gestões da Prefeitura local. Foi ele, o diretor do Colégio Estadual Onze de Março, por mais de uma década, e diretor também, por quatro anos, do Instituto Onze de Março, estabelecimento particular de ensino primário. Em 1972, o presidente da Comissão Municipal do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Em 1973, vamos vê-lo conferencista enfocando a *História, Situação, Problemas e Soluções do Município de Cáceres*, para a

Comitiva do Instituto Rio Branco, em viagem de estudo por Mato Grosso. Depois, o humanista exerce a Vice-Presidência do Conselho de Pastoral da Diocese de Cáceres, recebendo, ainda, a gratidão comunitária no grau de Presidente de Honra da Sociedade dos Amigos de Mirassol D'Oeste, hoje, um dos municípios mais desenvolvidos do médio-norte de Mato Grosso.

Senhores Acadêmicos, nesta mini-síntese, estamos andando por um caminho multipontuado, ouvindo sua voz multíssona, aqui, ali, acolá, habitando os espaços culturais, emprestando seu patriotismo intelectual ao ensino de gerações, fazendo-se figura viva, estuante do fazer comunitário na sua encantada São Luiz de Cáceres, aquela cidade, como escrevi um dia, onde a segunda feira tem cara de sábado rural...; e o hino oficial da lavra do poeta Natalino Ferreira Mendes.

Sua compreensão do humano o faz estar sempre a serviço do homem, por estar sempre a serviço da verdade. E é assim que tem sabido gizar os melhores exemplos de zelo pelos valores permanentes de sua terra, ainda que insulado na faixa mediterrânea da Pátria, fora do eixo da comunicação e da promoção fáceis, tão longe da azáfama dos meios culturais das metrópoles, mas, como o eremita, construindo em solidão seu acervo de dar-se ao bem comum, que o enobrece e o dignifica, nobre acadêmico Natalino Ferreira Mendes!

Côncio, portanto, da importância da obra do silêncio, consciente de sua inserção em uma situação geopolítica-cultural de fronteira (na linha nervosa de relações humanas), comprometeu-se também com sua história, a que deu corpo e vida documental em preciosa obra intitulada – *História de Cáceres* Tomo I (ou História da Administração Municipal), – encarregado que foi pelo então Prefeito Dr. Luiz Marques Ambrósio, sensível à sábia indicação do atento edil, Dr. Ênio Maldonado, de tantos bons serviços prestados ao Legislativo e à faina forense municipal.

Reconstituindo, por assim dizer, quase dois séculos de administração pública, Natalino Ferreira Mendes o fez com clareza didática e compromisso com a verdade social e política, de tal sorte que sua obra tornou-se fonte de consulta obrigatória por todos os que se interessam pelo conhecimento da lindeira região-atalaia de Mato Grosso, hoje recriada em várias e promissoras comunas, a exemplo de Mirassol D'Oeste, Porto Esperidião, Quatro Marcos, Pontes e Lacerda, Jauru, Reserva do Cabaçal, Salto do Céu, Rio Branco, Indiavaí e Figueirópolis, que as conheço bem. Eis a sua São Luiz de Cáceres, professor Natalino Ferreira Mendes, a nossa Cáceres querida se multiplicando em cidades, como preces de mãe dadivosa, ofertando filhas para Mato Grosso...

Mas, nobres Acadêmicos, este pesquisador, este cuidador de valores permanentes do nosso povo, incursionando pela estatística em movimento, que é a própria história nascente, não se limitou à cronologia dos fatos sequenciados, não!, preocupou-se, ele, com a lucidez e sensibilidade que lhe são próprias, em retrospectar os antecedentes do arraial-freguezia da Vila Maria do Paraguai, radiografando as raízes humanas da sociedade em formação até sua estratificação sociológica, – e com tal clareza e síntese só encontradas no arraigado amor do estudioso à sua sociologia de ambientes em evolução. Dir-se-ia mesmo que minudência do atento Auxiliar-Protocolista do Tesouro do

Estado de Mato Grosso, que o foi em 1943, o assistia na conferência metodológica do precioso acervo pesquisado.

Não é, pois, sem razão, que o tão chorado confrade, Rubens de Mendonça, em alongado prefácio à obra lançada, invocou a lúcida preocupação do brilhante poeta e jornalista, Ronaldo de Castro, ao sentenciar que: *O escritor deve fazer a obra com amor, mas não se pode fazê-la por amor.* – Pois tal ainda é o ofício do escritor interiorano, esquecido, à margem sempre das atenções daqueles que lhe buscam a atenção de seus estudos... Mas, incorrigíveis otimistas que somos, nos alenta saber, como bem o disse essa robusta expressão da sociologia moderna, o professor João Vieira, em análise crítica ao livro *Águas da Visitação*, de minha lavra. Diz ele: *Toda sociedade tem seu pensador. Por reduzida que seja uma comunidade, tem ela figuras sempre mais voltadas para os misteres da inteligência e da reflexão, e que se repartem em duas categorias distintas, a saber: a) – aqueles que se encarregam da história; e b) – aqueles que se voltam para a criação e operação dos conceitos.* – Entre estes, se incluem os farejadores do futuro, os decodificadores das emoções, os zeladores da memória de sua época, para que as novas gerações se batizem e se balizem pelas raízes da raça.

Criador, farejador de futuros também o é, o novo acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, bastando apenas que leiamos uma das apreciações que me endereçou, a propósito da publicação de meus Cadernos de Cultura, para sentirmos a força rítmica de sua verve poética, a energia coruscante, a atenção penetrada na essencialidade em busca de realidades subjacentes às palavras, mineração crítica no melhor estilo contemporâneo, que me permiti publicá-la, às fls. 193 do meu último lançamento, editado pela Universidade Federal de Mato Grosso. Ei-lo:

No seu poema – diz o poeta-crítico – a terra, o homem, as coisas da terra e do homem, usos e costumes, tudo apanhado aqui e ali, surpreendido no acontecer, no vivo. O bicho, o inseto, a ave, o homem no seu sendo. Sente-se, sim, o existindo num instante cósmico (quentinho ainda da centelha que o criou), que é flagrante colhido pelos sentidos na dinâmica do tudo-passa e tudo-fica (fluência que pereniza), interpretado através das relações, dos efeitos, das analogias, das intuições, das sensações, dos símbolos, das imagens, das contaminações... Dir-se-ia um poema-nervosensibilidade. A lembrança, espírito de vivência passada, vivifica o fato de uma imagem (brancura rendada...) ou na posição-manifestação-objetivo (rio fecundante). Rio bem nosso, como a raça que moureja na terra, “rio mestiço” produto de águas diversas, que lhe dão um sendo como nenhum... Num gesto, um amanhã, a feliz consequência da enxada que fere a terra (sangrando a fome de amanhã). Retalhos que se juntam e tomam a forma do seu poema - CHÃO-TERRA e PASTO. Um mundo novo, feito do mundo-de-todo-dia. Entre ele, o Poeta, o co-Operador.

Senhores Acadêmicos, à parte a generosidade de avaliação estética do missivista-crítico, salta, explode e imanta a estrutura vocabular moderna, a acuidade constru-

tiva de palavras híbridas, a força telúrica da ritmação vivenciada, captando o vir a ser, as imagens no acontecer, o homem no seu sendo, – o existindo num instante cósmico, e outras tantas fabulações do atento educador-poeta-crítico-homem público e cidadão plantado bem no centro do seu tempo; um fazedor de cultura para a cultura mato-grossense.

Nobre acadêmico, Natalino Ferreira Mendes, sua chegada nesta Casa de Letras, em que sempre esteve na distância operosa da criação, coincide com o grave momento da perplexidade nacional no ordenamento de sua vida política; neste momento, pois, em que a Nação se mostra desorientada no torvelinho dos rumos, é também chegado o momento histórico em que o País precisa ressuscitar a figura, hoje, démodé, a figura, hoje, ainda cafona, antiquada, que é a figura cívica contida na palavra patriota, para que a Pátria, do conjunto de esforços, se sobre-erga e se firme institucionalmente democrática. Nós bem o sabemos: o mundo está dividido em pátrias, mas a nossa é esta, o berço, pátria do coração, coração da consciência. E nem é preciso que nos digam, porque sentimos subindo da terra pelo corpo e pela alma um calor de preferência e de exclusividade, um frêmito de devoção absoluta. E Mato Grosso é nosso chão mais íntimo: a terra, o pasto, o túmulo!

É como se tivéssemos raízes! Amor de imagens, sons, movimentos, aromas, contatos, incomparável e incontrastavelmente, queridos. E não só desde o berço, como dizem certos ignorantes da biogenética. Se me permitem, e é o que sugere o saudoso mestre Roberto Lyra, *Eu imaginaria uma sociogenética, o sangue trazendo e transmitindo o estilo gregário, a fusão inata, a adesão originária, porque a presença da Pátria não é apenas sentimental e espiritual. É a fidelidade refletida na conduta totalmente brasileira.* – Pois não é outro o sentimento ideológico de sua contribuição literária para a cultura mato-grossense, caro professor Natalino Ferreira Mendes!

Mas o sentido desta noite de sua posse, nobre Acadêmico, também é o de convocação para se preservar os valores espirituais permanentes da gente de Mato Grosso, para que o nosso desenvolvimento e integração não padeçam os riscos de descaracterizarem, engolidos pela desumanização tecnológica,

Pois bem, distinto plenário, na linha desta preocupação, e em nome dos confrades na produção de “objetos estéticos”, queremos registrar nesta Casa e nesta noite, uma reivindicação endereçada ao futuro Governador do Estado, o advogado Carlos Gomes Bezerra, para que opere a urgente dicotomia da Secretaria de Educação e Cultura, ensejando, a exemplo de outras unidades da Federação, organicidade àquela que será a Secretaria de Estado na Pasta dos Assuntos da Cultura, pois, não é demais dizer que, filosoficamente, como nos ensina M. ROSENTAL e P. IUNDIN, –

Cultura é o conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: – progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, artes e instituições que lhe correspondem. Em um sentido mais

restrito, compreende-se, sob o termo cultura, o conjunto de formas da vida espiritual da sociedade, que nascem e se desenvolvem à base do modo de produção dos materiais historicamente determinados. Assim, entende-se por cultura, o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na moral, etc., e as instituições correspondentes. Entre os índices mais importantes do nível cultural, em determinada etapa histórica, é preciso notar o grau de utilização dos aperfeiçoamentos técnicos e dos desenvolvimentos científicos da produção social, o nível cultural e técnico dos produtos dos bens materiais, assim como o grau de difusão da instrução, da literatura e das artes entre a população. Em *Dicionário Filosófico Abreviado* (Ediciones Pueblos Unidos, Montevideú, 1950), citado. por Nelson Werneck Sodré, em *Síntese de História da Cultura Brasileira*, 3ª ed., p. 3-4. SP, Civilização Brasileira).

E nem se diga, nobres Acadêmicos, que a fruta não está madura; basta uma breve retrospectiva para que nos aflore o feixe de atividades mato-grossenses preenchendo espaços culturais no melhor aplauso da imprensa especializada: no teatro experimental, na música, no poema, na prosa, no artesanato, no folclore, no balé branco se afirmando na arte escultórica, no ensaio crítico e na pintura. De José Barnabé de Mesquita, Dom Aquino Corrêa, premiado, o primeiro, e, membro, o segundo, pela e da Academia Brasileira de Letras; de Manoel Cavalcanti Proença, o ensaísta maior, passando por Lobivar de Matos, o precursor do Modernismo em Mato Grosso, Lamartine Mendes, Virgílio Corrêa Filho; – de Estevão e Rubens de Mendonça, o historiador e o cronista da história, passando por Maria de Arruda Müller, Vera Randazzo, Octayde Jorge, Alice Meireles, Carlos Rosa, Glória Albuês, Marília Beatriz, Luiz Carlos Ribeiro e Lúcia Palma; de Gervásio Leite, João Antônio Neto, Pedro Rocha Jucá, Ronaldo de Castro, Guilherme Ricardo Dick, Sebastião Carlos de Carvalho, Lenine de Campos Póvoas, Martha de Arruda, Corsíndio Monteiro, Antônio de Arruda, Ubaldo Monteiro da Silva, Gentil Bussiki, Newton Alfredo e mais essa plêiade esplêndida de jovens artistas plásticos, como Dalva de Barros, Jervane, Adir Sodré, Benedito Silva e tantos outros valores da criação, que levaram o nome de Mato Grosso para os espaços nobres da imprensa temática, e, para não me alongar, chegamos em Wladimir Dias Pino, que mais uma vez, ocupa o Centro Cultural de São Paulo, com sua exposição retrospectiva de poemas visuais, ao ensejo do 30º Ano do Movimento Concretista no Brasil, pioneiro que ele foi, graças às suas pesquisas desde 1951; em Cuiabá, como ideólogo da Corrente Literária Intensivista, a que nos filiamos, e como reconheceu o escritor e poeta Décio Pignatari, em alentado depoimento no jornal *O Estado de São Paulo*.

Mato Grosso, portanto, nobres Acadêmicos, vangloria-se de sua posição pioneira na vanguarda cultural brasileira. Por isso a fruta está madura para se reivindicar, como o fazemos, a criação da Secretaria de Estado na Pasta dos Assuntos da Cultura, para que a comunidade de pensadores do Estado tenha melhor tratamento, e deixe de fazer a obra de arte, simplesmente por amor, mas que se faça com amor, e tenha canais

de divulgação eficientes, sobretudo quando a Literatura Regional é matéria curricular obrigatória, a níveis de 1º, 2º e 3º graus, onde professores, alunos e o leitor em geral, não dispõem das obras essenciais...

– Com as palavras finais, distinta assistência, mas na esteira do mesmo raciocínio, quero apenas lembrar a experiência histórica, anterior à divisão do Estado de Mato Grosso. – Com ela, Cuiabá, célula-mãe do processo, viveu o desafio da ocupação física do espaço geográfico; agora, com a nova e exuberante, porém, carente realidade geopolítica, vive, Cuiabá, ao lado de Rondonópolis, Barra do Garças e Cáceres, portanto, reserva-se a destinação cultural de entrepostos produtores de instrumentos civilizatórios, com os quais se chegará à Amazônia essencial. – Mas não o farão, não cumprirão tamanho desafio sem a coparticipação ativa dos operários da razão. E, também é por isso, o chamamento permanente, que nesta noite se reforça, dos homens criativos para o exercício do direito-dever de defesa indormida dos fundamentos de doutrina de que se alimenta a Democracia, sem o que nenhuma Nação se sustenta, pois, sem a Democracia plena, não existem artistas livres, mas escleromas sociais, somente.

Por oportuno, é bom se dizer que o irrequieto poeta da pintura francesa Paul Gauguin, certo dia, num relance de olhos, tentou ferir da crítica seu íntimo amigo, o gênio Van Gogh, afirmando-lhe:

– Você é um pintor incompleto, pinta muito rápido.

Van Gogh, a caminho do delírio da criação, lhe responde, de pronto:

– E você olha rápido demais.

Pois bem, ilustrado plenário, – olhar mais devagar os caminhos de trilheiros, trilhados pelo literato-humanista, – ouvir e ouvir bem devagar os silêncios do tecido cultural com que trabalha Natalino Ferreira Mendes, foi a sábia tarefa da Academia Mato-Grossense de Letras. Ele, que a esta Casa de Letras pertencia na distância dos silêncios da criação, como disse, para ela foi chamado a compor conosco o quadro de seus militantes, incorrigíveis otimistas na produção de objetos estéticos. Não quis e não podia esta Academia correr o risco de receber de Van Gogh, o epíteto de quem olha rápido demais o conjunto da obra de arte.

A partir de agora, uma comunidade dedicada ao estudo e à perquirição dos vários campos da intelectualidade, em Mato Grosso, está enriquecida, pois o novel companheiro, Natalino Ferreira Mendes, é o titular da camisa 15 da nossa seleção, ilustrada pelo patrono, Joaquim Mendes Malheiros e demais ocupantes, para ser glorificada, por último, pelo incansável atleta das belezas do espírito, na mesma linha da cepa familiar, o Prof. Francisco Alexandre Ferreira Mendes, de chorada ausência.

Eu o saúdo, novel Acadêmico, em nome desta Casa!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO NATALINO FERREIRA MENDES



Ao adentrar-me nesta Casa, onde vicejam as mais brilhantes florações da inteligência mato-grossense, cuído ouvir repetirem-se no meu íntimo aquelas palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarça ardente: “Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa”.

Não se comparam as situações. Mas o livro dos livros é a fonte de inspiração de vida e tenho para mim, que a história da Bíblia se realiza na existência do ser humano, seja esta embora tão curta na sucessão dos séculos.

Missão sobre-humana de salvar um povo da escravidão recebia Moisés do Senhor, quando tranquilamente apascentava o rebanho do sogro junto ao monte Horeb. Incumbência que a princípio o atemoriza e o faz exclamar com surpresa e sinceridade: “Quem sou eu, que vá ao faraó e tire do Egito os filhos de Israel?”

Ninguém, entretanto, no plano de Deus, recebe um peso sem que seja munido da correspondente capacidade de suportá-lo.

Para Moisés bastou saber que o Senhor estaria com ele: “Certamente eu serei contigo”. Aceitou e se lançou ao cumprimento da missão.

Senhores Acadêmicos, já na undécima hora da minha jornada, quando tudo parecia tender para um remanso em que se usufrui material e espiritualmente o saldo da existência, eis que uma corrente de intenções se forma no sentido de me conduzir para a Academia Mato-Grossense de Letras.

De um lado, amigos de todas as idades, atraindo-me para o convívio da intelectualidade em Cuiabá; de outro, o povo da minha terra, incentivando-me através de suas lideranças. Vozes amigas foram-se erguendo no seio da sociedade cacerense, e um dia elas se revestiram de forma escrita na Câmara Municipal de Cáceres. Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho, Vereador da época, conterrâneo e amigo, leva ao Plenário da Edilidade Cacerense, onde é aprovado por unanimidade, o requerimento Nº 98, propondo a este humilde orador, que se candidatasse a uma Cadeira vaga da Academia Mato-Grossense de Letras.

A reação, de imediato, não poderia ser outra: quem sou eu para aspirar a uma vaga na Casa de D. Aquino e José de Mesquita? Neste recinto de Augusto Leverger que eu tenho como santuário da intelectualidade do nosso Estado, porque iluminado pela sabedoria dos vultos eminentes do passado, chama que se perpetua e se desenvolve pela plêiade de intelectuais que hoje honram e dignificam este Sodalício, já cognominado de *Templo do Saber*!?

Há momentos, porém, em que a gente não pode deliberar consultando-se apenas a si mesmo. Fazemos parte de um contexto, do qual recebemos estímulos e responsabilidades. Forma-se em torno de nós um campo de forças, que nos direciona de certo modo e nos coloca em situação de nos definirmos. Ser ou não ser. Lutar ou desertar. Participar mais intensamente dos problemas de todos, ou omitir-se comodamente.

É a conjuntura, diante da qual o ser humano se coloca em certas ocasiões da sua vida, obrigando-o a uma decisão. E esta se deu, no meu caso, quando o ilustre Presidente desta Casa, Acadêmico Lenine Póvoas, desenvolvendo patriótico serviço à juventude, foi a Cáceres proferir conferência sobre o nosso Mato Grosso, para o então Instituto de Ensino Superior, hoje, Centro Universitário de Cáceres¹.

Diante dos argumentos de representação cacerense, liderada pelo nosso Prefeito, Dr. Antônio Carlos Souto Fontes, e do incentivo do preclaro conferencista que honrava Cáceres com a sua visita, eis que se realiza em mim a metamorfose do homem novo, que da fraqueza tira coragem para enfrentar novo desafio, e, graças à generosidade vossa, senhores Acadêmicos, aqui me encontro, nesta noite esplendorosa, em que me abris as portas da Academia Mato-Grossense de Letras.

Trabalhador da última hora, como já disse, não acompanhei os primeiros nas lides das universidades para obtenção do diploma de curso Superior. Como que pressionado pela correnteza, fiquei à margem, começando cedo, por império da necessidade, o trabalho da vida, levado, sem o sentir, para onde me chamava inato pendor – o magistério, conjugado com a função Pública Municipal.

Fundei, com o então Capitão do Exército, cuiabano de nascimento e cacerense de coração, Cândido Nunes da Silva, uma escola primária que, como a Fênix, morreu quatro anos depois, para das cinzas nascer o primeiro curso secundário de Cáceres, o Ginásio *Onze de Março*

À nova escola de ensino secundário me dediquei inteiramente, como professor e diretor, sem deixar a função pública do Município onde ainda me encontro desempenhando o cargo de Chefe de Gabinete do Prefeito².

Meu trabalho desenvolveu-se na Escola e na Administração do município, ao qual procurei servir com dedicação e amor.

Ao mesmo tempo que me dedicava à adolescência e à juventude na escola secundária, e também, à administração municipal, em contato com velhos arquivos, afeiçoava-me à pesquisa, no afã de conhecer melhor a terra em que nasci, a gente que a povoou antes de mim, sentindo crescer-me o amor ao Torrão Natal, que passei a cantar em prosa e verso e a unir os elos esparsos da corrente da sua história. Daí nasceu, humilde embora, a *História de Cáceres*, à qual o imortal Rubens de Mendonça deu asas, prefaciando-a.

Sou, portanto, Senhores Acadêmicos, um produto da terra e da cultura cacerense. Da terra que surgiu do gênio de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quando, para manutenção do território ocupado pelos portugueses, fundou estratégicos postos na fronteira, fortificações, povoados, que se transformaram em cidades, entre eles, Vila Maria, à margem do rio Paraguai, a meio caminho entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade, como sentinela avançada no sudoeste mato-grossense,

1 Denominações anteriores ao que hoje se denomina Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

2 Função que exerceu durante 36 anos.

consagrada a São Luiz, mais tarde elevada a município de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao Santo e ao fundador, e, hoje, apenas Cáceres.

Albuquerque, na sua apurada visão política e administrativa, escolheu o sítio certo para os fundamentos de Cáceres, no cruzamento de estradas; a de terra, demandando a região guaporeana; e a líquida, pelo rio Paraguai, em demanda do sul, através de Corumbá até ao Prata. Cáceres seria, na visão de Albuquerque, uma porta de navegação com São Paulo.

Diante da imensa área de terras férteis de que dispunha a nova fundação, regada de abundantes águas, o arguto Governador previu, para Cáceres, um futuro promissor.

A sonhada ligação das bacias do Prata e Amazônica tornou-se realidade com a pavimentação das rodovias BR-O70/174/364 - Cuiabá-Rondônia, fazendo de Cáceres importante porto, por onde se escoará parte da produção agrícola de Mato Grosso.

A visão do grande Luso concretizou-se na atual política do Governo Federal de implantação do sistema de transporte alternativo hidro ferroviário, que dará grande ênfase ao desenvolvimento do município.

A maciça migração de que foi alvo a terra de Albuquerque desenvolveu enormemente a agricultura e melhorou a pecuária; intensificou a indústria extrativa e ensejou o crescimento da nossa incipiente indústria de transformação de matéria-prima.

As perspectivas promissoras que se abrem para Cáceres no presente, partem do trabalho e da constância, da fibra e do espírito empreendedor do cacerense que, segundo o conterrâneo, magistrado e escritor Gabriel Pinto de Arruda, revelou, desde o início, *as suas tendências, o seu decidido espírito de viver preso à terra que o atrairá com a opulência das suas selvas, com a abundância das suas águas límpidas, correntosas e povoadas de peixes, com a riqueza do seu solo, com a variedade abundante das suas caças, com a amenidade do seu salubre clima e o encanto do seu fecundo sol e beleza do seu límpido céu tropical. Fixo à terra eleita para seu habitat, tratou logo o cacerense de prosperá-la, engrandecê-la, regando-a com o seu suor honesto, cavando heroicamente o solo féracíssimo, para colocar a semente promissora que havia de multiplicar-se de maneira assombrosa, como em poucas regiões do globo.*

Cáceres desempenhou cabalmente sua posição de sentinela da fronteira. Respondeu, por mais de dois séculos – Presente! ao chamamento da Nação, como o demonstra a sua história, atitude que se fez lema e hoje figura em sua bandeira: ADSUM.

Lá está, senhores, na Praça Rio Branco, o monumento da paz, resultado da compreensão e do diálogo entre os dois povos ibéricos – Marco do Jauru, comemorativo ao Tratado de Madri, de 1750, onde Alexandre de Gusmão fez gravar para a posteridade a inscrição que se lê na face sul do monumento: *Justitia et pax osculatae sunt* – a Justiça e a Paz se beijaram.

Trago, Senhores Acadêmicos, uma tradição bicentenária para, com ela, participar convosco do “esforço a pró do comum patrimônio cultural”, como queria Dom Aquino, animado pela confiança que em mim depositais, a qual, de coração, vos agradeço.

Senhores Acadêmicos, na Cadeira 15, que ora assumo, longe de mim está a pretensão de substituir o meu renomado antecessor, professor, historiador, jornalista, cultor das letras, cronista e folclorista, Francisco Alexandre Ferreira Mendes. Pertence ele ao rol dos homens “a que se sucedem, mas que se não substituem” (Paulo Setubal – discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras).

Por mais de cinquenta anos ilustrou o meu predecessor a Cadeira nº 15, já dignificada pela fina inteligência de inspirado poeta, “beletrista aprimorado e talento de escol”, Augusto Cavalcanti de MeLo. Cadeira nº15, que tem por Patrono o mato-grossense ilustre, jurista e literato, professor, filólogo, poliglota e político – Dr. Joaquim Mendes Malheiros.

Rubens de Mendonça, em seu precioso *Dicionário Biográfico Mato-grossense*, nos informa que este grande vulto coestaduano nasceu em Cuiabá a 30 de março de 1830 e faleceu no Rio de Janeiro em data ignorada. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Foi Juiz Municipal em sua terra natal, professor da Escola Militar, no Rio de Janeiro, e deputado geral pela Província de Mato Grosso.

O ilustre professor e memorialista Firmo Rodrigues, em *Figuras e Coisas de Nossa Terra*, assim se refere ao Dr. Malheiros: *Mato Grosso tem produzido, nas ciências, diversos homens notáveis que, entretanto, são quase desconhecidos na sua terra natal; entre esses encontra-se o Dr. Joaquim Mendes Malheiros, que fomos conhecer em 1891 como professor de Inglês na Escola Militar; era poliglota, versado em francês, inglês, alemão, latim e grego.*

O eminente escritor Des. José de Mesquita em *Os primeiros Bacharéis mato-grossenses* refere-se ao Dr. Malheiros como *uma inteligência invulgar, servida de copiosa erudição ainda não devidamente estudada.*

Bem houvesse a Academia Mato-Grossense de Letras em batizar as suas cadeiras com nomes de alta expressividade intelectual, espíritos de luz, modelos seguros para os que passamos em busca do saber e do ideal, exercitando a tarefa, que nos cabe no meio social em que vivemos.

Mas, Senhores, permiti-me aprofundar-me tanto quanto me foi possível, na personalidade e na obra do meu antecessor, de cuja imponente árvore genealógica tenho a honra de ser uma simples folha.

Francisco Alexandre Ferreira Mendes é desses homens que se destacam pela cultura, pela autenticidade e, sobretudo, pela grandeza de alma. Qualidades que os tornam figuras incomparáveis – faróis balizando, nos meandros da caminhada humana, a direção certa na incerteza aparente da existência. Homens dotados de integridade de caráter e de talento, aliados a longa experiência adquirida no contato com as asperezas da vida, características que lhes enriquecem o espírito, que se transborda, em busca do semelhante, proporcionando-lhes, sob variadas formas, ensinamentos, cultura, educação, em prol do desenvolvimento da humanidade de que fazem parte, contribuindo, dessa forma, eficazmente, na procura da verdade, porque, já diziam os antigos, *Só os que são absolutamente eles próprios no mundo, podem cumprir sua própria natureza; só os que preenchem a sua própria natureza podem preencher a natureza dos outros.*

Francisco Alexandre Ferreira Mendes tinha o conhecimento, através do estudo dos livros e a sabedoria da vida, consciente de que, conforme ainda a filosofia antiga, *para ir do conhecimento dos livros ao conhecimento da vida, não basta tão somente pensar ou ponderar; é preciso tentar caminhos, ter a sensação das coisas como são e conseguir uma impressão correta dos inumeráveis aspectos da vida humana, não como partes sem relação, mas como um todo. Nisto de sentir a vida e adquirir experiência cooperam todos os nossos sentidos, e é através da cooperação dos sentidos e do coração com a cabeça que podemos ter o calor intelectual.*

Por esse processo de formação, o homem chega à compreensão do mundo em que vive, tornando-se não só uma pessoa instruída, mas educada. *O homem instruído na ciência – diz Humberto Rohden, pode ser bom ou mau, mas o homem que educou sua consciência é necessariamente bom e feliz.*

A instrução – prossegue o filósofo – ensina o homem a descobrir as leis da natureza, isto é, a ciência, mas a educação leva o homem a criar valores dentro de si mesmo.

Francisco Mendes era um homem instruído na ciência, e que soube educar a sua consciência, criando em si mesmo valores que aureolam a sua memória pelos trabalhos que produziu e pelas atividades que exerceu durante sua longa existência terrena.

Sua vasta produção literária, em maior parte inédita, guarda um tesouro que precisa ser descoberto para que os seus sucessores dela se aproximem e aproveitem o enorme manancial do pensamento do inolvidável mestre.

Personalidade ímpar, plasmada no amor e dedicação ao trabalho e ao estudo, embasada nos exemplos de um lar paterno bem formado, Ferreira Mendes sentiu desde cedo o chamamento para o magistério. Vocação que o levou a dedicar-se às novas gerações, aos jovens adolescentes, que são o futuro da sociedade, e que por isso mesmo devem ser bem orientados.

Paulo Setúbal, ressaltando a obra alta de nacionalismo realizada por João Ribeiro, nota que essa obra *se tornou concreta e eficiente graças à vocação do homem, vocação irresistível, que é a sua qualidade primacial, razão de ser das suas canseiras, escopo dos seus esforços, única finalidade dos seus labores: o professor.*

Francisco Mendes, como ele mesmo o diz, encaneceu na profissão de professor e educador. Como João Ribeiro, foi professor em tudo. Foi professor como jornalista, como historiador, memorialista e como folclorista, quando não estava na cátedra ensinando e educando levas e levas de adolescentes e jovens que se tornaram homens e mulheres úteis a Mato Grosso e ao Brasil.

É o professor que se lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado na terra natal. E como ninguém acende uma luz para escondê-la, aquele que se ilustrou sente necessidade de transmitir aos outros a visão que adquiriu do mundo e das coisas, pelo estudo, pesquisa e meditação. É mister que o amor despertado pelo conhecimento da terra se espalhe e atinja o maior número de corações. Mostrar-lhes de forma amena e atraente, a origem e evolução do povo, como começou e se desenvolveu o torrão natal. Mostrar as lutas, os sacrifícios, as conquistas e as transformações que se operaram no tempo e no espaço.

Vivendo uma fase de transição, em que o progresso avassalador ameaça destruir tudo o que lembra o passado, a tradição, a crença Francisco Mendes, penso eu, preferiu dedicar-se à crônica, às memórias, aproveitando-se da imprensa como meio de chegar mais próximo do povo, falar-lhe com carinho do passado da terra, através de imagens e fatos, muitos dos quais o próprio autor foi testemunha e nos transmite, para que os elos da corrente da tradição não se percam.

É o professor, o educador, que se manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista.

É ainda o professor e educador que conduz o saudoso mestre em ascensão na escala social e nos meios oficiais. Catedrático de português, francês e outras matérias, ia buscar o adolescente no começo dos estudos secundários, no curso de admissão ao Ginásio, que mantinha, e o acompanhava através dos anos, vendo o adolescente desabrochar-se em jovem que se instruía e se educava.

Segundo Rubens de Mendonça, Ferreira Mendes exerceu os cargos de professor e diretor do Liceu Cuiabano, professor da Escola Normal Pedro Celestino, diretor de vários grupos escolares, secretário particular do Interventor Fenelon Müller, diretor da Instrução Pública e fundador e primeiro diretor do Departamento de Educação e Cultura. Colaborou nos jornais não só de Mato Grosso, como de São Paulo e Rio de Janeiro. Dirigiu o jornal *O Evolucionista* de Cuiabá. Foi sócio da Sociedade Amigos de Marden, do Espírito Santo, e do Instituto Histórico de Mato Grosso; membro correspondente do Grêmio Alfredo Paulino, do Ginásio do mesmo nome, de São Paulo; sócio da Associação de Imprensa Mato-Grossense; membro da Academia Mato-Grossense de Letras e assessor da Fundação Cultural de Mato Grosso.

Em 1939, quando adolescente vim a Cuiabá cursar o saudoso Ginásio Salesiano São Gonçalo, Francisco Mendes era já um nome querido e respeitado, uma reserva moral, um patrimônio de inteireza de caráter e educador emérito.

Anos mais tarde, sendo eu professor e diretor do *Ginásio Onze de Março*, da minha terra, vim a Cuiabá tratar de assunto do educandário que dirigia, Francisco Mendes era o Diretor do então Departamento de Educação e Cultura do Estado. Lembro-me bem. O mestre não perdeu a oportunidade de abrir o coração ao parente distante, deixando extravasar do escrínio da sua alma de educador, palavras de esclarecimento sobre a profissão espinhosa e materialmente mal recompensada que eu abraçara, ao tempo em que me incentivava ao estudo, ao desenvolvimento cultural. Tudo com aquele seu modo austero, mas bondoso e acolhedor.

Minhas Senhoras, meus Senhores, não seria possível no âmbito de um despretensioso pronunciamento como este, falar vasta produção histórica e literária de Francisco Alexandre Ferreira Mendes.

Espero apenas poder dizer algo sobre o sentido educativo e patriótico da sua obra, observado, principalmente, através das *Lendas e Tradições Cuiabanas* e *Folclore Mato-grossense*.

Francisco Mendes se coloca no horizonte de dois mundos: o passado, que ele procura a todo custo manter vivo, e o faz através das suas crônicas; e o porvir, que

ele intui promissor para a sua terra e a sua gente. Mas ele, o Autor, é o presente, vive a atualidade, é homem do seu tempo. A literatura, que faz, *alimenta-se dos assuntos que lhe oferece a região.*

Tem a qualidade que, segundo Machado de Assis, *se deve exigir do escritor, que ele seja homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.*

Da posição intermediária entre o que passou e o que há de vir, Francisco Mendes percebe o choque dos ritmos – o tradicional e o moderno. O progresso avassalador ameaça os valores da cultura e da tradição, pondo em perigo a nossa própria identidade cultural.

É preciso que se façam ouvir vozes de advertência. E ninguém melhor que o professor/historiador poderia fazer-se ouvir.

Por isso, o emérito historiador se dedica ao passado, penetrando-o, sempre mais, até chegar ao estudo do fabulário, do folclore, que o preclaro chama de *elemento de interpretação dos aspectos da vida gregária dos povoadores de trechos do território pátrio, isolados no seio imenso das regiões afastadas da comunhão civilizadora.* É como ele acentua, *uma espécie de instrumento científico, de ligação e análise da alma popular, do coração sertanejo, constituindo-se dessa maneira em elo fortíssimo de coesão nacional.* Certo estava o Mestre de que, como bem se expressou Paulo Setúbal, o estudo da história, o estudo da língua e o estudo do folclore são as três raízes que se afinam mais profundas no substrato duma nacionalidade.

É a partir das origens, da própria alma popular, que Ferreira Mendes vai reconstituir a imagem do pretérito, a identidade cultural do povo mato-grossense, e onde vai buscar o *elemento de formação sociológica*, de vez que o Folclore *situa os fatos registrados no ambiente ecológico da civilização vai, sub-repticiamente, modificando, transformando-se na metamorfose constante dos cenários fisiográficos da terra.*

Essa reconstituição ele a faz com mestria, fidelidade e precisão, *ao sabor das lembranças*, revelando, no decorrer das narrativas, o *valor da gente destemerosa, na luta, defesa e preservação do Patrimônio herdados dos maiores.*

Homem do presente, assistindo, com vivo júbilo, a avançada da civilização, teme, contudo, pela perda da perspectiva do passado da terra, quando vê que *a paisagem pitoresca, que envolvia a urbs cuiabana, vai desaparecendo no tempo, à medida que a civilização avança, destruindo, materialmente, a perspectiva do passado da terra.*

Que não se apague a *lâmpada maravilhosa que ilumina o passado, vinculando na alma das novéis gerações o elo inquebrantável, que a filosofia da vida chama tradição, que malgrado, na reminiscência do tradicionalismo histórico, vai-se apagando...*

Como uma das raras testemunhas de um longo lapso de tempo que ficou para trás, o preclaro memorialista procura como que debuxar, ou pintar, sobre a realidade presente, a imagem da cidade antiga, da Cuiabá da sua infância, inspirado pela saudade. E o faz com segurança, memória fiel, e profundo conhecimento da história regional, que é uma célula da história nacional e universal.

São os *caminhos* que o escritor vê transformarem-se nas ruas atuais, *transpondo colinas de suaves inclinações, aumentando a extensão da cidade que se espalha por todos os lados*. É a ladeira do Seminário da Conceição encoberta pelo urbanismo. O declive do outeiro da Boa Morte e o do Lava-pés, que se prolonga a noroeste indo desaparecer nas leiras do Ribeirão da Ponte. O quadro da velha mata marginal do rio Cuiabá. Por onde se olha, a abundância, a fertilidade do solo. Velhas ruas, com velhos nomes já substituídos. E, além, os caminhos das tropas, *demandando o norte do Estado, onde floriam Rosário Oeste e Diamantino, entrepostos de comércio da borracha do início do século*. Os vilarejos que surgem nas trilhas sertanejas rondadas de laranjais. A poesia incomparável do passado, ao compasso das tropas viajadoras, soando guizos e campainhas...

Ferreira Mendes percebe que *perpetuar a tradição e o passado da terra na modestia da sua crença ou na grandiosidade dos seus fastos, descrevendo-lhe a vida e a formação político-social do povo é contribuir para engrandecer a pátria, tornando-a conhecida e imortal*.

E prossegue o ilustre mato-grossense:

Na atualidade, quando o aspecto da pentacinqüentenária capital de Mato Grosso, perdendo a velha feição colonial se metamorfoseia em metrópole agitada, confundindo-se os antigos e raros solares remanescentes com o modernismo arquitetônico do cimento armado dos arranha-céus; quando as ruas tortuosas e os melancólicos largos ensombrados, reminiscências da vila garimpeira, vão se transformando em avenidas asfaltadas e praças ajardinadas, retificadas pelo urbanismo modelador das metrópoles; quando as viaturas motorizadas cruzam aos milhares as ruas e o ruído das aeronaves, *boeings* e caravelas, ferindo a imensidão dos espaços, encurtando distâncias, passam anunciando uma civilização adiantada e próspera, a aparência de vetustos logradouros, com seus cruzeiros e velhos chafarizes, põe no espírito do observador curioso uma interrogação, como a pedir ansioso uma explicação.

O historiador está de acordo com o urbanista quando explica que *para não esquecer o passado (ou não apagá-lo)*, é preciso haver uma atitude voltada para o futuro; ou invertendo os termos, para preparar o futuro (do Rio) é necessário lembrar (e rever) a cidade antiga. A partir da contraposição passado e futuro, cuja síntese só pode ser elaborada no presente, passa a ter novo sentido a luta pela preservação dos valores da nossa cultura, da nossa paisagem e das nossas tradições (In: *Crescimento e Preservação* (Glauco Campello – SPHAN29 ProMemória – março/abril 1984).

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido de que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedicar-se ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles *informar e manter a continuação histórica da nossa sociedade*, perpetuando *a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias*

singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé.

Os monumentos, os templos religiosos, são para Francisco Mendes como *marcos da crença da gente mato-grossense e atestado eloquente do esforço que é a significação sublime das esperanças no futuro promissor da hospitaleira e carinhosa terra cuiabana.*

São percíveis, porém, os marcos materiais. Desaparecem com o avanço da civilização. Mas as coisas do espírito, diz Ferreira Mendes, resistem à passagem dos tempos, perpetuadas pela força moral da crença, que se não destrói, mas permanece, mas vivifica, mas subsiste e continua milenarmente através das gerações.

O professor/historiador, revendo o passado, tem os olhos e o coração no futuro que será uma consequência do que se elabora no presente.

Sabe-se que *o passado existe e é força viva, atuante na existência*, e apresenta exemplos e ensinamentos que influem na formação da infância e adolescência.

É o professor que aflora no historiador. Educa na cátedra pelo exemplo de estudo e trabalho, e volta a ensinar e educar através da história, procurando despertar a atenção dos coevos para o estudo do nosso folclore.

O historiador tem a preocupação de manter a ligação do passado da terra ao presente, apontando-nos, nos marcos remanescentes da cidade antiga, o valor e a coragem de um povo que lutou pela sobrevivência, dando ao homem moderno *exemplo vivificante de energia dos que souberam lutar e vencer, perpetuando o valor e a enfiatura de uma grande raça.*

O que Francisco Mendes busca, como professor e historiador, é a valorização do homem, apontando aos contemporâneos os reais valores do passado, que se não destroem com o tempo – os valores do espírito.

De posse de enorme cabedal de conhecimentos históricos, inspirado no sublime amor à terra natal, o professor Francisco Mendes reproduz o passado consciente de que, como disse Antenor Vieira, *um povo caminha a passos largos para o abismo em que se destruirá, quando a sua mocidade ficar indiferente às galas de seu passado e alheia ao seu índice de cultura.*

Admirável estilista, escritor escoreito, que revela o cultor das letras, Ferreira Mendes possuía natural aptidão para descrever os cenários e narrar os fatos, em estilo claro, vivo e harmonioso que prende e enleva o leitor.

Não me consta ter o professor Francisco Mendes escrito versos. Mas a poesia aflora na sua prosa, mormente quando, ante a visão de um passado, que morre, sensibiliza-se a alma do escritor, como nesta passagem digna de uma antologia:

Córrego da Prainha! Como peregrino, deixas de ser nas feracíssimas paragens da terra quase tricentenária, oásis de fartura, para constituíres relíquia desprezada, tão cheia de saudades do tempo, em que abrias o leito fértil de promessas e de anseios, de dádivas e de belezas, representando na atualidade, na fralda do outeiro, que ainda beijas rastejante, apenas um traço recordativo do passado esplendor cuiabano. Não piam mais nas tuas matas marginais as jaós tristonhas, nem as saracuras entoam os duetos alegres, hosanas

às lendas, que enfloram a tradicionalidade com que tuas fontes cristalinas fecundavam a mata abundante, na fartura dos frutos que saciavam a ânsia das bandeiras. Mudo, encerrado entre paredes artificiais da arte moderna do gênero humano, segues, entretanto o teu destino, entre as misérias das impurezas, que a ingratidão dos administradores da terra, te deixaram enfeiar. Sem mais as moitas das canaranas que te aureolavam os lindes, por onde corre tua linfa, onde outrora os ninhos das aves aladas, que te povoavam, cantavam nas antemanhãs o epitalâmio na saudação estupenda aos beijos vivificantes dos dilúculos ímpares da terra prodigiosa, trazem-te hodiernamente, vezes, o conforto das orquestrações de cortesia à lembrança, a melodia e a saudade da flauta maviosa dos sabiás, nas alvoradas primaveris, como uma nota melancólica no presente, ligando o passado que desaparece, ao futuro que sorri. Córrego da Prainha! Na evocação do papel que representaste mais de dois séculos e meio, na obra civilizadora da terra, esta página, réquiem de recordações, representará na tradição da urbe, uma carícia, no seio infinito da natureza que fecundaste e em que ora te estiolas desamparado.

O imortal Professor quer a formação do homem. Mas para formar o ser humano é preciso recorrer aos padrões de conduta cívica, moral, intelectual, política e patriótica. Valores como religião, pátria, família, são os mais cultivados pelo Mestre: As civilizações avançam conforme as dirige um sentido de vida. E a vida, para ter sentido, precisa acreditar em algo. É a força espiritual que impele o homem para grandes realizações, ao cumprimento do dever, fazendo de um país uma grande pátria.

O Professor Francisco Mendes queria uma Cuiabá próspera e feliz com a continuidade dos valores que fizeram do arraial, vila e cidade, a metrópole de hoje. Queria um Mato Grosso grande, não só em território como pela sociedade que o compõe. E, sobretudo, queria um Brasil, forte e respeitado pela cultura e civilização do seu povo.

Amando e servindo com dedicação à Pátria, no estudo, no magistério, como pesquisador, historiador, cronista e jornalista, o Professor Francisco Mendes era um modelo de civismo, reconhecido pela sociedade e pelo poder público, tornando-se merecedor de representar a Comissão Nacional de Civismo em Mato Grosso.

Em 1976 é, com justiça, escolhido pela Comunidade Acadêmica do nosso Estado, como Professor Padrão do ano. O homenageado se converteu, através de anos e anos de cátedra, em símbolo das qualidades que deve possuir o professor, para bem desempenhar a missão de ensinar e educar as novas gerações.

Do meu eminente antecessor na Cadeira nº 15, pode-se dizer com Machado de Assis que, *quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam de entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou.*

Senhores Acadêmicos, para concluir, permiti-me prestar aqui a minha homenagem aos entes queridos: os presentes, aquela a quem chamo de companheira de via-

gem, minha esposa Olga; os meus filhos, genros, nora e netos e, também, os ausentes, pois “os mortos são somente ausentes” – os meus pais.

OBRIGADO!